

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ

# PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO

---

*Representações sonoras urbanas  
das pessoas surdas.*



JULIANA SIMILI DE OLIVEIRA  
2017



UFRJ

**PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO:  
Representações sonoras urbanas das pessoas surdas.**

**JULIANA SIMILI DE OLIVEIRA**

Orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências da Arquitetura, Linha de Pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego.

RIO DE JANEIRO  
Novembro de 2017

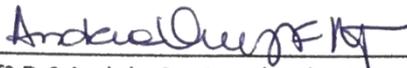
**PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO:  
Representações sonoras urbanas das pessoas surdas.**

**JULIANA SIMILI DE OLIVEIRA**

Orientadora Profª Drª Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências da Arquitetura, Linha de Pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

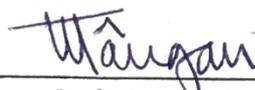
Aprovada por:



Orientadora Profª Drª Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego (Presidente)  
PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura



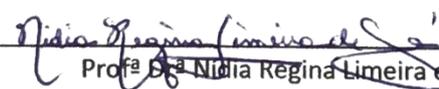
Profª Drª Cristiane Rose da Siqueira Duarte  
PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura



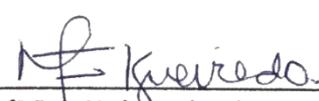
Profª Drª Vera Regina Tângari  
PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura



Profª Drª Virginia Maria Nogueira de Vasconcelos  
PROARQ - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura



Profª Drª Nidia Regina Limeira de Sá  
Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ



Profª Drª Noêmia de Oliveira Figueiredo  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFRRJ.

RIO DE JANEIRO  
Novembro de 2017

O48p OLIVEIRA, Juliana Simili de  
PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO: Representações  
sonoras urbanas das pessoas surdas. / Juliana Simili de Oliveira.  
– Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU, 2017.  
xiv, 283 f.:il.; 27,9 cm.  
Orientadora: Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego.  
Tese (doutorado) - UFRJ/PROARQ/ Programa de Pós-  
Graduação em Arquitetura, 2017.  
Referências bibliográficas: f. 187-192.  
1. Paisagem sonora. 2. Surdo. 3. Representações sonoras  
urbanas. 4. Cultura. I. Rego, Andréa Queiroz da Silva Fonseca. II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura  
e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura.  
III.Título.

Às pessoas surdas que vivenciam os espaços e os sons da cidade com sensibilidade e emoção.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais esta etapa concluída. Sei que os Seus planos são maiores do que os meus e que cada passo só foi possível porque tive sempre a Sua presença comigo.

À minha orientadora e amiga prof. Dr<sup>a</sup> Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego, que me acolheu, incentivou e nunca me permitiu desanimar, motivando minhas ideias e me abrindo novos caminhos.

À Coordenação do PROARQ, professores, secretárias e colegas que estiveram presentes nesta caminhada. Em especial à Bárbara Thomaz, grande amiga que o Doutorado meu deu e que sempre foi força e acalento ao longo deste percurso, fazendo esta jornada ser mais prazerosa; e ao Emmanuel Pedroso, com quem dividi tantos trajetos de idas e vindas.

Aos professores da banca examinadora Dr<sup>a</sup> Cristiane Rose da Siqueira Duarte, Dr<sup>a</sup> Nídia Regina Limeira de Sá, Dr<sup>a</sup> Virgínia Maria Nogueira de Vasconcellos, Dr<sup>a</sup> Vera Regina Tângari e Dr<sup>a</sup> Noêmia de Oliveira Figueiredo pela disponibilidade e relevantes contribuições.

Às bolsistas do Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura, Aline Ourique e Gabriele Procópio, pelo apoio no mapeamento do recorte espacial.

Ao Departamento de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, que receberam esta pesquisa com grande entusiasmo!

Aos intérpretes de Libras Daniela Abreu, Felipe Oliveira Silva e Helena Mora, que foram a ponte linguística neste trabalho.

À toda comunidade surda que me recebeu de braços abertos, principalmente aos surdos que participaram desta Tese: sem a voz de vocês não haveria esta pesquisa! Muito obrigada!

Ao Léo, meu amor e companheiro de vida, você é a minha melhor escolha todos os dias! Obrigada por ser leveza, carinho, suporte, encorajamento, fé e torcida sempre. Te amo!

À minha mãe Cristina, por ser minha inspiração e por todo amor dedicado a mim durante toda a minha vida! Ao meu pai Celso, por todo incentivo e amor! Ao meu pai do coração Oliveira, pelo apoio incondicional. Obrigada por tantas vezes vocês abrirem mão dos seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus! Amo vocês!

Aos meus irmãos Gustavo, Caroline, Lorena e Lucas, por serem a minha maior alegria e os melhores presentes que eu pude ganhar na vida! À Rita e à Bruna, por todo entusiasmo a cada conquista! À Fátima e ao Dudu, pelo carinho e torcida de sempre. À D. Ínis e ao João, que nos deixaram no meio deste percurso, mas sempre se alegraram a cada conquista.

Aos amigos da minha turma de Arquitetura 2004-2009 na UFJF, que se alegraram comigo, sempre se fazendo presentes! Aos amigos da Igreja Batista no Granbery pela torcida e pelas orações! A todos os amigos que estiveram presentes durante esta jornada, sempre torcendo e incentivando, vocês são refrigerio em dias difíceis! Em especial à Camila Righi e à Paula Schettini, que além de grandes amigas, por tantas vezes me acolherem em suas casas no Rio.

Aos professores da UFJF que participaram da minha formação, em especial, aos amigos José Gustavo Francis Abdalla e Antonio Ferreira Colchete Filho.

À UFJF pelo constante incentivo à qualificação e pelo apoio financeiro durante parte desta Tese, contribuindo para que este trabalho fosse concluído. Aos amigos da Proinfra e do HU, em especial Adriana de Assis e Waina Junqueira, pela motivação sempre.

À Raquel Cestaro que gentilmente fez a revisão ortográfica e gramatical desta Tese; ao meu irmão Gustavo Simili que revisou o *Abstract*.

A todos vocês que me apoiaram sempre, entenderam minhas ausências e acreditaram mesmo quando eu mesma não cria! A minha mais sincera gratidão!

O que importa a surdez da orelha, quando a mente  
ouve? A verdadeira surdez, a incurável surdez, é a da  
mente.

Ferdinand Berthier, surdo francês, 1845.

# RESUMO

## **PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO: Representações sonoras urbanas das pessoas surdas.**

**JULIANA SIMILI DE OLIVEIRA**

Orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de Pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Esta Tese trata do tema da surdez sob o viés socioantropológico e tem como objetivo geral compreender quem é o sujeito surdo e como este se relaciona com o espaço, principalmente no que se refere às sonoridades urbanas: como as pessoas surdas sentem, percebem, interpretam e representam os sons que os rodeiam. A partir do pressuposto de que o espaço arquitetônico e o espaço urbano são espaços sensíveis, podendo ser percebidos, interpretados e representados culturalmente, tem-se como hipótese deste trabalho a convicção de que pessoa surda é capaz de vivenciar e organizar os sons existentes no espaço, gerando uma construção sensível e cultural da paisagem sonora. Desta forma, esta Tese constitui-se como sendo uma Pesquisa Exploratória, com abordagem interdisciplinar e qualitativa. A metodologia geral da pesquisa foi organizada em duas partes: estruturação de aporte teórico e desenvolvimento de Estudo de Caso. O estudo de caso foi desenvolvido a partir de entrevistas semiestruturadas e de Passeios Sonoros Comentados com surdos congênitos e pré-linguísticos. Através da análise dos resultados foi possível constatar que os sons são interpretados e representados por meio de leituras auditivas, cinestésicas, visuais, mas sempre culturais. Grande parte das representações das paisagens sonoras urbanas são compartilhadas pelos surdos, os quais “constroem” eventos sonoros a partir “sensações sonoras”, ou seja, percepções do corpo, mas também da mente. Assim, por meio dos resultados do estudo de caso e do aporte teórico, foi possível concluir que existe um compartilhamento das representações sonoras vivenciadas pelos surdos em seu cotidiano, a partir de uma construção sensível e cultural de uma Paisagem Sonora além da Audição.

**Palavras-chave:** Paisagem sonora; Surdo; Representações sonoras urbanas; Cultura.

RIO DE JANEIRO  
Novembro de 2017

# ABSTRACT

## **SOUNDSCAPE BEYOND HEARING: Urban sounds representations of deaf people.**

**JULIANA SIMILI DE OLIVEIRA**

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Queiroz da Silva Fonseca Rego

*Abstract* da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de Pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

This Thesis deals with deafness under the socio-anthropological perspective, and the general objective is to understand who the deaf subjects are and how they relate to space, especially regarding sonorities: how deaf people feel, perceive, interpret and represent the sounds that surround them. Considering that the architectural and the urban spaces are sensitive spaces that can be perceived, interpreted and represented culturally, the hypothesis of this work is that the deaf person experiences and organizes the existing sounds in space through a sensitive and cultural construction of the soundscape. Thus, this Thesis is exploratory with an interdisciplinary and qualitative approach. The general methodology of the research was organized in two parts: theoretical structuring and case study development. The case study was developed from a semi-structured interview and Commented Soundwalking with deaf people. Based on the results, it was verified that the sounds are interpreted and represented by auditory, kinesthetic and visual reading, but always through cultural means. What is understood by a deaf person as a producer or transmitter of a sound event, will not always mean the same for a hearing person. However, the relativized reading made by the deaf people identifies these elements as a "sonorous sensation" that makes them feel the sounds through their body and mind. From the results of the case study and the theoretical support, it was possible to conclude that there is a correlation of the sound representations experienced by the deaf in their daily lives from a sensitive and cultural construction of a Soundscape beyond the Hearing.

**Keywords:** Soundscape; Deaf; Urban Sounds Representation; Culture.

RIO DE JANEIRO  
Novembro de 2017

# SUMÁRIO

<b><u>AGRADECIMENTOS</u></b>	<b>VI</b>
<b><u>RESUMO</u></b>	<b>IX</b>
<b><u>ABSTRACT</u></b>	<b>X</b>
<b><u>LISTA DE FIGURAS</u></b>	<b>XIII</b>
<b><u>LISTA DE QUADROS</u></b>	<b>XIV</b>
<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b>15</b>
<b><u>1 O SUJEITO SURDO</u></b>	<b>20</b>
1.1 RELATO HISTÓRICO DO SURDO E DA SURDEZ	20
1.2 O DEFICIENTE AUDITIVO: A ABORDAGEM CLÍNICO-TERAPÊUTICA	23
1.3 O SURDO: A ABORDAGEM SOCIOANTROPOLÓGICA	28
<b><u>2 CULTURA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SURDAS</u></b>	<b>32</b>
2.1 SITUANDO O CONCEITO DE CULTURA	32
2.2 CULTURA SURDA: CONCEITUAÇÃO E CONTEXTOS	37
2.3 SITUANDO OS CONCEITOS DE "REPRESENTAÇÃO" E "IDENTIDADE"	41
2.4 IDENTIDADE SURDA: REPRESENTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE CONTEXTOS	46
2.5 UMA DAS REPRESENTAÇÕES SURDAS: A LÍNGUA DE SINAIS	49
<b><u>3 EXPERIÊNCIA ESPACIAL, PAISAGEM SONORA, SOM E SURDEZ</u></b>	<b>57</b>
3.1 CORPO E ESPAÇO SENSÍVEL: O PAPEL DOS SENTIDOS NA EXPERIÊNCIA ESPACIAL	57
3.2 ELEMENTOS ESTRUTURADORES DO ESPAÇO URBANO	62
3.3 PAISAGEM SONORA: O SOM NA PERSPECTIVA DO OUVINTE	70
3.4 O SURDO E O SOM: RELAÇÃO DE SILÊNCIO ABSOLUTO?	75
<b><u>4 ETAPAS METODOLÓGICAS: IDENTIFICANDO ALGUMAS REPRESENTAÇÕES SONORAS DOS SURDOS</u></b>	<b>82</b>

4.1.	TESTEMUNHAS SONORAS: SURDOS CONGÊNITOS OU PRÉ-LINGUÍSTICOS	82
4.2.	PRECEITOS ÉTICOS	84
4.3.	ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	85
4.4.	PASSEIO SONORO COMENTADO - PSC	87
4.5.	RECORTE ESPACIAL E CARACTERIZAÇÃO DO PERCURSO PARA O PSC	91
<b><u>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO</u></b>		<b>106</b>
5.1	CONHECENDO AS TESTEMUNHAS SONORAS	106
5.2	CULTURA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SURDAS	109
5.3	ELEMENTOS ESTRUTURADORES DO ESPAÇO APREENDIDO PELA PESSOA SURDA	117
5.4	O SOM E O SILÊNCIO NO MUNDO SURDO	123
5.4.1.	O SOM E O SILÊNCIO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO CULTURAL SURDA	124
5.4.2.	A PERCEÇÃO SONORA DO SURDO PELOS SENTIDOS	129
5.4.3.	SOM E SILÊNCIO: O LUGAR SONORO INTERPRETADO ALÉM DA AUDIÇÃO	141
5.4.4.	A ESTRUTURAÇÃO DE CATEGORIAS SONORAS CULTURAIS	149
5.5	PASSEIO SONORO COMENTADO	155
5.5.1.	TRECHO 1 DO PSC: RUA DAS LARANJEIRAS	156
5.5.2.	TRECHO 2 DO PSC: PARQUE EDUARDO GUINLE	163
5.5.3.	TRECHO 3 DO PSC: RUA GAGO COUTINHO	167
5.5.4.	TRECHO 4 DO PSC: LARGO DO MACHADO	171
5.5.5.	TRECHO 5 DO PSC: GALERIA CONDOR	175
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>		<b>180</b>
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>		<b>187</b>
<b><u>APÊNDICE 1 – MODELO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</u></b>		<b>193</b>
<b><u>APÊNDICE 2 – MODELO DE PASSEIO SONORO COMENTADO</u></b>		<b>196</b>
<b><u>APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</u></b>		<b>197</b>
<b><u>APÊNDICE 4 – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS</u></b>		<b>199</b>
<b><u>APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÕES DOS PASSEIOS SONOROS COMENTADOS</u></b>		<b>252</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo do princípio de alcance sensorial (Fonte: a autora com base no DeafSpace). .....	66
Figura 2 - Exemplo do princípio de Espaço e Proximidade (Fonte: a autora com base no DeafSpace).67	
Figura 3 - Exemplo do princípio de Mobilidade e Proximidade (Fonte a autora com base no DeafSpace). .....	67
Figura 4 - Exemplo do princípio de Cor (Fonte: a autora com base no DeafSpace).....	68
Figura 5 - Exemplo do princípio de Acústica (Fonte: a autora com base no Deafspace). .....	69
Figura 6 - Faculdade de Letras-Libras da UFRJ .....	84
Figura 7 - Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (Fonte: a autora). .....	84
Figura 8 - Sinal em Libras para "silêncio" (CAPOVILLA, 2008).....	87
Figura 9 - Sinal em Libras para "barulho" (CAPOVILLA, 2008). .....	87
Figura 10 - Trajeto escolhido para a realização dos Passeios Sonoros Comentados (Fonte: a autora).92	
Figura 11 – Divisão de trechos do Passeio Sonoro Comentado (Fonte: a autora).....	92
Figura 12 - Imagens de caracterização do Trecho 1 (fonte: a autora). .....	95
Figura 13 - Imagens de caracterização do Trecho 2 (fonte: a autora). .....	96
Figura 14 - Imagens de caracterização do Trecho 3 (fonte: a autora). .....	97
Figura 15 - Imagens de caracterização do Trecho 4 (fonte: a autora). .....	98
Figura 16 - Imagens de caracterização do Trecho 5 (fonte: a autora). .....	99
Figura 17 - Mapa Síntese do Trecho 1 do PSC (fonte: a autora). .....	157
Figura 18 - Mapa Síntese do Trecho 2 do PSC (fonte: a autora). .....	164
Figura 19 - Mapa Síntese do Trecho 3 do PSC (fonte: a autora). .....	168
Figura 20 - Mapa Síntese do Trecho 4 do PSC (fonte: a autora). .....	172
Figura 21 - Mapa Síntese do Trecho 5 do PSC (fonte: a autora). .....	176
Figura 22 - Mapa de comentários do PSC de IB (Fonte: a autora). .....	252
Figura 23 - Mapa de comentários do PSC de JP (Fonte: a autora). .....	261
Figura 24 - Mapa de comentários do PSC de LE (Fonte: a autora).....	266
Figura 25 - Mapa de comentários do PSC de RF (Fonte: a autora). .....	273
Figura 26 - Mapa de comentários do PSC de RR (Fonte: a autora). .....	278

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro-síntese dos efeitos sonoros identificados no percurso. ....	100
Quadro 2- Planilha documental do Passeio Sonoro em Laranjeiras. ....	101
Quadro 3 - Planilha documental do Passeio Sonoro em Laranjeiras (continuação). ....	102
Quadro 4 - Planilha “Paisagem Sonora”, Documentação 2, realizada após o Passeio Sonoro INES-Largo do Machado. ....	103
Quadro 5 - Relação e caracterização das testemunhas sonoras que participaram das Entrevistas e do PSC. ....	108
Quadro 6 - Lista dos grupos e eventos sonoros. ....	151
Quadro 7 - Síntese dos resultados do Trecho 1 do PSC. ....	157
Quadro 8 - Síntese dos resultados do Trecho 2 do PSC. ....	164
Quadro 9 - Síntese dos resultados do Trecho 3 do PSC. ....	168
Quadro 10 - Síntese dos resultados do Trecho 4 do PSC. ....	172
Quadro 11 - Síntese dos resultados do Trecho 5 do PSC. ....	176

## INTRODUÇÃO

A problemática acerca da surdez não é recente, visto que tem sido tema de diversas discussões ao longo dos anos. Quando se fala sobre tal assunto, não há um único ponto de vista: há diferentes abordagens, sendo fundamental que se considere cada período histórico e sua respectiva sociedade. Assim, ainda que tenha sido por diversas vezes considerada, a questão da surdez ainda é atual, uma vez que há perspectivas que ainda não foram totalmente exploradas e uma delas é a sua relação com o espaço.

Existem estudos mundialmente difundidos que relacionam a questão do surdo com a arquitetura. Esses aprofundamentos, porém, em sua grande parte, dizem respeito aos aspectos físicos da edificação. Tais iniciativas são significativas, uma vez que abrem portas para a discussão do assunto e para a implementação de medidas práticas. Como exemplo, pode-se citar o *Instituto DeafSpace* na *Universidade Gallaudet*, Estados Unidos. Liderado pelo arquiteto Hansel Bauman e pelo professor Ben Bahan, o instituto tem como foco de pesquisa o desenvolvimento de espaços que reflitam as necessidades culturais e espaciais das pessoas surdas, explorando uma consciência espacial singular e os meios para se modificar o ambiente, considerando os aspectos cognitivos, linguísticos e culturais do surdo.

Entretanto, o que propõe este trabalho é buscar um caminho alternativo. Já que a experiência física do surdo com o espaço ocorre de maneira ímpar, trataremos de explorar os aspectos culturais da relação entre a pessoa surda e o espaço no qual está inserido, principalmente no que diz respeito ao som do ambiente. A princípio, tal ponto parece propor certa incoerência, uma vez que o senso comum nos leva à ideia de que os surdos vivem na ausência do som. Porém, ao longo desta Tese, buscamos a compreensão de que possa sim existir uma relação entre o surdo e uma interpretação sonora capaz de contribuir para a sua percepção espacial.

Partindo desse entendimento, é preciso considerar que a relevância deste trabalho se dá pelo fato de que, no Brasil, boa parte da população apresenta algum grau de surdez. Segundo dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 5,1% da população brasileira possui algum tipo de déficit de audição, representando aproximadamente 9,7 milhões de pessoas, uma porção considerável de habitantes. Dentre estes, a deficiência auditiva severa foi declarada por mais de 2,1 milhões de pessoas, sendo 344,2 mil surdas e 1,7 milhão de pessoas que apresentam elevada dificuldade para ouvir. Portanto, há uma porcentagem

significativa da população brasileira com algum grau de surdez<sup>1</sup> – parcial ou total – e de diferentes tipos e grupos – surdez congênita ou adquirida.

Dentre esta porção de pessoas, há de se observar, porém, que existem diferentes maneiras de se encarar a surdez, sendo principalmente dois focos: aquelas que a interpretam como uma deficiência e outra parte que a considera como uma oportunidade de se fazer parte de uma minoria linguística e cultural. É a experiência deste segundo grupo que será alvo desta pesquisa, não se limitando à descrição formal do espaço e dos sons, mas, ao contrário, considerando-se seu significado dentro do contexto de quem o interpreta. Assim, o estudo da relação desses usuários com o espaço em que vivem será realizado considerando-se as análises de aspectos da cultura e da identidade surda.

Para tanto, será preciso compreender os significados que constituem o seio de tal cultura – a cultura surda – tendo-se a consciência de que os sujeitos surdos possuem valores específicos ao explorar o espaço. Isto porque, durante a construção do sujeito, o surdo tende a desenvolver uma coordenação corporal, consciência espacial e ambiental, em decorrência das constantes relações entre sua linguagem e a prática corporal altamente visual.

Essa vinculação com o espaço ocorre uma vez que a pessoa com surdez tende a ter um desenvolvimento cognitivo diferente do das pessoas ouvintes, isto é, constrói seu mundo a partir de contextos gestuais e visuais. Ser surdo, sem outras alterações sensoriais ou cognitivas, é, primeiramente, uma vivência e uma ampliação visual, em que o sentido da visão torna-se o mais importante para suas referências de compreensão e integração com o mundo (SILVA, 2008, p. 83).

Nesse sentido, através deste trabalho busca-se imergir nesta realidade que, ainda que empaticamente observada, não pode ser por mim experimentada, uma vez que sou ouvinte. Busca-se então, através do testemunho daqueles que construíram seu mundo a partir de uma realidade diferente, uma forma de ajudar a dar voz à perspectiva de quem muitas vezes é subjugado pela nossa sociedade. Àquelas pessoas cuja comunicação e a língua se baseiam em aspectos de visão, espaço, movimento corporal e materialidade: os surdos. Assim, como afirma Gesser (2009, p. 10), a ideia é que se abram dois mundos desconhecidos entre si: o do surdo em relação ao mundo ouvinte e o do ouvinte em relação ao mundo surdo.

Neste mundo paralelo e complexo – o mundo surdo – observar a experiência humana será primordial, uma vez que o espaço é palco dessa vivência, que se dá de maneira única através dos sentidos e dos estímulos que nos rodeiam. É a busca pelo repertório ainda não acessado que motiva o

---

<sup>1</sup> Gesser (2009, p. 72) afirma que o grau de surdez pode variar de leve a profundo. A surdez leve, entretanto, pode se agravar com o tempo e se tornar uma surdez profunda. Como limiares de cálculo em decibéis têm-se: "normal: até 25 dB; leve: de 26 a 40 dB; moderada: de 41 a 55 dB; moderadamente severa: de 56 a 70 dB; severa: de 71 a 90 dB; profunda: maior que 91 dB.

mergulhar na percepção das pessoas que podem evocar os sons ainda que não ouçam, fazendo-o por meio das imagens que os significam e os representam.

A partir do pressuposto de que o espaço arquitetônico e o espaço urbano são espaços sensíveis, podendo ser percebidos, interpretados e representados culturalmente, tem-se como hipótese deste trabalho a convicção de que pessoa surda é capaz de vivenciar e organizar os sons existentes no espaço, gerando uma construção específica da paisagem sonora.

Sendo assim, o objeto de estudo deste trabalho são as paisagens sonoras representadas pelas pessoas surdas a partir da percepção espacial, das relações da(s) pessoa(s) com o espaço e no espaço.

Este trabalho, portanto, visa investigar a maneira como o espaço é vivido e mapeado através da experiência de pessoas surdas. O objetivo geral, então, é compreender quem é o sujeito surdo e como este se relaciona com o espaço, principalmente no que se refere às sonoridades: como as pessoas surdas sentem, percebem, interpretam e representam os sons que os rodeiam. A partir do objetivo geral, têm-se tais objetivos específicos:

- Verificar a associação da representação linguística em Libras para som e silêncio e sua relação com a representação sonora e qualificação dos espaços, principalmente os urbanos;
- Identificar como os sons são percebidos e o que significam (e se significam) para os surdos;
- Investigar se a compreensão de significados e representações sonoras são compartilhadas entre as pessoas surdas;
- Demonstrar a relevância dos sons para a construção e representação da experiência espacial da pessoa surda, criando categorias sonoras além da audição, baseadas na cultura e identidade surdas.

Para que se alcancem tais objetivos propostos, esta Tese terá uma abordagem de pesquisa interdisciplinar e qualitativa. **Interdisciplinar** porque irá se fundamentar a partir do conhecimento de áreas diversas, tais quais arquitetura, sociologia, psicologia, linguística, acústica. **Qualitativa** porque não irá se basear na representatividade numérica, mas abrangerá o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações (MINAYO, 2001, p. 15).

Quanto aos objetivos, esta é uma **Pesquisa Exploratória**, uma vez que visa propor uma maior familiaridade com o tema e atestar uma hipótese. Para tanto, seu delineamento envolve levantamento bibliográfico, estudo de caso e análise dos resultados (GIL, 2002, p. 41).

A metodologia geral da pesquisa foi organizada em duas etapas: a primeira constitui-se pela construção teórica da pesquisa e estruturação dos instrumentos pertinentes ao desenvolvimento do estudo de caso; a segunda parte abrange o estudo de caso propriamente dito e a análise dos resultados obtidos.

A segunda fase, que consiste no Estudo de Caso, foi desenvolvida em duas fases: a primeira constitui-se em uma entrevista semiestruturada, onde é explorada a vivência do surdo enquanto sujeito do espaço, suas sensações e relações com o som e com o silêncio em sua experiência cotidiana. A segunda etapa é desdobrada em um passeio sonoro comentado, realizado em um percurso urbano pré-definido pelo Bairro de Laranjeiras, na Cidade do Rio de Janeiro. Nesta fase, o objetivo é compreender a relação entre o surdo e as sonoridades da Cidade, em diferentes contextos urbanos. Este procedimento foi construído pela pesquisadora a partir de metodologias já existentes, sendo a abordagem livremente inspirada nos "passeios sonoros" (TRUAX, 2001) e (REGO, NIEMEYER e VASCONCELLOS, 2012) e no "método dos percursos comentados" (THIBAUD, 2002), sendo estas adaptadas para o propósito e condições identificadas nesta pesquisa.

A partir da apresentação do percurso metodológico empregado nesta Tese, a seguir é apresentada a estruturação geral da Tese, seguida de uma descrição de cada capítulo.

O capítulo 1 desta Tese, "O sujeito surdo", busca entender o universo da surdez sob diferentes aspectos mas, fundamentalmente, a fim responder ao questionamento "quem é o surdo?". Assim, é proposto, inicialmente, um histórico do surdo e da surdez, buscando apresentar, de maneira sucinta, os caminhos percorridos até os dias atuais. Em seguida, são apresentados dois pontos de vista acerca da surdez: a abordagem clínico-terapêutica, que trata o termo "deficiente auditivo" e, na sequência, o viés socioantropológico, que expõe a noção do que é considerado como sendo "ser surdo", destacando-se a importância desta abordagem para a construção deste trabalho.

O capítulo 2, "Cultura, identidade e representação surdas", tem por objetivo abordar conceitos-chaves para entendimento geral do trabalho e para a análise posterior. Sendo assim, têm-se como direção norteadora elementos alicerçados em uma base conceitual com referências multidisciplinares (arquitetura, antropologia, sociologia), abordando a questão da sociologia da cultura e sua relação com o espaço e aspectos de representação e identidade. Deste modo, busca-se o diálogo entre autores a fim de propor um embasamento teórico, tendo em vista que a questão da surdez e do espaço, principalmente em relação às noções de sonoridades, pouco foram exploradas em conjunto dentro da realidade brasileira.

O capítulo 3, denominado de "Experiência espacial, paisagem sonora, som e surdez", inicia-se por um tópico que busca a relação entre os recursos sensoriais do nosso corpo e a experiência espacial. Em seguida, busca-se a compreensão de quais elementos contribuem para a leitura da estruturação

do espaço urbano, isto é, da cidade. Adentramos na paisagem sonora e nos sons e silêncios, almejando-se compreender as relações estabelecidas entre o homem e as manifestações sonoras existentes no espaço. Como o som se manifesta e quais as percepções que ele pode ocasionar ao ser humano? Por fim, será explanado acerca do vínculo do surdo com o som – ou com a ausência dele. Será que o som é capaz de interferir na vida da pessoa surda? A busca por tais respostas é a motivação deste capítulo.

No capítulo 4 da Tese, “Etapas metodológicas do Estudo de Caso: identificando as representações sonoras dos surdos”, apresenta-se a construção do caminho para que se cheguem às respostas deste trabalho. São apresentados os participantes, a configuração da aplicação e dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, o método utilizado, bem como o recorte espacial selecionado para este trabalho.

O capítulo 5, “Resultados e discussões: relatos de uma experiência de paisagem sonora além da audição”, apresenta e analisa os resultados do estudo de caso. Neste item são apresentados os participantes desta pesquisa, para que sejam compreendidas as construções realizadas. São apresentados e analisados os dados obtidos através do Estudo de Caso, tendo como aporte os conceitos apresentados nos capítulos 2 e 3 deste trabalho. Busca-se entender como as pessoas surdas participantes se enxergam e suas relações identitária e culturais. Com isso, foi possível compreender melhor as suas relações com os espaços circundantes, para, então, averiguar as relações de som e silêncio vivenciadas pelos surdos e objetivando identificar as estruturas sonoras representadas pelas pessoas surdas. Ao final do capítulo são analisadas as respostas obtidas através do Passeio Sonoro Comentado, à luz da cultura e sensorialidades surdas.

As "Considerações Finais" apresentam as conclusões do trabalho a partir dos resultados obtidos no Estudo de Caso e suas correlações com a parte teórica da Tese como um todo. Estabelecem-se a hipótese pôde ser comprovada ou não, bem como se os objetivos foram atingidos. Discutiu-se também acerca das dificuldades apresentadas na aplicação da pesquisa bem como as contribuições geradas.

# 1 O SUJEITO SURDO

Este capítulo visa apresentar o sujeito deste trabalho: quem é o surdo? Primeiramente é proposto um histórico do surdo e da surdez, chegando ao entendimento da abordagem clínico-terapêutica, onde será tratado o termo "deficiente auditivo". Na sequência, é apresentado o conceito do "ser surdo" pelo viés socioantropológico, entendendo a importância desta abordagem para a construção deste trabalho.

## 1.1 Relato histórico do surdo e da surdez

Quando se fala acerca da surdez, não há um único ponto de vista: há diferentes maneiras de interpretá-la, considerando os diversos períodos históricos e suas sociedades.

Na Antiguidade, a surdez era associada ao misticismo e ao ocultismo. Por muito tempo, as pessoas que não tinham a capacidade de ouvir foram vistas como aberrações por diferentes povos e culturas, o que motivou a exclusão e até mesmo extermínio. Tais pessoas eram entendidas como "não humanas", seres desqualificados e inferiores e que, por isso, deveriam ser eliminados. Exemplos disso são que os chineses os lançavam ao mar; os gauleses os sacrificavam aos deuses; e na Grécia, principalmente em Esparta, eram lançados do alto dos rochedos (OLIVEIRA, 2011, p. 29).

Segundo Sacks (2010, p. 20), por milhares de anos os natissurdos foram julgados como sendo "estúpidos" e considerados "incapazes", sendo-lhes negados direitos humanos fundamentais e privados por lei de herdar bens, de contrair matrimônio, de receber instrução, de ter um trabalho. Tais pessoas foram colocadas às margens do mundo econômico, social, cultural, educacional e político; desapropriadas de seus direitos e da possibilidade de fazer escolhas, em uma história de séculos de opressão (SÁ, 2002, p. 2). A ideia que predominou por séculos foi a de que alguém que não pudesse ouvir e não adquirisse uma linguagem, nada poderia aprender, sendo impossível o desenvolvimento de raciocínio (OLIVEIRA, 2011, p. 30).

No final da Idade Média começaram a surgir os primeiros trabalhos na área de educação dos surdos, a fim de integrá-los à sociedade. Nesse período ocorreu a mudança da perspectiva religiosa para a perspectiva da razão, em que a surdez passou a ser analisada pelo viés médico e científico (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Têm-se, então, a partir do século XVI, os primeiros registros de educadores de surdos no ocidente, principalmente na Espanha, França, Inglaterra e Alemanha. O médico, matemático e

astrólogo italiano Girolamo Cardano (1501-1576) estudou, além das questões orgânicas ou fisiológicas da surdez, a possibilidade do surdo adquirir algum tipo de conhecimento. Foi a partir de tais estudos que Cardano teria afirmado que a escrita poderia representar os sons da fala ou representar as ideias do pensamento e, assim sendo, a surdez não seria obstáculo para que o surdo adquirisse conhecimento (SOARES, 1999, p. 17; OLIVEIRA, 2011, p. 31-32).

Em decorrência das descobertas de Galileu e da Revolução Científica no início do século XVII, o mundo converteu-se então em objeto de uma ciência rigorosa, sendo despojado de seus atributos sobrenaturais. O novo modelo de compreensão do mundo baseia-se na interpretação mecanicista da realidade, consagrando o nascimento da nova ciência, que não mais tem a fé como referência. A concepção mecânica do universo e da natureza é elaborada tendo como orientação as pesquisas experimentais (SILVA, 2006, p. 29).

Porém, foi em meados do século XVIII que a percepção e a situação a respeito dos surdos se alteraram radicalmente, talvez como parte de um esclarecimento mais geral, talvez por um ato mais específico de empatia e gênio. Fato é que o estado deplorável dos surdos despertou a curiosidade e a compaixão dos filósofos da época, que ficaram fascinados pelas extraordinárias questões e problemas representados por um ser humano aparentemente desprovido de linguagem (SACKS, 2010).

Por que a pessoa surda sem instrução é isolada na natureza e incapaz de comunicar-se com os outros homens? Por que ela está reduzida a esse estado de imbecilidade? Será que sua constituição biológica difere da nossa? Será que ela não possui tudo de que precisa para ter sensações, adquirir ideias e combiná-las para fazer tudo o que fazemos? Será que não recebe impressões sensoriais dos objetos como nós recebemos? Não serão essas, como ocorre conosco, a causa das sensações da mente e das ideias que a mente adquire? Por que então a pessoa surda permanece estúpida enquanto nos tornamos inteligentes? (SICARD *apud* SACKS, 2010, p. 24).

Surgem questionamentos sobre a condição mental dos surdos e estes passam a ser observados através de um viés médico. O século XVIII, então, foi um dos períodos mais prósperos para a educação dos surdos, pois, além da fundação de grande número de escolas ao redor do mundo, a qualidade do ensino também evoluiu. O abade francês, Charles Michel de L'Épée, nascido em 1712, foi um dos responsáveis por esse avanço. Ele reuniu os surdos dos arredores de Paris e criou a primeira escola pública para surdos, que também foi a precursora no uso da língua de sinais. Por meio da língua de sinais, os surdos puderam aprender e dominar diversos assuntos, além de exercer diferentes profissões (OLIVEIRA, 2011, p. 32).

No histórico norte-americano, Thomas Hopkins Gallaudet foi uma figura de grande destaque e relevância no contexto da surdez. Em um momento histórico em que a maioria dos americanos tinha uma construção diferente acerca da surdez, considerada uma aflição individual que se abatera sobre

os membros de uma determinada família, ele foi motivado em buscar ajuda para a filha de seu vizinho – Alice Cogswell, uma menina surda de 8 anos.

Thomas Gallaudet então viajou à Europa e depois de algumas tentativas frustradas com o método oralista francês, entrou em contato com o surdo francês Laurent Clerc. Após meses na França, aprendendo a Língua de Sinais, convidou Clerc para morar nos Estados Unidos e abrirem, juntos, a primeira escola de surdos. O grande desafio que se colocou diante de Thomas Gallaudet e Laurent Clerc em seus esforços para criar a primeira escola americana para a surdez era o de persuadir os legislativos estaduais e os americanos ricos de uma visão bastante diferente aprendida na Europa: a surdez não era um problema individual, mas sim social, sendo necessários locais especiais para instrução. Assim, "*The Connecticut Asylum for the Education and Instruction of the Deaf and Dumb*" foi inaugurada em 1817, o que motivou a migração de surdos de diferentes lugares do país e a abertura de outras escolas para surdos (LANE, 2006, p. 80; GESSER, 2009, p. 36-37).

Posteriormente, o filho de Gallaudet, Edward, foi o responsável por fundar em 1864 a Gallaudet University, a primeira e até hoje única universidade bilíngue do mundo estruturada para o público surdo, localizada em Washington D.C. Destaca-se o fato de que apesar de os sinais americanos terem raízes nos sinais franceses, a *American Sign Language* (ASL) também sofreu influências dos sinais dos índios locais, sendo a ASL moderna formada por essa combinação (GESSER, 2009, p. 36-37).

No caso do Brasil, a primeira escola para surdos foi fundada em setembro de 1857, com o apoio do Imperador D. Pedro II – o Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES), no Rio de Janeiro, localizada no mesmo local até os dias atuais. Apoiado pelo Imperador, o surdo Ernest Huet chegou ao Brasil em 1855 e, além de colaborar para a fundação da escola, foi responsável pela formação de outros dois professores, conhecidos como os irmãos La Peña, que ajudavam na instrução dos surdos. Embora naquela época as pessoas não fizessem referência a Libras, a língua de sinais era privilegiada na educação das crianças. Desde sua fundação até os dias de hoje, o INES tem sido o centro de referência e de formação dos indivíduos surdos (GESSER, 2009, p. 37).

Todo avanço até então alcançado sofre grande impacto negativo do Congresso de Milão, realizado no período de 06 a 11 de setembro de 1880. O objetivo do congresso foi discutir a educação de surdos e tinha como pauta: analisar as vantagens e os inconvenientes do internato; o período necessário para educação formal; o número de alunos por salas; e, principalmente, como os surdos deveriam ser ensinados, por meio da língua oral ou gestual (SILVA, 2006, p. 26).

A figura de Alexandre Graham Bell, inventor do telefone e que também foi professor de surdos, teve grande influência no Congresso de Milão, onde, influenciado pelo movimento eugênico<sup>2</sup>, pregava

---

2 O movimento eugênico foi baseado na revolução motivada pelo *The origin of species*, de 1859, de Darwin, e tinha como objetivo a melhoria da raça humana através da ciência. Para isso, buscava melhorar as características

que a surdez era uma aberração para a humanidade, pois perpetuava características genéticas negativas. Dado seu prestígio de homem brilhante na sociedade da época, Graham Bell contribuiu de maneira crucial para a negação e a opressão da língua de sinais (GESSER, 2009, p. 50-51). Para ele, a língua de sinais era imprecisa e inferior à fala oral, e a surdez era definida como uma "anormalidade da raça humana" (GESSER, 2009, p71).

O Congresso reuniu cento e sessenta e quatro pessoas, sendo apenas cinco surdos, provenientes de países como Bélgica, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia, Rússia, Estados Unidos e Canadá. Convocados por educadores ouvintes de surdos que tinham como método ensinar os surdos a falarem, destaca-se o fato de que os professores surdos não foram convidados (LANE, PILLARD e HEDBERG, 2011, p. 23; GESSER, 2009, p. 51). No momento da deliberação, entretanto, não havia a representação dos surdos e, após agitada discussão, um grupo de ouvintes impôs a superioridade da língua oral sobre a língua de sinais, decretando que a primeira deveria constituir o único objetivo do ensino (SILVA, 2006, p. 26). Com este cenário, foram proibidos internatos de surdos, casamentos entre eles e qualquer tipo de contato, sob a justificativa de ser "uma medida preventiva capaz de 'salvar' a raça humana" (GESSER, 2009, p. 51).

A educação dos surdos foi mundialmente impactada pelo Congresso de Milão e pelas decisões em favor das filosofias e métodos oralistas a qualquer custo. No Brasil, a ideologia do oralismo passou a ser disseminada em 1911 e, acatando tal filosofia, Ana Rimoli de Faria Daria, a superintendente do INES, separava os surdos mais velhos dos mais novos a fim de evitar o contato e uso de língua de sinais (GESSER, 2009, p. 38).

Conforme destaca Lane (2006, p. 80), após esse período surgem duas visões sobre a surdez: a que a interpreta como uma categoria de deficiência e outra que interpreta o surdo como a designação de um membro de uma minoria linguística. E são esses dois pontos de vistas que serão abordados nos tópicos seguintes deste trabalho.

## **1.2 O deficiente auditivo: a abordagem clínico-terapêutica**

Como vimos até aqui, o Congresso de Milão foi um divisor de águas para a educação dos surdos, representando um grande retrocesso. Os professores ouvintes assumiram o controle das escolas para crianças surdas, impedindo o uso das línguas de sinais e de professores surdos. Com as

---

genéticas de populações humanas através de mistura seletiva de pessoas, esterilização obrigatória de deficientes e uma futura engenharia genética.

alterações culturais, o aluno surdo passou a ser um estranho. A linguagem oral e a terapia da fala realizadas em sala de aula não conseguiam integrá-lo ao grupo e, à medida que o processo de educação falhava, confirmava-se a incapacidade da criança. O modelo da enfermidade tornou-se mais plausível e a integração acadêmica mostrou a surdez enquanto problema, à medida que o "milagre" da tecnologia permitiu o progresso dos implantes cocleares (LANE, 1992, p. 39).<sup>3</sup> Entra em cena, então, a "pedagogia corretiva" (SILVA, 2006, p. 32) através da visão medicalizada sobre a surdez.

O grande referencial do final século XIX é, portanto, a visão clínico-terapêutica, que consiste no modelo médico de interpretação da surdez. De acordo com Skliar (1998, p. 52), o principal objetivo era de "fazer os surdos falarem a todo custo". Fato é que a clínica, então, pôs seu enfoque no problema clínico, pensando o corpo surdo a partir da falta de audição e da falta da fala. Assim, o corpo surdo é anormal devido à surdez, sendo apresentado como o corpo a corrigir (PERLIN, 2003, p. 38). Ainda hoje, em boa parte do mundo, o oralismo tem sido a ideologia dominante dentro da educação dos surdos, através da concepção do sujeito restrito à dimensão clínica, como sujeitos patológicos. Sob a perspectiva terapêutica, os surdos devem ser reeducados e/ou curados (SKLIAR, 1998, p. 46).

Aplicar um modelo de enfermidade aos membros de um grupo é considerá-los e ter atitudes para com eles, particularmente, com respeito **ao nosso conceito cultural de doença física**. [...] De que modo surge essa enfermidade, quais os riscos e vantagens dos tratamentos disponíveis, caso exista algum, o que é e o que pode ser feito para minimizar as desvantagens de tal enfermidade? **Os valores invocados são largamente negativos**, talvez possamos admirar a adaptação de alguém à sua enfermidade ou sua coragem de lutar contra ela, mas **a enfermidade é considerada como sendo algo indesejável**; na melhor das hipóteses, somos ambivalentes (LANE, 1992, p. 33, grifo nosso).

A doença é, portanto, sempre algo indesejado e o surdo, considerado assim, passa a ser tido também como indesejável, defeituoso, incompleto. Segundo Behares (2000, p. 2), no discurso clínico, que toma o ouvinte como modelo, o surdo "é" fundamentalmente como o ouvinte, porém, lhe falta "algo" (o funcionamento do ouvido); portanto, nessa lógica o surdo é um ouvinte imperfeito. Fica implícita nessa perspectiva a imagem de diminuição, que leva invariavelmente ao conceito de menos-valia.

Sob este ponto de vista, as pessoas com diminuição ou perda de audição eram, e por muitos ainda são, denominadas pela expressão *deficiente auditivo*, em uma classificação estritamente biológica. Quanto à tal terminologia, Gesser (2009, p. 45) afirma que para muitos ouvintes alheios à discussão sobre a surdez, o uso da palavra *surdo* pode parecer imprimir mais preconceito, enquanto o

---

<sup>3</sup> O professor universitário e psicólogo norte-americano Harlan Lane (1936-) em seu livro "*A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*" faz uma abordagem ousada acerca da surdez, sendo uma fonte importante de referência para os estudiosos até os dias atuais.

termo *deficiente auditivo* parece-lhes ser mais politicamente correto, menos pejorativo. Porém, ao entrar em contato com tais pessoas, Gesser (*op. cit.*) constatou que elas preferem serem chamadas de *surdos*, ficando muitas vezes irritadas ao serem referidas como "deficientes". Outro termo que reforça o estereótipo negativo é o "surdo-mudo", uma das mais antigas e incorretas denominações utilizadas para se referir a tais pessoas, uma vez que os surdos possuem voz, não sendo, portanto, mudos.

Em meio a este discurso, emergem dois conceitos: "ouvintismo" e "oralismo". Skliar (2015b, p. 15) define o ouvintismo como sendo um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. E é através desse olhar-se e desse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas usuais. Já o oralismo é a forma institucionalizada desse ouvintismo.

É a partir da percepção da deficiência, que surgem os primeiros esforços em prol da oralidade, destacando o modelo ouvinte como paradigma e a língua na modalidade oral como objetivo principal a ser alcançado (SÁ, 2002, p. 97). Para a maioria dos surdos, porém, oralizar é sinônimo de negação da língua de sinais. É também sinônimo de correção, de imposição de treinos exaustivos, repetitivos e mecânicos da fala. Há, portanto, um grande mal-estar impregnado na palavra oralização (GESSER, 2009, p. 50-51).

Tal situação é consequência das marcas profundas que a oralização deixou na vida da maioria dos surdos. Ela traz resquícios dos traumas causados no período em que a língua de sinais foi violentamente banida e proibida em prol do uso exclusiva da língua oral. A busca desenfreada pela recuperação da audição e o incentivo ao desenvolvimento da fala vocalizada pelo surdo se traduzem em vários sentimentos: desejo, dor, privação, aprovação, opressão, discriminação e frustração (GESSER, 2009, p. 50). É válido ressaltar que o Congresso de Milão não constituiu-se como o início do ouvintismo e do oralismo, mas sim em sua legitimação oficial (SKLIAR, 2015b, p. 16)

Neste contexto de oralização, surgem dois pontos de oposição e que, por vezes, podem se tornar extremados. O primeiro diz respeito à obrigatoriedade da fala oral, por meio da imposição, o que acaba por disseminar preconceitos e gerar expectativas fracassadas. O outro lado diz respeito aos discursos em prol de um purismo linguístico e cultural surdo, geralmente advindos de surdos mais politizados e militantes, onde se diz que o surdo oralizado não é "surdo de verdade": "Surdo que é surdo defende e só usa a língua de sinais" (GESSER, 2009, p. 52).

Neste trabalho, entendemos e concordamos com Gesser (2009, p. 52) quando esta diz que não se trata de ser surdo que oraliza ou não, mas como coloca Perlin (*apud* GESSER, 2009, p. 52) "ser surdo em sua própria língua e linguagem própria". O surdo deve poder optar em utilizar a língua portuguesa ou não, a fim de promover um intercâmbio cultural. Assim, entendemos que o respeito às línguas de

sinais deve prevalecer e que cada surdo deve ter autonomia para fazer sua escolha quanto ao aprendizado da língua oral, sendo esta uma opção e nunca uma imposição.

Em meio ao debate acerca da oralização e sua percepção como forma de medicalização, Oliveira (2011) destaca dois conceitos principais que são vinculados a esta concepção: o de *normalidade* e o de *homogeneidade*.

O primeiro conceito, o de *normalidade*, é tido como padrão estabelecido dentro de uma perspectiva da aptidão ou não das capacidades anatômicas e fisiológicas do indivíduo. Visto que apresentam respostas auditivas incompletas ou inadequadas da maioria aceita nesta visão como padrão, os surdos são considerados anormais sob esse ponto de vista. Deste modo, todo o esforço seria com o intuito de torná-los o mais normal possível, de forma corretiva e minimizadora de sequelas e defeitos provocados pela perda de audição (OLIVEIRA, 2011).

Esse discurso normalizador aparece no sentido de "igualar", porém o surdo é visto como alguém que nunca poderá ser "normal" ou "igual". O sentido de "normalizar" atribui a uma identidade particular todas as características positivas em relação às quais as demais identidades são avaliadas de forma negativa (SÁ, 2002). Perlin (2015, p. 68) corrobora essa noção ao afirmar que "o mito de que a norma para os seres humanos consiste em falar e ouvir leva a olhar para o surdo e dizer que ele é um selvagem". Assim, considera-se a existência de uma identidade eleita como "a melhor", a correta, a perfeita (SÁ, 2002).

Neste sentido, Skliar (1998, p. 45) afirma que os surdos, semelhantemente a tantos outros grupos humanos, são definidos apenas a partir de supostos traços negativos e percebidos como desvio da normalidade. Os discursos ouvintes, portanto, são feitos de práticas ouvintes marcadas de estereótipos, onde são ditadas regras que regulam o que deve ser dito e o que deve permanecer em silêncio (PERLIN, 2015, p. 58).

Gesser (2009, p. 67) ainda aponta que a surdez muitas vezes é construída sob a perspectiva do déficit, da falta, da anormalidade. O "normal" é ouvir, de maneira que o que é divergente a este padrão deve ser corrigido, "normalizado". Neste procedimento normalizador, surgem a estigmatização e a formação de preconceitos sociais.

A configuração de ser ouvinte pode começar como uma referência a uma hipotética normalidade auditiva, mas, na prática e no discurso, associa-se a toda uma série de traços de outra ordem. Ser ouvinte, então, é ser falante, mas é também ser branco, homem, profissional, saudável, normal, letrado, civilizado etc. Ser surdo, portanto, é estigmatizar a deficiência auditiva como não falar, não ser homem, ser analfabeto, anormal, desempregado, perigoso etc. (SKLIAR, 1998, p. 48).

Esse ponto de vista acaba por evidenciar o aspecto assistencialista e caritativo ao qual as pessoas surdas são submetidas durante toda a sua vida. Conforme a crítica tecida por Sá (2002, p. 65),

as pessoas têm a falsa ilusão de que "colocar os 'deficientes' junto às 'pessoas normais' é um sinal de grande avanço impulsionado pela solidariedade". Ao contrário, esta maneira de pensar revela-se extremamente preconceituosa.

Considerando ainda que o discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o da diversidade, a ideia que é fortemente construída e aceita pela maioria das pessoas é a de que o surdo é visto como portador de uma deficiência física e precisa de recursos ou intervenções cirúrgicas para se tornar "normal" e fazer parte do grupo majoritário na sociedade em que vive (GESSER, 2009, p. 63).

O segundo conceito a ser considerado, o de *homogeneidade*, analisa todos os indivíduos dentro de uma mesma e única perspectiva, de forma que todos devem se enquadrar dentro de um mesmo perfil. Esse conceito gera o equívoco de rejeição das possibilidades orgânicas e da diversidade do ambiente físico e social, sendo que, apesar das diferenças do ser humano como ser vivo e biológico, não se pode definir o que seria ou não relevante a esse ser, para que esse pudesse agir de forma autônoma no mundo em que vive. Portanto, sob este ponto de vista, a pessoa surda deve caminhar em direção à integração na comunidade de falantes, sendo que o fracasso seria justificável pela deficiência (OLIVEIRA, 2011).

De acordo com Perlin (2015, p. 59), essa é uma noção que identifica "nós ouvintes" em contraste com "aqueles surdos", tornando a cultura ouvinte como hegemônica (etnocentrismo), a partir de uma ideia da identidade ouvinte como superior a tudo que se refere aos surdos.

Skliar (2013) corrobora tal ponto de vista ao declarar que a medicalização e a normalização pertencem a um projeto hegemônico em que o ser falante/ouvinte constitui a especificidade de uma identidade totalitária, positiva e produtora, por sua vez, de uma norma invisível que a tudo ordena e regula. Essa noção e busca por homogeneidade aproxima-se também com o que coloca Perlin (1998, p. 25) quando esta diz que a história dos surdos é pensada e contada geralmente por ouvintes, nos levando tanto à relação desigual de poderes quanto ao domínio dos ouvintes sobre a cultura surda.

A partir do que foi disposto até aqui, pode-se constatar que, quando a surdez é considerada tão somente pela perspectiva fisiológica de déficit de audição, isso pode levar a consequências devastadoras para os surdos. A interpretação unicamente clínica desconsidera outros valores que caracterizam os surdos, já que são ressaltadas as convenções ouvintes do que venha a ser a surdez. A partir de tal entendimento, nos direcionamos a uma outra abordagem, que visa englobar a pessoa surda como sujeito, em sua integralidade, compreendendo-o como um ser humano completo e capaz. E é este outro olhar sobre a surdez que veremos no tópico seguinte deste trabalho.

### 1.3 O surdo: a abordagem socioantropológica

Nas três últimas décadas, a partir do final da década de 1990, houve uma mudança significativa na concepção ideológica que engloba a surdez. Das múltiplas contribuições possíveis a essa mudança, a difusão dos modelos denominados bilíngues/biculturais e o aprofundamento das concepções sociais e antropológicas da surdez foram possivelmente as mais relevantes (SKLIAR, 1998). Este novo paradigma é uma contraposição à visão clínico-terapêutica, na qual a ideologia clínica dominante é rejeitada e há uma aproximação com paradigmas socioculturais, a partir de uma concepção socioantropológica da surdez.

Conforme vimos no tópico anterior, historicamente, a tradição médica-terapêutica influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação pelo seu grau (leve, profunda, congênita, pré-linguística etc.). Tal classificação deu ênfase à noção do indivíduo como um ser deficiente, doente e sofredor. A surdez, nesse contexto, é reputada como sendo uma enfermidade trágica e definida a partir de uma ausência. É desconsiderada a experiência da surdez e preteridos os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve (LANE, 1992; SÁ, 2002).

No momento em que a ideia de que os sujeitos surdos deviam ser forçadamente ajustados à sociedade ouvinte entrou em decadência, abriu-se o caminho para um novo conceito: o da *diferença*. O discurso surdo passa a ter o peso da resistência, invertendo a ordem, rompendo e contestando as práticas historicamente impostas pelo ouvintismo, em uma busca contínua por poder e autonomia (OLIVEIRA, 2011; PERLIN, 2015, p. 58).

O conceito da *diferença* abrange o entendimento de que os surdos pertencem a um grupo minoritário, linguística e culturalmente diferente, principalmente por utilizar outra via de acesso a informações, manifestada por modalidades visuais-gestuais de línguas. Exemplos de tais línguas são a *American Sign Language* (ASL) – a Língua Americana de Sinais –, e a Libras – a Língua Brasileira de Sinais –, ambas originadas a partir da Língua Francesa de Sinais (OLIVEIRA, 2011; GESSER, 2009).

Sob essa nova perspectiva, a experiência da surdez é reconstituída como um traço cultural, tendo a língua de sinais como elemento significante para essa definição (SÁ, 2002). O surdo, então, vem a ser entendido por meio de seu referencial enquanto pessoa e enquanto sujeito, e não mais como alguém que é portador de uma patologia a ser tratada. Sob este novo olhar, o termo "deficiência" não é mais apropriado para a comunidade surda, pois ela se organiza em torno da língua de sinais, sendo denominada como "comunidade sinalizante" (OLIVEIRA, 2011). É pertinente ressaltar ainda a diferença em contraponto à deficiência, pois "cremos que é nela que se baseia a essência psicossocial da surdez: ele [o surdo] não é diferente unicamente porque não ouve, mas porque desenvolve potencialidades psicoculturais diferentes das dos ouvintes" (BEHARES, 2000, p. 2).

A pedagoga e pesquisadora brasileira Ronice Quadros corrobora essa perspectiva que os surdos têm de si mesmos ao declarar que "surdos são as pessoas que se identificam enquanto surdas". Segundo ela, surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, se assim ele quiser, de modo a favorecer seu desenvolvimento pleno e garantir a circulação em diferentes contextos sociais e culturais (QUADROS, 2004, p. 10).

Sá (2002) concorda ao afirmar que o termo "surdo" é aquele com o qual as pessoas que não ouvem referem-se a si mesmas e aos seus pares. Para ela, uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que a impede de adquirir, naturalmente, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais que se diferem da maioria das pessoas que ouvem. A definição da surdez pelos surdos passa muito mais por sua identidade grupal do que por sua característica física que pretensamente os faz 'menos' (ou 'menores') que os indivíduos ouvintes.

Lane (1992) afirma que a maioria das pessoas que nasceram surdas ou que ficaram surdas muito cedo e que foram prontamente integradas à comunidade surda, tem um ponto de vista diferente a respeito da surdez:

Estas pessoas consideram-se essencialmente visuais, com uma língua visual, uma organização social, uma história e com valores morais que lhes são próprios, ou seja, estas pessoas têm sua própria maneira de ser e possuem uma linguagem e cultura próprias (LANE, 1992, p. 21).

A noção de "comunidade surda", proposta pela visão socioantropológica, tem como base os chamados "Estudos Surdos". Os Estudos Surdos constituem-se enquanto um programa de pesquisa em educação, em que as identidades, línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença (SKLIAR, 2015a, p. 5). Conforme Skliar (1998, p. 45), "compreender a surdez como diferença significa reconhecer politicamente essa diferença". E para que as conquistas políticas sejam menos sonhadas e mais concretizadas, há de haver solidariedade na diferença, mesmo que se saiba que a luta por poderes sempre existirá (SÁ, 2002).

Os Estudos Surdos têm como referência os Estudos Culturais. Os Estudos Culturais como problemática distinta emergem em meados da década de 1950, na Inglaterra, em um momento de rupturas significativas. Três livros foram de fundamental importância nesse momento de cisão: "*As utilizações da cultura*", de Richard Hoggart, "*Cultura e sociedade*", de Raymond Williams, e "*A formação da classe operária Inglesa*", de Edward Palmer Thompson. As velhas correntes de

pensamento começaram então a ser rompidas, fazendo com que a mudança da problemática modificasse a natureza das questões propostas, a forma como são propostas e a maneira como podem ser respondidas adequadamente (HALL, 2003).

Entendemos, assim, que os Estudos Culturais abriram caminho para se pensar os grupos que formam o todo da sociedade, apontando novas perspectivas para a luta contra o racismo e exclusão em todos os seus âmbitos (cor, etnia, gênero, deficiência etc.). Sá (2002) afirma que o principal foco de pesquisa eram as relações entre cultura contemporânea e a sociedade, criticando a chamada "cultura dominante" e enfatizando o estudo das formas culturais urbanas, das chamadas "subculturas". Desta forma, subcultura é aqui interpretada não no sentido de inferioridade, mas em termos quantitativos e proporcionais a uma minoria em relação a uma totalidade de pessoas.

Fato é que os surdos assim se denominam e se identificam como uma comunidade dentro de uma sociedade majoritária. Para eles, fazer parte desta minoria não é tido como um problema. Eles entendem que seu desenvolvimento psicossocial se relaciona com sua experiência, mas não como o ouvinte imagina que seja a vivência da surdez e sim como o próprio surdo se vê, se percebe e se relaciona com o mundo. Segundo Lane (1992, p. 23), no estereótipo do ouvinte, a surdez representa a falta e não a presença de algo: "o silêncio é sinônimo de vácuo". Ele, enquanto ouvinte, diz ainda:

Então por que razão pensamos que lhes falta tudo? Estes pensamentos incorretos surgem do nosso egocentrismo. Ao imaginar como é a surdez, eu imagino o meu mundo sem som – um pensamento aterrorizador e que se ajusta razoavelmente ao estereótipo que projetamos para os membros da comunidade dos surdos. Eu estaria isolado, desorientado, incomunicável e incapaz de receber comunicação. Os laços com as outras pessoas seriam desfeitos (LANE, 1992, p. 26).

Lacerda (1996), tendo como referencial teórico o psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky, declara que nos casos congênitos ou precoces, a surdez, como fator psicológico para o próprio surdo, não existe de fato. O surdo não se vê imerso em um mundo de silêncio, este é um problema que não se coloca para ele. A surdez é um estado normal e não patológico, sendo percebido apenas indiretamente, secundariamente, como resultado da sua vivência social. Deste modo, os surdos vivem a sua surdez diferentemente, segundo as suas experiências sociais. Para a autora, o que torna a vida da criança surda mais difícil não é o déficit em si, mas o modo como as pessoas reagem socialmente a esta "deficiência".

Um exemplo disso é a narração da pedagoga e pesquisadora brasileira e surda Karin Strobel, que relata sua experiência de quando, ainda criança, percebeu que era diferente dos pais e irmãos. Para ela, sua diferença se associava à comunicação e não com a falta de audição. A dificuldade na comunicação fez com que ela se sentisse excluída, visto que ela não tinha cumplicidade nem se identificava com alguém semelhante a ela (STROBEL, 2008).

A partir desse relato, concordamos com Sá (2002) quando esta declara que a distinção entre surdos e ouvintes envolve mais uma questão de significado: os conflitos e diferenças que surgem referem-se a formas de ser. Ela ainda cita Owen Wrigley (1996, p. 1), que afirma que o tema da surdez diz respeito menos à audiologia que à epistemologia, isto é, refere-se mais aos comportamentos cognitivos dos surdos do que ao estudo de sua audição.

"Duas culturas, dois pontos de vistas, dois 'mundos' diferentes" (LANE, 1992, p. 22). O respeito à diferença reflete-se na aceitação de que o surdo não precisa almejar uma vida semelhante à do ouvinte, mas sim compreender que na surdez há uma busca que não é biológica e sim funcional. A transição da identidade ocorre no encontro com o semelhante (surdo-surdo), onde são organizados novos ambientes discursivos. Assim, os surdos passam a se narrar de uma forma diferente, a serem representados por outros discursos, a desenvolverem novas identidades surdas, fundamentadas na diferença (OLIVEIRA, 2011; LACERDA, 1996; SKLIAR, 2013).

Os Estudos Surdos problematizam justamente aquilo que em geral não é problematizado [...]. O nosso problema, em consequência, não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas sim, as representações dominantes, hegemônicas e 'ouvintistas' sobre as identidades surdas, a línguas de sinais, a surdez e os surdos (SKLIAR, 2015b, p. 30).

Neste trabalho, concordamos com Lane (1992, p. 33), quando ele afirma que "pretendo substituir as regras da medicina pela curiosidade da etnografia". Entendemos, assim, que a relação entre ouvintes e surdos deva ser mais empática, não a partir das minhas construções mentais (de ouvinte) do que venha a ser surdo, mas na busca por compreender a essência das relações dessas pessoas com o mundo que as cercam. Neste trabalho, não queremos falar pelos surdos, mas abrir mais um espaço para que eles falem por si mesmos.

## 2 CULTURA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SURDAS

Tendo conhecido no capítulo anterior o sujeito que permeia o contexto deste trabalho, neste capítulo serão estudados conceitos considerados como chaves para entendimento e análise posterior. Sendo assim, tem-se como direção elementos alicerçados em uma base conceitual com referências multidisciplinares (arquitetura, antropologia, sociologia), abordando a questão da sociologia da cultura e sua relação com o espaço e aspectos de representação e identidade.

Buscaremos compreender um pouco da noção de cultura pelo viés sociológico. Primeiramente, tal conceito será situado em momentos distintos de pensamento ao longo da história, demonstrando concepções diferentes sobre "cultura". Em um segundo momento, será abordado o conceito de "cultura surda", a fim de compreender a relevância do assunto na constituição espacial pelo sujeito surdo.

Pretendemos, também, situar a importância das representações para a construção de identidades. Apesar do conceito de identidades não ser um assunto esgotado na atualidade, pelo contrário, ainda suscita muitos debates, acredita-se que a abordagem de tal tema seja de fundamental relevância para o entendimento das relações estabelecidas entre o sujeito surdo e o mundo ao seu redor. Isso dará embasamento para que no próximo capítulo seja relacionado o surdo ao ambiente físico-espacial, em particular no que diz respeito à sua compreensão da paisagem sonora que o circunda.

### 2.1 Situando o conceito de cultura

A fim de calcar a compreensão do contexto e das relações homem-meio que serão estabelecidas durante este trabalho, pretende-se assimilar aspectos relativos à cultura dos sujeitos envolvidos. Com base na complexa, divergente e por vezes abrangente concepção do conceito de "cultura", buscar-se-á neste capítulo entender os desdobramentos da visão moderna do termo. A partir de tal entendimento, acredita-se que será possível observar o valor da importância cultural para a percepção e na construção das relações com o espaço.

Do latim *colere* (cultivar), "Cultura" é um conceito extremamente complexo, discutido por diferentes áreas de estudo – tais quais as Ciências Sociais, a Antropologia e a Filosofia –, e que tem passado por reformulações ao longo dos anos.

O termo “cultura” por muitos séculos foi utilizado apenas como referência à noção do cultivo na agricultura e no gado. A ideia moderna de cultura remete somente ao século XVIII, visto que até então a evolução do conteúdo semântico da palavra se referia principalmente ao movimento natural da língua e não ao movimento de ideias (CUCHE, 1999).

A primeira definição etnológica de cultura foi feita pelo antropólogo britânico Edward B. Tylor (1832-1917), em seu clássico texto *A ciência da cultura*, de 1871:

Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (TYLOR, 2005 [1871], p. 31).

Para Tylor, a cultura era a expressão da vida social do homem e se caracterizava por sua dimensão coletiva, sendo, portanto, o comportamento adquirido e não herdado geneticamente (CUCHE, 1999; LARAIA, 2001).

Devido às suas preocupações metodológicas, Tylor é considerado o pai da Antropologia Britânica. Ele procurou demonstrar que a cultura pode ser objeto de uma investigação sistematizada, já que possui causas e regularidades, permitindo assim que fossem feitas análises e a formulação de leis sobre o processo cultural e sua evolução (CUCHE, 1999; LARAIA, 2001).

É preciso ter em mente que a época em que Tylor viveu foi grandemente impactada pela "*Origem das espécies*", de Darwin, sendo a nascente antropologia dominada pela perspectiva do evolucionismo linear. Isto é, apesar de não considerar a questão biológica como determinante para a Cultura, Tylor era um dos defensores da denominada "Antropologia Evolucionista" (LARAIA, 2001).

Segundo esta perspectiva, uma das tarefas da Antropologia era determinar a "escala de civilização", onde se considerava que as diferenças culturais eram estágios históricos de um mesmo caminho evolutivo, de trajetória unilinear e ascendente. O topo dessa cadeia era a moderna civilização ocidental europeia, que "representa o desenvolvimento cultural mais elevado, em direção ao qual tenderiam todos os outros tipos culturais mais primitivos" (TYLOR, 2005[1871]; CASTRO, 2005; LARAIA, 2001). Assim, o Evolucionismo Cultural utilizava-se do chamado "método comparativo", que se baseava no exame exaustivo dos relatos dos viajantes e cronistas coloniais sobre as diferentes regiões e sociedades que encontravam. A credibilidade destas descrições residia na similitude dos relatos na época, pois, ao invés da aceitação tácita das informações, Tylor sempre questionava a veracidade das mesmas (LARAIA, 2001; SOILO, 2014).

Indo de encontro ao Evolucionismo Cultural, surgem as ideias de outro pioneiro da Antropologia Moderna: o norte-americano Franz Boas (1858 - 1942). Ao contrário de Tylor, que tinha

como objetivo "descobrir leis gerais" para a Cultura, Boas tinha como objetivo o estudo "das culturas" (CUCHE, 1999; LARAIA, 2001).

Isso quer dizer que Boas se opunha à crença de uma evolução uniforme em todo o mundo. Entra em evidência a ideia de relativismo cultural, que está implicitamente associada à de uma evolução multilinear (LARAIA, 2001). Para ele, cada grupo cultural tem "sua história própria e única, parcialmente dependente do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ele tenha estado submetido" (BOAS, 2005, p. 47). Ao contrário dos evolucionistas, Boas acreditava que a metodologia das ciências humanas deveria se apropriar de valores e percepções dos grupos estudados, afastando-se do parâmetro classificatório que tinha como alicerce o eurocentrismo (SOILO, 2014).

Boas foi o fundador do método indutivo e intensivo de campo. Ele defendia a observação direta de uma cultura particular, onde, segundo ele, no estudo "tudo deve ser anotado, até o detalhe do detalhe", devendo-se estar atento principalmente ao que é dito nas conversas "espontâneas". Deste modo, ele parte de dados particulares da experiência sensível para chegar ao conhecimento ou demonstração de suas conclusões (CUCHE, 1999).

[...] o método que estamos tentando desenvolver baseia-se num estudo das mudanças dinâmicas na sociedade que podem ser observadas no tempo presente. Abstemo-nos de tentar solucionar os problemas fundamentais do desenvolvimento geral da civilização até que estejamos aptos a esclarecer os processos que ocorrem diante de nossos olhos (BOAS, 2005, p. 47).

Pode-se dizer, portanto, que enquanto Tylor é considerado o "inventor" do conceito científico de cultura, Boas é o criador da etnografia, visto que será o primeiro antropólogo a fazer pesquisas *in situ* para observação direta e prolongada das culturas primitivas. Toda sua obra busca pensar a diferença que, para ele, entre os grupos humanos é de "ordem cultural e não racial". Assim, Boas tornou-se um dos primeiros cientistas sociais a abandonar o conceito de "raça" para a explicação dos comportamentos humanos (CUCHE, 1999).

No século XX, muitos pensadores passaram a buscar por uma reconstrução do conceito de cultura, fragmentado por numerosas reformulações. Claude Lévi-Strauss (1908-2009)<sup>4</sup> afirma que a diferenciação entre os grupos sociais se relaciona diretamente ao modo como essa sociedade se organiza. Tal teoria se baseia na organização estruturalista da linguística fazendo uma analogia na antropologia, para as estruturas sociais.

---

<sup>4</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo francês que exerceu grande influência neste século, sendo considerado o fundador da Antropologia Estruturalista, originada na década de 1950.

A ambição da Antropologia Estrutural era de localizar e registrar os elementos que seriam "invariáveis" em uma cultura. Assim, as particularidades das culturas sempre seriam regidas pela universalidade das "regras gerais" advindas da Cultura. Para Lévi-Strauss, as culturas particulares não poderiam ser compreendidas sem referência à Cultura, "este capital comum" da humanidade do qual elas se alimentam para elaborar seus modelos específicos. "O que ele procura descobrir na variedade das produções humanas são as categorias e as estruturas inconscientes do espírito humano" (CUCHE, 1999).

Outra linha de pensamento foi desenvolvida por Clifford James Geertz (1926-2006). Influente antropólogo norte-americano cujas ideias impactaram principalmente a segunda metade do século XX, ele foi o fundador da chamada Antropologia Interpretativa, percorrendo uma linha de pensamento mais correlacionada ao simbólico. Em seu livro *A interpretação das culturas* (GEERTZ, 2008) ele afirma que o comportamento é uma ação simbólica e que a antropologia busca por interpretá-lo. Para ele, a cultura é dinâmica.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p. 4).

Concordamos com Geertz (2008) quando ele afirma que o contexto está atrelado ao significado. Para ele, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano, de maneira que ao invés de simplesmente falar, possamos conversar. "Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...] ela [*a cultura*] é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível". Para ele, "a cultura é pública porque o significado o é" (GEERTZ, 2008, p. 9-10, grifo nosso).

Não temos a pretensão de findar as discussões sobre cultura, porém, para dar prosseguimento ao estudo, foi preciso delinear um parâmetro com o qual nos identificamos, a partir da explanação até aqui apresentada. Portanto, neste trabalho entendemos que a cultura envolva agentes contextuais ativos ou não, isto é, que atuam de forma direta ou indireta através de um sistema simbólico constituído em um meio e por um grupo de pessoas que compartilhem de entendimento e experiências semelhantes de vida.

As relações estabelecidas culturalmente por um grupo de pessoas também irão sugestionar os usos do ambiente em que estes estejam inseridos. Malard (2006) diz que as atividades cotidianas se especializam de maneira similar no seio de uma mesma cultura, embora possam ser executadas por indivíduos distintos, no que ela denomina como sendo "especializações-padrão". O antropólogo norte-

americano Edward T. Hall (1914-2009) no livro "*A dimensão oculta*" (HALL, 1977) corrobora tal ideia ao abordar a problematização do espaço a partir de diversas culturas.

O peneiramento seletivo dos dados sensoriais admite algumas coisas, enquanto elimina outras, de modo que a experiência, como percebida através de uma série de filtros sensoriais, culturalmente padronizados, é bastante diferente daquela percebida através de outros. O meio ambiente arquitetônico e urbano que as pessoas criam são expressões deste processo de filtragem-peneiramento. Na verdade, através destes meios ambientes alterados pelo homem, é possível descobrir como povos diferentes usam seus sentidos. A experiência, portanto, não pode ser tomada como ponto de referência estável, porque ocorre num cenário moldado pelo homem (HALL, 1977, p. 14).

Malard (2006) afirma ainda que é a tradição cultural do sujeito que permite que ele reconheça lugares. Ela exemplifica tal situação ao declarar que o índio não detém a chave do código social que é capaz de identificar o signo "banheiro" e nem pertence à cultura que forjou tal símbolo. Desta forma, para ela, os lugares arquitetônicos possuem sempre essa dimensão simbólica decorrente do processo cultural, ou seja, eles sempre aludem para além deles mesmos. Pode-se deduzir ainda que essa relação simbólica vai além do espaço arquitetônico propriamente dito, podendo abranger inclusive o meio urbano ou os espaços livres, isto é, todo e qualquer ambiente construído, que não seja um ambiente natural.

A Arquitetura é uma 'aparência' que incorpora lugares e estes nos remetem ao significado. Há, no entanto, elementos de comunicação no espaço. Elementos que podem ser decodificados e compreendidos pelos membros de uma mesma cultura. Elementos fixos, constitutivos do edifício, e elementos móveis, a ele acoplados. Esses elementos são moldados pela nossa vivência no mundo (MALARD, 2006, p. 30).

Segundo Hall (1977, p. 15), povos de diferentes culturas vivem em mundos sensoriais distintos, não empregando nem mesmo os mesmos sentidos em suas relações de conversações, por exemplo. Fazendo uma relação entre tal afirmação de Hall (1977) com o tema deste trabalho: se restringirmos um grupo de pessoas ouvintes advindas de diferentes culturas, elas interpretarão e combinarão seus dados sensoriais de maneiras diferentes. Se formos além e imaginarmos a inserção de pessoas surdas nesse mesmo contexto, acredita-se que elas venham, obviamente, a fazer interpretações e combinações que se difiram ainda mais da do grupo de ouvintes. Assim, tendo referência na própria cultura surda e nos sentidos experimentados além da audição do som, acredita-se que exista uma experiência cultural e espacial distinta e ainda pouco explorada, devido à maneira singular que os surdos têm de interpretar e selecionar o mundo ao seu redor a partir de sua experiência sensorial e cultural.

Deste modo, pode-se ratificar a relevância da cultura para a percepção e para a construção do espaço, uma vez que, a bagagem que adquirimos e as teias que nos envolvem possibilitam a interpretação singular do meio que percorremos, podendo torná-lo significativo ou não para nós, a partir da nossa vivência de mundo.

## **2.2 Cultura surda: conceituação e contextos**

Vimos, no tópico anterior, a importância do conceito de cultura e diferentes linhas que fizeram e ainda têm feito desdobramentos acerca deste conceito. Porém, para dar prosseguimento ao assunto, foi preciso delinear parâmetros e perspectivas que fossem consoantes às adotadas neste trabalho.

A partir do entendimento de que a cultura possa atuar de maneira direta ou indireta, por meio de sistemas simbólicos constituídos em um meio e por um grupo de pessoas que compartilhem de entendimentos e experiências de vida semelhantes, neste subitem iremos afinar o tema, trazendo o conceito de cultura para o universo da pesquisa. Trataremos da chamada "cultura surda", buscando entender como ela é definida e quais são os desdobramentos e contextos da mesma.

No primeiro capítulo desta Tese, fizemos uma discussão acerca da visão socioantropológica da surdez. Neste contexto, é preciso reafirmar que a cultura surda desenvolve-se por este viés de pensamento, abraçando a terminologia "surdo" e estimulando seu uso (LANE, 2006, p. 86).

Quanto à noção do que seria a "cultura surda", Quadros (2004, p. 10) entende esta como sendo a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Mesmo se configurando em uma cultura multifacetada, apresenta características que são específicas: *ela é visual e traduz-se de forma visual*. Assim, tais características visuais distinguem o modo com que o surdo irá ver, sentir e se relacionar com o mundo (GESSER, 2009, p. 54).

Se respeitarmos os direitos dos cidadãos de outras culturas, incluindo aqueles que fazem parte do nosso país, a terem as suas próprias normas regulamentares, as quais podem ser diferentes das nossas, [...] então também devemos reconhecer que a surdez da qual eu falo não é uma enfermidade, mas apenas outro modo de estar e de ser (LANE, 1992, p. 35).

Perlin (2015, p. 56) corrobora tais afirmações ao declarar que a cultura surda como diferença constitui-se em uma atividade criadora, através de símbolos e práticas próprios ao surdo e à sua consciência de pertencimento a um mundo de experiência, ações e atuações visuais e não auditivas.

Essa maneira de organizar o pensamento e a linguagem – uma forma visual – transcendem as formas ouvintes, sendo a surdez construída e compreendida de maneira diferente pela cultura surda e pela cultura ouvinte (QUADROS, 2004, p. 10; LANE, 2006, p. 85).

Diferentemente da forma como o ouvinte interpretaria a surdez, o surdo inserido em uma comunidade com linguagem e cultura próprias, não compreende a surdez como sendo uma incapacidade e nem como um obstáculo a ser superado. Ao contrário, existe um âmbito cultural, onde se é surdo no comportamento, valores, conhecimentos e fluência na língua de sinais. De tal modo, para muitos surdos, a surdez é tida como um privilégio (LANE, 1992, p. 35).

Neste contexto, Lane (2006, p. 84) ressalta ainda que é comum que pais surdos queiram ter filhos surdos, a fim de partilharem sua língua, cultura e experiências, sendo o nascimento de uma criança surda recebido como uma dádiva. É por meio da língua de sinais que uma geração passa à seguinte a sua sabedoria, os seus valores e o seu orgulho, reforçando os laços que unem gerações (LANE, 1992, p. 31).

Fato é que os surdos, em sua maioria, não podem nem querem ser ouvintes ou ser como os ouvintes (SKLIAR, 2015b, p. 20). Em meio a tal afirmação, concordamos com Sá (2002) quando esta diz que não se trata de colocar a cultura surda de um lado e a cultura ouvinte de outro, como se estas se constituíssem em oposições binárias. A questão, na verdade, abrange a tentativa de proclamar os surdos enquanto grupo social, oferecendo mais uma perspectiva de análise, uma vez que estes também se organizam por suas características culturais.

"Culturas surdas não existem em um vácuo" (LANE, 2006, p. 86, tradução nossa). Esta afirmativa nos leva à constatação de que os surdos adotam valores, atitudes, crenças e comportamentos decorrentes da sociedade majoritária na qual estão inseridos, como a sociedade brasileira, por exemplo. Mais ainda, em alguns casos, podem fazer parte da cultura de outras minorias étnicas dentro de um país, como africanos ou hispânicos (LANE, 2006).

Neste contexto, as culturas minoritárias frequentemente convivem com os códigos da cultura que são considerados dominantes e pretensamente normalizadores (SÁ, 2002). Essa vivência, partilhada por diversos grupos, é vista por Lane (2006, p. 86) de maneira peculiar, quando este cita que os surdos são "estrangeiros", estando entre um povo cuja língua eles nunca podem aprender. Assim, seria correto falar de "surdos", como falamos de "franceses" ou "britânicos".

Ainda que os surdos façam parte de um grupo cultural menos numeroso que os ouvintes, é importante ressaltar que, conforme apontam Lane, Pillard e Hedberg (2011, p. 15-16), toda pessoa é membro de algum grupo culturalmente distinto e, neste sentido, todos nós somos étnicos, apesar de muitas vezes o termo se referir às minorias. Os autores ainda evidenciam que os laços étnicos são

profundamente significativos e fortemente sentidos, visto que estão enraizados na psicologia. Sacks expõe que

Ainda que jamais tenha esquecido a condição 'médica' dos surdos, fui então levado a vê-los sob uma luz nova 'étnica', como um povo, com uma língua distinta, com sensibilidade e cultura próprias (SACKS, 2010, p. 10).

Em suas relações e vivências, os surdos valorizam a interdependência, reunindo-se para socialização (LANE, 2006, p. 85). Esses ambientes compartilhados possibilitam a construção de regras que reforçam as diferenças culturais e sustentam sua identidade étnica (LANE, PILLARD e HEDBERG, 2011, p. 16).

Sá (2002) aponta que as culturas são recriadas em função de cada grupo que nelas se inserem. Os surdos, enquanto grupo minoritário, estão lutando para que sua cultura seja incluída como legítima no contexto social. E essa luta implica no rompimento dos estereótipos de "nós" e "eles". Dado que a etnia é tecida na vida cotidiana e envolve obrigações e tradições compartilhadas, é a cultura compartilhada à força de coesão em um grupo étnico e o que o diferencia de outros grupos (LANE, PILLARD e HEDBERG, 2011, p. 16).

Traços culturais movem-se por entre os grupos, as camadas ou as classes sociais, permitindo reelaborações contínuas, o que torna mais instigante a análise do passado, vendo o reaproveitamento e a reapropriação dos mesmos valores, que perpassam o tecido do social, em novas criações de sentido. Mais do que isso, se passou a entender que os valores culturais, traduzidos em ideias e imagens, viajam no tempo e no espaço, em reconfigurações e transfigurações de significado (PESAVENTO, 2006, p. 48).

Com base no entendimento de que existe uma cultura surda, formada por indivíduos que se identificam de alguma maneira e compartilham vivências semelhantes, há de se ressaltar que tal grupo não se configura como sendo homogêneo. Como em qualquer etnia, existem características que irão aproximar indivíduos formando tais grupos, porém cada pessoa trará consigo atributos e referências próprias.

Gesser (2008, p. 236) afirma que é inegável que a surdez e a língua de sinais sejam traços de identificação entre os surdos. Entretanto, isso não permite dizer que todos os surdos são iguais, vivendo em uma clausura cultural, singular, pura e estável. O discurso "cultura surda em oposição à ouvinte" contribui para a negação das diversidades e multiplicidades entre os surdos, criando uma representação do "normal surdo": aquele que não usa aparelhos auditivos, não oraliza, não transita em outras culturas (principalmente a ouvinte) e que usa apenas a língua de sinais.

Skliar (2015b, p. 14) ratifica tal questão ao dizer que considerar os surdos enquanto totalidade é cometer o mesmo erro da ideologia dominante e que tanto é criticada. É necessário cautela nessa

questão, a fim de que não sejam reproduzidos os discursos que se detém às marginalizações nem aos fundamentalismos, negando-se a coexistência natural e contraditória das formas mescladas e híbridas entre as culturas surdas e ouvintes (GESSER, 2008, p. 233).

A diversidade existe dentro de qualquer cultura. Para Sá (2002) não é saudável alegar uma identidade, cultura ou perspectiva surda unificadora, uma vez que os surdos também irão se enquadrar em categorias de raça, gênero, classe, nacionalidade, condição física e em outros aspectos de "diferença".

Também fazem parte dessa configuração que denominamos "surdos", os surdos das classes populares, os surdos que não sabem que são surdos, as mulheres surdas, os surdos negros, os surdos meninos de rua, entre outros e, ainda, os receios, as assimetrias de poder entre surdos, os privilégios, a falta de compromisso com as reivindicações sociais etc. (SKLIAR, 2015b, p. 14-15).

Os surdos constituem-se em um grupo social com interesses, objetivos, lutas e direitos em comum, contudo, como em qualquer outro grupo, pode haver tensões dentro de sua própria configuração (SÁ, 2002). Isso porque, onde há pessoas, existem diferenças de pensamento e de entendimento de mundo.

Semelhantemente ao que acontece em outras culturas, portanto, os surdos constituem-se como um grupo heterogêneo, em transição e em constante transformação. Nada é definitivo. É inegável que a cultura surda seja construída coletivamente por indivíduos diferentes, entretanto estes se encontram em suas semelhanças.

Conforme aponta Hall (2003, p. 44), a "cultura é uma produção" que depende do conhecimento da tradição, a fim de nos capacitar a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos, através de um processo de constante mutação.

[...] Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em **processo de formação cultural**. A cultura **não é uma questão de ontologia, de ser**, mas de **se tornar** (HALL, 2003, p. 44, grifo nosso).

Em meio a toda essa discussão, não se pode perder o foco de que ao se reconhecer a cultura surda como genuína, ratifica-se a existência de diferentes identidades e subjetividades, inerentes à pessoa do surdo no que se refere à sua maneira de ser, de se representar e de relacionar com o outro, seja este seu semelhante ou não. E é através da compreensão desta cultura que estaremos aptos a seguir adiante, buscando pelo entendimento do que venha a ser uma identidade surda.

### 2.3 Situando os conceitos de "Representação" e "Identidade"

Os conceitos de representação e identidade estão intrinsecamente relacionados ao de cultura, sendo tais conceitos fundamentais para o entendimento da perspectiva que o surdo tem do mundo, em particular do espaço que o rodeia.

Etimologicamente, a palavra "representação" deriva do infinitivo latino "*representare*", cujo significado associa-se a se fazer presente, de ser ou estar no lugar de alguém ou de alguma coisa. Apesar de o conceito de representação ter sido alvo de diversas discussões ao longo dos anos, algo é inegável: a representação é um processo pelo qual são evocadas imagens análogas aos significados por elas representados.

Pesavento (2006, p. 49) afirma que as representações são uma forma de fazer presente uma ausência, onde o representante e o que é representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento. Para ela, a ação humana de "re-apresentar" o mundo – seja pela linguagem, pela forma, gesto ou som – faz alusão à uma ausência, sendo, em síntese, "estar no lugar de". Desta forma, a representação seria marcada por uma ambiguidade de ser e não ser a coisa representada.

Segundo o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (1932-2014), considerado um dos pais do chamado Estudos Culturais, a representação consiste no processo pelo qual os membros de uma mesma cultura produzem significados. E isso envolve o uso da linguagem, de signos e de imagens que significam ou representam as coisas (HALL, 1997).

Hall (2003, p. 181), ao citar Althusser, diz que os seres humanos utilizam uma variedade de sistemas de representação para experimentar, interpretar e "dar sentido" às condições de sua existência. Logo, é nítido para nós que há uma relação entre os sistemas de representação e os significados que são construídos pelos membros de uma cultura, particularmente a cultura surda.

Ao reafirmar tal questão, Pesavento (2006, p. 50-51) expõe que a construção social das representações, formada pelo contato do homem com a realidade, ocorre, também, em termos culturais, no âmbito das sensibilidades. Segundo ela, as sensibilidades são uma forma de apreensão e conhecimento do mundo que transpassam o saber científico ou racional. Efetivamente, poderia se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um momento anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, que brota no corpo como uma resposta ou reação à realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade é traduzida em sensações e emoções, em uma reação quase que instantânea dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, estando estes em contato com a realidade.

Segundo Silva (2000, p. 90-91), a representação é concebida como um sistema de significação, ou seja, uma forma de atribuição de sentido. Configura-se, portanto, como uma marca ou traço visível, exterior e não algo interior, mental.

Woodward (2000, p. 17) diz que a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, permitindo que nos posicionemos enquanto sujeitos. De acordo com a autora, é através dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa própria experiência e àquilo que somos. Sugere ainda que tais sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Desta forma, podemos considerar que Woodward (2000) faz uma costura, relacionando as práticas de significação e a posição de uma pessoa enquanto sujeito. Isso nos remete ao entendimento de que a construção de representações é um posicionamento ativo, concebido a partir do homem. Cabe ressaltar sobre os sistemas de representação, ainda, que eles não são únicos. Existem diversos deles em qualquer formação social, sendo eles, portanto, plurais (HALL, 2003, p. 180).

Assim, a noção de representação leva à premissa de que as coisas – objetos, pessoas e eventos no mundo – não têm em si mesmas quaisquer significados fixos. Somos nós – na sociedade, por meio das culturas humanas – que iremos dar significados às coisas. Em consequência, os significados serão sempre mutáveis em culturas e/ou períodos históricos diferentes, pois a forma de dividir, classificar e atribuir significado à cada objeto do mundo pode ter relevância diferente em culturas e épocas distintas. Assim, uma ideia importante sobre a representação é a aceitação de um certo grau de relativismo cultural entre uma cultura e outra, considerando as possíveis faltas da equivalência entre elas (HALL, 1997, p. 61).

A partir de tais referências, podemos afirmar que o que terá significado para uma pessoa inserida em um determinado contexto pode não expressar o mesmo para outra pessoa que não tenha uma relação estabelecida por este e neste contexto. Através de tais elucidações para o tema deste trabalho, acredita-se que a relação que o sujeito ouvinte terá em um determinado meio seja distinta daquela estabelecida pelo sujeito surdo neste mesmo meio, pois irá perpassar por códigos de inteligibilidade diferentes.

De acordo com Hall (2003, p. 182), talvez a implicação mais subversiva do termo "viver" seja sua conotação ao domínio da experiência. Para ele, é por meio dos sistemas de representações da cultura que nós "experimentamos o mundo", sendo a experiência o produto de nossos códigos de inteligibilidade, de nossos esquemas de interpretação. Desta forma, Hall (*op. cit.*) afirma que não há experiência fora das categorias de representação.

Tendo Hall (2003) como referência, podemos afirmar que é através da representação que podemos compreender e significar as relações que temos com o que nos rodeia e com o ambiente no

qual estamos inseridos. As representações que construímos, portanto, permitem também que nos posicionemos, isto é, por meio dos sistemas simbólicos somos inseridos em contextos outrora não percebidos ou habitados por nossos corpos ou mente.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Em meio a tais divagações, constatamos que a representação evoca referências que são adquiridas por nós e que contribuem para o que é chamado de "identidade". A origem etimológica da palavra *identidade* vem do latim "*identitas*", que genericamente remete à noção de semelhança, algo de uma mesma natureza. Tema de discussão de diferentes disciplinas do conhecimento, iremos apresentar a seguir algumas abordagens que consideramos relevantes, a fim de delimitar a ideia do que entendemos por identidade neste trabalho.

Hall (2006, p. 10) distingue três concepções de identidade: o **sujeito do Iluminismo**, onde o centro essencial do "eu" era a identidade de uma pessoa; o **sujeito sociológico**, onde havia o entendimento de identidade como sendo formada pela interação entre o eu e a sociedade; e o **sujeito pós-moderno**, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, tornando-se uma "celebração móvel". É esta última noção de identidade que adotamos para dar seguimento a este trabalho.

De acordo com Hall (2006, p. 38), a identidade é algo formado ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não algo inato, que exista na consciência no momento do nascimento. Assim, para ele, a identidade permanece sempre incompleta, em processo e sempre sendo formada.

Neste sentido, como aponta Silva (2000, p. 76;86), a identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas, não sendo criaturas do mundo natural ou transcendental, mas do cultural e social. Segundo ele, somos nós que a fabricamos, através de um contexto cultural e social. Assim, a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído.

O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999, p. 22) corrobora tal entendimento ao enunciar a identidade como sendo um processo de construção de significado, que tem como estruturação um atributo cultural ou ainda um conjunto deles inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado.

[...] do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece (CASTELLS, 1999, p. 23).

Cuche (1999, p. 182) concorda ao afirmar que a construção da identidade é feita no interior de contextos sociais, determinando a posição dos agentes e orientando suas representações e escolhas. Afirma ainda que a construção da identidade não é uma ilusão, sendo dotada de eficácia social e produzindo efeitos reais.

Deste modo, observamos que Hall (2006), Silva (2000), Castells (1999) e Cuche (1999) concordam na compreensão de que a identidade é uma construção, um processo, que se baseia em atributos culturais e é capaz de orientar a representação e o posicionamento do sujeito, por meio de relações e da construção de significados.

Além do fato de ser construída, a identidade também pode ser vista de maneira múltipla. Isto quer dizer, conforme afirma Castells (1999, p. 22), que um determinado indivíduo pode ter múltiplas identidades, podendo tal pluralidade ser fonte de tensão e contradição tanto em sua autorrepresentação como em sua atuação social.

Hall (2006, p. 13) reitera que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Para ele, dentro de nós há identidades contraditórias, impulsionando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Assim, assumimos que a identidade é uma noção cambiante, mutável, onde a bagagem que nós vamos adquirindo ao longo da vida permite diferentes organizações de significados. Castells (1999, p. 23) afirma que as identidades constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas e construídas por meio de um processo de individuação.

Mesmo sendo construída individualmente, a identidade é formada a partir do contato com o outro, sendo necessário um elo de alteridade. É a partir da observância do que é diferente que podemos construir a ideia que temos sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos rodeia. A identidade, portanto, é relacional (WOODWARD, 2000, p. 9). O sociólogo brasileiro Roberto DaMatta (1997, p. 83) comenta “sou um ser dividido e relacional, cuja existência social se legitima pelos elos que mantenho com outras pessoas num sistema de transitividade e gradações”.

Cuche (1999) ratifica este entendimento ao dizer que a identidade existe sempre em relação a uma outra, estando identidade e alteridade ligadas em uma relação dialética. A identificação acompanha, portanto, a diferenciação. "Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si" (CUCHE, 1999, p. 183).

Neste sentido, a noção de identidade está intrinsecamente aliada às relações de diferença. Woodward (2000) afirma que as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Segundo ela, a marcação da diferença acontece tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de exclusão social. A identidade, deste modo, não se configura como sendo o oposto da diferença: "a identidade depende da diferença" (WOODWARD, 2000, p. 40).

Cuche (1999, p. 182) afirma que a identidade é uma construção que se elabora por meio da relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Assim, uma cultura em particular não produz por si só uma identidade diferenciada. Na verdade, esta identidade é resultante das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações.

Silva (2000) corrobora esta afirmação ao declarar que assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade, sendo identidade e diferença inseparáveis. Alcançamos até aqui a constatação de que os sistemas representacionais marcam a diferença, sendo a identidade relacional e a diferença estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (WOODWARD, 2000, p.14).

Silva (2000, p. 91) ainda diz que a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação, pois é por meio da representação que a identidade adquire sentido e passa a existir. Assim, podemos dizer que o parâmetro a que submetemos algo que está sob nossa análise é embasado em nossas próprias percepções, considerando-as como diretrizes de normalidade, isto é, há mais valor na construção que fizemos do que na que o outro faz.

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (SILVA, 2000, p. 75-76).

Em suma, tendo como referências as exposições até aqui colocadas, recapitularemos alguns pontos fundamentais acerca das questões de identidade. A primeira delas é que a identidade é uma construção, sendo formada e desenvolvida ao longo da vida e tem como referência os sistemas simbólicos fabricados por meio da cultura e da sociedade. O segundo ponto é que a identidade na atualidade não é rígida, inflexível. Temos identidades cambiantes. Assim, podemos assumir diferentes identidades e funções em relação aos meios em que estamos inseridos, sendo que neste mesmo meio podemos mudar de postura em momentos distintos. O terceiro e último ponto a ser destacado é a noção da identidade como sendo relacional. Uma vez que só podemos nos compreender a partir do contato com o outro, com o diferente, as relações de alteridade passam a ser essenciais na construção da minha identidade, pois só posso saber o que sou tendo como parâmetro o que não sou. E isto não

nos coloca em posição de julgar se somos "melhores" ou "piores", mas sim de constatar que existem diferenças e estas devem ser respeitadas, na busca por uma convivência harmoniosa.

## **2.4 Identidade surda: representação e construção de contextos**

O item anterior apresentou uma explanação acerca das atribuições que permeiam os conceitos de representação e identidade. Isso se torna relevante para que possamos dar prosseguimento à questão de maneira mais pontual, tendo como foco a identidade surda. E é isto que faremos nesse item.

No primeiro capítulo dessa Tese já foi dito que muitas vezes o povo surdo tem sido encarado unicamente sob a perspectiva fisiológica do déficit de audição. Tal ponto de vista, dentro de um discurso médico e normalizador, imprimem valores e convenções na forma como o outro é significado e representado (GESSER, 2009, p. 45).

Lane (1992, p. 27-28) diz que imaginar como é ser surdo leva ao erro, pois as verdadeiras representações de membros de outra cultura não podem ser consideradas sem a possibilidade de alterações no seio dessa cultura. Por mais que o ouvinte tenha compaixão e empatia, nunca terá experimentado a surdez. Assim, uma pessoa que não seja surda jamais poderá adquirir na totalidade a identidade surda (LANE, 1992, p. 32).

Fato é que a surdez como deficiência remete a uma narrativa assimétrica de poder e de saber que, como aponta Gesser (2009, p. 67), é uma "invenção/produção" de um grupo hegemônico, tanto em termos sociais, históricos e políticos, em nada se assemelhando com a forma como o grupo se vê ou se representa. Isso tem a ver como o que diz Silva (2000, p. 91) ao afirmar que é também por meio da representação que a identidade e a diferença se conectam aos sistemas de poder. Isto é, quem tem o poder de representar, tem o poder de definir e determinar a identidade.

É interessante ratificar que, como vimos no item anterior, a identidade está estreitamente relacionada à alteridade. Strobel (2008, p. 17) afirma que ao se deparar com um semelhante por meio do contato com a comunidade surda, ela pode "explorar e expandir" o que antes ficava "sufocado" somente dentro de si. Vemos assim um exemplo claro de identificação.

[...] não estava só no mundo. Revelação que foi um choque. Um deslumbramento. Eu, que me julgava única e destinada a morrer criança, como imaginam tantas crianças surdas, descubro que tenho um futuro possível, uma vez que Alfredo é adulto e surdo (LABORIT, 2000, p. 34).

Situação semelhante é apresentada pela surda Emmanuelle Laborit, em seu livro "O grito da gaivota" (LABORIT, 2000). Laborit (2000, p. 36) descreve que a primeira vez que, ainda criança, teve contato com adultos surdos, ficou extremamente surpreendida ao saber que eles tinham nomes e, sobretudo, havia um "EU, Emmanuelle". Foi então que ela percebeu que tinha uma identidade. Até então era sempre ela: "Emmanuelle é surda"; "Ela não te ouve". Até então "eu" era "ela". Ela discorre ainda dizendo que aos ouvintes a identidade lhes é dada ao nascerem. São conhecidos, identificados e apresentados às outras pessoas pelo símbolo que os representam. Porém ela, enquanto surda, não sabia o que era "eu" ou "mim". Foi por meio do contato com a língua de sinais que pôde compreender e dizer: "Chamo-me Emmanuelle" (LABORIT, 2000, p. 37).

Perlin (2015, p. 54), pesquisadora brasileira surda, diz que o encontro surdo-surdo é fundamental para a construção da identidade surda. Segundo a autora, "é como abrir o baú que guarda os adornos que faltaram ao personagem". Fazendo uma inferência, podemos dizer que o surdo passa a se compreender e a se construir somente quando tem acesso aos mecanismos culturais que os possibilitam a se situarem nos contextos nos quais estão inseridos.

Laborit (2000, p. 37) afirma que ao se deparar com um semelhante, passou a descobrir o mundo que a rodeia e, mais ainda, a perceber que faz parte desse mundo. A autora afirma que a partir do momento que teve contato com uma língua gestual estruturada, pôde tornar-se um ser humano comunicante, passível de construir frases, mas também capaz de se construir. Neste sentido, pode-se perceber que a identidade surda, como qualquer outra identidade, também necessita ser construída, formada, sendo uma fabricação individual, feita ao longo da vida.

Considerando como referência os Estudos Culturais e Stuart Hall, Perlin (2015) faz uma categorização das identidades surdas a partir de identificações que ela fez dos sujeitos surdos. Neste sentido, entendendo toda e qualquer identidade como sendo cambiante, ela estabelece cinco categorias (PERLIN, 2015, p. 62-67), resumidamente apresentadas a seguir:

- **Identidades surdas:** grupo caracterizado essencialmente pela experiência e comunicação visual. O surdo em contato com outro surdo é levado a agir intensamente e a construir sua identidade centrada no ser surdo, formando a "identidade política surda". "Entendo que esse tipo de identidade surda cria um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso" (PERLIN, 2015, p. 63).
- **Identidades surdas híbridas:** surdos que nasceram ouvintes e se tornaram surdos. Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passando-a para a língua adquirida primeiro (no Brasil, o Português) e então para os sinais. Esse grupo sempre terá presente em si duas línguas, porém tende a ir ao encontro das identidades surdas.

- **Identidades surdas de transição:** são os surdos que só conheceram a experiência ouvinte acerca da surdez – muitas vezes por serem filhos de pais ouvintes – e passam do mundo ouvinte com representação da identidade ouvinte para a identidade surda de experiência mais visual.
- **Identidades surdas incompletas:** são aqueles surdos que vivem sob a influência de uma ideologia ouvintista que trabalha para socializar o surdo de maneira compatível com a cultura dominante, estando inseridos na representação da identidade ouvinte como superior. Enquadram-se nessa categoria os surdos que foram impossibilitados de estar em contato com outros surdos, mantidos em cativeiros pela família, sendo impedidos de fazerem suas próprias escolhas.
- **Identidades surdas flutuantes:** elas estão presentes, vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes. É o surdo que quer ser ouvinte, querendo ser ouvintizado a todo custo e desprezando a cultura surda.

Neste contexto, é possível identificar que como qualquer outra identidade, a identidade surda não é fixa, estática, definitiva. Ao contrário, ela passeia por diferentes contextos e situações, por perspectivas diversas, de modo que os sujeitos possam ir em diferentes direções, assumindo posturas múltiplas e até mesmo contraditórias.

Apesar de sua multiplicidade, um dos fatores que caracterizam a identidade surda é o fato de que, os múltiplos significados apontam para a perspectiva de ser do surdo. Isto é, ainda que exista um sujeito surdo multifacetado que viva em posições individuais, este se constrói e é construído dentro de uma sociedade sob a força da diferença (PERLIN, 1998, p. 26).

Lane (1992, p. 32) ratifica tal constatação ao declarar que a projeção da identidade surda encobre as diferenças de idade, classe social, gênero e de etnias, as quais seriam mais notáveis na sociedade dos ouvintes. Afirma ainda que na comunidade dos surdos existe também uma propensão para a reciprocidade, ajuda mútua e para a tomada de decisões em grupo, aspectos estes muito relevantes dentro da cultura surda.

Paddy Ladd, professor e pesquisador surdo da Universidade de Bristol, Inglaterra, cunhou o termo "*deafhood*", que seria entendido em Português como "ser surdo", isto é, o olhar para a experiência surda a partir de seu aspecto cultural (LADD, 2003, p. 3). Tal termo se difere de "*deafness*" (surdez), ao deslocar o foco da surdez enquanto déficit e tornar relevante a experiência da pessoa surda.

Ladd (2003, p. 4) afirma que ser surdo contém em si um sentimento de existência, tanto como indivíduo quanto como coletividade, em uma contínua busca por autoexpressão e sendo capaz de transpor as barreiras com o outro.

Nessa busca por autoexpressão, é inegável que o mundo do surdo seja um mundo predominantemente visual. Perlin (2015, p. 54) afirma que a grande diferença que separa a identidade surda e a identidade ouvinte é o fato de os surdos serem surdos em relação à experiência auditiva e não em relação à experiência visual. Desta forma, a identidade surda se constrói dentro de uma cultura primordialmente visual, sendo necessário que se entenda essa diferença não como uma construção isolada, mas como construção multicultural (PERLIN, 2015, p. 56). Podemos ainda ir além e dizer que o surdo é privado da experiência auditiva completa e não das demais experiências sensoriais, tornando-se até mesmo mais atento às manifestações dos outros sentidos.

Sou um ser humano normal, com uma identidade. [...]. Para mim, a língua gestual corresponde à voz, os meus olhos são os meus ouvidos. Sinceramente, não me falta nada. É a sociedade que me torna deficiente, que me torna dependente daqueles que ouvem (LABORIT, 2000, p. 89).

Concordamos com Skliar (1997, p.33), ao entender, portanto, que a construção das identidades surdas não depende da maior ou menor limitação biológica. Tal construção, na verdade, relaciona-se às complexas relações linguísticas, históricas, sociais e culturais. Mais ainda, concordamos também com Ladd (2003, p. 3) quando este afirma que "ser surdo" não é uma condição médica estática como a "surdez". Ao contrário, representa um processo, onde existe a luta de cada pessoa surda e de sua família para explicar a si mesmo e uns aos outros sua própria existência no mundo. Ao compartilhar sua existência uns com os outros e em uma comunidade, as explicações são trocadas por relações cotidianas em uma constante vivência de significados do que é "ser surdo".

Assim, podemos finalizar esse tópico entendendo que a identidade surda é uma construção que só poderá ser feita e representada por surdos, por meio de sua vivência e interpretação de mundo predominantemente visual, mas também sensível, alicerçada em uma cultura híbrida e multifacetada que é a cultura surda.

## **2.5 Uma das Representações Surdas: A Língua de Sinais**

No item anterior, foi possível delinear o entendimento do que vem a ser as identidades surdas, entendidas não de maneira rígida, mas mediante a identificação do indivíduo com os significados e as vivências que o representem. Dentre tais representações, há de se destacar a relevância da Língua de

Sinais para constituição do sujeito surdo, inserindo-o nos contextos circundantes, dando-lhes voz de modo a serem representados e apresentados ao mundo.

Fato é que todo ser humano é um ser interativo, comunicativo. Desde muito pequena, a criança que é exposta a uma forma de linguagem tende a se comunicar. E é essa comunicação com o mundo ao redor que permite que as pessoas possam desenvolver seu intelecto e suas relações sociais.

O suíço Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna, no seu livro *Curso de Linguística Geral*, expõe as características da Língua e da Linguagem. Ele afirma que a linguagem tende a ser relacionada com a capacidade humana que permite a expressão, mas devido à sua instabilidade e complexidade, não pode ser limitada a uma definição de naturalidade. Para ele, porém, é a língua que faz a unidade da linguagem, pois o argumento de que a faculdade – natural ou não – de se articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade. A língua é, então, algo adquirido e convencionado (SAUSSURE, 2006, p. 17).

A língua, para ele, "não se constitui uma função do falante". É parte social de uma linguagem, que é exterior ao indivíduo e este não pode nem criá-la nem modificá-la, tendo o indivíduo necessidade de aprendizagem para compreender seu funcionamento. Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua é homogênea (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Para Saussure (2006, p.79-81), a língua é um sistema de *signos* que exprimem ideias. Os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associações. Assim, os *signos* constituem-se da combinação de *significado* e *significante*, onde o significado apresenta o conceito (conhecimento prévio) e o significante a imagem acústica (representação sonora).

Ratificando a ideia apresentada até aqui, Quadros (2004, p.7-8) apresenta a língua como sendo um sistema de signos compartilhado por uma comunidade linguística comum. A língua, portanto, é um fato social, um sistema coletivo de uma determinada comunidade linguística, sendo a expressão linguística que é tecida em meio a trocas sociais, culturais e políticas. Ela afirma ainda que a linguagem pode ser entendida num sentido mais amplo, ou seja, incluindo qualquer tipo de manifestação de intenção comunicativa.

Lane, Pillard e Hedberg (2011, p. 17) afirmam ainda que a língua é um meio de comunicação, mas também é a fornecedora de cultura, incluindo tradições, rituais, normas, valores e de linguagem artística. Ela é capaz de captar a própria essência de um grupo e evocar memórias de seu passado em comum.

A língua, transmitida através das gerações, dá continuidade ao passado. É um símbolo da etnicidade e identidade, e uma força de coesão social. Não existe expressão mais autêntica de um grupo étnico do que a sua língua (LANE, PILLARD e HEDBERG, 2011, p. 17, tradução nossa).

É interessante o que Gesser (2009, p. 63) destaca: os surdos e ouvintes que usam e valorizam a língua de sinais assumem uma postura positiva frente à surdez. Ela exemplifica que em algumas comunidades acadêmicas norte-americanas já é possível notar certa autonomia identitária, cultural e linguística, o que corrobora "um senso coletivo crítico de que a surdez como problema é uma construção do mundo ouvinte".

No Brasil, temos duas línguas reconhecidas como oficiais: a Língua Portuguesa, reconhecida no Art. 13 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), e a Libras (Língua Brasileira de Sinais), que teve seu reconhecimento como meio legal de comunicação e expressão na Lei 10.436, de 2002 (BRASIL, 2002).

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

É importante apontar que a Libras não é uma variação da Língua Portuguesa, mas sim uma língua diferente. A língua de sinais tem estrutura própria, sendo autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística (GESSER, 2009, p.33). Skliar (2015b, p. 24) afirma, porém, que a língua de sinais e a língua na modalidade oral não se constituem em uma oposição. Na verdade, são línguas que se utilizam de canais diferentes de recepção e para transmissão de capacidade humana e mental de linguagem. Enquanto a língua de sinais é baseada nas experiências visuais das comunidades surdas mediante as interações culturais surdas, a Língua Portuguesa constitui-se baseada nos sons (QUADROS, 2004, p.84).

Quadros (2004, p.9) corrobora essa noção ao expor as diferentes modalidades de línguas existentes: oral-auditiva, visual-espacial, gráfica-visual. Ela explica que uma língua falada, ou seja, oral-auditiva, é aquela que utiliza a audição e a articulação por meio do aparelho vocal para compreender e produzir os sons que formam as palavras dessas línguas. Já uma língua sinalizada é essencialmente visual-espacial, isto é, tem como base a visão e o espaço para compreender e produzir os sinais que formam as palavras nessas línguas. É interessante destacar que ambas as modalidades podem ter representações numa modalidade gráfica-visual, logo podem ter uma representação escrita.

A sociedade, de modo ampliado, concebe fala como sentido de produção vocal-sonora. A verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais (Gesser, 2009, p.55).

A língua de sinais, portanto, é uma língua essencialmente visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo. Como uma língua percebida pelos olhos, as línguas de sinais são expressas "sem som e no espaço" (QUADROS, 2004, p.19-20).

Saussure (2006, p.17) ao citar Whitney, ratifica essa questão:

[...] para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de **comodidade** que nos servimos do **aparelho vocal como instrumento da língua**; os homens poderiam também **ter escolhido o gesto** e empregar **imagens visuais em lugar de imagens acústicas** (grifo nosso).

Vygotsky (1896–1934) reitera tal entendimento ao afirmar que

**A linguagem não depende necessariamente do som.** Há por exemplo a linguagem de sinais dos surdos-mudos e a leitura dos lábios, que é também interpretação de movimentos. [...] Em princípio, **a linguagem não depende da natureza do material que emprega.** O meio de expressão não está em causa; o que importa é o **uso funcional dos signos**, de quaisquer signos que possam desempenhar um papel correspondente ao da linguagem humana (VYGOTSKY, 2001, p. 41-42, grifo nosso).

A partir de tais explanações, podemos constatar que a forma de expressão de uma língua pode ser variada, o que corrobora a legitimidade das línguas de sinais. Quadros e Karnopp (2004, p. 30) afirmam que as línguas de sinais são, portanto, entendidas pela linguística como línguas naturais, um sistema linguístico legítimo e não como uma adversidade do surdo ou como uma patologia da linguagem. Skliar (1998, p. 49) reafirma essa noção ao dizer que é necessária a compreensão de que, ao contrário do que muitos supõem, as criações das línguas de sinais não ocorreram em decorrência da perda auditiva e do fato de esta impedir os surdos de um acesso à oralidade. Se assim fosse, as línguas de sinais seriam como um prêmio de consolação para os surdos e não um processo e um produto construído historicamente e socialmente por essas comunidades.

Gesser (2009, p. 21-22) complementa a exposição anterior ao declarar que é necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais.

[...] a língua não dependia da nossa capacidade de falar ou escutar, mas sim da capacidade mais abstrata do cérebro. Era o cérebro que tinha a língua e se essa capacidade estivesse bloqueada num canal, ela surgiria através de outro canal (LANE, 1992, p. 28).

A língua de sinais dos surdos, desta forma, é uma língua natural, que evoluiu como parte de um grupo cultural do povo surdo. Em contraponto, as línguas de sinais não são artificiais, isto é, construídas e estabelecidas por um grupo de indivíduos com algum propósito específico (GESSER, 2009, p.12).

Sá (2002) ressalta que não é enfatizado que os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, passando de geração em geração, uma língua natural, complexa, abstrata, em uma modalidade de recepção e produção diferente da que utilizam os ouvintes: a modalidade visual-gestual. Ela afirma também que muitos ainda acreditam que as línguas de sinais foram inventadas por professores de surdos como recurso educacional ou comunicativo, desconhecendo que na verdade são fruto de um processo construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas, até mesmo como produto histórico de sua resistência à dominação (SÁ, 2002, p. 107-108). Como expõe Lane (*apud* GESSER, 2009, p.11), "a língua dos surdos é transmitida cada vez que uma mãe surda segura seu bebê em seu peito e sinaliza para ele".

O pesquisador norte-americano William Stokoe foi de fundamental importância para o reconhecimento e legitimação das línguas de sinais. Na década de 1960, com o apoio de seus colegas da Gallaudet University, ele foi o primeiro a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes. Percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças (LANE, 1992, p. 28; QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30)

Desta forma, hoje é possível afirmar que a língua de sinais cumpre todas as funções de uma língua natural, com estruturação própria e que atende a todas as características de linguística para ser configurada como tal: sintaxe (estrutura), semântica (significado), morfologia (formação de palavra), fonologia (unidades que constituem uma língua) e pragmática (contexto conversacional). Além disso, tais línguas são consideradas recursivas (a partir de um número reduzido de regras, são produzidos um número infundável de frases possíveis); são criativas (ou seja, independentes de estímulo); dispõem de uma multiplicidade de funções (função argumentativa, função poética, função conotativa, função informativa, função persuasiva, função emotiva, etc.) e apresentam dupla articulação (as unidades são decomponíveis e apresentam forma e significado) (QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 2004).

Stokoe ainda notou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior, constituídos por um conjunto de elementos. Fazendo uma analogia com os fonemas da fala, comprovou que, a princípio, cada sinal apresentava pelo menos três partes independentes: a localização, a configuração das mãos e o movimento - e que cada parte possuía um número limitado de combinações (LANE, 1992, p. 28; QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30)

Apesar de toda complexidade das línguas de sinais e do fato de estas apresentarem todos os níveis de análises da linguística tradicional, a ideia de sua desvalorização ainda persiste, uma vez que por vezes a língua de sinais é vista como uma mescla de pantomima e de sinais icônicos (QUADROS, 2004, p.20; SKLIAR, 2015b, p.24). Gesser (2009, p.21) esclarece que a pantomima procura fazer com

que o interlocutor veja o "objeto", enquanto o sinal pretende mostrar o símbolo convencionado para esse objeto.

Outra ideia bastante difundida a respeito da língua de sinais é de que elas seriam como uma soletração. Isso não procede, já que as línguas de sinais não se limitam a um código restrito de transposição das letras do alfabeto (GESSER, 2009, p.8).

Cabe dizer que existe sim a soletração na língua de sinais, assim como existe na Língua Portuguesa, por exemplo, mas o ato de soletrar não é um meio com um fim em si mesmo. Frequentemente palavras soletradas podem e de fato serão substituídas por um sinal. Deste modo, pode-se dizer que tal recurso funciona potencialmente nas interações para incorporar sinais a partir do entendimento conceitual entre os interlocutores: apreendida a ideia, são convencionados os sinais para substituir a datilologia de um dado vocábulo (GESSER, 2009, p.30). Isso é o que ocorre, por exemplo, com os nomes próprios. Ao se apresentarem, as pessoas soletram seus nomes, mas àquelas que ainda não possuem, é dado um sinal nominal.

Outra concepção, que faz parte do senso comum, é de que as línguas de sinais seriam universais. Tal questionamento, tido de fato como se fosse o óbvio, implica em uma tendência implícita de simplificar a riqueza linguística, sugerindo que talvez para os surdos fosse mais fácil se todos usassem uma língua única, uniforme (SKLIAR, 2015b; GESSER, 2009; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Gesser (2009, p.12) questiona: "Mesmo que do ponto de vista prático tal uniformidade fosse desejável, seria possível a existência, nos cinco continentes, de uma língua que, além de única, permanecesse sempre a mesma?" Tal ideia é refutada em um experimento de comunicação referencial realizado por Jordan e Battison (1976 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p.32) onde, através da pesquisa com surdos de sete diferentes países, os pesquisadores concluíram que uma língua de sinais não é transparentemente inteligível por surdos monolíngues de outra língua de sinais. Isto é, cada país tem sua própria língua de sinais.

Pode-se então confrontar a concepção da universalidade argumentando que as mesmas razões que explicam a diversidade das línguas faladas se aplicam à diversidade das línguas de sinais: a influências de uso pelos surdos de todas as sociedades, considerando seus atributos geográficos e culturais (QUADROS; KARNOPP, 2004; GESSER, 2009).

Resumidamente, podemos afirmar que a línguas de sinais são constituídas por uma modalidade linguística que se utiliza do canal visual-espacial, sendo uma língua natural, autônoma, que não se configura em mímicas e que não é universal em todos os países. Neste contexto, podemos citar Saussure (2006, p. 18), que concorda com Whitney e diz:

No ponto essencial, porém, o linguista norte-americano nos parece ter razão: a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A **questão**

**do aparelho vocal** se revela, pois, **secundária no problema da linguagem** (grifo nosso).

Referenciado pelo cenário exposto até aqui, concordamos com Quadros e Karnopp (2004, p.29) e entendemos que a função primária da língua é a comunicação e a expressão do pensamento.

Considerando que os surdos compõem um grupo que possui uma língua própria, segundo Silva (2003), eles conseguem adquirir uma competência na linguagem, principalmente pela Língua de Sinais, permitindo que eles tenham um desenvolvimento como o de qualquer outra pessoa, em todos os aspectos: linguísticos, emocionais, sociais e cognitivos.

Neste contexto, a Língua de Sinais – a Libras, se tratando do caso do Brasil –, é uma característica definidora da identidade das pessoas surdas, sobrepondo-se ao status auditivo delas.

[...] é a legitimidade da língua que confere ao surdo alguma "libertação" e distanciamento dos moldes e representações até então exclusivamente patológicos. Tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência - vinculada às lacunas na cognição e no pensamento - para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural (GESSER, 2009, p.9-10).

O oposto a isso pode ocorrer se não houver o entendimento de que a comunicação e a língua dos surdos tendem a se basear em aspectos de visão, espaço, movimento corporal e materialidade. O neurologista e escritor Oliver Sacks, aborda em seu livro *Vendo Vozes* (SACKS, 2010) a descoberta de um novo mundo – o da surdez. Ao longo do texto, o autor traz relatos de diversas experiências que fizeram com que ele passasse a enxergar a surdez além da deficiência. Um dos pontos do seu discurso questiona acerca do fato de frequentemente as pessoas considerarem a surdez "menos grave" que a cegueira. Ele prossegue afirmando que, para ele, a surdez é potencialmente mais nefasta. Isso, porque, durante anos, os surdos de nascença, ou os que assim ficaram em idade pré-linguística, foram delegados à indiferença e à ignorância, incapacitados de adquirirem e compartilharem informações, sendo recorrentemente considerados como deficientes mentais.

Vivi no silêncio porque não comunicava. Será isso o verdadeiro silêncio? A escuridão completa da incomunicabilidade? (LABORIT, 2000, p. 14)

Baseando-se em Vygotsky, Gesser (2009, p. 76-77) corrobora tal noção ao dizer que o surdo pode e desenvolve suas habilidades cognitivas e linguísticas ao lhe ser assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transita desde que não venha a ter outro impedimento. A autora corrobora que não é a surdez que prejudica o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua, que pode ocasionar transtornos de relacionamento (indivíduo solitário,

irritado, agressivo, nervoso) ou até mesmo comprometer o desenvolvimento de suas capacidades mentais.

E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro — sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas (SACKS, 2010, p. 19).

Gesser (2009, p.57-58) ratifica tal entendimento ao afirmar que as dificuldades por vezes apresentadas por surdos na escolarização não dizem respeito à dificuldade intelectual e sim de oportunidade. Oportunidade de acesso a uma escola que reconheça as diferenças linguísticas, que promova acesso à língua padrão e que, no caso dos surdos, tenha professores proficientes na língua de sinais, permitindo a alfabetização na língua primeira e natural dos surdos.

Fato é que a aquisição do conhecimento está muito relacionada à capacidade que se tem de receber informação e elaborá-la adequadamente, e como a maior parte da informação é transmitida por meios de comunicação que utilizam a linguagem oral, a pessoa surda pode apresentar dificuldades nesse aspecto. Por isso, para que a criança surda venha a ter capacidade intelectual semelhante à da ouvinte, ela deve adquirir e internalizar uma língua desde pequena (SILVA, 2003). Neste sentido, pode-se afirmar que, se não forem abertas as portas para a língua de sinais, desde criança, o surdo tende a ter sua capacidade de organizar o pensamento e significar afetadas (SACKS, 2010).

Reily (2003) diz ser inevitável que algum sistema semiótico seja necessário para significar o mundo. Entretanto, serão as possibilidades de acesso e contato do ser com o ambiente social que determinarão o tipo de sistema semiótico mais condizente para a constituição da linguagem e do pensamento. E este é o ponto fundamental sobre a importância da língua de sinais: a língua é imprescindível para que o surdo possa se constituir como sujeito do e no mundo (SILVA, 2003).

Vygotsky (2001, p. 5) afirma que "a estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com que esta pessoa percebe o universo". A partir dessa constatação e associando-a ao fato de a língua de sinais ser uma língua visual-gestual, podemos inferir que a construção do mundo percebido pelo surdo é uma construção espacial, sendo o meio físico circundante de grande relevância para a estruturação do sentido. Assim, entendemos que as representações simbólicas experimentadas pelos surdos estão intimamente associadas à sua língua, à sua identidade e à sua cultura.

### **3 EXPERIÊNCIA ESPACIAL, PAISAGEM SONORA, SOM E SURDEZ**

Este capítulo é iniciado buscando-se apresentar e entender a relação do corpo humano com o espaço em que este está inserido, mais particularmente em relação ao espaço sensível. Isto é, almejamos apreender melhor o papel dos sentidos na vivência espacial. O item seguinte visa apresentar alguns dos elementos estruturantes desse espaço, procurando demonstrar quais são os elementos que contribuem para que o homem perceba o espaço que o rodeia. Em seguida, busca-se compreender a relevância das manifestações sonoras para as pessoas, principalmente no contexto urbano. Neste sentido, o intuito é averiguar como o som se manifesta e quais as percepções que ele pode ocasionar ao ser humano. Por fim, é abordado acerca do vínculo do surdo com o som – ou com a ausência dele. Será que o som é capaz de interferir na vida da pessoa surda? A discussão e entendimento de tais questões são as motivações deste capítulo.

#### **3.1 Corpo e espaço sensível: o papel dos sentidos na experiência espacial**

Adentramos neste capítulo visando entender melhor a importância da relação entre o corpo e o espaço no qual estamos inseridos, considerado sob a ótica dos sentidos e da experiência. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 108; 337) o meu corpo será o meu ponto de vista sobre o mundo; a posse do corpo traz consigo o poder de compreender o espaço. É essa compreensão do poder do corpo sobre o mundo, por meio da percepção, que irá oferecer um espetáculo variado e articulado, recebendo como resposta minhas intenções motoras que, desdobrando-se, recebem do mundo a resposta que esperam.

O corpo, segundo Tuan (1983, p. 40; 42), não apenas ocupa o espaço, mas o dirige e o ordena segundo a sua vontade, sendo um “corpo vivo”. O homem, apenas com sua presença, irá propor um esquema no espaço, ainda que inconscientemente. E essas elaborações e interações variam de acordo com a cultura, ainda que certos termos e valores sejam comuns ao corpo humano.

Aquele que sente e o sensível não estão um diante do outro como dois termos exteriores, e a sensação não é uma invasão do sensível naquele que sente. É meu olhar que subentende a cor, é o movimento de minha mão que subentende a forma do objeto, ou antes meu olhar acopla-se à cor, minha mão acopla-se ao duro e ao mole, e nessa troca entre o sujeito da sensação e o sensível não se pode dizer que um aja e que o outro padeça, que um dê sentido ao outro. Sem a exploração de meu

olhar ou de minha mão, e antes que meu corpo se sincronize a ele, o sensível é apenas uma solicitação vaga (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 288-289).

Portanto, será a disposição do nosso corpo no espaço que permitirá que ele compreenda e responda às diferentes interações espaciais que nos serão apresentadas, de acordo com os nossos sentidos. Bem como automaticamente podemos subir e descer uma escada, instintivamente, a pessoa surda poderá desenvolver hábitos e respostas próprias a partir da interação de seus sentidos com o espaço, permitindo que elas lidem melhor com o meio em que estão e integrando a ação ao seu espaço corporal. Merleau-Ponty (1999, p. 200) afirma que compreender é experimentar o acordo entre o que visamos e o que nos é dado, entre a intenção e efetuação, sendo o nosso corpo o nosso ancoradouro no mundo. Pallasmaa (2011, p. 57) ainda corrobora tal ideia ao afirmar que “o corpo sabe e lembra”. Neste sentido, pode-se dizer que guardamos memórias das experiências vividas, de acordo com os sentidos que experimentamos em determinado espaço e tempo.

O arquiteto e antropólogo polonês Amos Rapoport (1929-) afirma que o processo de percepção ambiental é resultante de três etapas: percepção, cognição e avaliação (RAPOPORT, 1977, p. 47). Segundo ele, a **percepção** é um processo que envolve a interação entre o observador e o ambiente, sendo uma resposta sensorial direta às coisas e aos lugares. Isto é, antes de ser atribuído significado aos espaços, eles precisam ser notados através dos estímulos (RAPOPORT, 1977, p. 178). Já a **cognição** é a informação pré-codificada. Ela implica em uma busca por uma ordem – espacial, social e temporal - e envolve o processo de abstrair e criar conceitos, compreendendo e tornando o ambiente significativo (RAPOPORT, 1977, p. 109). Por fim, a **avaliação** configura-se como sendo uma resposta comportamental às outras duas etapas, em uma ação sobre o lugar.

Em se tratando do universo surdo, podemos de antemão dizer que durante este processo de percepção ambiental, estes três pontos – a começar com o primeiro – podem apresentar peculiaridades em relação à experiência dos ouvintes. No caso da **percepção**, acreditamos que o surdo tende a sentir o mundo pelas vibrações, cheiros, tato, pele, mas principalmente através da visão. É pela sua visão focada aos detalhes, às cores, aos movimentos, que ele irá perceber o espaço que o rodeia. A **cognição**, por sua vez, está intimamente relacionada à língua de sinais, uma língua visual-gestual. É por meio de tal língua que é proporcionado ao surdo o acesso ao conhecimento, seja ele acadêmico ou não. Entendemos que a construção do aprendizado e a estruturação do sentido estão estritamente relacionadas à sua relação com o espaço. Por fim, entendemos que a maneira como se dá a **avaliação**, isto é, como o surdo irá transformar sua percepção e cognição em ação, faz parte parcialmente dos objetivos desse trabalho, ou seja, como o surdo irá transformar sua percepção e cognição em ação, associando à sua representação sonora àquilo que por ele é percebido e interpretado culturalmente.

Ainda sobre a questão acima abordada, podemos dizer que Duarte *et al.* (2006, p. 1) corroboram tal ideia ao afirmar que desde o primeiro contato do homem com o ambiente há uma inter-relação dinâmica entre os nossos sentidos, percepção, memória, valores culturais e o espaço em que estamos imersos. Sentimos, carregamos essas informações de significados, para então passar a perceber, a reavaliar o ambiente, para poder senti-lo novamente, em meio a um diálogo incessante. A realidade dirige ao homem estímulos sensoriais captados pelos cinco sentidos. Após essa apreensão, entra em ação a racionalidade, em que irão atuar diversos filtros, a motivação, a avaliação e a conduta do sujeito. Esse processo culmina em uma organização mental, em que a realidade percebida é representada por esquemas e imagens mentais.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 474), o corpo é uma “potência de condutas”, sendo dado a mim um certo poder sobre o mundo, através das intenções e da maneira de tratar o mundo. Penna (1982), ao falar do processo perceptivo, considera as sensações como uma etapa inicial e a conduta como resultado da percepção. Para este autor, a conduta implica em uma readaptação do indivíduo ao meio percebido. “Perceber, de fato, é conhecer para, com base nos dados recolhidos, promover-se a coordenação da conduta” (PENNA, 1982, p. 18). Neste aspecto, Duarte (2015) afirma que, a partir da experiência sensorial que temos no decorrer da nossa existência, nosso corpo constrói as noções da espacialidade que são usadas no processo de cognição dos lugares. Segundo ela, nós usamos nossa memória corporal para nos imaginarmos em um espaço. Como exemplo, ela cita o cansaço antecipado que sentimos ao olharmos para o alto de uma escadaria, pois nossa experiência nos tornou aptos a compreender as distâncias, o esforço e o ritmo que será feito no deslocamento e, conseqüentemente, o tempo que levaremos para chegarmos lá. A experiência do corpo é sempre uma experiência no espaço e no tempo (DUARTE, 2015).

Fato é que o senso do espaço no homem está intimamente relacionado com seu senso de “eu” que, por sua vez, encontra-se em íntima transação com o meio ambiente. O homem tem em si aspectos visuais, cinestésicos, táteis e térmicos cujo desenvolvimento pode ser inibido ou encorajado pelo meio ambiente (HALL, 1977, p. 66).

Portanto, nosso corpo se relaciona com o ambiente por meio de uma troca sensorial constante e incessante, onde, após sensivelmente experimentada por meio de elementos espaciais, poderá perceber significados culturalmente adquiridos e contribuem para uma conduta dinâmica. Le Breton (2007, p. 8) afirma que, seja como emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente, inserindo o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. Neste sentido, Hall (1977, p. 15) ratifica que a relação entre o homem e a dimensão cultural permite que o homem e seu ambiente participem da formação um do outro. Mais ainda, a cultura determina a maneira como o homem irá perceber o mundo (HALL, 1977, p. 166).

Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho dos recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio da minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim (PALLASMAA, 2011, p. 37-38).

Portanto, a associação simbiótica entre corpo-espaço é que tende a proporcionar a troca e sincronia na experiência sensível. Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 149), não haveria espaço se eu não tivesse corpo, sendo na ação que a espacialidade do corpo se materializa, isto é, é através do corpo em movimento onde melhor se vê como ele habita o espaço (e também o tempo). Para o autor, o corpo está no mundo assim como o coração está no organismo: ele mantém o espetáculo visível, anima-o e alimenta-o interiormente, formando com ele um sistema (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 273).

Mediante essa noção de integralidade entre o espaço e corpo, na qual ambos interagem mutuamente e se influenciam, sendo um mensurado pelo outro, Pallasmaa (2011, p. 61) afirma que nós contemplamos, tocamos, ouvimos e medimos o mundo através de nossa existência corporal, sendo o mundo que experimentamos organizado e articulado em torno do centro de nosso corpo.

De acordo com Hall (HALL, 1977, p. 50), tal existência corporal ocorre por meio do aparelhamento sensorial do homem que, segundo o autor, insere-se em duas categorias de classificação: os *receptores à distância*, que são aqueles que se relacionam com o exame de objetos distantes, sendo eles os olhos, os ouvidos e o nariz; e os *receptores imediatos*, que são os empregados para examinar o mundo de perto, sendo o mundo do tato, das sensações que percebemos na pele, membranas e músculos.

Apesar dessa categorização, podemos dizer que tais receptores trabalham em conjunto. Tal interação sensorial, por meio da qual coexiste a harmonia dos sentidos, é chamada por Bachelard<sup>5</sup> de “Polifonia dos sentidos” (BACHELARD, 1996, p. 6). Pallasmaa (2011, p. 39) ratifica esta ideia ao afirmar que toda a experiência com a arquitetura – e podemos também inferir o espaço urbano como arquitetura – é multissensorial. As características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos, reforçando a experiência existencial e nossa sensação de pertencer ao mundo, sendo essa essencialmente uma experiência de reforço de identidade pessoal. Em vez de mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem-se entre si.

---

<sup>5</sup> Filósofo e poeta francês (1884-1962) cujos estudos abordam principalmente questões referentes à Filosofia da Ciência.

[..] nossos objetos de percepção sensorial penetram um no outro e, assim, promovem uma experiência existencial completa que une o mundo e o observador em uma unidade inseparável. Nós não nos limitamos a ver, ouvir, tocar, cheirar e degustar o mundo como observadores externos; nós existimos e vivemos em seu próprio intestino (PALLASMAA, 2013, p. 53).

Kohlsdorf (1996, p. 56) diz que as sensações cumprem uma função específica junto às expectativas sociais de orientar-se no espaço e de identificar os lugares. Tal papel se articula ao sujeito que apreende segundo as condições de seu sistema sensorial e às características do meio ambiente, podendo variar tanto a qualidade receptora dos indivíduos quanto também a distinta oferta de sinais pelo espaço que nos abriga. Hall (1977, p. 66) corrobora esta noção ao afirmar que a relação do homem com seu meio ambiente depende de seu aparelhamento sensorial e da maneira como este é condicionado a reagir.

Duarte (2012), ao se referir aos espaços urbanos, em particular, diz que os processos de apropriação passam pelo reconhecimento da realidade sensorial das ambiências da cidade. Ao considerar que o corpo é o aparelho sensível que capta a percepção do mundo com o qual interagimos, ela afirma que o reconhecimento se dá não apenas quando o corpo penetra na ambiência urbana, mas, sobretudo, quando esta ambiência penetra nosso corpo. Uma maneira de situar o corpo nessa atmosfera urbana seria ouvirmos sons distintos que caracterizam os locais urbanos, sentir seus cheiros, sua luz, suas cores, suas diferenças de temperatura e de velocidade do vento (e do tempo) batendo na pele. Ter consciência dessa atmosfera, reconhecendo-a em seu suporte espacial, propicia a experiência e a interação na ambiência urbana.

Nesse aspecto, o espaço da experiência humana é vivenciado por intermédio do corpo e de tudo que o meio nos apresenta, sobretudo sensivelmente. Isso quer dizer que ainda que experimentemos o mundo materialmente falando, deixamos e coletamos percepções que transpassam a noção física, isto é, estamos constantemente experimentando por meio de um mundo sensorial, onde eu sou influenciado pelos espaços que percorro bem como os influencio. Essas influências, porém, poderão ser interpretadas de maneiras diferentes, pois dependem não só das informações capturadas, mas também da bagagem dos indivíduos, tal qual sua história de vida, experiências, desejos, entre outros.

Hall (1977, p. 70) explica que dois indivíduos que não veem a mesma coisa mesmo que estejam usando os olhos em uma situação natural, ainda chocam algumas pessoas, uma vez que sugestiona que nem todos os homens relacionam-se da mesma maneira com o mundo em torno de si. Apesar de a distância entres os mundos perceptivos de duas pessoas da mesma cultura ser menor, ainda assim esta diferença provavelmente irá existir. Se pensarmos nas pessoas surdas inseridas na cultura surda, podemos inferir que elas também não têm uma percepção unânime de um espaço, como quaisquer

pessoas que compartilham de uma mesma cultura. Acreditamos, entretanto, que elas poderão interpretar o espaço de maneiras semelhantes, considerando-o a partir da supressão do sentido da audição e da manifestação e exploração dos demais sentidos.

Pallasmaa (2013) ainda corrobora a questão, ao afirmar que a experiência que o usuário terá no espaço é que transmite a mensagem poética e não a construção física em si. Ou seja, dado que a imagem corporificada é uma experiência vivida espacializada, materializada e multissensorial, as imagens poéticas simultaneamente evocam uma realidade imaginativa, tornando-se parte de nossa experiência existencial bem como de nossa identidade pessoal. Relacionando isso ao sujeito do nosso trabalho, concordamos com Silva (2008) que diz ser importante fortalecer na pessoa surda o mundo do imaginário, para que, por meio de práticas simbólicas, ela venha a organizar ainda melhor o real.

Para o entendimento dessa relação homem-espaço, almejamos não nos limitar à perspectiva do mesmo como sendo apresentado apenas concretamente a nós. Isto é, ainda que inegavelmente a noção formal e morfológica sejam fundamentais para a compreensão espacial, iremos incorporar também o ponto de vista de quem o experimenta, buscando compreender o espaço através da maneira como o homem utiliza o lugar, como o trata afetiva e cognitivamente. Trata-se, portanto, de um espaço vivido, carregado por experiências sensoriais (tátil, visual, auditiva, olfativa e cinestésica), além daquelas afetivas e sociais, determinando através das relações estabelecidas com ele, um conjunto de significações impregnadas de valores culturais próprios (FISCHER, 1984, p. 38). E é a partir dessa noção de influência recíproca entre corpo e espaço, através dos sentidos, que nos direcionamos ao próximo tópico, onde será apresentado quais os elementos estruturadores do espaço que contribuem para essa interação mútua, dinâmica e incessante.

### **3.2 Elementos estruturadores do espaço urbano**

Considerando que o espaço só pode ser experimentado através do corpo, física e sensivelmente, buscamos a compreensão de quais elementos contribuem para a leitura da estruturação do espaço urbano, isto é, da cidade. Conhecer uma cidade não é simples, sobretudo quando ela é vasta e cada geração veio depositar sua marca sobre aquela de gerações precedentes. Esse conhecimento da cidade não é mais apreendido a partir de um ponto fixo, mas sim pelo **descolamento**. Há um século o olhar que lançamos sobre a cidade é feito pela associação da imagem e do percurso, da imagem e do tempo (PANERAI, 2006).

De acordo com Rapoport (1980, p. 28), as pessoas irão agir de acordo com sua leitura do ambiente, sendo esta interpretada por pistas, códigos ou linguagens a elas compreensíveis. Assim, o

ambiente pode ser visto, em parte, como um processo de codificação de informações decodificáveis. Se esses códigos não forem culturalmente compartilhados, não serão compreendidos ou serão compreendidos de maneira inadequada, visto que a "linguagem" será estranha aos seus usuários. Assim, um aspecto importante da relação entre o homem e o ambiente culturalmente interpretado, será a organização de seus significados.

Como um dos aspectos que influenciam na interpretação dessas pistas, Rapoport (1980) cita a cultura, e que dentro do universo surdo, apresenta suas particularidades. Isto é, conforme vimos anteriormente, ainda que a cultura surda seja formada por indivíduos heterogêneos e em constante transformação, seu ponto de congruência se dá nas semelhanças decorrentes da sua forma de significar o mundo que, como vimos, se calca principalmente em sua língua, entendida como sendo um sistema semiótico prioritariamente espacial. Considera-se que, nas diferentes culturas existentes, os códigos poderão se tornar significativos ou não para a experiência espacial de cada pessoa, a depender da filtragem realizada por meio de sua própria cultura. Hall (1977, p. 71) ratifica tal entendimento ao afirmar que as pessoas criadas em culturas diferentes vivem em distintos mundos perceptivos e isto pode ser identificado tendo como base a maneira como se orientam no espaço, como se aproximam e se afastam de um lugar.

O espaço – seja ele arquitetônico, urbanístico, paisagístico ou livre - não se reduz às suas propriedades materiais, passando a ser, então, estruturado como uma linguagem, que comunica uma mensagem sobre seus ocupantes, sobre as suas funções (FISCHER, 1984). Como afirma Hall (1977), praticamente tudo que o homem é e faz vincula-se à experiência do espaço, em uma síntese de muitos insumos sensoriais. O espaço, portanto, não é relacionado apenas à sua condição estrutural física, mas também à sua condição experimental, conforme aponta Coelho Netto (1979, p. 78):

"[...] romper sua monotonia [do espaço], deixar de um lado um espaço que se vê para adotar um espaço que se percorre, um espaço onde o movimento é não só possível como exigido, um espaço enfim vivido”.

Entendendo que a relação do homem com e no espaço irá incorporar toda a carga perceptiva, cognitiva e analítica de sua existência, a evidenciação de sua experiência sensível passa a ser fundamental para a compreensão da arquitetura e também das cidades. Isto é, há de se considerar com veemência o panorama dos usuários dos espaços.

Neste sentido, Kevin Lynch (1918-1984), urbanista norte-americano, foi pioneiro em pesquisar a cidade sob o ponto de vista do usuário. Para ele, aquilo que se vê é baseado na forma exterior, mas a forma como isso se interpreta e organiza e como se dirige a atenção afeta, por sua vez, o que é visto (LYNCH, 1960, p. 144). Seu principal foco de estudo era compreender a **legibilidade** da paisagem das cidades, ou seja, ele pretendeu designar a facilidade com que as partes poderiam ser reconhecidas e

organizadas em uma estrutura coerente (LYNCH, 1960, p. 12-13). Lynch foi capaz de concluir que as pessoas eram capazes de notar e descrever o espaço, através do que ele denominou como "mapas mentais". A regularidade das informações resultantes dessa leitura espacial – perceptiva e cognitiva – possibilitou que ele estabelecesse cinco categorias de estruturação espacial, denominadas de elementos físicos perceptíveis. São elas as vias/caminhos, limites, bairros, cruzamentos/nós e pontos marcantes/marcos e podem ser descritas sucintamente (LYNCH, 1960, p. 58-59):

- **Vias/caminhos:** são os canais por onde o observador se move usual, ocasional ou potencialmente. Podem ser ruas, passeios, canais, dentre outros; as pessoas observam a cidade à medida que se deslocam por ela e outros elementos são organizados e relacionados ao longo dessas vias.
- **Limites:** são as fronteiras entre duas partes; tais limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis, que mantêm uma região isolada das outras ou podem ser “costuras”, linhas ao longo das quais as regiões se encontram e se relacionam.
- **Bairros:** São regiões urbanas de tamanho médio ou grande em que o observador penetra mentalmente e que reconhece como tendo algo comum e identificável.
- **Cruzamentos/nós:** são pontos, locais estratégicos de uma cidade, nos quais o observador pode entrar e constituem-se em focos para os quais ele se desloca. Geralmente são convergência de vias.
- **Pontos marcantes/marcos:** são também referências, mas neste caso o observador não está dentro, pois são externos. Normalmente são representados por um objeto físico: edifício, sinal, loja ou montanha.

Embora Lynch tenha sido um ponto de partida fundamental para a relação e definição subjetiva entre o homem e a cidade, há de se encarar tais categorias com ressalvas, uma vez que atualmente considera-se que existem variáveis, além da leitura da imagem, que podem afetar os resultados, tais quais escolaridade, sexo, idade, além de variáveis socioculturais e valores simbólicos, por exemplo.

Mas fato é que, como aponta Lynch (1960, p. 16), as imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio, de modo que o ambiente sugere distinções e relações, e o observador – por meio de adaptações e à luz dos seus objetivos próprios – seleciona, organiza e atribui sentido àquilo que vê. Em consequência, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores. Gibson (1968, p. 321) reafirma essa noção ao declarar que, embora todas as pessoas vejam o mundo de uma mesma maneira, elas irão estruturá-lo

e avaliá-lo de formas bastante diferentes, em função de suas vivências. Rapoport (1977, p. 380) também faz alusão ao assunto ao destacar a relevância da imagem que a pessoa tem de si mesma para compreensão do efeito do ambiente sobre a pessoa, implicando em sua interação e conduta.

Outra importante referência no estudo da relação do homem com as cidade é o arquiteto e urbanista inglês Gordon Cullen (1914-1994), que consolidou os estudos das paisagens urbanas (Townscape<sup>6</sup>). Cullen (2006, p. 195) afirma que o ambiente é construído de duas maneiras, que não necessariamente se opõem, mas se completam. A primeira maneira é objetivamente, pelo senso comum e pela lógica, e a segunda é subjetivamente, onde são empregados os valores subjetivos daqueles que habitarão o mundo. Assim, ele considera três aspectos para compreender as reações emocionais suscitadas pelo ambiente (CULLEN, 2006, p. 10). São elas:

- **Ótica:** é uma sequência de imagens que surgem ao se percorrer a cidade, em uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. É o que ele chama de "visão serial". O cérebro humano reage ao contraste, às diferenças, enchendo-se de vida pelo vigor e dramatismo, caso contrário, passa despercebida como uma cidade incharacterística e amorfa (CULLEN, 2006, p. 11).
- **Local:** refere-se às nossas reações perante a nossa posição no espaço (CULLEN, 2006, p. 11).
- **Conteúdo:** este último aspecto relacione-se com a própria constituição da cidade: a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza. (CULLEN, 2006, p. 13).

Cabe ressaltar que ambos os estudos realizados por Lynch (1960) e Cullen (2006) prezaram por construções metodológicas que considerassem também os aspectos subjetivos do espaço urbano e que corroboraram a influência mútua entre o homem e o espaço, fazendo alusão ao que percebemos e à forma como interpretamos os espaços.

Neste aspecto, Lynch (1960, p. 146) afirma que "o nosso mecanismo perceptual é tão adaptável que cada grupo humano pode distinguir as partes de sua paisagem, pode aperceber-se delas e dar significado a pormenores significativos". Mais ainda: "cada indivíduo cria e sustenta a sua própria imagem, mas parece haver uma concordância substancial entre membros do mesmo grupo" (LYNCH, 1960, p. 17). Podemos inferir assim que, como um grupo de brasileiros, por exemplo, surdos e ouvintes, construirão imagens até certo ponto semelhantes. Porém, ao se aprofundar na questão da vivência espacial, a distinção da experiência de cada um desses grupos tenderá a aproximar os

---

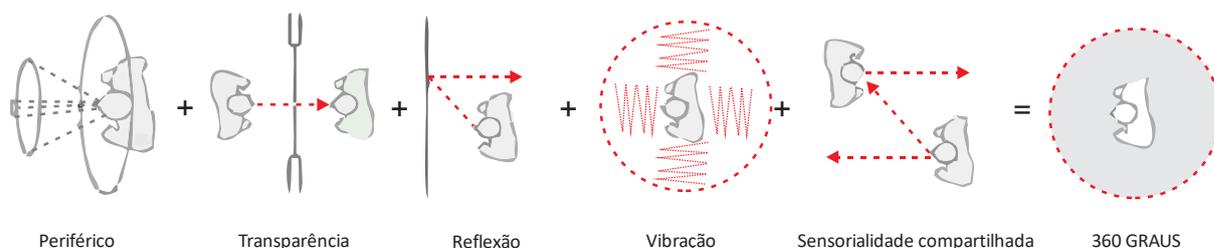
<sup>6</sup> A obra original foi lançada em 1961.

significados das imagens entre os grupos semelhantes. E é essa representação sonora e da paisagem construída por esse grupo de pessoas – os surdos – que estamos buscando identificar neste trabalho.

Ainda que não haja um delineamento estruturado dessa percepção das pessoas surdas no ambiente urbano, há de se destacar as abordagens já existentes para a apreensão do ambiente arquitetônico por essas pessoas, uma vez que esse conhecimento pode contribuir para identificação dos elementos na cidade. Neste sentido, destaca-se a abordagem conhecida como *DeafSpace* (em livre tradução, Espaço Surdo). Sob o comando do arquiteto Hansel Bauman, que trabalhou em conjunto com o Departamento de Estudos Surdos ASL na Universidade Gallaudet, nos Estados Unidos, a partir do ano de 2005 foram desenvolvidas as Diretrizes do *DeafSpace*, um catálogo com elementos arquitetônicos que abordam os cinco principais pontos de congruência entre as experiências surdas e o ambiente construído.

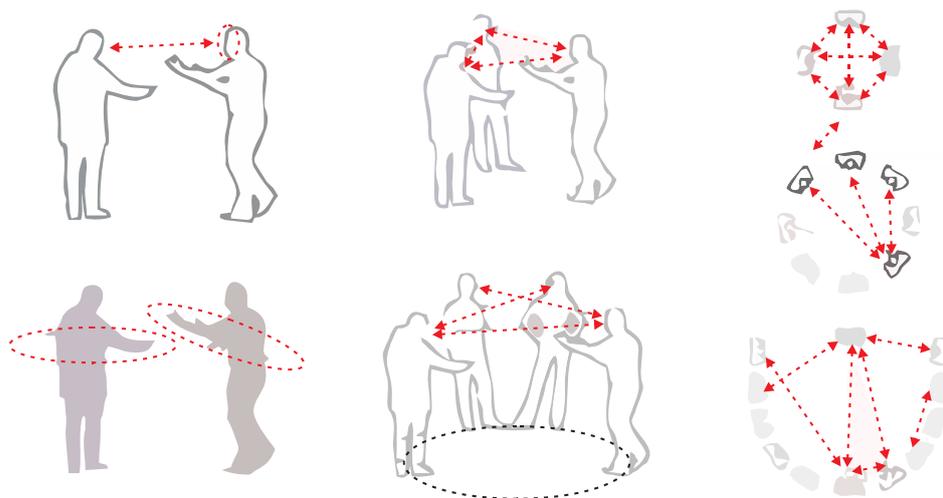
Alguns elementos se destacam na estruturação do espaço experimentado pela pessoa surda. Considerando que a maior parte do ambiente construído é edificado por e para as pessoas ouvintes, as pessoas surdas apresentam uma variedade de desafios, uma vez que tendem a responder de modo particular ao espaço no qual estão inseridas. Neste sentido, destacam-se cinco princípios do *DeafSpace*:

- **Alcance sensorial** - Engloba a orientação espacial e a consciência das atividades que ocorrem dentro de um determinado ambiente, capazes de proporcionar a sensação de bem-estar. Os surdos "leem" as atividades que os circundam de uma maneira que pode não ser tão evidente aos ouvintes, isto é, através de pistas visuais e táteis, como o movimento de sombras, vibrações ou até mesmo a mudança sutil na expressão ou posição das outras pessoas que estão ao seu redor. Muitos aspectos do ambiente construído podem ser projetados com a finalidade de facilitar tal consciência espacial "em 360 graus" (figura 1) e facilitar a orientação e conduzindo às melhores escolhas de percurso.



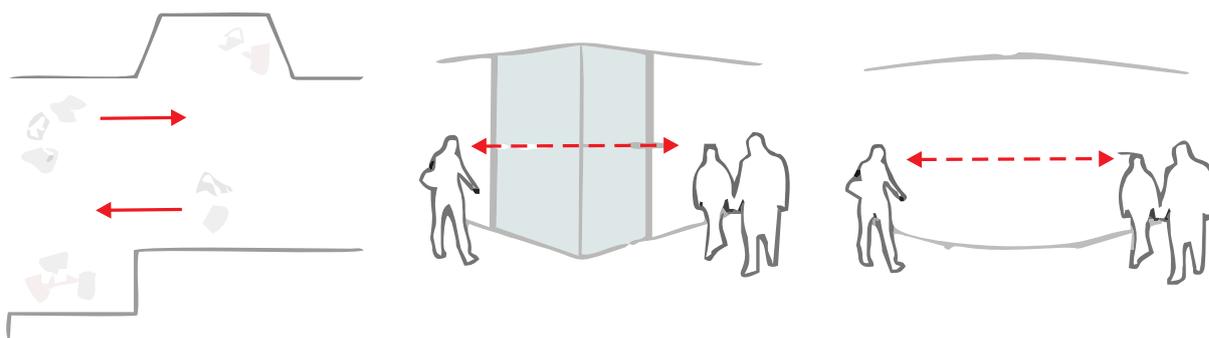
**Figura 1** – Exemplo do princípio de alcance sensorial (Fonte: a autora com base no DeafSpace).

- **Espaço e proximidade** – Este ponto indica que a distância entre os indivíduos deve permitir uma comunicação visual clara, possibilitando a leitura de expressões visuais e da espacialização da linguagem, que tende a ter uma dimensão maior do que em uma conversa falada. À medida que cresce o grupo de conversação, o espaço entre os indivíduos aumenta, a fim de permitir a conexão visual entre todas as partes. Esta dimensão espacial básica impacta no layout de mobiliário e na construção de espaços (figura 2).



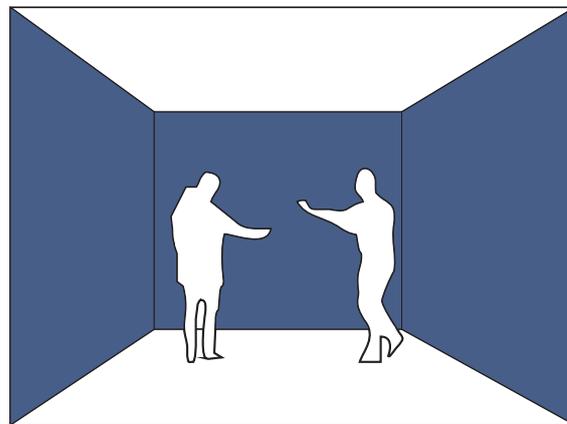
**Figura 2** - Exemplo do princípio de Espaço e Proximidade (Fonte: a autora com base no DeafSpace).

- **Mobilidade e proximidade** – Ao caminhar, as pessoas surdas tendem a manter uma distância maior para que haja uma comunicação visual clara. Além disso, o olhar irá se intercalar entre a conversa e seus arredores, buscando sempre a verificação de riscos no percurso e a manutenção da direção correta. À medida que o surdo sente segurança e menor risco de ter que alertar seu companheiro a respeito de alguma circunstância, poderá continuar sem interrupção. O projeto adequado de espaços de circulação e permanência é aquele que permite o movimento ininterrupto (figura3).



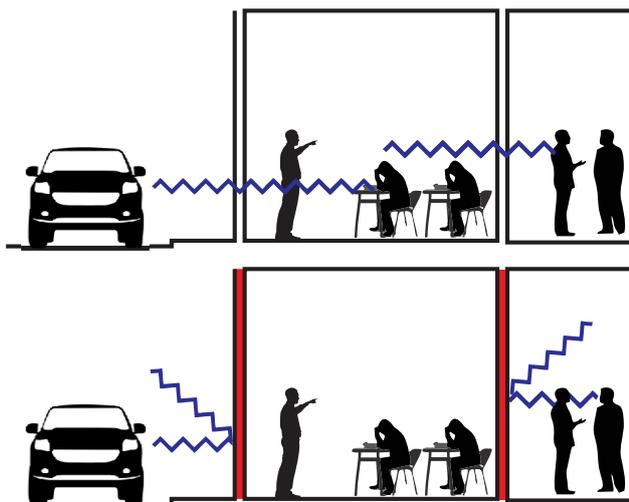
**Figura 3** - Exemplo do princípio de Mobilidade e Proximidade (Fonte: a autora com base no DeafSpace).

- **Luz e cor** – Más condições de iluminação, tais como brilho, padrões de sombra, luz de fundo, podem interromper a comunicação visual e contribuir para a fadiga ocular, levando à perda de concentração e até mesmo à exaustão física. A adequação da iluminação artificial e de elementos arquitetônicos capazes de controlar a luz natural são fundamentais para o fornecimento de uma luz suave e difusa, em sintonia com "os olhos surdos". A cor pode ser usada para contrastar o tom da pele e destacar a linguagem visual, facilitando também a escolha de melhores percursos visuais (figura 4).



**Figura 4** - Exemplo do princípio de Cor (Fonte: a autora com base no DeafSpace).

- **Acústica** – as pessoas surdas experimentam diferentes tipos e graus de audição e surdez. Muitos utilizam de dispositivos assistenciais, como aparelhos auditivos ou implantes cocleares, a fim de melhorar a percepção do som. Independentemente do nível de audição, a sensibilidade sonora pode se configurar em uma forma de distração, especialmente para aquelas pessoas que utilizam aparelhos auditivos. A reverberação ocasionada por ondas sonoras refletidas em superfícies rígidas, podem ser particularmente perturbadoras ou até mesmo dolorosas para estes indivíduos. Deste modo, os espaços adequados devem ser projetados a fim de reduzir a reverberação e minimizar outras fontes de ruído de fundo (figura 5).



**Figura 5** - Exemplo do princípio de Acústica (Fonte: a autora com base no Deafspace).

Comum a todas estas categorias apresentadas são as ideias de construção de uma comunidade, com base na linguagem visual e na promoção da segurança pessoal e bem-estar da pessoa surda, uma vez que tais diretrizes buscam estender a consciência sensorial e manter conexão visual. Apesar da contribuição e dos avanços que tal metodologia aplicada à arquitetura trouxe e ainda poderá trazer, cremos que tais diretrizes não possam ser diretamente transferidas para a análise da paisagem sonora-sensível no contexto urbano. Há de se observar, contudo, que tais pontos poderão contribuir para a ampliação do entendimento da questão, destacando parâmetros para a observação do ambiente construído como um todo.

Incorporando assim o universo das pessoas surdas, é possível retomar a importância da cultura e das sensibilidades inerentes a cada pessoa para apreensão do meio, considerando que todo indivíduo fará suas próprias seleções e filtrações de atributos espaciais. Pode-se então sugerir que os surdos, ainda que estejam inseridos em um mesmo ambiente que os ouvintes, criariam leituras espaciais distintas, uma vez que ainda que acessem as mesmas imagens, fariam escolhas adaptadas aos seus próprios objetivos e construções de realidade, interpretadas sensivelmente à luz de sua identidade e cultura. Mais ainda: podemos sugerir que a legibilidade que tais pessoas farão dos elementos estruturadores do ambiente urbano poderá contribuir para sua apreensão, interpretação e posterior análise de tal estrutura física que as cercam, uma vez que o percurso que fazem pela cidade denotará em respostas próprias. Assim, entendemos que tanto a estrutura física espacial da cidade quanto os elementos sensivelmente percebidos contribuem para o que chamamos neste trabalho de Paisagem Sonora além da Audição, explorada então a partir dos próximos itens.

### 3.3 Paisagem sonora: o som na perspectiva do ouvinte

As experiências mais ricas acontecem muito antes que a alma as perceba. E quando começamos a abrir os olhos para o que é visível, já nos tornamos fãos do invisível há muito tempo (Gabriele d'Annunzio *apud* PALLASMAA, 2013, p. 128).

Foi possível verificar, a partir das explanações precedentes, que uma pessoa, quando inserida em um determinado ambiente, tende a ser seduzida e estimulada por diversas manifestações que ocorrem no espaço, percebidas pelo nosso corpo através dos nossos sentidos. Esta relação sensível estabelecida de maneira espontânea entre o homem e o ambiente irá provocar – além do próprio estímulo físico – uma sensação de caráter subjetivo, evocando imagens e memórias próprias àquela pessoa. Tal vivência espacial é decorrente também de uma interpretação de uma estrutura física existente por meio de leituras da forma e da paisagem urbana.

Esta relação física e sensível entre homem e espaço, associada à bagagem que cada ser humano adquiriu ao longo de sua vida, permite que determinado ambiente possa ser percebido, interpretado e vivenciado de diferentes formas, considerando os recursos físicos e culturais inerentes a cada ser e modo de ser. Sentimos instintivamente, percebemos conscientemente e interpretamos culturalmente os espaços nos quais estamos inseridos. A experiência espacial, portanto, ainda que absorva influências coletivas, é individualmente explorada, uma vez que cada pessoa é única. Visto que este trabalho envolve a experiência de pessoas que vivenciam o espaço por meio da supressão de um dos sentidos – o auditivo –, precisamos compreender o que é o som e como ele é capaz de influenciar nesta construção espacial. Isso não no sentido de demonstrar o surdo como estando em uma situação deficitária, ao contrário, a fim de apurar e demonstrar os mecanismos sublimes de uma experiência visceral do espaço que só a vivência da surdez irá propiciar.

A partir de então, primeiramente nos perguntamos: o que é que está sendo denominado neste trabalho como sendo "som"? De acordo com Bauer (2002, p. 371-372), o som configura-se como sendo um evento material que atinge o sistema auditivo humano, sendo percebido por meio de suas características de sonoridade, altura, volume, densidade e complexidade. Suas variações permitem que façamos distinções e classificações sonoras. É possível distinguirmos, dentro de um espectro de sons, os sons naturais – tais como a brisa ou o canto dos pássaros – e os sons artificiais – como a música intencionalmente produzida – ou o ruído – o som não desejado e até mesmo prejudicial às atividades humanas. Schafer (1991, p. 68-69) corrobora essa ideia ao dizer que o negativo do som musical é o ruído, o som indesejável; e ainda "ruído é qualquer som que interfere, é o destruidor do que queremos ouvir". Rego (2006, p. 39) concorda com a questão afirmando que o ruído nasce a partir de uma

linguagem não compreendida, sendo definido também como qualquer som não compreendido culturalmente.

O som, com todas as suas variações – presenças e ausências –, influencia e altera a percepção que temos de um espaço, contribuindo para transformá-lo ou não em um lugar. "Ambiente não é apenas aquilo que é visto" (SCHAFER, 1991, p. 198). Embora a visão possa ser fundamental para a percepção espacial, os sons, os odores e as sensações térmicas, mesmo que efêmeros e dinâmicos, não podem ser menosprezados, enquanto responsáveis pela construção da ambiência dos lugares e consequentemente da construção sensível dos espaços. Os lugares são criados e experimentados como resultado de diferentes, e às vezes únicas, misturas de sensações em ressonância com a nossa memória individual e coletiva. Rego (2006, p. 17) afirma que, através do mecanismo da audição, os sons são capazes de auxiliar na orientação do espaço, na delimitação dos territórios, no relacionamento entre os seres vivos e seus processos de aprendizagem, bem como para o bem estar físico e emocional dos indivíduos.

O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual (TUAN, 1980, p. 10).

A visão capta o mundo através de quadros “controlados”, diferente da audição que captura um ambiente sem “controle”, que vem de todas as direções, permitindo em muitas situações que o espaço físico ocupado pelos indivíduos e objetos possa ser ampliado pelo som escutado, propagado além dele. Pode-se, mais facilmente, escolher para onde olhar, mas não se pode, tão facilmente, escolher o que ouvir.

O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção do som é a última a se fechar, e é também a primeira a se abrir quando acordamos (SCHAFER, 2001, p. 29).

Bauer (2002, p. 367) corrobora tal ideia ao afirmar que os sons são produzidos por alguém, recebidos por outros, tanto propositada, quanto involuntariamente. O autor declara, ainda, que a produção de eventos sonoros é, muitas vezes, chamada de *poiesis*, enquanto que sua recepção e apreciação são chamadas de *aesthesis*.

Apesar de inicialmente, de modo geral, não sermos capazes de selecionar o que escutamos, segundo Chion (1994, p. 107-108), retemos apenas as impressões sonoras que carregam em si significados materiais e emocionais. Aqueles sons que não nos interessam ou não nos surpreendem são eliminados da memória. Neste sentido, Schafer (2001, p. 29) declara que

A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis para se concentrar no que é desejável. Os olhos apontam para fora, os ouvidos para dentro. Eles absorvem informação.

Neste sentido, o som pode remeter a algo positivo ou negativo, porém, sempre é tido como um dos elementos qualificadores do espaço vivido. Wisnik<sup>7</sup> (1989, p. 28) diz que "o som é um objeto subjetivo, que está dentro e fora, não pode ser tocado diretamente, mas nos toca com uma enorme precisão". Isto quer dizer que, ainda que o valor tangível do som possa ser relacionado à noção física e acústica das ondas sonoras, a sonoridade não se detém a tais aspectos, atingindo, por meio da percepção, as sensações e evocando emoções e memórias introspectivas do ser humano. E isso se dá através de associações simbólicas, construídas por suas relações sociais, culturais e identitárias.

Se alguém quiser estudar sons, não pode ignorar seu simbolismo. O enorme simbolismo do mar, por exemplo. [...] O mar como um símbolo da continuidade e da descontinuidade do som (SCHAFER, 1991, p. 198-199).

Wisnik (1989, p. 30) cita que, ainda que a criança não tenha aprendido a falar, ela já percebe que a linguagem significa a voz da mãe, com suas melodias e toques, sendo percebido não por meio de signos isolados, mas intuídos como uma globalidade, não verbal, intraduzível, mas, à sua maneira, transparente. É interessante perceber que o som e seus contextos fazem parte da vida humana desde o ventre materno. Ackerman (1992, p. 213) relata que

[...] para um feto que está no ventre, os batimentos do coração da mãe são como a canção de um berço primitivo, assim como a sua respiração o tranquiliza e o adormece. O útero é uma paisagem confortável, um invólucro de aconchego rítmico, e o coração da mãe, um poderoso lembrete de segurança. [...] Mãe e filho estão unidos pelo cordão umbilical do som (tradução nossa).

Deste modo, observamos que a percepção dos sons não é feita de maneira isolada, mas sim através de interpretações de contextos. Podemos, assim, relacionar tal globalidade sonora ao que Schafer (2001, p. 11) chamou de "*Soundscape*", um neologismo criado por ele e que foi consensualmente traduzido em países latinos como "paisagem sonora". Tal termo, cunhado pela primeira vez em seu livro "A afinação do mundo"<sup>8</sup>, publicado originalmente em 1977, faz referência à *landscape*, que remete à paisagem. Ao cunhar tal termo, ele propôs o estudo do ambiente acústico de

---

<sup>7</sup> José Miguel Wisnik, músico brasileiro, em seu livro "O som e o sentido: uma outra história das músicas" (1989), fala do uso humano do som e da história desse uso. Como ele mesmo define, é um livro "sobre vozes, silêncios, barulhos, acordes, tocatas e fugas em diferentes sociedades e tempos".

<sup>8</sup> O título original é "*The Tuning of the World - The Soundscape*".

maneira sistematizada. No contexto da ecologia acústica, Murray Schafer liderou outros investigadores, como Barry Truax e Hildegard Westerkamp, e fundou o *World Soundscape Project* (conhecido pela sigla WSP), na Simon Fraser University, no Canadá.

A construção metodológica desenvolvida por Schafer<sup>9</sup> (2001), propôs-se a descobrir os aspectos significativos dos sons, aqueles que são considerados importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância. A partir dessa identificação, ele categorizou a paisagem sonora por temas: sons fundamentais, eventos sonoros, sinais e marcas sonoras (SCHAFER, 2001, p. 25-27; 364). Tais temas serão apresentados sucintamente a seguir:

- **Sons fundamentais:** podem ser descritos como os sons que constroem o fundo de um determinado espaço, como por exemplo: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais. Nem sempre tais sons são ouvidos conscientemente, mas sua presença sugere uma influência profunda e penetrante no comportamento e estado de espírito. Assim, tais sons são importantes uma vez que ajudam a delinear o caráter dos homens que vivem no meio deles.
- **Evento sonoro:** é um objeto acústico para estudo simbólico, semântico ou estrutural e é aqui um ponto de referência não-abstrato relacionado com um todo de maior magnitude do que ele próprio.
- **Sinais:** são sons destacados, ouvidos conscientemente. Tais sinais podem ser organizados dentro de códigos bastante elaborados, que permitem mensagens de considerável complexidade a serem transmitidas àqueles que podem interpretá-las. São recursos de avisos de sinais acústicos: sinos, apitos, buzinas, sirenes.
- **Marco sonoro:** refere-se a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelas pessoas de tal lugar, tornando única a vida acústica da comunidade.

Cabe ressaltar que independente do tema em que a percepção do som será enquadrada, sua menor partícula identificada é denominada de "evento sonoro". Tal evento sonoro só poderá ser compreendido a partir do seu contexto, uma vez que ocorrerá em um lugar e em um lapso de tempo. Assim, importa tanto seus aspectos referenciais quanto sua interação em contextos de campo

---

<sup>9</sup> Lançado originalmente em 1977.

(SCHAFER, 2001, p. 185). Tal evento sonoro, portanto, passa a ser identificado e representado por meio de interpretações culturais.

Rego (2006, p. 41) afirma que uma paisagem sonora é a extensão do território que se pode escutar, abrangendo todos os sons produzidos no ambiente, sendo também sempre uma criação cultural. Portanto, uma paisagem sonora não se detém ao que pode ser escutado, mas ao que cada pessoa pode ouvir e compreender, em função do seu conhecimento, possibilitando um posicionamento individual em relação aos sons que serão ouvidos em uma determinada época e lugar. Neste sentido, vemos que onde quer que o homem esteja ou a época em que ele viva sempre haverá uma situação sonora circundante e que poderá ser compreendida sob diferentes pontos de vista, com base no repertório de cada pessoa.

Neste sentido, Rego (2006, p. 60-61) expõe que os sons podem ser considerados como um sistema de representação produzido por sujeitos com conhecimento e, conseqüentemente, poder para se representar em determinada época. Mais ainda, os sons adquirem significados quando os sujeitos os reconhecem através da escuta, pois dominam o mesmo código e a mesma linguagem, pertencendo a uma mesma cultura específica. Esses sons têm significados específicos, quando os indivíduos compartilham da mesma compreensão, considerando-se semelhantes.

Bauer (2002, p. 367) constata que a forma como o som irá atingir uma pessoa também está relacionada aos seus contextos sociais, sendo, assim, marcadas por eles. Deste modo, segundo ele, pode-se considerar os sons como sendo um meio de representação. O que muitas vezes não é dito, é que esta realidade representacional é uma criação dos que veem e ouvem, que em função de sua preponderância majoritária, tiveram o poder de representação para construir o mundo que “conhecemos”, porém, que não é compartilhado do mesmo modo pelos surdos.

Considerando o delineamento do sujeito desta pesquisa, obviamente os sons não serão reconhecidos através da escuta, porém, almeja-se reconhecer os sons percebidos pelo mundo surdo, em sua experiência visual, espacial e sensível acerca do som. Isto é, uma vez que tais pessoas dominam os mesmos códigos, estão inseridos em uma mesma cultura e dominam uma mesma linguagem, pretende-se verificar, portanto, se a compreensão de significados e representações são compartilhados entre seus semelhantes.

Neste contexto, dada a ausência da experiência sonora como nós ouvintes a conhecemos, como a pessoa surda passa a experimentar o lugar? Uma vez que o surdo não é excluído da percepção espacial, como ele a interpreta? Segundo Pallasmaa (2013, p. 42-43), os espaços de arquitetura abraçam e abrigam nossos corpos. A imagem de arquitetura é, fundamentalmente, um convite à ação. Sommer (1973) corrobora tal afirmação ao dizer que a arquitetura influencia nas pessoas – mesmo

que isso não chegue à consciência –, através de conceitos que sejam significativos para a forma física e o comportamento humano.

Visto que o espaço é um local de experiência e o som um dos fatores qualificadores dessa vivência, como compreender a construção espacial do sujeito surdo? Tendo como pressuposto as diferentes interpretações espaciais experimentadas pelas pessoas surdas e pelas pessoas ouvintes, cabe aqui alguns questionamentos: como entender as sensações que os surdos têm no espaço? Os surdos vivem imersos em um silêncio profundo e alienados da percepção sonora? Ele são capazes de identificar, interpretar e representar os sons? E é a resposta a estes questionamentos que iremos buscar no tópico seguinte.

### **3.4 O surdo e o som: relação de silêncio absoluto?**

No tópico anterior foi feita uma explanação acerca da relação do homem com o som e sua contribuição para a experiência espacial, acústico e culturalmente falando. Entendendo sua relevância para a qualificação espacial, porém, buscaremos agora compreender como essa experiência espacial se dá em meio à ausência da percepção auditiva, isto é, experimentada em uma situação onde a predominância seja do silêncio. Para tal, buscaremos como parâmetro a vivência das pessoas surdas. E o silêncio tem o seu valor, uma vez que as pausas permitem as comparações: "[...] lembrem-se da importância do silêncio na música. O silêncio na música é como as janelas na arquitetura; deixam passar a luz" (SCHAFER, 1991, p. 56).

Segundo Wisnik (1989, p. 18), não há som sem pausa. O som é presença e ausência, estando permeado de silêncio. Cage<sup>10</sup> (1961, p. 8) afirma que os silêncios são aqueles sons que não são notados no ambiente, mas ele estará lá, uma vez que não existe tal coisa como um espaço e tempo vazios: há sempre algo para ver, algo para ouvir. Cage (1961, p. 8) descreve ainda uma experiência que viveu ao entrar em uma câmara anecóica na Universidade de Harvard. Tal ambiente tem as paredes revestidas de um material que não possibilita a propagação de ondas sonoras. Entretanto, quando ele estava dentro, ouviu dois sons, um agudo e um grave. Ao descrevê-los aos engenheiros do comando, Cage foi informado de que o agudo era o seu sistema nervoso em operação e o grave o seu sangue em circulação. Ao ouvir os ruídos de seu próprio corpo, ele concluiu que o silêncio total só poderia ser alcançado na ausência da vida.

---

<sup>10</sup> O músico e escritor John Cage (1912-1992) dedicou parte de sua vida para estudar o silêncio, tornando-se este o tema central de seu pensamento artístico e teórico.

Mas o que significa para o homem que ouve viver em silêncio? Schafer (1991, p. 71) expõe que o homem gosta de fazer sons e rodear-se com eles. O silêncio seria, assim, o resultado da rejeição da personalidade humana. Para ele, o homem teme a ausência de som como teme a ausência de vida. Lane (1992, p. 26) corrobora tal ideia ao dizer que, para o que ouve, um mundo sem som seria um mundo sem significado. Ele ainda questiona o que seria mais importante para o seu meio sensorial, senão a sua linguagem oral. Padden e Humphries (1990, p. 92) afirmam que, para as pessoas que ouvem, o mundo torna-se conhecido através do som, um meio confortável e familiar de orientação no mundo. Isso leva à ideia equivocada de que os surdos não teriam acesso ao mundo porque este é primeiramente transmitido pelo som e pela palavra falada, sendo, assim, condenados a uma vida sem profundidade, já que o significado seria transmitido ao se ouvir o outro. Neste sentido, assim como é difícil para o ser humano imaginar um som apocalíptico, do mesmo modo é difícil imaginar um silêncio definitivo (SCHAFER, 2001, p. 51).

Entende-se, assim, que a interpretação feita pela maioria dos que ouvem a respeito do que seria um mundo sem som é equivocada. Para Lane (1992, p. 26-27), o que motiva tal erro de dedução dos leigos desinteressados é o medo. O medo que emerge em cada encontro com o que é diferente e por eles considerado "deficiente" é um convite para tentar imaginar como seria se fosse conosco, um mundo sem som, sem uma comunicação fácil. E tal medo não é infundado, visto que, a cada ano, milhares de pessoas perdem uma parte significativa de suas capacidades auditivas, seja por motivos de doença, trauma ou devido à idade avançada. E tal temor não se associa apenas à questão acústica. Conforme Wrigley (1996, p. 39), para o ouvinte, a surdez significa a perda da comunicação, a exclusão, o banimento, a solidão, o isolamento.

Padden e Humphries (1990, p. 92) declaram que há duas maneiras de se pensar o som. O mais conhecido é sua interpretação pelo mundo físico, detectável pelo sistema auditivo, em uma definição "acústica". Entretanto, o que é frequentemente ignorado é que o som também é uma organização de significado em torno de uma variação no mundo físico. Os autores exemplificam que uma piscada de olhos pode representar tanto um processo involuntário de abrir e fechar os olhos, como pode também ser interpretada por uma significação, uma comunicação social com outra pessoa. Comparativamente, o som de uma tosse pode ser um produto espontâneo da traqueia ou pode significar uma maneira de indicar desaprovação ou indicar um sinal. Gesser (2009, p. 48) ratifica tal exposição ao afirmar que o som não tem um significado inerente, podendo ter uma miríade de interpretações e seleções. E mais ainda, tais convenções culturais são aprendidas e construídas dentro das nossas práticas cotidianas.

A surdez reconhecida pelo surdo, portanto, não é entendida da mesma forma que o ouvinte a imagina e a representa. Para Padden e Humphries (1990, p. 109), a metáfora do silêncio tem poder explicativo para com as pessoas ouvintes, enfatizando o que eles acreditam ser o fato central acerca

das pessoas surdas. No entanto, é inadequada como uma forma de explicar o que as pessoas surdas sabem e o que fazem. Wrigley (1996, p. 81) afirma que "os surdos são diferentes das pessoas que ouvem. Eles podem fazer qualquer coisa que os que ouvem fazem, menos ouvir".

A noção de que os surdos vivem em completo silêncio extingue-se quando temos o entendimento de dois pontos fundamentais: o primeiro é de que os surdos experimentam o som, em seu sentido físico e acústico, por meio de seu corpo e dos demais sentidos além da audição; o segundo é que os surdos percebem o som culturalmente, ou seja, "ouvem" por meio das interpretações daquilo que veem e sentem.

O som, em sua forma acústica, também faz parte da vida dos surdos. Padden e Humphries (1990, p. 93) afirmam que quando as pessoas que ouvem passam a identificar a vida dos surdos como sendo silenciosa, elas estão assumindo erroneamente que os surdos não têm noção do som e este som não desempenharia nenhum papel no seu mundo. Fato é que, muitas pessoas surdas têm muito conhecimento acerca do som e que este, em si, e não apenas sua ausência, desempenha um papel importante em suas vidas. O depoimento da mãe ouvinte de Emmanuelle Laborit<sup>11</sup>, demonstra:

Achamos que era "normal" porque viravas a cabeça quando batia uma porta. Não sabíamos que o que tu sentias era o **vibrar do chão**, em cima do qual tu brincavas, e também o **deslocamento do ar**. Do mesmo modo que dançavas, no teu parque, balançando-te e agitando as pernas e os braços de cada vez que o teu pai punha um disco a tocar (LABORIT, 2000, p. 9, grifo nosso).

De acordo com Padden e Humphries (1990, p. 96), muitas crianças surdas adquirem um grande conhecimento acerca do funcionamento do som, seu volume e ressonância interagindo no transporte de ondas sonoras através de distâncias. Isso contribui na sua percepção de mundo e orientação espacial. Para muitos surdos, as frequências mais baixas são as mais facilmente detectáveis, criando não apenas sons altos, mas vibrações no chão e no mobiliário (PADDEN e HUMPHRIES, 1990, p. 94). Isso demonstra que o surdo, apesar de não receber em seu tímpano o sinal sonoro, é capaz de sentir no seu corpo o movimento de ar e as vibrações.

É válido esclarecer ainda que os aparelhos auditivos não atuam como decodificadores instantâneos de linguagem ao serem agregados aos ouvidos. Eles permitem a escuta de ruídos, que vibram na orelha e, somente em casos excepcionais levam à escuta. Considerar os aparelhos como sendo decodificadores de palavras seria o mesmo que afirmar que um cego enxergaria ao utilizar óculos (GESSER, 2009, p. 75).

---

<sup>11</sup> Atriz e diretora francesa, surda de nascença.

Essa percepção sonora pelo surdo é apresentada em um relato sensível de Laborit (2000, p. 20-21), a partir da perspectiva de uma surda que vivencia os sons e a música. Ela descreve suas sensações, associando-as a imagens e cores.

E creio que me apercebia **profundamente** da música; **não com os meus ouvidos, mas com o meu corpo**. [...] Sinto no meu corpo todas as **vibrações**, as **notas agudas** e as **notas graves**. A música **entra no meu corpo**, instala-se, põe-se a tocar dentro de mim. [...] **E imagino o barulho**, sempre o imaginei. **É através do meu corpo que ouço a música**. Com os pés nus no chão, colados às vibrações, é assim que **a vejo, a cores**. [...] Os sons no ar devem ser **agudos**, os sons na terra devem ser **graves**. E a **música é um arco-íris de cores vibrantes**. [...] **Ouço-a com os pés, com a cabeça, com o corpo inteiro** (grifo nosso).

É possível perceber, por meio deste depoimento, a vivência dos sons, tanto em seu sentido físico quanto metafórico, construída culturalmente. Isso corrobora o entendimento de que na cultura surda, o barulho e o silêncio adquirem novas versões, isto porque os sons extrapolam sua característica físico-acústica e adquirem significados culturalmente relacionados (GESSER, 2009, p. 48). Conforme Vygotsky (1991, p. 25), o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado. Neste aspecto, importa tanto a forma de existência física quanto a maneira que interpretamos e representamos as coisas.

É preciso, porém, ter em mente que a percepção do som pelo surdo não é algo automático ou simples, mas é moldada pelo aprendizado e por práticas culturalmente definidas. Assim, além de compreender suas propriedades acústicas, é necessário que se aprendam os significados associados aos sons. Deste modo, ao aprenderem sobre as suas propriedades, os surdos acabam tendo uma outra dura lição: o reino do som muitas vezes envolve questões de controle. Como exemplo, os autores citaram os ruídos inerentes ao corpo humano e que não são socialmente aceitos em público; ou o entedimento de padrões de som, como campainhas, alarmes de incêndio e sirenes, que podem ser convencionados; ou ainda uma música, que pode ser gratificante em uma cultura e causar estranheza em outra (PADDEN e HUMPHRIES, 1990, p. 92, 93, 97, 100).

Entendendo-se que os surdos percebem o som em seu sentido físico, por meio de seu corpo e de seu sistema sensorial, há de se ressaltar neste ponto a relevância que adquire a percepção do som por meio da visão. Isto quer dizer que, de acordo com Perlin e Miranda (2003, p. 218), para a pessoa surda, ser surdo é uma questão de vida, de experiência visual. Neste caso, a experiência visual significa a utilização da visão como meio de comunicação e substituição total da audição. Desta experiência é que emerge a cultura surda, representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser e de se expressar, de apreender o mundo e entrar nas artes, no meio científico e acadêmico.

O surdo que possui uma língua gestual (Libras, ASL, dentre outras) tem em si a convicção de que "escutar é bem mais que ouvir" (Gesser, 2009, p.7). Ao ouvido é possível a capacidade de analisar,

processar e sintetizar o som com rapidez superior à do olho que trabalha a imagem. Entretanto, pessoas surdas, que adquirem a língua de sinais, desenvolvem uma maior velocidade para ler e estruturar fenômenos visuais, comparadas à habilidade dos ouvintes (CHION, 1994, p. 12). O surdo escuta com o corpo, com os olhos. A língua de sinais é uma língua completa, que se fala no espaço, com as mãos, a expressão do rosto e do corpo (LABORIT, 2000, p. 32). Conforme Chion (1994, p. 173), a linguagem permite aos surdos compreender os significados da abstração. Abaixo, Laborit (2000, p. 8) relata a relação da língua com o espaço e com sua cultura.

O meu francês é um pouco liceal<sup>12</sup>, como uma língua estrangeira que se aprendeu separada da sua cultura. A linguagem gestual é a minha verdadeira cultura. O francês tem o mérito de descrever objetivamente o que pretendo exprimir. **O gesto, esta dança de palavras no espaço, é a minha sensibilidade, a minha poesia, o meu eu íntimo, o meu verdadeiro estilo** (grifo nosso).

Sá (2015, p. 174) afirma que os surdos não querem ser chamados de deficientes não por negarem deliberadamente a surdez, mas por solucionarem sua impossibilidade de apreender auditivamente o mundo através da leitura visual do mesmo. Ela destaca ainda um movimento de luta por sentidos que ocorre nos EUA cujo lema seria "os surdos não são pessoas que não ouvem, são pessoas que veem". Isso ilustra que a maior busca não envolve questões materiais, mas sim de cunho simbólico. Lane (1992, p. 29) ratifica isso ao afirmar que línguas gestuais existem no espaço e usufruem do raciocínio espacial para transmitir mensagens.

**Os meus olhos são os meus ouvidos.** Tanto escrevo como falo por gestos. As minhas mãos são bilíngues. Ofereço-vos a minha diferença. **O meu coração não está surdo a nada neste mundo duplo** (LABORIT, 2000, p. 147-148)

Lulkin (2015, p. 44) aponta que o olhar passa a ser fundamental, uma vez que colabora para a descentralização do sujeito, obrigando o uso do corpo de forma diferente dos nossos códigos cotidianos. Implica, assim, em uma mobilidade dos olhos, da cabeça, do rosto, das mãos, dos braços, todos organizados de uma forma diferente. Implica ainda em uma agilidade de percepção e uma plasticidade do cérebro. Destaca também que conhecer os códigos do ver e do olhar de uma cultura visual possibilita outras interpretações e favorece os "estrangeiros" que se aproximam da comunidade surda. Isso remete voltar-se para a língua de sinais, para a linguagem social e para as formas de expressão e narração.

Os **surdos constroem seu mundo** em torno dos dispositivos do **movimento, forma e som**. A vida das pessoas surdas está longe de ser silenciosa, mas está repleta de cliques ruidosos, zumbidos, estalos e rugidos (PADDEN e HUMPHRIES, 1990, p. 109, grifo nosso).

---

<sup>12</sup> Referente ao Liceu. No Brasil, é o que entendemos como Ensino Médio.

Neste sentido, a surdez não está relacionada ao fato de não ouvir, pois o surdo "enxerga" sons por meio de movimento e forma. De acordo com Quadros (2004, p. 10), a identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Gesser (2009, p. 48) corrobora esta ideia ao descrever um relato a partir da perspectiva de um colega surdo. Ele diz que, quando está em uma comunidade de surdos, onde todos passam a utilizar sinais ao mesmo tempo, tem a sensação de barulho muito grande, pois ele "ouve com os olhos". O mesmo acontece quando ele está em uma multidão de ouvintes que falam a língua oral. O "barulho", então, torna-se perceptível à visão do surdo através da dinâmica dos objetos e das pessoas, manifestada em forma de movimento, conversas paralelas, risos, expressão facial, corporal e manual.

Essa descrição se refere ao que Gesser (2006, p. 161) denominou de "ruído visual", que é a percepção que o surdo tem, através da visão e do toque, dos códigos de manifestação de barulho. Isto quer dizer que, apesar de não escutar o que está sendo falado, ele percebe visualmente a movimentação e os liga aos seus significados anteriormente apreendidos.

Para aqueles que não ouvem, os ruídos são imagens feitas de sensações. É a onda que rola na praia, calma e suave, que transmite a sensação de serenidade e tranquilidade. Aquela que se ergue e galopa, representando a ira. O vento são cabelos soltos no ar, o frescor de uma suave sensação na pele. São imagens que fazem coisas (LABORIT, 2000, p. 14,15,17).

Tenho a minha imaginação e ela tem os seus **ruídos em imagens. Imagino sons a cores. O silêncio que eu vivo é a cores, nunca é a preto e branco** (LABORIT, 2000, p. 14, grifo nosso).

Mas e o silêncio? Já que não podemos dizer que é uma condição inerente à surdez, como ele se manifesta ao surdo? O silêncio para o surdo não se relaciona com acústica, mas sim com falta de comunicação. Segundo Laborit (2000, p. 17), o silêncio é revelado ao surdo pela escuridão, ou seja, quando a ele é vedada a percepção visual. Quando ele não consegue ler o espaço visualmente, insere-se em um ambiente escuro, imperceptível, silencioso. Neste sentido, a luz torna-se importante, senão essencial. Laborit (2000, p. 15) afirma que há sempre uma ligação entre as cores e os sons imaginados. As cores e as luzes são suporte da imaginação do ruído, da percepção de cada situação. Escuridão é sinônimo de incomunicabilidade, portanto de silêncio.

O meu silêncio não é igual ao vosso. O meu silêncio seria ter os **olhos fechados, as mãos paralisadas, o corpo insensível, a pele inerte**. Um **silêncio do corpo** (LABORIT, 2000, p. 144, grifo nosso).

Conforme aponta Gesser (2009, p. 48), não há desvantagem na surdez no que tange à comunicação e à linguagem, uma vez que não é a modalidade da língua que irá definir o silêncio. Lane (1992, p. 27) corrobora esta ideia ao afirmar que crescer surdo, com acesso a uma língua de sinais, fez

com que ele avaliasse que no mundo da comunidade dos surdos a passagem para o mundo dos ouvintes não tem qualquer vantagem. Isso porque é a comunicação que irá permitir ao surdo entender-se e compreender o mundo, indo além do silêncio auditivo imposto por sua condição física.

Sá (2008, p. 9, 10) ressalta que é um direito que os surdos têm poder cantar, tocar, conhecer e entender a música, se assim o quiserem. Nem todos os surdos poderão utilizar resíduos auditivos para apreciar a música, mas todos têm capacidade de usar sua inteligência para compreendê-la. Os surdos, portanto, são pessoas que dançam, apreciam e ouvem música da sua forma, tem sensações de barulho, construindo seus mundos e subjetividades na língua de sinais e através dela, isto é, concebem e redefinem seu mundo por meio da visão. Assim, é um grande equívoco imaginar que os surdos vivem no silêncio total e a língua de sinais é uma língua silente (GESSER, 2009, p. 48).

Dito isto, de forma alguma queremos impor que o surdo tenha que apreciar o som ou a música. Existem aqueles que sentem que estariam cedendo às imposições da sociedade normalizadora. Por isso, entendemos que este é um assunto bastante contestado. Entretanto, estamos com Sá (2008, p. 2) quando esta diz que os surdos podem ter acesso à música, de sua forma, de seu jeito próprio. Isso nos leva ao entendimento de que cada pessoa irá reagir de uma maneira aos sons e às músicas do ambiente em que estão inseridos. Se não há unanimidade entre os ouvintes, por que esperaríamos que houvesse entre os surdos? Somos todas pessoas diferentes, com percepções e afetos distintos, podendo cada música ou elemento sonoro tornar-se significativo ou não, a depender de nossos contextos, culturas, gosto pessoal e das relações que estabeleceremos com o mundo que nos rodeia e com o espaço que nos acolhe.

A partir da concepção de que o ruído e o silêncio são redefinidos pela cultura surda, pode-se dizer que todas as pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes, de alguma forma, irão perceber os sons. Conforme Schafer (1991), fomos ensinados a ignorar a maioria dos cenários sonoros que nos rodeiam diariamente, mesmo quando somos afetados por eles. E são esses cenários sonoros que estamos buscando neste trabalho, um cenário sonoro composto por representações surdas. Sendo o espaço palco da experiência humana, este trabalho vem explorar os elementos que compõem a paisagem sonora ao redor de uma pessoa surda, isto é, em sua faceta sensível e cultural. É o que chamaremos de "Paisagem Sonora além da Audição", termo que em primeiro momento poderia parecer incoerente, mas se torna cabível ao se compreender que os surdos escutam através dos olhos e do corpo: têm olhos para ouvir e corpo para sentir. A "Paisagem Sonora além da Audição", portanto, busca ser demonstrada através de uma análise das representações que os surdos têm acerca de suas percepções do som no espaço, isto é, como os surdos veem, interpretam e representam os sons que os rodeiam, quando inseridos em determinado ambiente. Para tanto, seguiremos para o Estudo de Caso.

## **4 ETAPAS METODOLÓGICAS: IDENTIFICANDO ALGUMAS REPRESENTAÇÕES SONORAS DOS SURDOS**

Na primeira parte deste trabalho foi desenvolvido o aporte teórico que sustentará a segunda etapa, isto é, o Estudo de Caso que busca decodificar as representações sonoras urbanas dos surdos. Foram explorados conceitos e ideias considerados relevantes para a estruturação e para o entendimento das questões que envolvem o surdo e sua percepção do som no espaço. Para tanto, buscamos a compreensão do surdo e da surdez, a fim de elucidar a abordagem adotada por nós; percorremos conceitos como cultura, identidade e representação, para compreender suas relações e influências na correlação com o espaço; e passamos então para o entendimento do papel do corpo e dos sentidos na vivência espacial, quais os elementos que contribuem para essa estruturação do espaço e o que vem a ser o som e a paisagem sonora, tanto na perspectiva do ouvinte quanto do surdo. Foi possível, assim, verificar que o surdo não vive imerso em um silêncio absoluto, relacionando-se com o som e com a paisagem sonora a seu modo: com as sensações no corpo, particularmente, com os olhos.

A partir de então, foi possível delinear o Estudo de Caso, visando averiguar como o som pode ser experimentado pelo surdo a seu próprio modo. Cremos que a construção da “paisagem sonora além da audição” deva considerar as representações das sonoridades interpretadas pelos surdos, tangíveis pela apreensão de elementos sonoros identificados por meio de seu sistema sensorial e pelas interpretações culturais decorrentes destas percepções.

Com o propósito de atingir os objetivos delineados para este trabalho, o Estudo de Caso seguiu uma abordagem de análise interdisciplinar e qualitativa, que foi desenvolvida em duas etapas de aproximação gradativas: (1) Entrevista semiestruturada e (2) Passeio sonoro comentado. Estes procedimentos metodológicos foram construídos pela pesquisadora a partir de metodologias já existentes e que serão apresentadas a seguir, sendo estas adaptadas para o propósito e condições identificadas nesta pesquisa.

### **4.1. Testemunhas sonoras: surdos congênitos ou pré-linguísticos**

Neste item, delimitamos o sujeito abordado neste trabalho, estabelecendo os limites capazes de tornar viável esta pesquisa. Uma vez que temos Schafer (2001) como referência conceitual para “paisagem sonora”, torna-se necessário esclarecer o termo por ele denominado como “testemunha auditiva”. Para tal autor, o conteúdo da pesquisa sonora é baseado no que a testemunha será capaz

de perceber, sendo ela aquela pessoa que atesta ou pode atestar o que ouve, sendo considerada fidedigna quando ela vivencia e conhece intimamente sons (SCHAFER, 2001, p. 368; 24 ). Analogicamente, iremos denominar como "**testemunhas sonoras**" as pessoas surdas que de alguma maneira percebem o som, apropriando-se por meio do contato visual e dos demais sentidos. É a partir do testemunho de tais pessoas que poderemos analisar a experiência que a pessoa surda irá ter com o som ou com o que vem a ser sua representação sonora.

Conforme observamos nos capítulos anteriores, a surdez se manifesta de formas diversas nas pessoas, sendo necessário delimitar os indivíduos que farão parte da amostra, ou seja, aqueles que darão seu testemunho. Isto porque é necessário que tais pessoas estejam em sintonia com as questões apontadas e com os objetivos deste trabalho, elucidando-os e contribuindo para que o conteúdo coletado ofereça subsídios para discussão da pesquisa.

O recorte do universo de pessoas do estudo de caso foi definido primeiramente como sendo de indivíduos **surdos congênitos**<sup>13</sup> ou que apresentaram **surdez pré-linguística**<sup>14</sup>. Essa delimitação se deu em função de, conforme aponta Sacks (2010, p. 19), tais pessoas não terem lembranças, imagens ou associações auditivas possíveis, não podendo ter, portanto, a "ilusão do som". Isso porque a sensação de ouvir vozes imaginárias ao ler os lábios é algo característico das pessoas com surdez pós-linguística, para quem no passado já teve a experiência auditiva. E não é o caso de imaginar em seu sentido usual, mas de traduzir instantaneamente e de forma automática para uma experiência auditiva correlata, com base na vivência e associação de tais pessoas, através de uma tradução que possivelmente tem base neurológica, de conexões visuais-auditivas estabelecidas por experiência (SACKS, 2010, p. 138). Neste sentido, entendemos que as representações do indivíduo surdo congênito ou pré-linguístico poderão ser mais puras e sem contaminações, se comparadas às daqueles que adquiriram a surdez ao longo da vida.

Outro quesito, que implicou na seleção do grupo que participou da pesquisa, é que tais indivíduos fossem inseridos de algum modo na **cultura surda** e que tivessem **domínio da língua de sinais**. Isso porque acreditamos que a experiência visual do som se associa à experiência cultural e ao seu desenvolvimento intelectual por meio de uma língua. Assim, a representação sonora poderá ser captada culturalmente e traduzida espacialmente, por meio da língua, tendo como referência a apreensão do som pelo surdo através da percepção visual e sensível.

O recorte da amostra também restringiu a participação a indivíduos surdos com **idade superior a 18 anos** e, quanto à escolaridade, que estes tenham **concluído o Ensino Superior**. Presumimos que qualquer pessoa surda perceba e experimente os sons no espaço do qual se insere,

---

<sup>13</sup> Refere-se às pessoas que nasceram surdas.

<sup>14</sup> Refere-se às pessoas que ficaram surdas antes de adquirirem uma língua.

independentemente de seu grau de instrução e escolaridade, porém, tal delimitação neste trabalho deve-se à maior facilidade que tais categorias de entrevistados tiveram em verbalizar e exemplificar as situações que vivenciam. Além disso, tais pessoas compreenderam a importância da pesquisa e se mostraram dispostas a contribuir fornecendo as informações necessárias.

O recrutamento da amostra foi realizado na Faculdade de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (figura 6) e no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (figura 7). A escolha de tais instituições deve-se à relevância dessas na luta pelos direitos das pessoas surdas no Brasil e por também disporem de certa facilidade de acesso ao público surdo dentro dos critérios de seleção anteriormente apontados. Cabe também destacar que as administrações de ambas as instituições demonstraram interesse na realização da pesquisa, autorizando sua execução em suas dependências. A amostra para o estudo foi selecionada por conveniência, ou seja, amostra não probabilística, acidental, em função de limitações de tempo e recursos. A repetição de alguns dos dados indicou o momento de saturação e determinou o encerramento da coleta de dados.



**Figura 6** - Faculdade de Letras-Libras da UFRJ  
(Fonte: a autora).



**Figura 7** - Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (Fonte: a autora).

#### **4.2. Preceitos éticos**

Este trabalho foi realizado de acordo com os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, sobre as normas regulamentadoras do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Por se tratar de investigação envolvendo seres humanos, a pesquisa foi

submetida à Plataforma Brasil, para aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da UFRJ<sup>15</sup>.

Antes da coleta de dados, os entrevistados eram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e que a participação na mesma não era obrigatória, sendo necessária a concordância através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Apêndice 3 deste trabalho. Foram excluídas da pesquisa aquelas pessoas que não preencheram o recorte previamente estabelecido para a pesquisa ou que por qualquer motivo não quiseram ou não puderam participar das atividades propostas.

Ressaltamos ainda que, a Resolução 466/12, atualmente em vigor, estabelece que toda pesquisa tem risco. Este estudo, porém, apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, dentre outros. Cabe ressaltar que não houve comprometimento de privacidade, uma vez que foram preservadas as identidades de todos os participantes das entrevistas, sendo estes caracterizados apenas por duas iniciais de seu nome.

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora no período de junho a novembro de 2017. As entrevistas foram registradas em vídeos digitais e posteriormente foram transcritas. O Passeio Sonoro Comentado foi registrado através de gravação de áudio e também fotografado, visando também posteriores transcrições, as quais se encontram, respectivamente, nos Apêndices 4 e 5.

### **4.3. Entrevista semiestruturada**

A entrevista é o procedimento usual em estudos de caso, uma vez que através dela o pesquisador poderá obter informações a partir da fala dos próprios sujeitos do trabalho. Ela não significa uma conversa neutra e despretensiosa, ao contrário, visa coletar dados relatados por sujeitos que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Assim, a entrevista é uma técnica caracterizada por uma comunicação verbal que serve como meio para coleta de informações de um tema científico (MINAYO, 2001).

Conforme Rheingantz *et. al.* (2009) existem basicamente três tipos de entrevistas: a estruturada, a semiestruturada ou a não-estruturada. Adotamos neste trabalho a entrevista semiestruturada. A opção por este tipo de entrevista está no fato de que, apesar de o pesquisador ter preparado um roteiro de orientação ou um esquema básico de perguntas, era possível que, à medida que a entrevista acontecesse, fossem necessárias outras perguntas complementares para o esclarecimento da questão.

---

<sup>15</sup> Parecer de aprovação número 2.006.611, de 07 de abril de 2017.

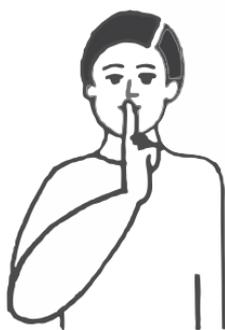
A entrevista semiestruturada aplicada neste trabalho visou compreender quem são os surdos participantes da pesquisa, bem como é seu entendimento sobre questões relacionadas ao som, ao silêncio e à vivência espacial. A ideia foi aproximarmos do surdo enquanto sujeito, dando voz para que eles falassem de suas vivências, suas sensações e relações com o som e com o silêncio em sua experiência cotidiana.

As entrevistas tiveram duração de aproximadamente vinte a trinta minutos e aconteceram na Faculdade de Letras-Libras da UFRJ, na sede do INES e na TV INES, sendo agendadas previamente com a testemunha sonora e com o intérprete, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Cabe ressaltar que foi fundamental a presença desta terceira pessoa – o intérprete, que foi quem mediou a comunicação entre pessoas de línguas diferentes – o Português da Pesquisadora e a Libras do Entrevistado. Nesta etapa tivemos o auxílio de três intérpretes: Helena Mora na UFRJ, Daniela Abreu na TV INES e Felipe Oliveira no INES.

Nesta etapa foi aplicado um modelo de entrevista semiestruturada, apresentado no Apêndice 1 deste trabalho. Apesar de se configurar em um mesmo instrumento, após testes aplicados, achamos mais proveitoso a divisão do modelo em duas partes, aplicadas sequencialmente.

A primeira parte, após ter sido feita a caracterização da testemunha sonora, visamos verificar a associação da representação linguística em Libras para **som** e **silêncio** e sua relação com a representação sonora e qualificação dos espaços, principalmente os urbanos. O objetivo foi identificar a relação entre os significados dos sinais em Libras e os lugares/espaços que podem remeter a tais sons, segundo a experiência do surdo.

Para tanto, a partir do sinal de “silêncio” em Libras (figura 8), pedimos que os participantes o associassem a um lugar da cidade dizendo o porquê de tal relação. Em seguida, solicitamos que dissessem sobre as sensações e sentimentos que teriam neste lugar e fizessem uma breve descrição do mesmo. Seguindo essa mesma sequência de desenvolvimento, apresentamos o sinal para “som”, utilizado para categorizar um grande repertório de sinais (barulho, buzina, sirene, zumbido, etc). Porém, em entrevistas-piloto, observamos que os participantes demonstraram resistência em fazer associações a este sinal e apresentaram dificuldades para desenvolver a questão, talvez por não escutarem sons distintos e, sim, ruídos eventuais. Desta forma, o sinal de “som” foi substituído pelo sinal de “barulho” (figura 9), que, apesar de remeter a sons com certo “desconforto”, permitiu melhor desdobramento da questão sonora, mostrando-se mais adequado à esta pesquisa. Dado o nível intelectual dos sujeitos da pesquisa, podemos dizer que não houve perda, pois percebemos, através dos resultados, que os surdos entenderam as relações desenvolvidas na pesquisa e se referiram aos sons de modo geral (positivos ou negativos, confortáveis ou desconfortáveis) em diversas partes da experiência de pesquisa.



**Figura 8** - Sinal em Libras para "silêncio" (CAPOVILLA, 2008).



**Figura 9** - Sinal em Libras para "barulho" (CAPOVILLA, 2008).

Na segunda etapa da entrevista semiestruturada buscamos, em um primeiro momento, compreender o significado de "ser surdo" para os participantes da pesquisa, uma vez que acreditamos que a construção do significado sonoro se baseia também em questões de cultura, identidade e representação, em como esta pessoa se enxerga. Em seguida, procuramos apreender a relação da pessoa surda com o espaço, em seus deslocamentos e na questão de orientação e memorização dos mesmos. Adentramos, por fim, na questão da sonoridade propriamente dita, a fim de entender o significado e as percepções do som pela pessoa surda a partir de sua experiência cotidiana. Visamos também entender o quão agradável e desagradável podem ser os espaços a partir de sua associação com o som (barulho) e o silêncio.

O intuito da aplicação da entrevista semiestruturada foi nos aproximar do espaço sonoro dos surdos e das suas correlações com os espaços no qual estão inseridos. Além disso, buscamos coletar informações acerca dos elementos espaciais que contribuem para a constituição da sonoridade visual e perceptiva do surdo, sendo os elementos elencados nesta etapa de fundamental relevância para a construção da etapa seguinte desta pesquisa.

#### **4.4. Passeio Sonoro Comentado - PSC**

Nesta segunda fase do Estudo de Caso foi aplicado o que chamamos de "Passeio Sonoro Comentado" (PSC), sendo sua abordagem livremente inspirada nos "Passeios Sonoros"<sup>16</sup> (SCHAFER, 2001; TRUAX, 2001; REGO, NIEMEYER e VASCONCELLOS, 2012) e no "Método dos Percursos Comentados"<sup>17</sup> (THIBAUD, 2002), duas metodologias já existentes. A fim de compreendermos a

<sup>16</sup> Originalmente em inglês "Soundwalk".

<sup>17</sup> Originalmente em francês "Le Parcours Commenté".

construção do método PSC, aplicado neste Estudo de Caso e concebido para o propósito e contexto desta pesquisa, iremos fazer uma breve apresentação de cada um dos métodos existentes supracitados que o embasaram.

O “**Passeio Sonoro**” constitui-se como sendo uma exploração da paisagem sonora de uma determinada área, usando-se uma partitura como guia. Tal partitura é composta a partir de um mapa de sons do ambiente que serão ouvidos no decorrer do passeio e que chamam a atenção do ouvinte (SCHAFFER, 2001, p. 297).

O passeio sonoro pode ser realizado em qualquer lugar, individualmente ou em grupo de quaisquer pessoas, onde estas serão convidadas a ouvir e redescobrir a profundidade da paisagem sonora, sensibilizando a consciência ao som e ao silêncio (TRUAX, 1996). Independente da forma adotada, o foco é redescobrir e reativar nosso senso de audição (WESTERKAMP, 2007).

Schafer (2001, p. 298) instrui que pode haver dois posicionamentos diante do passeio sonoro. O primeiro é aquele em que o participante é instruído a ouvir a paisagem sonora, sendo ele considerado como sendo um público. A outra postura que também pode ser adotada é a de compositor-intérprete, quando é solicitado que a pessoa também participe da paisagem sonora. Westerkamp (2007) complementa ao dizer que um passeio sonoro pode ter o efeito prático de orientação no ambiente ou de manter um diálogo com o ambiente; ou ele pode ter uma finalidade puramente estética de criar uma composição a partir da paisagem sonora.

De acordo com Truax (1974), uma paisagem sonora não pode ser entendida somente por um catálogo de parâmetros acústicos, mas também por meio das representações formadas mentalmente que funcionam como uma base para memória, comparação, agrupamento, variação e inteligibilidade.

Nesse caminho, Augoyard e Torgue (1995), do CRESSON<sup>18</sup>, em Grenoble, definem um “repertório de efeitos sonoros” uma ideia que transita entre o universal e o singular, modelo e guia, que permite um discurso geral sobre os sons, mas que não precede dos exemplos (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 10). A construção desse “repertório” cumpre cinco objetivos principais: (1) desenvolver uma base qualitativa e quantitativa de medida acústica; (2) desenvolver um instrumento interdisciplinar para análise de situações sonoras complexas; (3) criar uma base de ferramentas de representação sonora; (4) criar uma base para as intervenções arquitetônicas e urbanísticas; (5) desenvolver uma base pedagógica para a experimentação da escuta (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 11-12).

Para a formulação de um efeito sonoro são observados seis "domínios de reconhecimento: acústica física e aplicada; arquitetura e urbanismo; psicologia e fisiologia da percepção; sociologia e cultura do cotidiano; estética musical e eletroacústica; expressões escriturais e multimídias"

---

<sup>18</sup> Centre de recherche sur l'espace sonore et l'environnement urbain.

(AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 15). O fácil entendimento dos efeitos sonoros possibilita que a análise sonora integre, mais frequentemente, o reconhecimento e a análise de uma área urbana.

Com base nesses conceitos, o Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e coordenado por Andrea Queiroz Rego, vem desenvolvendo inúmeros passeios sonoros na Cidade do Rio de Janeiro e os coloca disponíveis em endereço eletrônico ([www.riosoundscape.org.br](http://www.riosoundscape.org.br)) e, na escuta dessa mostra, é possível perceber os diferentes valores que estimulam as realizações dos mesmos – avaliar os diferentes efeitos sonoros, criar uma base de memória sonora, incentivar a escuta urbana.

Assim, a definição do percurso, suporte da paisagem sonora utilizada como instrumento de pesquisa neste trabalho, foi desenvolvida pela pesquisadora juntamente com o grupo de pesquisa de sua orientadora. O percurso definido foi embasado em dois critérios: permite a escuta de uma rica paisagem sonora diversa em efeitos sonoros e é impregnado de valores culturais urbanos. O primeiro critério adotado é importante para estabelecer um elo entre a escuta audível e a escuta “além da audição”. O segundo foi primordial para uma estruturação visual e simbólica, considerando a possível relação estabelecida entre os entrevistados e o lugar escolhido para o percurso – o entorno do INES.

O segundo método utilizado como aporte foi o “**Método dos Percursos Comentados**” (THIBAUD, 2002), também desenvolvido pelo CRESSON. Considerado como sendo um método de abordagem qualitativa do ambiente e do espaço público, este abrange as várias modalidades sensoriais, como o ambiente sonoro, luminoso, olfativo ou térmico.

O princípio deste método é mobilizar as habilidades reflexivas dos transeuntes, ou seja, a capacidade de as pessoas explicarem sua própria experiência. Neste sentido, trata-se de pedir às pessoas que caminhem nos espaços e descrevam, durante sua jornada, a sua percepção e as suas sensações. Em vez de serem feitas perguntas diretamente, a ideia é de que o próprio lugar e o caminho falem por si, o que fará com que as pessoas externem verbalmente sobre sua experiência. Então, neste método são solicitadas três coisas: caminhar, perceber e descrever. Sucintamente, colocar a palavra em movimento (THIBAUD, 2002).

O Método dos Percursos Comentados se baseia em três pressupostos: (1) a importância do contexto: toda percepção envolve o ambiente imediato e esta percepção está intimamente ligada ao uso que fazemos dele; (2) o estreito vínculo entre o caminhar, perceber e dizer: a experiência é descrita demonstrando que percebemos certas coisas e não outras, uma vez que as pessoas têm linguagens específicas que as permitem categorizar e organizar o que é investigado; (3) toda percepção é mobilizada através do movimento: o que demonstra que nós não percebemos se estivermos fixados em algum ponto.

A partir do exposto, cabe ressaltar que o objetivo principal deste método é acessar a experiência sensível do transeunte, principalmente no que se refere às ambiências urbanas. Como este não é o foco deste trabalho, mas sim acessar a experiência quanto às sonoridades percebidas pela pessoa surda no espaço urbano, este método foi adaptado e, juntamente com o “passeio sonoro”, puderam embasar o que chamamos aqui de “**Passeio Sonoro Comentado**” (PSC).

O método do “**Passeio Sonoro Comentado**” (PSC) deriva dos outros dois métodos anteriormente descritos e foi construído visando compreender o que este trabalho denominou como sendo a “paisagem sonora além da audição”. Como os entrevistados (testemunhas sonoras) são surdos, o passeio sonoro originalmente desenvolvido por Schafer não se justifica, uma vez que a percepção acerca dos sons não é primordialmente auditiva. Em contrapartida, o percurso comentado prioriza o alcance das ambiências tendo as sonoridades como elementos integrantes, mas aqui a percepção das mesmas é alterada, sendo justamente esta alteração o foco da pesquisa, quais são as sonoridades, qualidades do espaço sonoro, que são percebidas pelos surdos através dos demais sentidos sensoriais.

Desta forma, propusemos aos surdos que caminhassem por um percurso pré-definido, acompanhado da pesquisadora e de um intérprete de Libras. A determinação deste trajeto teve como base os efeitos sonoros e os resultados que foram elencados na etapa anterior de entrevistas e que, de alguma forma, foram destacadamente associados às sonoridades.

Assim, no início da aplicação do método do PSC, a pesquisadora instruiu que a testemunha sonora lhe apresentasse o percurso, como se estivesse pensando em voz alta, de forma a narrar aquilo que ela percebesse e lhe chamasse a atenção no mesmo, principalmente aspectos referentes ao som e ao silêncio. O intuito foi identificar elementos que transmitissem algum tipo de sensação sonora, a partir do reconhecimento da representação dos sons no ambiente urbano.

À medida que a testemunha sonora desenvolvia o PSC, ela ia narrando em Libras suas impressões e o intérprete traduzindo oralmente para o Português, sendo a narrativa registrada através de um gravador de áudio. Paralelamente, a pesquisadora anotava em um mapa do percurso os pontos em que houve verbalização, além de registrar também suas próprias impressões sonoras do percurso (Apêndice 2). Além disso, a pesquisadora também realizou o registro fotográfico de pontos que se destacaram nas impressões do surdo durante a aplicação do método.

O trajeto total do PSC foi dividido em trechos, visando propor uma transição entre as diferentes paisagens sonoras identificadas no percurso completo. Foi necessária esta divisão de trechos, uma vez que foi observado na pesquisa piloto que a testemunha sonora tendia a se desviar do objetivo da pesquisa. Cabe ressaltar que, durante o PSC, a pesquisadora não interagiu com a testemunha sonora, permitindo que esta focasse no ambiente urbano que estivesse percorrendo. Nas

pausas de transições, que ocorreram ao final de cada trecho, foi feita uma pergunta livre, pedindo que a testemunha classificasse o último trecho percorrido como sendo silencioso ou “barulhento”, a partir de sua percepção, e que justificasse sua escolha. Tendo até aqui apresentado o método aplicado, a seguir será descrito o recorte espacial adotado para o Passeio Sonoro Comentado.

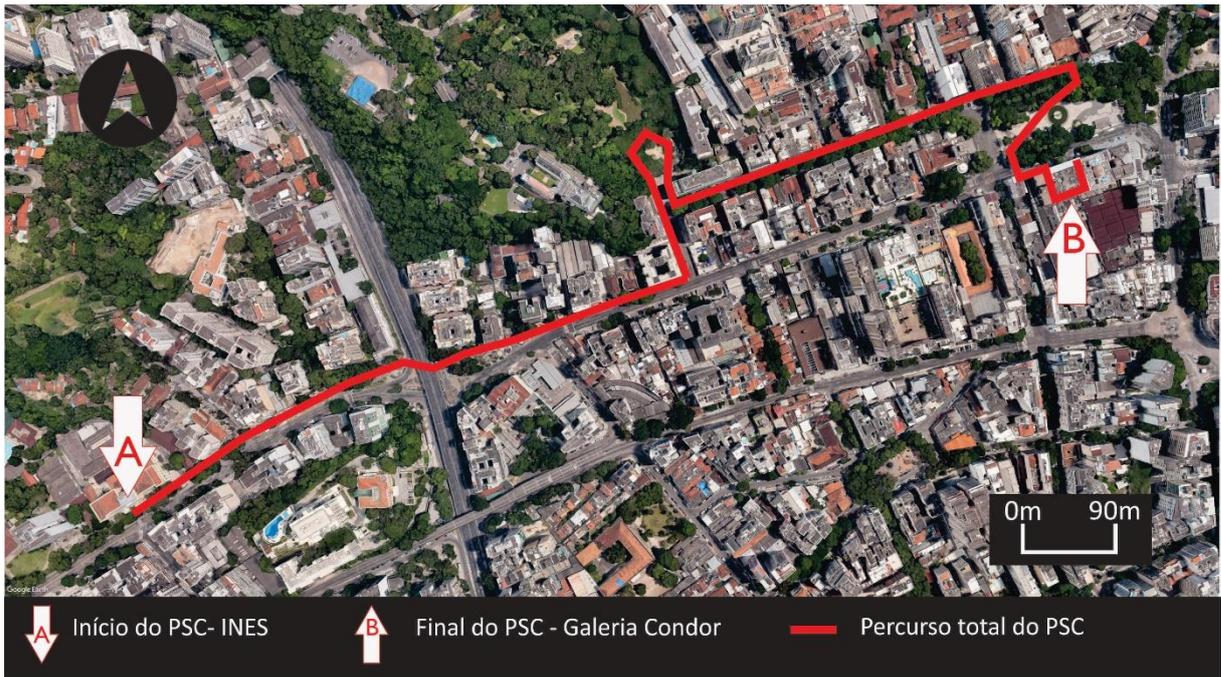
#### **4.5. Recorte espacial e caracterização do percurso para o PSC**

Caminhar é o início, o ponto de partida. O homem foi criado para caminhar e todos os eventos da vida - grandes e pequenos - ocorrem quando caminhamos entre outras pessoas. A vida em toda a sua diversidade se desdobra diante de nós quando estamos a pé. [...] Enquanto caminhamos para nosso destino, observamos pessoas e acontecimentos, somos inspirados a parar e olhar mais detidamente ou mesmo a parar e participar (GEHL, 2013, p. 19).

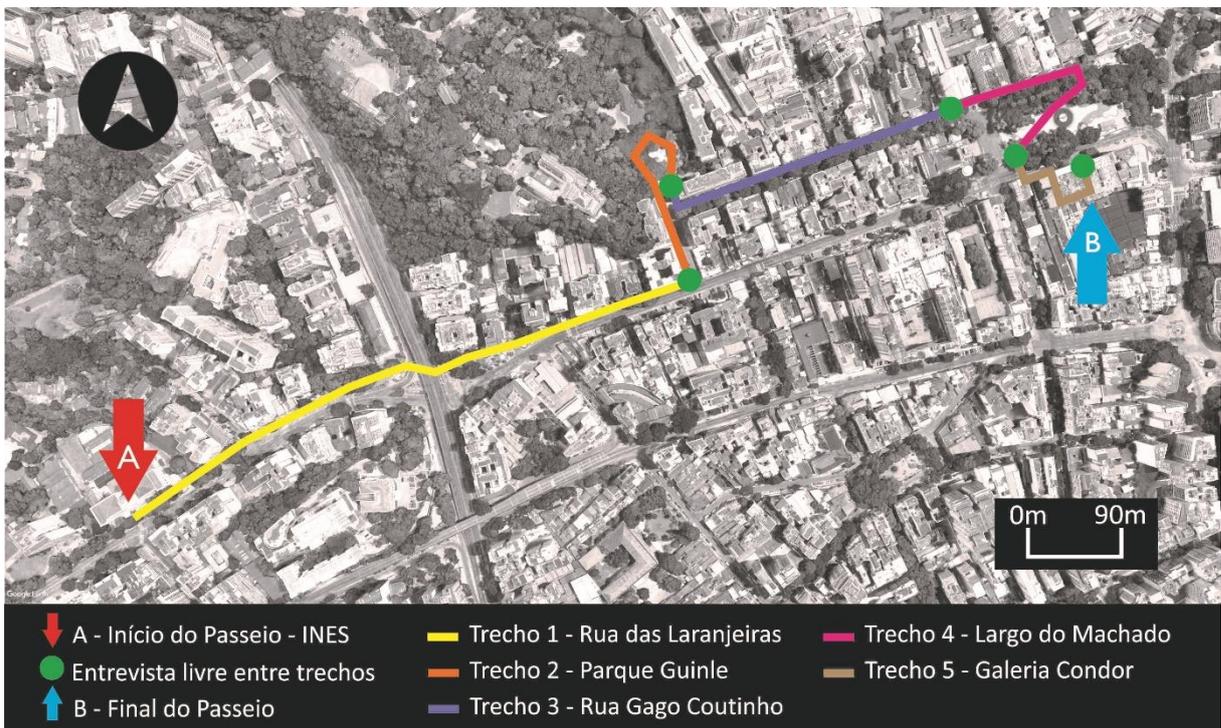
Neste tópico apresentamos o recorte espacial, isto é, o percurso definido como suporte para a “escuta além da audição” de uma paisagem sonora urbana objeto para a aplicação do Passeio Sonoro Comentado, denominado INES – Largo do Machado. A definição deste percurso ocorreu em função de três critérios associados, já mencionados: (1) a diversidade dos efeitos sonoros; (2) a presença de elementos urbanos de reconhecido valor cultural; (3) a possibilidade de um vínculo identitário estabelecido entre as testemunhas sonoras e o lugar – entorno do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

O percurso total do PSC é de aproximadamente 1.200m (mil e duzentos metros), sendo seu início traçado a partir do INES e sua finalização na Galeria Condor, em frente ao Largo no Machado (figura 10). A duração da caminhada foi em média de 40 minutos e o trajeto configura-se em um percurso por áreas planas.

O percurso total foi dividido em cinco trechos, definidos a partir da diferenciação da paisagem urbana e sonora (figura 11). A divisão dos trechos foi baseada nos efeitos sonoros e nos elementos urbanos estruturantes e não considerou relevante a equivalência distância-tempo entre os mesmos, uma vez que a relevância de cada trecho do PSC está em sua configuração qualitativa.



**Figura 10** - Trajeto escolhido para a realização dos Passeios Sonoros Comentados (Fonte: a autora).



**Figura 11** – Divisão de trechos do Passeio Sonoro Comentado (Fonte: a autora).

O passeio sonoro foi desenvolvido previamente pelo Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura como objetivo de validá-lo, cumprindo os procedimentos que vêm sendo desenvolvidos pelo Grupo, tendo em campo uma equipe mínima de três pesquisadores, no caso

específico, atuou-se com 4 pesquisadores: a autora (pesquisador 1), a orientadora (pesquisador 2) e duas bolsistas de iniciação científica do grupo (pesquisadores 3 e 4). O método desenvolvido (REGO, NIEMEYER e VASCONCELLOS, 2012) permite uma avaliação comparada qualitativa-quantitativa. O pesquisador 1 desenvolveu as gravações (gravador ZOOM H4n) e desenvolveu os fichamentos da paisagem sonora. O pesquisador 2 desenvolveu as medições (decibelímetro com datalogger DEC-490 Instrutherm) e, também, desenvolveu os fichamentos da paisagem sonora. O pesquisador 3 desenvolveu os fichamentos da paisagem urbana e o 4 ficou responsável pelas fotos. Optamos pela documentação das fontes sonoras de forma fotográfica, em vez de vídeo, não só pela melhor qualidade da gravação, mas levamos em consideração que, na filmagem, a imagem é o elemento de destaque e o som é o fundo, ao contrário de uma gravação sonora (REGO, NIEMEYER e VASCONCELLOS, 2012, p. 5). O registro da paisagem urbana envolve o uso e a apropriação do espaço livre (calçadas percorridas), o mobiliário urbano presente nestas, tal como a sua pavimentação, os odores percebidos, o espaço edificado adjacente (forma e função) e a forma (corte) do percurso. O registro da paisagem sonora envolve o som fundamental ou fundo sonoro, os eventos sonoros, os sinais sonoros e os marcos sonoros.

É importante salientar que, como Rego (2006, p. 65) destaca, as paisagens sonoras são efêmeras. Assim, era previsto que houvesse variações tanto das percepções em função dos indivíduos, quanto também pela própria variação da paisagem sonora.

Ao construir o passeio sonoro, acreditávamos que este poderia gerar o efeito sonoro de “**antecipação**” para as testemunhas sonoras, isto é, quando dentro de circunstâncias familiares o ouvinte é capaz de antecipar um contexto sonoro previsível (pré-audível) na sua memória (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 26). Do mesmo modo, esperávamos a reincidência do efeito de “**ambiguidade**”, quando ocorre a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de localização de uma fonte sonora (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 141), em função das características das testemunhas sonoras e da complexidade do espaço sonoro urbano. Buscamos, também, estruturar o passeio sonoro de modo que houvesse notáveis variações do som fundamental ou de fundo.

O percurso escolhido cativou as testemunhas sonoras e as estimulou a participarem da pesquisa, uma vez que apresentou facilidade para ajuste de tempo e de localização. Realmente, apresentou trechos familiares aos surdos que participaram, mas a “antecipação” foi complementada por aspectos não comumente observados na vivência dos surdos naquele espaço urbano.

## TRECHO 1: RUA DAS LARANJEIRAS

Trecho mais longo do passeio sonoro, equivalendo a uma caminhada de aproximadamente 18 minutos em passos lentos para a melhor percepção da paisagem urbana e sonora que permite o registro das mesmas.

Em termos da paisagem urbana, o trecho possui significantes marcos que podem atuar como patrimônio material de valor local como o próprio Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, cujo imponente edifício data da década de 1915, solares do início do século XX, a Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Mercado São José, que hoje funciona como um polo cultural e foi uma antiga senzala de uma fazenda local. O percurso é marcado pelo Viaduto Engenheiro Noronha que, praticamente, o divide em dois, atuando como um “limite” fortemente presente na paisagem e que também permite uma escuta diferenciada de “**créneau**” (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 49), ao se passar sob uma cobertura de porte relevante. Além dos marcos culturais, alguns elementos podem atuar como referenciais: o Bradesco, o Itaú, o Supermercado Princesa, o Hortifruti, a Praça Del Prete, o Posto da BR e a Churrascaria Gaúcha.

Em termos de paisagem sonora, o Trecho 1 se caracteriza como um fundo sonoro marcado pelo tráfego veicular de elevado nível de pressão sonora por se tratar de uma via coletora e acreditávamos que o efeito de “**doppler**”, quando a fonte sonora se desloca em sentido oposto ao receptor (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 55), pudesse ser relevante, tal como o “**crescendo**” (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 51) e o “**decrescendo**” (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 52) que, respectivamente, equivalem ao efeito da aceleração e desaceleração do tráfego veicular que passam em “ondas” em função dos tempos semafóricos. Em termos de canal de propagação (a via) e de proximidade com a fonte (o tráfego), o percurso apresenta uma diversidade significativa com calçadas que variam significativamente de largura e com as edificações da borda também variando significativamente com a altura. Há, também, uma rica e diversa variação nas fontes sonoras em função dos diferentes usos nas edificações mistas (residências e comércio), além das apropriações das calçadas e presença de um número relevante de mobiliário urbano (bicicletário, quiosques, bancos, mesas).



Figura 12 - Imagens de caracterização do Trecho 1 (fonte: a autora).

## TRECHO 2: RUA GAGO COUTINHO – PARQUE GUINLE

O caminho mais óbvio para o Largo do Machado seria continuar o trajeto pela Rua das Laranjeiras, a qual não oferecia diversidade nem na forma nem na sonoridade. Assim, a “**quebra**” (AUGOYARD e TORQUE, 1995, p. 38) na Rua Gago Coutinho com destino ao Parque Guinle teve como objetivo ter um diferente fundo sonoro acompanhado por uma paisagem marcada pelo Parque Guinle, o qual é importante marco arquitetônico e cultural da Cidade. O Parque Eduardo Guinle passou ao Governo Federal em 1940 e, em 1943, foi objeto de um plano de urbanização desenvolvido por Lúcio Costa, então Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN.

A “quebra” é um efeito sonoro associado a uma brusca mudança do espectro sonoro ou da reverberação, claramente, a passagem de um ambiente sonoro para outro, no caso, sair de uma via coletora com elevado nível de pressão sonora, passar por uma via local e chegar ao Parque que se configura uma propagação em campo aberto em vez da propagação num canal viário.



Figura 13 - Imagens de caracterização do Trecho 2 (fonte: a autora).

### TRECHO 3: RUA GAGO COUTINHO

A paisagem urbana da Rua Gago Coutinho é, principalmente, marcada pela arborização nos dois lados da via que cria uma “cobertura vegetal”. Não há marcos culturais significativos, mas importantes referências locais como o Instituto Pereira Passos, a Escola EDEM, o Hostel Villa 25 e Vila do Largo, Polo de Economia Colaborativa.

Em termos de paisagem sonora, verificamos um fundo sonoro de baixo nível de pressão sonora por se tratar de uma via local, com pouca apropriação nas calçadas estreitas e pouca diversidade funcional nas bordas, edificações de uso residencial exclusivo.

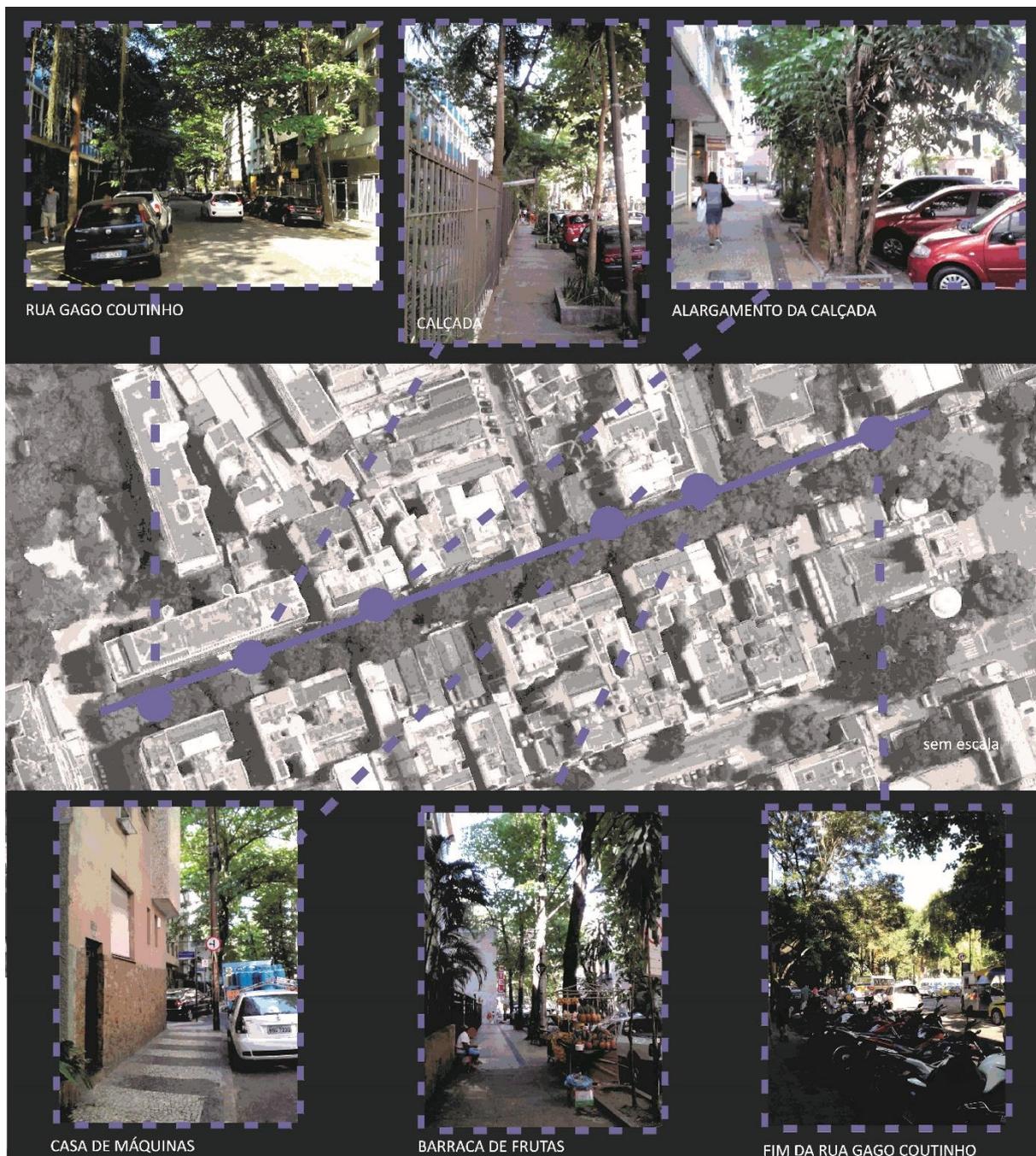


Figura 14 - Imagens de caracterização do Trecho 3 (fonte: a autora).

#### TRECHO 4: GAGO COUTINHO – LARGO DO MACHADO

O quarto trecho, basicamente o Largo do Machado, é caracterizado urbanisticamente por dois marcos culturais locais – o próprio Largo do Machado e a Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. O Largo

data do século XVIII e a Igreja Nossa Senhora da Glória, que cria o fundo da principal perspectiva, é de 1843. Na data de 1954, o projeto paisagístico de reforma do Largo foi projetado por Roberto Burle Marx. O Colégio Amaro Cavalcanti é um dos quatro construídos por ordem de D. Pedro II, e foi fundado em 1875.

Em termos de paisagem sonora, dois efeitos foram elencados para serem avaliados no trecho “mixagem” e “sinédoque”. A “mixagem” (AUGOYARD e TORGUE, 1995, p. 91) é o efeito quando ocorre em um mesmo espaço um número significativo de diferentes fontes sonoras de forma sincrônica e a “sinédoque” (AUGOYARD e TORGUE, 1995, p. 134) é o efeito que se tem em um ambiente sonoramente complexo, quando cabe ao ouvinte a faculdade de operar uma escuta seletiva, valorizando uma fonte sonora em detrimento de outra(s).

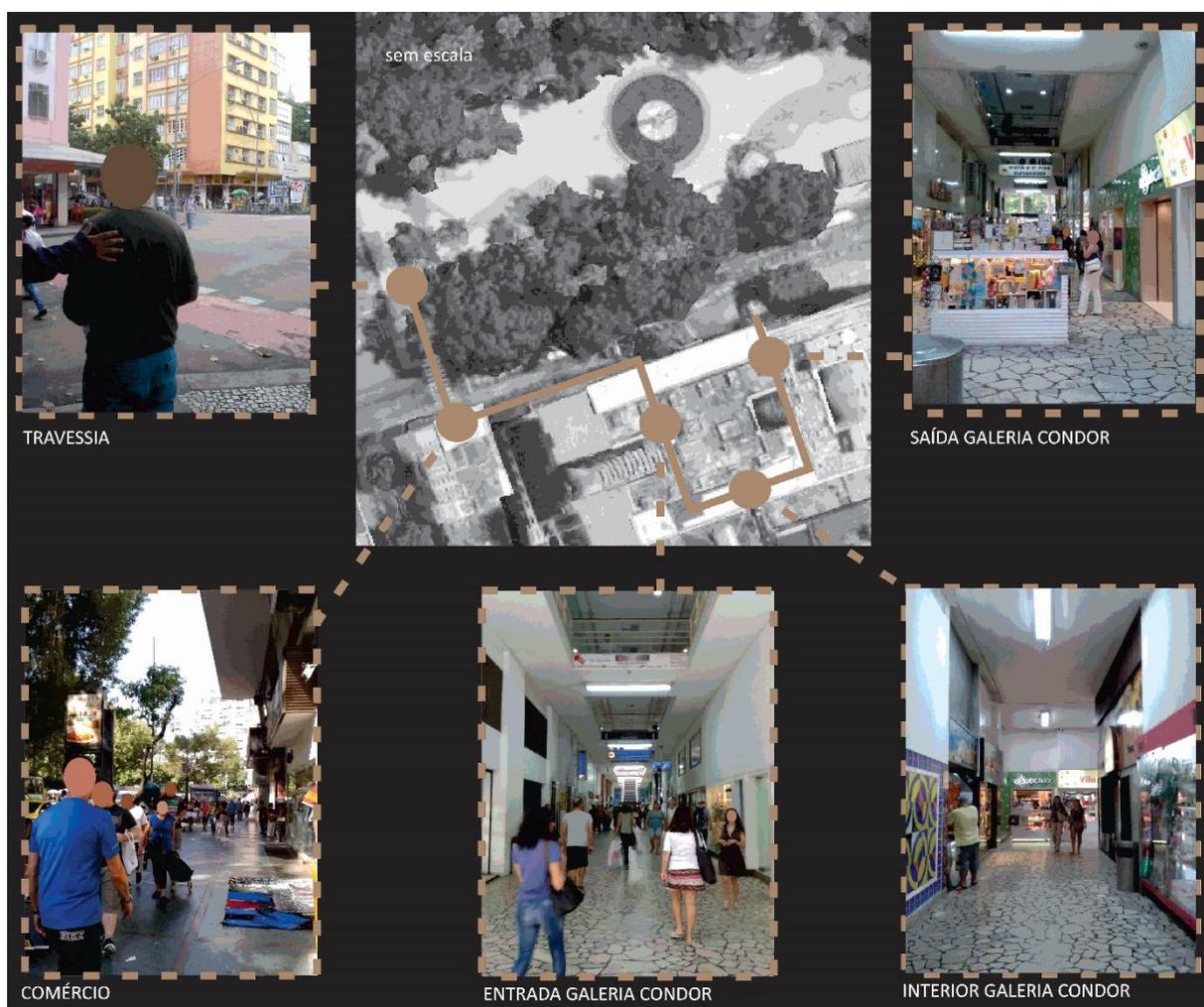


Figura 15 - Imagens de caracterização do Trecho 4 (fonte: a autora).

## TRECHO 5 – GALERIA CONDOR

O quinto trecho apresenta uma paisagem privada de uso público, o espaço arquitetônico da Galeria Condor, inaugurada em 1966, cujo nome está relacionado ao Cinema Condor, que ocupava o mezanino e parte do térreo.

O percurso incluiu a entrada neste espaço objetivando verificar a percepção da alteração sonora em função dos efeitos de “ressonância” (AUGOYARD e TORGUE, 1995, p. 110) e de “reverberação” (AUGOYARD e TORGUE, 1995, p. 120), quando em um ambiente fechado as ondas sonoras refletem nas superfícies, ocorrendo uma amplificação da intensidade sonora.



Ao longo desse passeio sonoro, outros efeitos também foram constatados. “Atração” (AUGOYARD e TORGUE, 1995, p. 28), que na verdade corresponde aos sinais sonoros, som de alertas. “Cocktail” (AUGOYARD e TORGUE, 1995, p. 35), capacidade de se concentrar em uma conversação a

despeito dos demais sons circundantes, fato recorrente, tanto nas conversas entre pedestres quanto pedestres falando no celular. “**Hiperlocalização**”, quando uma fonte sonora pontual chama a atenção inevitavelmente do ouvinte, de certo modo similar ao efeito de “**sinédoque**”, que é a capacidade do ouvinte selecionar e valorizar um som específico da paisagem. Abaixo apresentamos um quadro-síntese dos efeitos sonoros identificados no percurso, bem como suas descrições.

**Quadro 1** – Quadro-síntese dos efeitos sonoros identificados no percurso.

<b>EFEITOS SONOROS</b>	
<b>“AMBIGUIDADE”</b>	Quando ocorre a dificuldade ou mesmo a impossibilidade de localização de uma fonte sonora.
<b>“ANTECIPAÇÃO”</b>	Quando dentro de circunstâncias familiares o ouvinte é capaz de antecipar um contexto sonoro previsível (pré-audível) na sua memória.
<b>“ATRAÇÃO”</b>	Corresponde aos sinais sonoros, som de alertas.
<b>“COCKTAIL”</b>	Capacidade de se concentrar em uma conversação a despeito dos demais sons circundantes.
<b>“CRÉNEAU”</b>	Ocorrência de emissão sonora no momento que é mais favorável e em um lugar particularmente bem adaptado para a sua expressão.
<b>“CRESCENDO”</b>	Equivalem ao efeito da aceleração progressiva da intensidade de um som.
<b>“DECRESCENDO”</b>	Equivalem ao efeito de desaceleração progressiva da intensidade de um som.
<b>“DOPPLER”</b>	Quando a fonte sonora se desloca em sentido oposto ao receptor.
<b>“HIPERLOCALIZAÇÃO”</b>	Quando uma fonte sonora pontual chama a atenção inevitavelmente do ouvinte.
<b>“MASCARAMENTO”</b>	Presença de um som que, parcial ou completamente, mascara outro som devido à sua intensidade ou à distribuição de suas frequências.
<b>“MIXAGEM”</b>	Quando ocorre em um mesmo espaço um número significativo de diferentes fontes sonoras de forma sincrônica.
<b>“QUEBRA”</b>	Mudança brusca do espectro sonoro ou da reverberação.
<b>“RESSONÂNCIA”</b>	Repetições múltiplas que resultam em aumento do impulso sonoro.
<b>“REVERBERAÇÃO”</b>	Propagação em que um som continua após a cessação de sua emissão (eco).
<b>“SINÉDOQUE”</b>	Quando em um ambiente sonoramente complexo, cabe ao ouvinte a faculdade de operar uma escuta seletiva valorizando uma fonte sonora em detrimento de outra(s).

**Fonte:** A autora com base em Augoyard e Torgue (1995).

Concluindo este capítulo, apresentamos a seguir duas planilhas documentais do Passeio Sonoro, desenvolvido pela autora juntamente com o Grupo de Pesquisa, utilizado como base para o desenvolvimento dos Passeios Sonoros Comentados com as testemunhas sonoras surdas.

Quadro 2- Planilha documental do Passeio Sonoro em Laranjeiras.

PASSEIO SONORO: INES - LARGO DO MACHADO		DESCRÇÃO:		PESQUISADORES: Andrea Queiroz Rego e Juliana Simili		BOLISTAS IC: Aline Ourique (gravador e sonômetro), Gabriele Procópio (fotografia e documentação).		
PERCURSO	DATA HORA INICIO	ENDEREÇO EDIFICADO CONTÍGUO	USO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO LIVRE	MOBILIÁRIO	PAVIMENTAÇÃO	ODORES	FOTOS	MORFOLOGIA/CORTE
TRECHO 1A - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16h31	Rua das Laranjeiras, INES. segunda-Grade do INES delimita uma calçada muito estreita, com cerca de 1,0m.	pedestres	postes de iluminação pública	pedra; cimentado	fumaça; descarga de veículos		
TRECHO 1B - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16h37	Rua das Laranjeiras, do acesso de carros do INES até a Rua Ribeiro de Almeida. Calçada larga de edifícios residenciais, com carros estacionados adjacentes.	pedestres; pedestres passeando com cachorros; estacionamento	golas de árvores; postes de iluminação pública; lixeiras	cimentado; pedra portuguesa	indefinidos		
TRECHO 1C - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16h38	Rua das Laranjeiras com a Rua Ribeiro de Almeida até o número 114, Churrascaria Gaúcha. Calçadas largas: edifícios de uso misto e apenas residenciais; Supermercado Princesa; Maternidade Escola UFRJ; Praça Del Prete.	pedestres; pessoas passeando com cachorros; entregadores; vendedores ambulantes; pipoqueiro; moradores de rua	poste de iluminação pública; canteiro sentável; abrigo de ônibus; lixeiras; bicicletário; Bike Rio; quiosque de chaveiro; mesas de jogos; banca de jornal; estacionamento; bancos; pórtico-avião; parquinho; pergolado	Intertravado; cimentado; pedra portuguesa; terra batida	pão assando; pipoca; fezes; urina		

Fonte: Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura – PROARQ/UFRJ.

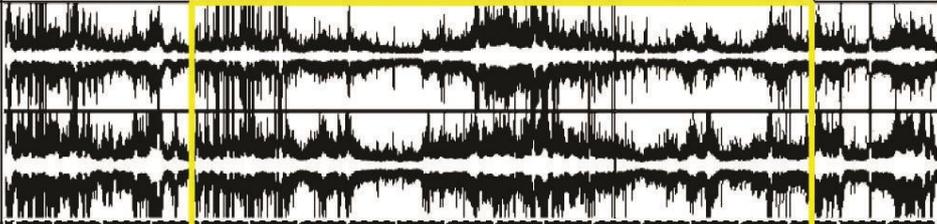
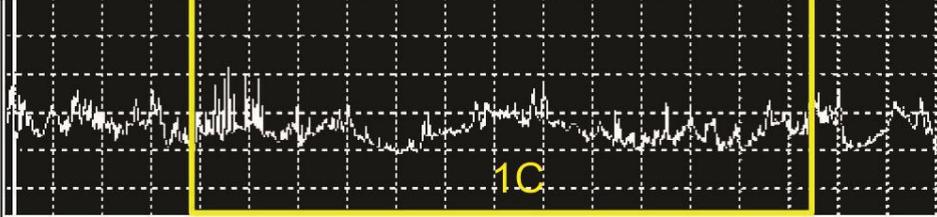
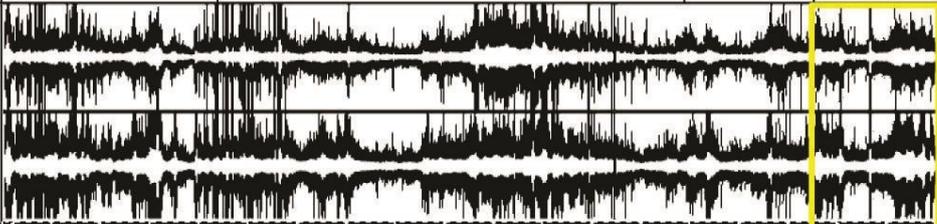
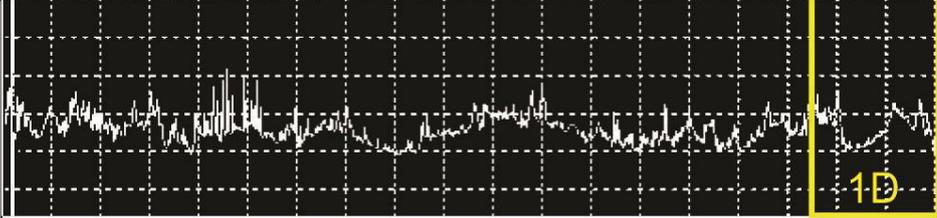
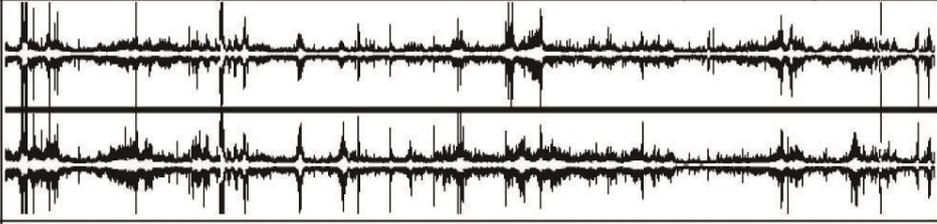
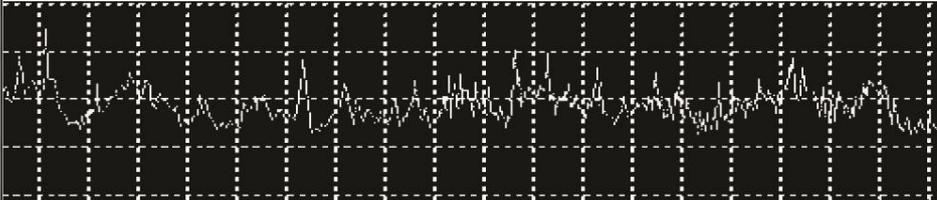
Quadro 3 - Planilha documental do Passeio Sonoro em Laranjeiras (continuação).

PERCURSO	DATA HORA INÍCIO	ENDEREÇO EDIFICADO CONTÍGUO	USO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO LIVRE	MOBILIÁRIO	PAVIMENTAÇÃO	ODORES	FOTOS	MORFOLOGIA/CORTE
TRECHO 1D - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16h35	Rua das Laranjeiras, n.114 até a Rua Gago Coutinho. Solares antigos e edifício residencial	pedestres	não há em função da calçada muito estreita, menos de 1,0m	pedra; cimentado	urina		
TRECHO 2 - PARQUE GUINLE	16/10/2017 segunda-feira 17h05	Rua Gago Coutinho até o parque do Parque Guinle. Edifícios residenciais; Portão do Parque Guinle; parque infantil	pedestres; ciclistas; crianças brincando no parque; pessoas conversando	Bike Rio; poste de iluminação pública, lixeiras, mesas; bancos; brinquedos infantis; fraldário	pedra portuguesa; terra batida	urina; perfume da vegetação		
TRECHO 3 - RUA GAGO COUTINHO	16/10/2017 segunda-feira 17h12	Rua Gago Coutinho até a Rua Ministro Tavares de Lira Edifícios residenciais e de uso misto; Colégio Eden; Vila do Largo.	obras; pedestres; pedestres passeando com cachorros; vendedores ambulantes (frutas e churros); moradores de rua	obra, estacionamento ao longo; lixeiras; postes de iluminação pública	pedra portuguesa; cimentado	urina; abacaxi; churros; fezes		
TRECHO 4 - LARGO DO MACHADO	16/10/2017 segunda-feira 17h20	Rua Gago Coutinho, n.19 e o Largo do Machado. Edifícios mistos; C.E Amaro Cavalcanti; Largo do Machado	estacionamento; comércio ambulante; idosos jogando; pessoas passeando; pessoas sentadas	lixeira; postes de iluminação pública; mesas de jogos; bancos; lonas de quiosques; parquinho; quiosque bilheteria do Corcovado; caixa correio; bicicletário; telefone público	cimentado; intertravado; pedra portuguesa	hamburger		
TRECHO 5 - GALERIA CONDOR	16/10/2017 segunda-feira 17h35	Galeria Condor. Lojas comerciais.	pessoas caminhando; pessoas conversando.	bancos; lixeiras.	marmorite	perfume		

Fonte: Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura – PROARQ/UFRJ.

**Quadro 4 - Planilha “Paisagem Sonora”, Documentação 2, realizada após o Passeio Sonoro INES-Largo do Machado.**

PASSEIO SONORO: INES - LARGO DO MACHADO					
<p><b>DESCRIÇÃO:</b></p> <p>O passeio sonoro foi realizado em uma segunda-feira, dia 16 de outubro, no período da tarde entre 16:30h e 17:40h, começando no portão de pedestre (guarita) do INES e terminando na Galeria Condor, no Largo do Machado. O passeio sonoro foi definido buscando diferentes formas urbanas - vias mais largas com tráfego veicular mais intenso, vias mais estreitas com menor tráfego veicular, "campo aberto" sem tráfego veicular nas bordas, "campo aberto" com tráfego veicular nas bordas e um espaço enclausurado de uso público - a Galeria Condor.</p> <p>O Trecho 1 corresponde à Rua das Laranjeiras e foi dividido em 4 partes: 1A, 1B, 1C e 1D, destacados por retângulos amarelos no espectro sonoro. Essa divisão foi feita em função, principalmente, das variações morfológicas que ocorrem, as quais influenciam diretamente na forma de propagação do som. Verifica-se que nos trechos em que as calçadas são mais estreitas o nível de pressão sonora é bem mais elevado, pela proximidade do tráfego veicular. Nesse trecho predomina o som do tráfego veicular, das vozes dos pedestres e comumente os portões dos edifícios.</p> <p>O Trecho 2 corresponde ao início da Rua Gago Coutinho e ao Parque Guinle, onde predomina o som dos pássaros e as vozes humanas, destacadamente, de crianças.</p> <p>O Trecho 3 corresponde à Rua Gago Coutinho, predominam as vozes variadas dos pedestres.</p> <p>O Trecho 4 corresponde ao Largo do Machado, além das vozes, a paisagem é marcada por música, chamada de ambulantes, assobios e o tráfego veicular com buzinas frequentes.</p> <p>O Trecho 5 corresponde à Galeria Condor, onde a escuta é alterada pela reverberação do espaço fechado. Predominam as vozes e os sons de pratos e talheres.</p>					
<p><b>PESQUISADORES:</b> Andrea Queiroz Rego e Juliana Simili</p>			<p><b>BOLSISTAS IC:</b> Gabrielle Procópio (Imagens e documentação) e Aline Ourique (gravador e sonômetro)</p>		
PERCURSO	DADOS DA GRAVAÇÃO	FUNDO SONORO	EVENTO SONORO	SINAL	MARCO
TRECHO 1A - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16:31:28 - 16:33:27	tráfego veicular - carros de passeio, motos, caminhões e ônibus pássaros - presença de arborização de grande porte no INES	moto; parada do ônibus; caminhão	-	-
	STE-000 (1m59s)				
	Laeq = 75,6 dBA Lmax = 86,4 dBA Lmin = 68,7 dBA				
TRECHO 1B - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16:33:27 - 16:35:03	tráfego veicular - carros de passeio, motos, caminhões e ônibus pássaros - presença de arborização de grande porte no INES	risadas, vozes conversando, caminhão; portão batento; freios, vozes conversando; moto; buzinas, latido do cão preso na porta do supermercado, voz de criança falando com a mãe,	buzina	-
	STE-000 (1m36s)				
	Laeq = 73,2 dBA Lmax = 84,7 dBA Lmin = 65,5 dBA				

TRECHO 1C - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16:35:03 - 16:47:08	tráfego veicular - carros de passeio, motos, caminhões e ônibus	latido do cão preso na porta do supermercado; voz de criança falando com a mãe; vozes conversando; celular; pratos e talhars na lanchonete; batida da porta do carro; bicicleta; moto; portão do edifício; pássaros; voz de criança; freio; pedestre no celular; porta do ônibus; anúncio; ventilação da câmara da light	buzinas; sinaleira do portão da garagem	-
	STE-000 (12m05s)				
	Laeq = 71,7 dBA Lmax = 93,3 dBA Lmin = 63,4 dBA				
TRECHO 1D - RUA DAS LARANJEIRAS	16/10/2017 segunda-feira 16:47:08 - 16:49:58	tráfego veicular - carros de passeio, motos, caminhões e ônibus	pássaros; freio; conversas; pedestre no celular; bicicleta; caminhão; homem cantando e assobiando	buzinas; marcha ré do caminhão	-
	STE-000 (2m50s)				
	Laeq = 73,2 dBA Lmax = 85,8 dBA Lmin = 64,8 dBA				
TRECHO 2 - PARQUE GUINLE	16/10/2017 segunda-feira 16:55:40 - 17:04:16	tráfego veicular no primeiro trecho - Rua Gago Coutinho pássaros no segundo trecho - Parque Guinle	tampa concessionária; Rio Bike; conversas; portão batendo; bicicleta de entrega; música; conversas; pássaros; vozes de crianças; pessoas conversando; pessoa no celular; carrinho de brinquendo; corrente do balanço; passos na terra; carrinho de entrega do Correio	-	-
	STE-001 (8m36s)				
	Laeq = 63,0 dBA Lmax = 83,9 dBA Lmin = 55,0 dBA				

TRECHO 3 - RUA GAGO COUTINHO	16/10/2017 segunda-feira 17:06:24 - 17:14:39	tráfego veicular - carros de passeio	pássaros; carro de entrega do Correio; conversa; menino pedindo esmola; moto; pessoa no celular; carro ligando; passos com salto; portão; TV; latido de cão; conversas de jovens; carrinho de compras; risadas durante conversa; passos; conversas na porta da escola	buzina; assobio para cães	-
	STE-002 (8m15s)				
	Laeq = 64,1 dBA Lmax = 84,7 dBA Lmin = 56,8 dBA				
TRECHO 4 - LARGO DO MACHADO	16/10/2017 segunda-feira 17:18:17 - 17:26:36	tráfego veicular - carros de passeio pássaros	conversa de jovens; carrinho de bebê; pássaros; moto; conversa; música da lanchonete; marteladas; grade; conversa; freio; voz de criança; risadas e gritaria na C.E. Amaro Cavalcanti; latido; risadas; freio; conversas nas mesas de jogos - idosos; música; pombos; grito	buzina; assobio	sons do C.E. Amaro Cavalcanti
	STE-003 (8m19s)				
	Laeq = 68,4 dBA Lmax = 85,9 dBA Lmin = 61,8 dBA				
TRECHO 5 - GALERIA CONDOR	16/10/2017 segunda-feira 17:31:12 - 17:38:35	tráfego veicular vozes; pratos e talheres	vendedor de picolé; tosse; conversas; voz de criança; pipoca; chamada do açai; Kombi; moto; voz de criança; pratos e talheres; conversas; liquidificador; caminhão	buzina; assobio, sinaleira da garagem, buzina	-
	STE-004 (7m23s)				
	Laeq = 73,0 dBA Lmax = 86,6 dBA Lmin = 65,4 dBA				

Fonte: Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura – PROARQ/UFRJ.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO

Nesta fase do trabalho, iniciamos a apresentação e análise dos resultados do Estudo de Caso, a partir dos dados obtidos pela transcrição das entrevistas e dos passeios sonoros comentados. Os dados foram examinados à luz do aporte teórico discorrido nos capítulos anteriores, buscando uma qualificação sistematizada dos resultados obtidos a partir da percepção das testemunhas sonoras.

Cabe lembrar que o universo de pesquisa em que mergulhamos será apresentado e analisado qualitativamente, isto é, pautando-nos em dados de realidade que não são reduzidos a variáveis, sendo observados como um todo. O que é considerado primordialmente são os dados extraídos de narrativas onde são manifestados pensamentos, sentimentos e ações e não dados numéricos. A apresentação dos dados ocorre com base no entendimento dos participantes sobre a questão do trabalho, por meio de análises que vieram a privilegiar as avaliações da qualificação do espaço urbano e da paisagem sonora, não havendo uma intenção de tratar os registros estatisticamente. A repetição de alguns dos dados indicou o momento de saturação e foi determinante para o encerramento da coleta de informações.

### 5.1 Conhecendo as testemunhas sonoras

Foram convidadas a participar desta pesquisa professores surdos da Faculdade de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Como delimitado anteriormente, consideramos como amostra válida neste trabalho, que as testemunhas sonoras seriam surdos congênitos ou pré-linguísticos, com no mínimo curso superior, mais de 18 anos de idade e estarem, de alguma forma, inseridos na cultura surda, tendo o domínio da Libras, a Língua de Sinais Brasileira. A pesquisa não visava avaliar as instituições, mas, sim, ter acesso às pessoas que pudessem atender a esse perfil e que quisessem participar da pesquisa. Ambas as instituições foram solícitas e demonstraram apoio à pesquisa.

Posteriormente à aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa via Plataforma Brasil e após questões burocráticas institucionais solucionadas, foi possível dar seguimento à pesquisa, sendo convidados nas duas instituições um total de 34 professores para participarem da pesquisa. Destes, 17 responderam ao nosso convite de forma positiva. Entretanto, a entrevista foi aplicada a 13 professores, uma vez que, em quatro situações, não foi possível viabilizar a agenda do professor surdo

com a do intérprete, mediador essencial neste caso, tendo em vista que a pesquisadora não fala em Libras.

Dos 13 participantes entrevistados, 4 eram professores da UFRJ e 9 do INES. Todos foram muito receptivos com a pesquisa, demonstrando interesse e solicitude em contribuir com informações. As 13 pessoas entrevistadas foram convidadas a participarem da segunda fase da pesquisa, o Passeio Sonoro Comentado. Após o convite para a segunda etapa, 5 professores informaram já ao final da entrevista que não poderiam participar, alegando motivos pessoais; 3 concordaram com a participação no PSC, mas tiveram imprevistos de última hora, sendo o passeio cancelado; por fim, 5 entrevistados participaram tanto da entrevista quanto do PSC. Cabe destacar que todos os participantes do PSC foram do INES, uma vez que, pela distância e disponibilidade dos professores, houve dificuldade de agendamento com os professores da UFRJ. Ressaltamos, porém, que, devido à qualidade dos dados obtidos com estas 5 testemunhas sonoras nos PSC realizados, julgamos os dados como sendo suficientes para atender e responder aos objetivos desta pesquisa. Portanto, ao final do Estudo de Caso, foram realizadas **13 Entrevistas e 5 Passeios Sonoros Comentados**. Seguimos, assim, para a caracterização desses 13 sujeitos surdos participantes do Estudo de Caso.

Quanto ao gênero, 4 eram do sexo masculino e 9 do sexo feminino, tendo idades variadas entre 26 e 46 anos. Chamou a atenção o alto grau de instrução, já que, exceto um participante, todos os demais tinham algum tipo de Pós-Graduação ou estavam com a mesma em andamento. Este fato esclarece a destreza dos participantes em se expressarem, o que contribuiu para a obtenção de dados claros e para uma maior percepção da importância da pesquisa.

Quanto ao tipo de surdez, 10 participantes são surdos congênitos, isto é, nasceram surdos; e outros 3 adquiriram a surdez em fase pré-linguística, ou seja, antes de aprenderem a língua portuguesa oralmente. É interessante notar que estes últimos se consideram surdos de nascença, pois não têm lembrança sonora, o que corrobora a questão apontada por Sacks (2010, p. 19) e por nós exposta anteriormente acerca da “ilusão do som”.

Eu nasci surda, porque com um ano eu não lembro desse registro auditivo, de lembrar dessa fase ouvindo... eu não consigo lembrar, então pra mim, eu nasci surda e me desenvolvi bem... (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Quanto ao grau de surdez, 11 entrevistados possuem surdez profunda ou severa e apenas 2 apresentam a surdez moderada, sendo que um deles apenas no ouvido direito. Lembrando, como foi apontado em capítulo anterior, que os limites de classificação da surdez em decibéis são: normal até 25 dB; leve de 26 a 40 dB; moderada de 41 a 55 dB; moderadamente severa de 56 a 70 dB; severa de 71 a 90 dB; profunda maior que 91 dB. Cabe ainda destacar que duas participantes surdas profundas

utilizam algum tipo de aparelho auditivo, o que contribui para aumentar a capacidade auditiva. Abaixo, segue o quadro-resumo da relação e caracterização das testemunhas sonoras que participaram das Entrevistas e do PSC.

**Quadro 5** - Relação e caracterização das testemunhas sonoras que participaram das Entrevistas e do PSC.

Testemunha Sonora	Idade	Sexo	Escolaridade	Tipo de surdez	Grau de surdez	Usa aparelho auditivo	Entrevista	PSC
<b>B.A.</b>	32	M	Pós-Graduação	Congênita (genética)	O. E. - Severa O. D. - Moderada	-	X	-
<b>C.G.</b>	39	F	Pós-Graduação	Adquirida aos 2 anos (meningite)	Profunda	-	X	-
<b>C.R.</b>	38	F	Pós-graduação em andamento	Congênita	Profunda	-	X	-
<b>F.S.</b>	34	F	Mestrado	Congênita (mãe teve rubéola)	Profunda	-	X	-
<b>I.B.</b>	27	F	Pós-graduação em andamento	Congênita	Moderada	-	X	X
<b>J.P.</b>	26	F	Pós-Graduação	Congênita	O. E. - Severa O. D. - Profunda	X	X	X
<b>L.A.</b>	31	F	Mestrado em andamento	Congênita	Profunda	-	X	-
<b>L.E.</b>	46	M	Graduação	Congênita	Profunda	-	X	X
<b>M.P.</b>	44	F	Pós-Graduação	Adquirida aos 2 anos e meio	Profunda	-	X	-
<b>R.F.</b>	38	M	Pós-Graduação	Congênita (mãe teve rubéola)	Profunda	-	X	X
<b>R.N.</b>	38	M	Pós-graduação em andamento	Congênita (genética)	Profunda	-	X	-
<b>R.R.</b>	31	F	Pós-Graduação	Congênita	Profunda	X	X	X
<b>V.M.</b>	39	F	Pós-Graduação	Adquirida com 1 ano e meio (meningite)	Profunda	-	X	-

(Fonte: a autora).

A partir da exposição de tais dados acerca dos participantes, podemos dizer que não existe uma uniformidade no padrão da surdez, sendo relevante para este trabalho considerar as qualificações

do som sob diferentes pontos de vistas. Acreditamos, assim, que a pertinência do trabalho se dá também ao destacar a diversidade existente dentro do universo de pessoas surdas.

## 5.2 Cultura, Identidade e Representação surdas

Cultura, identidade e representação: esses três conceitos subsidiam todas as análises deste trabalho. Como foi exposto nos capítulos de embasamento teórico, os surdos têm uma maneira própria de interpretar e vivenciar o mundo, calcada principalmente em aspectos de uma cultura e identidades próprias. Cabe lembrar que a base de toda essa cultura e identidade surdas é a sua representação por meio da Língua de Sinais, manifestada espacial e visualmente. Tendo dito isto, este tópico irá abordar elementos conceituais expostos pelos próprios surdos nas entrevistas e que reforçam a relevância dessa abordagem sob diferentes aspectos, dando respaldo para a análise dos tópicos seguintes, mais específicos em relação ao tema deste trabalho.

Observamos nas entrevistas que os surdos não apenas experimentam o mundo primordialmente de maneira visual, como eles têm consciência disso. A entrevistada CR (surda profunda congênita, sem aparelho) diz que *“tem que me chamar acenando”*, ao avisar à secretária do consultório médico que ela é surda. RN (surdo profundo congênito, sem aparelho) também expõe que durante uma conversa entre pessoas surdas, é preciso ficar visualmente atento, já que quando *“alguém começa a falar, a gente fala que precisa de atenção pra olhar a língua de sinais”*. Assim, ele ressalta a especificidade visual da língua de sinais.

A língua de sinais, no Brasil, a Libras, constitui-se em um dos sistemas de representação da cultura surda, uma vez que ela evoca referências simbólicas adquiridas outrora pelas pessoas surdas e que contribuem para a construção de sua identidade. Tendo como referência o testemunho de BA (surdo severo e moderado congênito, sem aparelho), mais do que a constatação de que modalidade da língua é diferente e de que esta se manifesta de forma distinta da língua dos ouvintes, ele a assume com sendo sua, tomando posse a partir de uma cultura que lhe é própria.

Eu sou surdo, a **minha língua é visual e espacial**, diferente dos ouvintes, que usam uma língua oral-auditiva... a minha língua é visual e então com relação a essa parte auditiva eu não entendo nada... bom, como uma questão oral por vezes eu coloco alguma palavra errada, mas na Libras eu tenho uma fluência e eu consigo fazer ‘N’ sinais, **infinitos sinais dentro da minha língua**... (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Apesar de os surdos terem essa consciência de possuírem uma língua própria, uma das maiores barreiras a se enfrentar diante da sociedade majoritária é a questão da comunicação. Essa não

interação acaba ocasionando uma exclusão social. FS (surda profunda congênita, sem aparelho) questiona: “Como eu ia me comunicar? Minha língua é muito diferente! ”. Conforme Quadros (2004) já apontou anteriormente, a língua de sinais é percebida visualmente e expressa "sem som e no espaço".

**A minha mão está falando, literalmente, mas eu não estou escutando...** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Nos relatos abaixo, os entrevistados surdos questionam sua inserção na sociedade majoritária, destacadamente expressa pela exclusão por meio da língua, representação de um traço visível de sua cultura (SILVA, 2000). Questionam seu papel em locais onde eles não podem ter acesso às informações e destacam que, ao se ter acesso à língua de sinais, suas posturas mudam, uma vez que se sentem incluídos e podem ser atuantes no sistema.

Local com muitas pessoas no mesmo ambiente me incomoda... **“O que eu vou fazer ali?”**... É essa a pergunta que eu me faço quando eu tô nesses locais com muita gente falando e **eu não estou entendendo**, ouvindo nada, e o eles estão falando... **eu perdi as informações**... é isso... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Se eu vou num local que tem ouvintes, eu vou numa boa, mas eu vou ficar ali meio que **sem ter as informações**, vendo as pessoas falarem e não sabendo de nada! Agora, tendo a língua de sinais, pronto! Ótimo! Excelente! **Eu vou ter informação por conta da língua de sinais!** Vocês estão falando aí agora enquanto ouvinte, todo mundo fala e conversa e eu?! **Aonde eu fico?!** Então locais que têm a língua de sinais são os locais que me chamam a atenção! (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Uma festa... porque tem aquela barulhada... **se não tem surdo, eu não gosto!** Porque fica aquele monte de barulho, aquele monte de gente gritando! Agora se tem um surdo, a gente vai tá ali naquele grupo de amigos, **a gente vai conversar e eu ignoro esse som todo e fico ali curtindo com meus amigos!** (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

A comunicação é o principal meio para a acessibilidade dos surdos ao mundo dos ouvintes. É através dela que eles podem se desenvolver intelectualmente e formar uma identidade própria, intercambiando entre o que são e o onde estão. E essa comunicação mostra-se fundamental até mesmo para viabilizar questões cotidianas fundamentais, como o acesso a direitos essenciais, como hospitais e bancos.

Eu acho importante todos os lugares terem **intérpretes!** Porque os surdos em muitos lugares **não conseguem se comunicar**, tem que escrever... [deveria haver] alguém que saiba Libras ali! [Há uma] Série de **limitações**, porque eu vou ao hospital e nunca tem intérprete! (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

[No hospital] então **tentei me comunicar** e isso realmente aconteceu... claro que o **intérprete é importante!** [...] Aí eu fui explicando, escrevendo, enfim, é mais ou

menos isso que ele foi entendendo e vendo... eu fazia um pouco de leitura labial... e aí **algumas coisas eu não entendia**, algumas coisas ele escrevia para mim, ficava mais fácil escrever... a gente conversava assim e fazia esse diálogo para descobrir o que tava acontecendo comigo (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

[No hospital] falta **acessibilidade**... às vezes, acontece **um momento de complicação que eu não consigo compreender**... [...] e aí a **comunicação foi difícil**... essa é a questão! (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Por exemplo, a gente entra às vezes no banco e [tem] um gerente... a gente fala da Lei de língua de sinais... **ele precisa saber a língua de sinais ou ter um intérprete lá!** Aí eu falo pra eles “vocês precisam quebrar essa **barreira de comunicação** aqui!”... [...] E de que as pessoas percebam que os deficientes, no modo geral, **cegos e cadeirantes conseguem se comunicar bem, agora eu que sou surdo, não! Eu tenho uma língua diferente!** E aí há um **limite** para essa comunicação naquele momento... Então, eu preciso me comunicar e a **maioria da sociedade não sabe compreender**, às vezes... (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Observamos, então, que o esforço de comunicação parte sempre dos surdos, o grupo minoritário, ainda que existam garantias legais para que haja intérprete nesses locais. Isso acaba proporcionando uma perda de informação ou a simplificação da mesma, uma vez que o não preparo diante da necessidade de comunicação em uma língua diferente pode simplificar questões complexas. A limitação na comunicação tende a inviabilizar a inserção dessas pessoas na sociedade majoritária, contribuindo para o agrupamento cultural de pessoas que se encontram nas suas semelhanças (LANE *et. al.*, 2011; SACKS, 2010). Neste aspecto, é possível se compreender melhor o ponto de vista de Lane (2006), quando este descreve os surdos como sendo estrangeiros. Concordamos com o autor e reafirmamos que os surdos são forasteiros em seu próprio país, uma vez que a maioria dos surdos não dominam a língua majoritária e se comunicam apenas de forma essencial, sem criar grandes diálogos e, por consequência, laços profundos com os ouvintes que não sinalizam.

Cabe ressaltar ainda que a forma como a família lida com a surdez irá facilitar ou dificultar essa integração social e cultural. Conforme Strobel (2008), a dificuldade de comunicação pode comprometer a identificação e cumplicidade com a família. De acordo com o relato de RN (surdo profundo congênito, sem aparelho), a questão da comunicação deve envolver a família, a escola e a sociedade, o que permitiria a acessibilidade dos surdos em qualquer ambiente. É responsabilidade de todos desenvolver possibilidades de interação, ainda que por meio de intérprete. Já no relato de IB (surda moderada congênita, sem aparelho), advinda de família ouvinte, percebemos que o subsídio familiar possibilitou que ela tivesse apoio no enfrentamento do que poderia se tornar uma limitação, sendo a comunicação desenvolvida e incentivada pela família, tanto através da Libras quanto com uma base de comunicação oral.

E pouquíssimos [surdos] sabem escrever bem na língua portuguesa, mais quando a **família estimula**, mais quando **a família desenvolve isso...** só que a maioria das famílias dos surdos não fazem isso! Então depende muito sociedade, de como a sociedade **encara e respeita** isso! (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Então, eu nasci surda por conta de uma doença chamada rubéola e a minha família ela sempre me **tratava**, me **apoiando** muito bem, **frequentava as minhas escolas** aonde eu era a única surda... eu frequentei mais a fonoaudióloga com 12 anos de idade mais ou menos... e **a família me ajudou muito**, muito, a conseguir falar bem... a minha **família me ajudou muito a me comunicar...** **Então eu não vi limitações!** As limitações que eu encontrei depende muito das pessoas! Um exemplo disso é quando alguém fala de maneira muito baixinha e eu não consigo ouvir... ou alguém tem bigode e atrapalha um pouco na oralização... **é uma limitação de pessoas**, nessa questão... Agora **enquanto sociedade, eu me sinto feliz!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Eu me sinto feliz, eu me sinto bem! [...] a **minha família me apoia muito!** Eu tenho muitos amigos e eu **sou feliz!** (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

O relato abaixo destaca o senso de comunidade surda, destacando a busca por uma inserção deste grupo de pessoas na comunidade majoritária, entendendo que existem sim diferenças, mas também muitas semelhanças. Porque, ainda que haja um indivíduo surdo multifacetado, ele se constrói sob a força da diferença (PERLIN, 1998). Assim, é corroborada a afirmação de Sá (2002), quando esta diz que não se trata de culturas opostas, mas sim da luta pelo reconhecimento de uma cultura legítima.

[...] eu me preocupo muito com a sociedade, principalmente com a **comunidade surda!** Porque eu vejo que eles têm muitas limitações em termo de escolas, pela questão do bilinguismo nas escolas, eu viajo bastante, eu dou muitas palestras, eu sempre informo isso... a questão **da cultura surda**, a questão do **respeito à segunda língua do surdo... porque Português é a segunda língua...** porque a **Libras precisa estar inserida nas escolas...** então eu tenho essa preocupação grande com a **sociedade** (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

É interessante notar pelos relatos a forma como tais pessoas surdas encaram essas diferenças, adaptando-se às diversas situações. As entrevistas também demonstram que a dificuldade dos surdos muitas vezes não se refere à surdez em si, mas como a sociedade os recebem. Conforme explanou escritora surda Laborit (2000), é a sociedade que me torna deficiente, dependente daqueles que ouvem.

[...] as pessoas me tratavam muito bem, **mesmo sabendo que eu era surda...** isso eu achava **interessante!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

As pessoas me perguntam como eu consigo fazer as coisas sendo surda, mas eu tenho a vida, a rotina, **como de qualquer outra pessoa**, a única **diferença é que eu não ouço!** Eu me **adapto** às situações! (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

[...] eles [ouvintes] podem usar o celular pra ligar... nós utilizamos o celular pra nos comunicarmos de forma escrita ou por vídeo-chamadas... (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

[...] eu me sinto muito bem com a minha língua e com a minha cultura, que são diferentes... **parece que eu sou diferente no mundo e eu gosto!** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

[A diferença] pra mim passa pela questão das línguas... **as línguas são diferentes!** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

A maneira como essas diferenças são apresentadas e a forma com que elas são enfrentadas podem fazer com que os surdos construam uma identidade surda e se orgulhem dela, fazendo com que esta diferença os tornem de alguma forma únicos. Porém, destaca-se que esta identidade não é rígida, estática, mas sim cambiante (HALL, 2006; CASTELLS, 1999).

Eu tenho um filho surdo e então eu dou todo apoio pra ele! Eu motivo ele, estimo ele todo tempo! E ele sabe muitas coisas, então **eu não tenho uma identidade só, eu tenho múltiplas identidades!** Eu tenho uma **identidade de professora**, eu tenho uma **identidade de mãe**, uma **identidade de palestrante**... **eu não tenho uma identidade única!** (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

É interessante observar que alguns entrevistados ainda consideram o fato de ser surdo como sendo um privilégio, fato já apontado por Lane (1992). Os relatos também demonstram que a surdez para o surdo é tida como algo natural. Reforçam a noção de que esta especificidade é compreendida como algo normal, interpretada na maioria das entrevistas como algo bom e que lhes traz felicidade.

Pra mim é **ótimo** ser surda! É **ótimo excelente!** É **maravilhoso!** **Eu amo ser surda!** Não tenho nenhuma infelicidade por ser surda! (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Para mim, eu sinto um **privilégio!** Eu me sinto privilegiada porque eu sei que a palavra surdez dá uma ideia de muitas limitações, mas limitações que são sociais, porque a sociedade não consegue enxergar essa questão da surdez, **que nós somos normais**, que temos as **nossas especificidades** e temos nosso **valor!** E, para mim, a surdez me torna um **igual**. Eu não vejo diferença das pessoas que escutam só porque eu não escuto. Só porque uma pessoa tem uma audição e eu não tenho, não significa que eu não sou feliz! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Assim, é **normal!** Eu sou muito **feliz** sendo surdo! É normal pra mim! É assim que eu me sinto! Eu fui crescendo, **eu fui descobrindo outros surdos que usam a língua de sinais e isso me deixa muito feliz!** Pra mim, ser surdo é **natural!** Não tenho nenhum tipo de tristeza ou outro sentimento em relação a isso... Eu me sinto **feliz** e eu me sinto **bem!** (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

[Ser surdo] É ser feliz.... É **ótimo** pra mim... Não tem uma coisa negativa... Significa pra mim que é **ótimo!** Nada me deixa triste por ser surda, ao contrário, **sou feliz assim!** **A minha vida é muito visual**... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Na maioria das entrevistas que realizamos, a surdez é considerada como sendo uma característica positiva e que pode até mesmo ter vantagens. Em outros dois relatos podemos perceber que a identidade surda está tão fortemente arraigada que eles sequer se imaginam como ouvintes.

Por que eu me sinto feliz?! É uma brincadeira, uma piada agora... porque eu posso dormir tranquilamente... é um mosquito que pode ficar no ouvido zumbido e beleza, eu não vou tá ouvindo, eu vou tá dormindo! Alguém pode soltar fogos eu vou estar dormindo bem... é claro que como a minha surdez é moderada, algumas coisas eu consigo escutar... mas eu me sinto bem! O meu noivo, **pena pra ele, infelizmente, ele escuta...** então ele ouve muito mais coisas do que eu! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Se tem um barulho eu me sinto incomodado... porque eu tô acostumado desde sempre ao silêncio, mas como em um ouvido eu tenho a surdez moderada, às vezes eu tenho algum tipo de interferência... então isso me incomoda! Agora **se eu tivesse surdez severa em ambos os ouvidos seria melhor!** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Na fala acima, BA assume sua postura enquanto surdo e afirma que melhor seria se sua surdez fosse igual e mais severa em ambos os ouvidos. É interessante notar que ele sequer cogita ser ouvinte. Isso também pode sugerir que, por sua família ser de pessoas surdas, ele já é incluído e vivencia com igualdade e normalidade a surdez. Como Lane (2006) elucida, essa família compartilha de uma mesma língua, cultura e experiência de vida. Tal ponto de vista também corrobora a visão de Skliar (2015b) de que muitos surdos não querem ser iguais aos ouvintes.

Entretanto, a multiplicidade de identidades surdas não nos permite generalizar. Seria um erro entender a comunidade surda como uma totalidade ou sob uma perspectiva unificadora (SÁ, 2002; SKLIAR, 2015b). Isso porque, dentre as treze entrevistas, duas se destacaram por, apesar de essas pessoas estarem inseridas no contexto da cultura surda, encararem a surdez de maneira diferenciada. No primeiro relato, a entrevistada JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho), ao ser questionada sobre o que para ela significa ser surda, responde de maneira relacional (WOODWARD, 2000): “Eu sou surda, então não sou ouvinte...”. Entretanto, essa relação se dá em sequência de outra colocação: “Não há como mudar isso, então...”. Lendo a entrevista na íntegra, percebemos que esta posição deve ser entendida contextualizada aos enfrentamentos e esforços sociais e educacionais que lhe são impostos cotidianamente. Cremos que tal entendimento ocorra não porque ela não seja integrada à cultura surda e não se reconheça como tal, mas sim pelos desafios individuais que são colocados à pessoa surda na sua integração com a sociedade majoritária.

Um exemplo disso pode ser o relato oral informal de JP, em que ela descreveu sua dificuldade em aprender a Língua Inglesa. Não a dificuldade do aprendizado em si, mas a de se conseguir um professor que aceitasse adaptar a metodologia do ensino do inglês para um surdo. Ela sugeriu que lhe fosse ensinado primeiramente a parte de escrita e leitura, para que pudesse ser introduzida na língua,

mas não houve até então quem concordasse em ensinar desta forma. Obviamente o ensino de uma língua estrangeira é pautada na leitura, escrita, audição e fala, mas se adaptar a um caso tão particular não seria necessário?! Ela ainda sugeriu que posteriormente fosse introduzida a fala, uma vez que ela é fluente em Libras e também oralizada em Português, porém ainda não encontrou quem aceitasse o desafio. Neste caso, constatamos que o surdo, como qualquer outra pessoa, é extremamente capaz. Porém, muitas vezes lhe falta aporte social e educacional para que o mundo lhe seja completamente acessível.

O segundo entrevistado, que difere no seu modo de entender a surdez, é RN (surdo profundo congênito, sem aparelho). Ele foi o único que mencionou o termo “deficiência”, demonstrando que, para ele, o termo surdez o define, ainda que parcialmente, também por sua condição física.

Pra mim é **normal** ser surdo... eu não tive **culpa**, mas antes **eu não aceitava** isso... isso me **magoava**, me **chateava**, **demorou muito** para eu **me aceitar** e **conviver também com os surdos** e começar a **compreender esse universo...** e **aceitar** isso... eu sei que é uma **deficiência...** pra mim é uma **deficiência!** (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Observa-se, entretanto, que o posicionamento positivo relativo à surdez se dá em grande parte a partir do contato do surdo com o outro semelhante. Quando tais pessoas se veem como sujeitos, aceitando-se enquanto surdos, entendendo suas diferenças, elas tendem a construir uma identidade surda, dentro do contexto da cultura surda. Esse entendimento sobre si mesmas foi descrito anteriormente por Strobel (2008) e por Laborit (2000).

Neste trabalho, algumas das testemunhas também apontaram esse mesmo caminho de redescoberta. A entrevistada JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho) afirma que sempre conviveu com ouvintes e somente aos 9 anos, quando ela começou a ter contato com o universo surdo, é que ela passou a “entender as diferenças e compreender esses dois mundos de ouvintes e de surdos”. A seguir estão transcritos três relatos que demonstram a profundidade desse encontro surdo-surdo.

Eu sou surda e esse termo me remete à felicidade, porque antes, quando eu nasci, eu **não tinha uma identidade surda...** eu não sabia que eu era surda e eu **me sentia muito sozinha ali no mundo...** depois de um tempo que eu comecei a **encontrar outros surdos** e fui **construindo essa identidade dentro do mundo dos surdos!** Então eu me senti muito feliz e percebi que **eu não era a única!** E eu pude aprender **Libras** com 15 anos! Foi quando eu comecei a aprender Libras e a ter um contato com surdos e lutar realmente pela comunidade surda! Então até hoje eu **luto** bastante por isso e eu tenho **muito orgulho de ser surda!** E eu mostro que eu sou surda! E eu mostro que eu sou tão **capaz** quanto qualquer ouvinte! Eu não vejo o ouvinte acima de mim, nós **somos iguais em termos de lutas e capacidades!** A única **diferença é a questão auditiva...** só isso! Eu me sinto muito bem sendo surda e muito orgulhosa disso! (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

Ser surdo?... Bom, porque na verdade eu cresci e **na minha vida toda eu não tive contato com surdos...** Eu só andava com grupos de ouvintes... eu cresci até os meus 19 anos... depois, a partir dos meus **19 anos, eu tive contato com pessoas surdas...** foi quando eu passei a **me identificar com eles** e a **construir uma identidade surda...** antes eu tinha uma **baixa autoestima**, mas depois disso foi melhorando... então este **'ser surdo' é algo extremamente positivo** e que foi muito bom pra minha vida! **Melhorou** muito a minha vida... melhorou coisas na minha vida... porque o surdo, ele tem muitos **benefícios...** ser surdo... você tem uma **identidade surda, uma cultura surda...** você usa **Libras** pra se comunicar... **tudo isso eu adquiri a partir do momento que eu tive contato com os surdos... antes eu não tinha nada disso, então eu me sentia muito sozinha...** por exemplo, numa mesa junto da minha família... estávamos todos sentados à mesa, estava todo mundo comendo e aí a minha família toda ali rindo.. aí eu batia assim [ela sinaliza uma batida na mesa, chamando a atenção para ela]... pra perguntar o que estava acontecendo... e as pessoas rindo à beça e ninguém me dizia... aí **quando acabava, eles me explicavam, e aí eu era a última a rir...** então, pra mim, o **'ser surdo' foi uma melhora incrível, uma melhora em tudo, transformou a minha vida!** (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

Antes, quando eu era pequeno, eu ficava muito **angustiado**, porque eu via as pessoas falando... eu via a A.R. [identidade preservada] que trabalha aqui com a gente... eu tinha 11, 12 anos de idade e ela já tinha uns 25 anos e já sinalizava! Eu **ficava vendo ela sinalizar e ficava admirado** e ela falou pra eu estudar e me formar, ela falou que tinha uma Lei... e eu fui percebendo isso, esse movimento das pessoas lutando pela Língua de Sinais e eu **comecei a reconhecer o que realmente é ser surdo pra mim.** Que é importante **aceitar** isso e **lutar** por isso! Vendo que os surdos **não precisam ficar rebaixados** aos ouvintes, mas eles podem ser **iguais** sim! Me formei! Quero ter outros sonhos maiores, vi outros surdos que se formaram, fizeram doutorado e estão crescendo aí... [...] Isso tudo foi uma experiência que eu introjetei pra minha vida e me deu essa questão da **gradatidão de alguém lá traz ter me mostrado e eu ver esse modelo e esse modelo ter me adaptado ao que eu sou hoje e através disso mostrar para outros surdos que eu posso ser uma referência e que eles são capazes, com a Língua de Sinais, tendo essa informação e a questão visual que é muito importante!** Não tendo a Língua de Sinais eles iam crescer e não iam obviamente sentir essa mesma reação. [...] Pra mim, o surdo é um indivíduo que é **capaz, visual**, mas com muito **esforço**, com muito **trabalho**, ele pode ter uma vida **normal** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Os três relatos acima contribuem para se ter a noção da magnitude da construção identitária a partir da alteridade. São relatos pelos quais é possível notar a transformação na vida do indivíduo a partir do encontro coletivo entre iguais. Sentimentos de não aceitação, onde predominam a baixa autoestima, solidão e exclusão passam a dar lugar ao entendimento de que existem dois mundos não excludentes, porém diferentes: o mundo ouvinte e o mundo surdo.

Quando tais surdos passam a se reconhecerem no outro, em seus semelhantes, a partir dessa identificação cultural começam a construir uma identidade própria, uma identidade surda. É possível observar nos relatos que há a consciência de que esta identidade fez e faz parte de um processo construído gradativamente. As metamorfoses vivenciadas demonstram que tais indivíduos passam a enxergar a surdez como algo positivo e que apresenta também benefícios. Eles reconhecem a diferença, porém se portam como sendo igualmente capazes perante os ouvintes, uma vez que sua

diferença é calcada principalmente na sua língua, a Libras. Assim, quando há aceitação, há luta e esforço para serem replicadores dessa cultura que lhes é própria e perante a qual demonstram gratidão por pertencerem.

Tendo compreendido, a partir de tais análises, o significado do que é “ser surdo” para os sujeitos deste trabalho, reiteramos que qualquer representação sonora só pode ser construída culturalmente. A partir dos relatos anteriormente expostos, podemos ratificar que a forma como os surdos passam a construir uma identidade e a se representarem se baseia na sua imersão na cultura surda. Desta forma, passam a construir uma identidade múltipla e própria, representando-se principalmente através da língua de sinais e adquirindo mecanismo para representar aquilo que para eles é intangível fisicamente, mas culturalmente pode e é apreendido. Neste sentido, prosseguimos com o trabalho, a fim de compreender a maneira com que os surdos interpretam e se posicionam na sua experiência espacial, principalmente no que tange aos aspectos sonoros de sua experiência na cidade. Entendemos, por fim, que as análises conseguintes só podem ser realizadas se essa compreensão for firmada na cultura e nas significações que lhes são próprias.

### **5.3 Elementos estruturadores do espaço apreendido pela pessoa surda**

Como vimos nos capítulos de fundamentação teórica deste trabalho, os surdos estão inseridos em uma cultura primordialmente visual, porém os demais sentidos são essenciais para a sua experiência espacial. Cabe ressaltar, porém, que a construção visual irá nortear toda a orientação e interpretação da estruturação urbana pela pessoa surda. Conforme afirma RN (surdo profundo congênito, sem aparelho): “Me localizo espacialmente, pela percepção visual mesmo! ”.

Nas entrevistas realizadas pela pesquisadora, o primeiro ponto a ser considerado é o que Lynch (1960) chama de “**legibilidade**”, definida por ele como sendo a capacidade de as pessoas reconhecerem e organizarem uma estrutura espacial coerente. Remete, portanto, à capacidade de os espaços serem decodificados, em termos de identificação e localização por seus usuários (KOHLSDORF, 1996, p. 27). Essa legibilidade foi detectada por nós a partir de quatro conteúdos (CULLEN, 2006), que se destacaram nos depoimentos e foram qualificados por nós como: comunicação visual, cores, arquitetura da cidade e paisagens.

A **comunicação visual** foi ressaltada por diversos entrevistados como de fundamental importância para a orientação espacial. Placas, mapas, sinalização indicativa de direção, letreiros, vídeos informativos e sinalização luminosa foram os itens que mais se repetiram nos dados. Esses itens foram citados como sendo úteis para a orientação e localização, entretanto, nem sempre são

existentes nos espaços cotidianos. Interessante observar que essa comunicação visual foi apontada tanto para o percurso em automóveis como no percurso a pé pela cidade. Um deles ainda destacou que a escrita de sinais facilitaria ainda mais.

Mais as placas... as **placas me ajudam muito**, porque essas placas me passam **informações**... por exemplo, se eu estou de carro, eu consigo ver pra que **lado** eu tenho que ir... se é pra direita ou pra esquerda... [...] os surdos sonham, na verdade, é que tenha ali a **Sign Writing, a Escrita de Sinais**, pra ajudar a gente a conseguir... isso facilitaria muito! (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Olhar para as placas... **sempre placas!** Por exemplo, quando eu fui pra Costa Rica, junto com quatro surdos, a gente estava dirigindo e às vezes tinha lugar que não tinha placa e eu peguei o **mapa**... porque eu tinha medo de confiar no GPS... e a gente ia **seguindo pelo mapa e ia memorizando o local**... mas porque não tinha placa. Então **a falta de placa dificultou um pouco**... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

[...] eu me identifico muito com os **letreiros... são mais fáceis**... é onde eu me identifico para ver as informações... (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Essas informações visuais contribuem também para a **segurança** dos surdos que percorrem a cidade. Lynch (1960, p. 14) afirma que somos apoiados por planos de orientação como mapas, nomes das ruas, sinais de rota, informações de ônibus. A boa imagem de um ambiente contribui para a sensação de segurança emocional. Porém, ao nos sentirmos desorientados, a sensação de ansiedade e até mesmo terror revelam que tais elementos estão ligados ao nosso equilíbrio e bem-estar. Os relatos abaixo apontam para essa sensação e ainda demonstram que essa situação não se limita aos surdos. É possível inferir, a partir do exemplo dado para os cegos, que os surdos, ao considerarem importantes os elementos de comunicação visual, estão deixando subentendido que gostariam também de maior independência ao transitar pela cidade.

[...] se não tem nada ali escrito, eu fico **andando meio que sem direção!** Então é bem importante essa **questão visual**, com **placa dizendo pra onde eu tenho que virar**, eu já sei que ali o **nome da rua** é esse... então eu me sinto mais **segura** quanto a isso! Antes isso tinha em menor quantidade, hoje em dia isso já tem mais essas informações com relação à **direção** que eu devo seguir! **Se não tem nada, torna-se bastante complicado** (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

E aí eu **não confio naqueles sinais** [semáforos], tenho medo de atravessar! Enfim, eu não confio! (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho; informação dada no PSC).

[...] **surdo é muito visual**, nós já temos esses recursos, os **semáforos** estão ali. Mas o cego, como ficaria? Pensei em colocar algum apito, ou algum aviso sonoro pra avisar que tá passando carro, com som diferenciado pra avisar que pode atravessar... acho que seria interessante! Porque o cego quando ele está andando tem que ficar ali aguardando uma pessoa que se disponibilize para atravessar ele ali na rua. Aí isso **incomoda de ficar nessa dependência das pessoas!** (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

O uso da **sinalização luminosa** foi apontado tanto para atender às questões usuais da cidade, como nos semáforos, nos transportes, como também nas edificações, a exemplo das campanhas das residências de pessoas surdas, que são luminosas e não sonoras. Contudo, um relato se destacou nesse aspecto, ao citar que a sinalização luminosa deveria ser utilizada também em quesitos de segurança. Ela cita um treinamento contra incêndio que participou em uma empresa que trabalhava:

[...] **onde eu tava não tinha luz, era só o barulho da sirene**, é horrível, é um barulho que simulava um incêndio, para as pessoas terem que descer... **mas imagina se tem um surdo**, por exemplo, dentro desse espaço, que é um **surdo profundo... como é que ele vai ouvir o barulho?** Ponto! Essa é a grande questão... se tivesse uma **iluminação, própria pra isso...** Os ouvintes reclamam também do barulho ensurdecedor, mas se tivesse uma coisa iluminada, com um tipo de mecanismo de iluminação seria interessante para que as pessoas pudessem descer! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

[...] o VLT não faz barulho... quando ele chega e abre a porta, ele é **silencioso**, por exemplo... **e é visual, porque ele tem lá a lanterna**, e abre a porta, a lanterna escurece, fecha a porta... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Os entrevistados também relataram a necessidade de as informações serem transmitidas também dentro das instituições, como em aeroportos, por exemplo. As duas testemunhas a seguir relataram como as informações passadas por meio de **vídeos em Libras** facilitaria ou facilitou sua orientação. Infelizmente, essa ainda é uma realidade não tão recorrente, segundo eles.

Se ele é surdo, é importante que vocês tenham **acessibilidade** no espaço [aeroporto], tenham algum tipo de **aviso com tradutor**, alguma coisa que faça a pessoa ir lá e ter as **informações** que são mais importantes, porque **o som em si não adianta!** Porque **o surdo é muito visual!** Muito visual! **Ele tem essa questão visual pra saber o caminho...** E isso é muito importante! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Uma vez eu fui ao Aeroporto do Galeão.... Chegando lá, eu vi um **vídeo em Libras passando informações...** como que você pode chegar até o seu voo... eu vi e pensei **“que maravilha! Isso me ajuda muito!”**... Foi um lugar que eu cheguei e já observei isso! **Mas isso não é sempre, sabe?!** Isso aconteceu por conta das Olimpíadas e aí depois desapareceu... (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Outro ponto mencionado que pode ser considerado como um facilitador da legibilidade da cidade são as **cores**. Segundo Kohlsdorf (1996, p. 87), a representação dos efeitos visuais ocorre através da busca por elementos estruturantes da cena contida no campo visual do observador. Lynch (1960, p. 13) destaca que a sensação visual da cor e a forma podem ser usadas como formas de orientação para estruturar e interpretar o espaço, bem como os demais sentidos do cheiro, ouvido, tato e cinestesia. Além desse aspecto, segundo os princípios do *Deafspace*, os contrastes de cores facilitam a linguagem visual, o que pode contribuir para a escolha de melhores percursos visuais. LA (surda profunda congênita, sem aparelho) relata:

As **cores** [me ajudam a me orientar]... porque se eu estou caminhando e aí eu vejo algo verde, eu penso “Ah! Verde! Ah! É isso mesmo! **Eu tô no caminho certo!**”... Eu me **lembro** dessa parede verde... (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

Se eu for na cidade, num lugar que tem uma cor muito viva... **Eu amo cores!** Então uma cor muito viva, **eu passo a reparar aquilo...** ou uma **estrutura [arquitetônica] diferente...** eu passo a **admirar...** isso é algo que **me chama a atenção...** as **cores principalmente!** (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

Bem como as cores, as **formas** também se destacam através das arquiteturas existentes nas cidades e permitem que os surdos se situem e transitem mais orientados. Segundo Lynch (1960, p. 14), a imagem clara permite ao indivíduo deslocar-se facilmente e depressa, podendo um ambiente organizado servir como estrutura de referência. No depoimento acima, além de citar as cores, LA menciona que a estrutura arquitetônica diferenciada lhe chama a atenção. Em outro momento ela relata que “a estrutura das casas, a arquitetura das casas era diferente... então aquilo me marcou e eu memorizei aquele lugar dessa forma...”, demonstrando que essa forma contribui para a memorização dos espaços.

Portanto, a **arquitetura** bem como seus aspectos estéticos e históricos foram aspectos ressaltados nas entrevistas. VM (surda profunda pré-linguística, sem aparelho) destaca a “arquitetura como uma questão visual”, relatando que, ao se deslocar pela primeira vez por um determinado lugar, gostou “muito da parte arquitetônica da cidade, o estilo das casas”. IB (surda moderada congênita, sem aparelho) ratifica tal ponto ao afirmar que ficou “admirada com espaço e com as construções”. Diante da mesma questão, RF (surdo profundo congênito, sem aparelho) destaca “prédios antigos e tombamentos”. Kohlsdorf (1996, p. 27) afirma que os lugares podem oferecer informações relativas a uma série de aspectos da sua arquitetura, como as expectativas funcionais, estéticas, de conforto térmico, acústico ou luminoso, de apropriação social, de orientação, dentre outros.

Os depoimentos destacaram também o uso de marcações visuais como **pontos de referência** no contexto urbano. Para Kohlsdorf (1996, p. 207), a orientabilidade é a capacidade de os lugares, em termos de possibilidades oferecidas aos indivíduos, se moverem neles e para fora dos mesmos, com uma finalidade consciente. Neste sentido, foram apontados como pontos de referência elementos do comércio (lojas, bar, restaurantes, padaria, banca de jornais, supermercado), de entretenimento (shopping, cinemas, teatro, pontos turísticos), institucionais (escola, igreja, associações), da natureza (árvores, praias, paisagens), estruturais (pontes, paralelepípedos), além daqueles que representem alguma novidade para o entrevistado, seja em termos de tecnologia ou decoração.

Mas eu lembro pela **questão visual**, o quê que tinha na loja do lado... um **referencial** que eu peguei... tinha um restaurante... ah! Um bar! Aí eu **gravei e lembrei!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Eu nunca reparei realmente, em como eu consegui... nunca percebi... em uma cidade que nunca fui, eu procuro um **ponto de referência**, alguma coisa pra **lembrar em volta**... (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

As **tecnologias** do local, do ambiente, a cidade, a estrutura, **algo que seja novo**, que eu nunca tenha visto antes! [...] É algo que me **surpreendeu** porque eu não conhecia, eu nunca ouvi falar e eu vi pela primeira vez! (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

[...] eu lembrei que era uma loja que tinha muita **iluminação** na loja... muitas luzes... foi o que me fez **lembrar**, por exemplo... (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Uma coisa forte, uma coisa que **marque esse meu registro**, que seja **chamativo**, que chame a atenção! **Árvores**, pode ser, às vezes... (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

[...] Lá em Paraty são várias pedras pequenininhas no chão... **paralelepípedos**... se eu chego em Ouro Preto e eu observo pedras maiores, aquilo **vai me chamar a atenção, porque eu nunca tinha visto daquela maneira**... (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

É importante salientar ainda que a questão da **visibilidade e permeabilidade** dos ambientes é uma questão de grande relevância, quando se trata de sujeitos surdos. Eles destacam a **iluminação** como elemento de fundamental importância para sua orientação. Indicam ainda a necessidade de haver transparência e ausência de barreiras visuais, uma vez que assim conseguem perceber o ambiente como um todo e evitam de se sentirem limitados em um único espaço. É interessante notar que, ainda que não se refira ao ambiente urbano propriamente dito, questões de layout como “sala circular” e “auditório inclinado” poderiam ser interpretadas como indicativos da necessidade de espaços que contribuam para a mobilidade e proximidade na comunicação entre tais indivíduos. Ainda no aspecto da visibilidade, o espelho foi mencionado como auxiliar para a percepção de movimento e orientação no ambiente.

[...] se uma pessoa está bem distante, a gente consegue conversar, **porque consegue se ver!** O ouvinte já não conseguiria... ele teria que gritar ou ir se aproximando pra conseguir conversar! **A gente pode conversar de frente, através de um espelho ou de um vidro**, já o ouvinte não conseguiria... ele precisaria abrir ali... por exemplo, quando a gente tá no ônibus... um tá no ônibus e o outro tá fora, a gente consegue conversar... a gente tem um tempo a mais pra conversar! O ouvinte já corta essa interação antes... Então, enfim, é uma **característica positiva!** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Quanto aos elementos de estruturação do espaço, o último quesito a ser evidenciado a partir das falas dos entrevistados é a capacidade dessas pessoas surdas de organizarem e se orientarem pela **imagem** e pela construção de **mapas mentais** (LYNCH, 1960). Destacamos a notação e descrição dos espaços por tais pessoas, observando, com base nos depoimentos que elas vão criando, esquemas

organizacionais com referência em sua memória visual e espacial. Isso nos reporta também a outro conceito associado: a “**visão serial**” (CULLEN, 2006), cuja ideia remete à sucessão de pontos de vista sequenciais que se têm ao se percorrer a cidade.

Eu sou boa nessa questão de ficar vendo a **lateralidade**... lado esquerdo ou direito e tal ... um cinema.... Essas coisas **eu vou marcando!** Eu vou lá a primeira vez e eu já consigo **gravar isso mentalmente!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

**Eu gravo muitas imagens da rua**... tudo eu vou gravando... **minha memória é fotográfica**... é isso... eu vou marcando esses locais! (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

[...] a gente tava chegando no local e aí teve uma **figura** lá no local que chamava minha atenção... eu fui **gravando isso, nessas imagens da rua** para poder ver... aí depois quando a gente voltou e o pai não sabia... ele falou “você pode ir sozinha? você sabe onde é?”... Eu falei “Ah! **Eu lembro!** Eu sei!”... Ele falou “lembra? Como foi que você decorou lá o local? Impossível!”... Ai eu falei “não, pai, **eu decorei, eu me lembro!**” [...] é por conta de **ser mais visual**, essas relações já aconteceram... **são mais imagens**... (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Se eu não estou acostumada e vejo algo diferente, **eu memorizo**... (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

[...] eu fico **vendo imagens no local**... se eu vou a um local a primeira vez e me sinto perdida, eu primeiro respiro, **tento ver, tento me identificar** e depois eu vou tentando me **comunicar** escrevendo... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

A partir do exposto, percebemos que, na apreensão do espaço pela pessoa surda, as imagens são extremamente relevantes, tanto para a construção da memória quanto para a organização de uma lógica sequencial de orientação urbana. Lynch (1960, p. 14) afirma que, no processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do ambiente, a imagem mental do mundo exterior que o indivíduo irá reter. Esta imagem é produto da percepção imediata e também da memória da experiência passada, estando esta habituada a interpretar informações e a comandar ações futuras.

Segundo Sacks (2010, p. 87), a habilidade para separar configurações descontínuas ou “quadros” de um fluxo contínuo de movimentos revela uma importante aptidão dos usuários da língua de sinais: sua capacidade intensificada de “decompor movimentos”. Segundo o autor, isso é considerado análogo à capacidade dos ouvintes de decompor e analisar a fala a partir de um padrão contínuo e sempre mutável de ondas sonoras. Todos os ouvintes possuem tal aptidão na esfera auditiva, mas apenas os usuários das línguas de sinais a possuem de um modo tão notável na esfera visual.

As pessoas que são ouvintes se comunicam muito bem, mas eu só consigo perceber pela questão visual, né?! Então as informações são passadas para as pessoas que escutam, mas no meu caso, que sou surda, eu não sei o que tá acontecendo... **Eu me situo pela visão**... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Finalizamos este item reafirmando que a relação entre o indivíduo e a cidade será sempre uma experiência única e pessoal. Entretanto, os lugares possuem capacidade de transmitir mensagens que serão interpretadas como revelação de certos sinais codificados (KOHLSDORF, 1996, p. 26), tendendo a terem significações que se assemelham para os membros de um mesmo grupo cultural. Assim, podemos compreender que os surdos tendem a estruturar o espaço urbano e arquitetônico priorizando a experiência visual, criando uma base de vivências compartilhadas por este grupo de pessoas.

Cabe por fim ressaltar que a experiência visual destacadamente apresentada aqui não é a mesma que seria relatada por um ouvinte, uma vez que a relação corpo-espaço é manifestada de maneira diferenciada pelas pessoas surdas. É o que Sacks (2010, p. 87) denomina como “inteligência visual”. Desta forma, a organização espacial realizada pela pessoa surda abrange não só o reconhecimento e a nomeação de objetos, mas também a alternância mental, a percepção de formas e a organização espacial, sendo todos esses elementos relevantes como fundamentos espaciais da sintaxe da língua de sinais.

#### **5.4 O som e o silêncio no mundo surdo**

O som configura-se como sendo um evento material que atinge o sistema auditivo humano e é percebido pelas suas características de sonoridade, altura, volume, densidade e complexidade, sendo, a partir dessas variações, possível fazermos distinções e classificações sonoras (BAUER, 2002). Entretanto, Padden e Humphries (1990) sugerem que há duas maneiras de pensar o som: a mais conhecida delas é esta mudança no mundo físico, detectável pelo sistema auditivo, através da definição acústica. Mas o que é frequentemente negligenciado é o fato de que o som é também uma organização de significado em torno de uma variação no mundo físico. Dentre suas funções, os sons podem ser considerados dentro do espectro de qualificador dos espaços, uma vez que contribuem para a orientação dos espaços, delimitação de territórios, relacionamento e aprendizado dos indivíduos, bem como para seu bem estar físico e emocional (REGO, 2006).

Tendo disto isto, neste item iremos compreender como o som é entendido por meio do ponto de vista dos entrevistados da pesquisa: os surdos. Considerando a experiência sonora pelos ouvintes, podemos dizer que o som é experimentado, compreendido e interpretado sob diferentes aspectos. Cabe agora, através dessas análises, compreender melhor a vivência sonora pela experiência dos surdos em uma representação sonora além da audição.

### 5.4.1. O som e o silêncio a partir da construção cultural surda

A primeira análise será a partir dos relatos daqueles surdos que interpretam o som com certa indiferença. Isso porque, para eles, esse elemento não é tido como sendo algo tão presente em suas vidas, mas para eles é algo eventual, ou pelo qual não consideram que tiveram experiências relevantes a ponto de torná-lo significativo, sendo complicado fazer alguma referência sonora.

Som?! Não sei... [...] **eu nunca parei pra pensar nisso... eu nunca percebi** isso... todo dia, assim?! Se eu fico em casa, por exemplo, não tem nenhum som ali... **no meu cotidiano, não, eventualmente tem algum som...** (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

[O som é] Pra mim, nenhum... nada! **Nada!** Nada! Zero! **Zero experiências...** [...] Se eu fosse ouvinte, claro e lógico que o som pra mim teria muito mais interesse! [...] Mas por ser surda profunda, então, **o som pra mim não tem uma identificação tão presente...** (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Ah! É **difícil responder**, porque eu não tô ouvindo! Então... [Eu não imagino] **Nada!** Porque eu **não tive o interesse pessoal em tentar descobrir o que é o som.** [...] eu **não consigo explicar muita coisa...** pra mim é **complicado fazer essa referência...** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Som é voz, é o grito... mas **eu não sei, pra falar a verdade... como eu vou saber?** Eu sei a minha voz... eu não uso a minha voz, eu uso a Libras pra me comunicar... Eu bato papo através da Libras, eu não preciso da minha voz! (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

Em duas situações o som foi comparado ao silêncio, talvez porque para tais pessoas o som se traduza através daquilo que possui presença constante em suas vidas. Eles têm o entendimento da existência do som, mas para VM (surda profunda pré-linguística, sem aparelho), “som é silêncio!” e para LE (surdo profundo congênito, sem aparelho) o som “são barulhos, mas muito silenciosos, bem isolados!”.

Outras testemunhas, ao serem questionadas acerca do que para elas seria o som, o descreveram, por meio de associações, comparando o som àquilo que lhes é perceptível ou imaginável. O som, em sua noção audível, muitas vezes não é algo plausível para a pessoa surda, principalmente se esta apresentar um grau de surdez profunda. Entretanto, é fato que o som permeia o imaginário de tais pessoas, ainda que por meio de abstrações.

No relato a seguir, a representação sonora se torna mais nítida por meio de associações com algo que lhe é conhecido: o corpo. Ela compara o som ao vinho e aos cheiros, ao dimensionar sua intensidade. Assim, ainda que mais comumente a percepção sonora pelo surdo seja através do tato e da cinestesia – mais claramente expressos através dos movimentos, vibrações e contato com as

superfícies – a cognição sonora pode ser apreendida também por meio de imagens metafóricas, em que o surdo poderá associar o som a outros sentidos por ele experimentados, como o olfato e o paladar, por exemplo. Assim, ela toma como base algo tangível e por meio de associações representa aquilo que para ela é algo abstrato.

Pra mim o som é uma coisa **abstrata**... por exemplo, o mar... eu vejo o mar, eu sinto o cheiro, mas o som, é uma coisa abstrata... O som eu acho que é algo que **eu sei que tem ritmo**... é como se fosse o **vinho**... tem o vinho **mais forte**, o vinho **mais fraco**... então eu sei que o som tem **vários ritmos**... **eu sei que existe isso**... **é igual o cheiro**... **tem cheiro forte, tem cheiro fraco**... **tem o som forte, tem o som fraco**... então é isso... **eu não escuto, mas eu sinto a vibração**, então eu sei quando o som é muito alto, quando é mais fraco... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Neste sentido, podemos dizer que o som além de sensivelmente percebido também pode ser compreendido culturalmente, ainda que seja necessário esforço e interesse no aprendizado dos diferentes tipos sonoros. A representação sonora é algo que pode ser interpretado, apreendido e culturalmente significado. No exemplo abaixo, o som é associado a algo pelo qual o respondente foi instruído anteriormente, não necessariamente experimentado, pelo menos não conscientemente.

[Um lugar barulhento é] Um local que tem barulho! É porque como eu sou surdo, **eu não tenho essa percepção**... assim, quase todo dia eu percebo... **meus pais falam** que o barulho tem todo dia ... só falam isso “o barulho tem todo dia” ... **Mas, eu sou surdo, então**... (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Assim, quando um surdo profundo, severo e até mesmo moderado diz que percebe o som auditivamente, não quer dizer que ele ouça os sons de forma nítida, ao contrário, ele é percebido por seus tipos e pelas variações de intensidades e frequências, sendo posteriormente associados cognitivamente às fontes sonoras identificadas na maioria das vezes através da visão.

**Eu amo o som!!!** Eu uso todo dia, principalmente pra filme! E também pra música eletrônica. Algumas músicas e algumas palavras eu consigo identificar muito pouco, mas eu fico admirada com filme! Eu amo Netflix<sup>19</sup>! E aí tem legenda, eu boto lá o meu fone e **eu não consigo ficar sem fone**... porque **eu quero ouvir a chave**... **quando alguém bate o sapato, os tiros! Eu quero conhecer os sons novos! Identificar esses sons que me ajuda muito!** A minha família fala “pra que você usa fone se você é surda?”... Eu falo “eu não sou surda profunda, eu tenho uma surdez moderada!”... Então **o fone é pra eu ouvir e identificar esses sons!** Identificar o helicóptero, uma furadeira no filme... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

[...] Escuto um pouquinho quando eu estou usando aparelho... [...] Na verdade, acho que voz, batidas de música... às vezes eu coloco um *headphone* e **tento saber o que é o som**... porque não ouvindo nada é meio estranho, é meio complicado! **Como é que eu vou saber o que está acontecendo?** Então eu fico tentando **treinar esses**

---

<sup>19</sup> É uma plataforma de transmissão contínua de filmes, séries e entretenimento em geral via internet.

**estímulos para eu poder identificar.** [...]eu só escuto barulhos... não consigo identificar sons, saber o que é... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Pra mim, ser surdo é não ouvir tudo, mas é possível **perceber os barulhos, os sons, as músicas...** e tendo isso atrelado aos meus sentimentos de vibração, quando é muito intenso, junto com essa pequena audição que eu tenho... (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

A partir dos relatos acima, podemos dizer que a identificação dos sons não é uma coisa espontânea ou instintiva: o som é observado, interpretado, associado e então apreendido. Interessante observar o caso particular de JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho), que anteriormente afirmou não saber o que é o som, relatando que não teve interesse em saber o que é. Entretanto, neste outro momento ela descreve que treina os estímulos, a fim de tentar identificá-los. Isso demonstra que talvez seu interesse esteja pautado não no que seria o som, mas a partir do que ela percebe, como conviver com estes sons expressos para ela através de barulhos. Ou ainda, como a identificação destes sons poderia facilitar sua vivência cotidiana. Talvez, portanto, não seja uma busca baseada na curiosidade, mas na compreensão de uma necessidade por ela detectada.

Em contrapartida, IB (surda moderada congênita, sem aparelho) relata sua experiência com empolgação e demonstra uma relação extremamente íntima e positiva com o som. O som, principalmente musical, passa a ter valor quando ele é apresentado junto à sua interpretação. A partir de então, ele passa a ser significado e representado pela pessoa surda.

Eu já experimentei colocar um fone uma vez para tentar **identificar um contexto** em si, mas isso **não valeu de nada...** Eu tinha **curiosidade**, mas eu nasci com surdez a nível profundo, então... [...] **O som pra mim é nada...** porque eu tenho **eu tenho vontade, eu tenho interesse, eu tenho curiosidade de saber... de entender... eu tenho curiosidade de saber... e saber o quê que é...** mas tal qual o que o F. [intérprete] está interpretando aqui, qual música, como a gente fez lá no lá no Rock in Rio... mas se o F. [Intérprete] não está e tem alguém cantando na minha frente, ia ser algo que **não ia ter a mesma intensidade sentido...** [...] Gosto [de música], só música que tem mais **ritmo** que eu percebo... **com a Língua de Sinais eu consigo entender o contexto** e isso é legal. Antes eu não sabia, eu não conhecia, eu não achava muito legal... eu via... Mas aí lá nos Estados Unidos, na Europa, eu viajei pra França, então eu vi que tem vários **festivais de surdos** lá... e surdos que usam Língua de Sinais com música, rock, ou outros instrumentos... DJ's que são surdos... eu tive esse contato, com essas pessoas que só sentiam essa **vibração** e falavam que isso era muito bom e aí com a ajuda de um ouvinte, a questão do ritmo, que também era importante e com essas **explicações**, com um método próprio que eles criavam e faziam esse tipo de trabalho, eles conseguiram fazer essa percepção com a Língua de Sinais. Fazendo esse trabalho, eu achei isso muito legal, com essa **questão visual** e comecei a me interessar... Antes eu achava que música era muito associado a ouvintes e não a surdos, mas depois dessa experiência eu comecei a sentir mais isso... mas com a sinalização, claro, e com o ritmo, beleza, legal, eu acho interessante! (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Neste caso, o som para o RN (surdo profundo congênito, sem aparelho) é descrito inicialmente como sendo “nada”. Porém, à medida que ele avança em seu depoimento, é perceptível que este “nada” se associe à acústica e não ao fato de não significar, porque ele demonstra curiosidade em conhecer e aprender mais sobre as questões sonoras. Assim, acreditamos que ele se refira ao som audível, uma vez que sua surdez é profunda e para ele a experiência auditiva não faz parte do cotidiano. Mas observamos que é a experiência auditiva que não lhe é presente, não a experiência sonora, uma vez que ele relata que, pela sua curiosidade, vivencia a experiência sonora por meio da música. E além de percebê-la pelos sentidos, ele também a percebe pela interpretação da letra em Libras. Desta forma, o som em forma de música, para ele, ganha significado e passa a ser considerado como algo que adquiriu valor.

Com base em significados, os relatos a seguir demonstram um outro tipo de situação, em que o som é compreendido a partir de ações de outras pessoas. O som, neste caso, é interpretado por meio de associações e então, essas ações a ele ligadas, passam a ser reproduzidas por meio de comportamentos culturalmente adquiridos.

Já aconteceu de estar tendo tiroteio... na rua, as pessoas deitaram no chão porque se assustaram! **Na hora que eu vi as pessoas deitando, eu me assustei e deitei também...** ai a pessoa falou “tá tendo tiro!”, porque eu perguntei, **eu não sabia o que era, mas eu já cai no chão...** depois eu fui saber o que era... **eu vou copiando as expressões daquilo que eu vejo nas pessoas!** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Como eu não sinto, **eu mais copio das pessoas**, quando estão batendo... mas eu não sei identificar... não é uma coisa que eu consigo identificar, então **não é um modelo pra mim!** Eu não tô ouvindo o quê que tá acontecendo, então **eu não sei o que representa, porque eu não tô ouvindo**, então não tem como... por exemplo, o ritmo forró... eu vejo as pessoas dançando e elas falam “é assim, tal”... e **eu não tenho esse sentido com a música**, por exemplo, pra poder explicar isso... **só copiando as pessoas dançando, por exemplo, aí eu associo e vou!** (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Nas descrições acima, os significados acerca do som são adquiridos culturalmente. Por serem surdos profundos e que não utilizam nenhum aparelho auditivo, o som é algo eventual e impalpável, cujo significado é associado às ações de outras pessoas e não à acústica em si, uma vez que eles não tiveram a experiência auditiva para que pudessem apreender e identificar o som. Contudo, ambos fazem associações entre as ações e reações de outras pessoas para com o som, de forma a construir uma bagagem associativa de significados que foram adquiridos culturalmente pela observação e treino e não através de sua própria experiência corporal. Desta forma, para eles o som não possui uma identificação e representação explícitas, sendo suas ações perante o som uma repetição previamente instruída.

Esses comportamentos culturalmente adquiridos também se associam à questão de controle. Na pergunta em que foi solicitado aos entrevistados que associassem o sinal de silêncio a um lugar da cidade, oito dos treze respondentes indicaram o hospital.

Hospital [...]. Porque **atrapalha** as pessoas que estão ali... às vezes está acontecendo uma cirurgia e se tiver **algum grito pode interferir** nessa questão da saúde... tem que ser um espaço calmo, **evitar que atrapalhe** com gritos, barulhos... (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Eu lembro sempre desse sinal quando eu passo de carro... em todo hospital sempre tem uma placa falando de silêncio. **Logo eu associo que não posso buzinar!** E também **dentro não é um lugar onde pode-se fazer muito barulho**, apesar de que sendo surdo a gente acaba fazendo, porque não tem muito a noção do som. [...] **aí você lembra que neste lugar tem que ter o silêncio. Na verdade, eu me atento mais pra fazer silêncio, fico mais controlada!** Por exemplo, eu desligo o celular porque é um lugar que **remete ao silêncio**. Outro exemplo, o salto do sapato... a gente se controla pra não bater com o pé, porque surdo percebe muito quando tá batendo, por conta da vibração... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Porque no hospital, se as pessoas gritarem, falarem, as pessoas que estão ali sendo atendidas podem ficar doentes, podem ter algum tipo de estresse... então por isso que **o silêncio é necessário**... às vezes tem cirurgia, as pessoas sendo tratadas, dormindo, enfim, outras coisas que acontecem no hospital... então **para respeitar essas pessoas o silêncio precisa acontecer!** (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Hospital [...]. Porque **precisa de silêncio**, tem que **respeitar aquele espaço** por conta das pessoas doentes... [...] Porque ali não pode ter gritos, não pode ter barulho, **precisa ter esse silêncio**... (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

Porque no hospital você **não pode falar muito alto, fazer muitos sons**, porque **atrapalha as pessoas** que estão internadas, os pacientes... [...] tem algumas ocasiões que eu encontro alguns amigos meus surdos e tem a placa de silêncio, mas como a gente fala em língua de sinais, o silêncio não está sendo afetado... eu só falo “por favor, não faz nem um som com a sua voz, nem um gritinho, nem nada sonoro... fala só em língua de sinais!”... **aí a gente já combina e tem uma conversa silenciosa**... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Porque é um local em que **todo mundo está preocupado e pensando em ficar em silêncio** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Hospital [...]. Porque parece que é um local, **pra não atrapalhar** as pessoas dali é um local que **precisa ter silêncio, não pode ter agitação** para as pessoas e profissionais que estão ali trabalhando (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Hospital [...] se você fizer muito barulho **você pode atrapalhar os médicos**. [...] eu só fico sentado e em silêncio! Eu fico quieto! (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

À medida que as entrevistas decorriam, foi possível compreender que tal associação se deve não ao fato de tais pessoas surdas não perceberem os sons por si mesmas, mas sim pelo entendimento que lhes é ensinado previamente. O silêncio em um hospital é associado a questões como “não poder atrapalhar”, “ser necessário”, “preocupação em se controlar”, “quietude”, “respeito” e “atenção”. Isso reitera o que foi anteriormente falado por Padden e Humphries (1990), que, junto com o aprendizado das propriedades e significados do som, os surdos também aprendem que os sons estão intimamente ligados à questão de controle. Tal ideia é ainda apontada, ressaltada pela entrevistada CG (surda profunda pré-linguística, sem aparelho) ao relatar essa preocupação com o controle sonoro em seu cotidiano.

[...] onde eu moro, dentro de casa, eu sempre **me atento para o meu filho não fazer barulho**, por causa do vizinho embaixo... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Ao finalizar este tópico, é corroborada a noção de que o surdo não vive imerso em um mundo de silêncio. Ao contrário, compreende a existência da experiência sonora a partir de uma organização de significados construídos através de associações culturais. Bem como diferentes culturas ouvintes organizam o som de maneira distinta, não poderia ser diferente na cultura surda, uma vez que o som não tem um significado inerente, mas pode ser dado a ele uma miríade de interpretações e seleções (PADDEN e HUMPHRIES, 1990).

Seguimos então, para a análise das entrevistas, considerando, no próximo tópico, a vivência sensível do som pelo surdo, ainda que à sua própria maneira e calcada nas interpretações culturais compreendidas até este momento.

#### **5.4.2. A percepção sonora do surdo pelos sentidos**

Vimos, no item anterior, que os sons para as pessoas surdas estão intimamente relacionados aos aspectos culturais. Entretanto, tais aspectos não extinguem a percepção sonora por meio do corpo e dos sentidos. Ao contrário, os surdos vivenciam as sonoridades da sua própria maneira, atentando-se para questões que, aos ouvintes, poderiam passar como despercebidas. Segundo Kohlsdorf (1996, p. 53), as sensações são responsáveis por nosso primeiro contato com os lugares e constituem-se como sendo a ligação mais próxima da consciência com a realidade objetiva. Mas, para sentir, é preciso que haja corpo e ele será o meu ponto de vista sobre o mundo, trazendo consigo poder de compreender o espaço (MERLEAU-PONTY, 1999). Assim, serão analisados, a seguir, os sentidos da experiência espacial e sonora que se destacaram na análise dos surdos que participaram do Estudo de Caso.

## A VISÃO

As testemunhas sonoras deste trabalho são pessoas surdas imersas na Cultura Surda. Neste sentido, cabe lembrar que, ainda que esta cultura seja multifacetada, ela apresenta características específicas, uma vez que é uma cultura visual e que se traduz de forma visual. A cultura surda é, portanto, constituída por meio de símbolos e práticas próprios ao surdo e à sua consciência de pertencimento a um mundo de experiência, ações e atuações visuais e não auditivas (GESSER, 2009; PERLIN, 2015).

Sacks (2010, p. 50) corrobora esta questão ao afirmar que existem estudos que indicam que as áreas cerebrais responsáveis pela percepção auditiva são realocadas para o processamento visual nas pessoas surdas. Essa característica é denominada na área médica neurológica como neuroplasticidade e demonstra a flexibilidade do sistema nervoso humano e seu grau de adaptabilidade a um modo sensorial diferente. Neste sentido, podemos entender que a **visão** assume um papel extremamente relevante para a vivência sonora e espacial do surdo, tendo eles discernimento desta questão.

Algo relacionado à cultura surda é a parte da visão, que o nosso campo visual é maior, nosso **campo visual é mais amplo, é de 180°** [ele demonstra esse ângulo com os braços] ... **o surdo potencializa essa parte visual...** se alguém sinaliza para os lados, o surdo consegue perceber de forma mais rápida! (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Como eu sou surdo, eu não tenho uma audição, então a minha questão é mais visual, **a minha percepção é visual!** É muito complexo tudo isso... (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

[...] **às vezes eu preciso olhar, né?! É a minha indicação...** [...] **A minha vida é muito visual!** (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Como vimos em tópico anterior, os surdos apreendem diversas questões culturalmente. Cabe ressaltar, portanto, que a experiência visual contribui para a impregnação desse entendimento cultural, uma vez que a visão é o mais intenso contato do surdo com o mundo. Quadros (2004) corrobora que tal identificação situa-se dentro do campo das experiências visuais.

Porque eu sou surda, entende?! Mas visualmente sim... **é outra relação!** Se alguém se abaixa, com tiro, aí **visualmente eu percebo o barulho**, mas não ouvindo! Eu consigo [perceber] também o pandeiro, mas **visualmente**, ouvindo zero! (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

[...] eu não tenho a percepção do barulho por causa da surdez, mas quando tem um acidente, **eu vejo que todo mundo prestou atenção**, muita gente parou, aí eu olho

na hora, porque eu estou vendo que as pessoas em volta estão parando! Mas tirando isso, **a minha percepção é mais visual do som, não sonora em si...** então **eu vou fazendo essa percepção visual de acordo com o barulho que eu não vou ouvindo, mas eu vou vendo!** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Tal análise sensível, baseada na visão, é decodificada pela mente e expressa em uma ação culturalmente apreendida pela pessoa surda. Chion (1994) corrobora a questão ao discorrer que, para a pessoa ouvinte, através do ouvido é possível analisar, processar e sintetizar o som com rapidez superior à do olho que trabalha a imagem. Todavia, as pessoas surdas que adquirem a língua de sinais desenvolvem uma maior velocidade para ler e estruturar fenômenos visuais, comparado à habilidade dos ouvintes.

Além de adquirirem uma leitura das situações cotidianas e entendimento das ações que ocorrem em um determinado ambiente, a apreensão dos sons pelos surdos é realizada também por meio da interpretação da expressão das demais pessoas. Deste modo, a dedução sonora é realizada também por meio da interpretação corporal, permitindo até mesmo classificar ambientes como sendo silenciosos ou não. Para Sacks (2010, p. 87), tal habilidade de discriminar rosto e reconhecer variações sutis de expressão facial é decorrente do papel importantíssimo que tais expressões adquirem em função da gramática das línguas de sinais.

[Eu percebo o som através da] **expressão das pessoas, de cada pessoa!** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Um lugar que eu percebo as pessoas brigando, discutindo, **pelo jeito como eu vejo... É sempre muito visual!** Como elas **estão se expressando eu vejo** que são pessoas barulhentas **fazendo muito barulho!** Agora se são pessoas mais tranquilas, mais serenas, eu **consigo perceber que não é tão barulhento!** Então é **tudo muito visual!** (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

Às vezes eu vejo pela forma como as **pessoas estão reagindo...** por exemplo, um local deserto... eu sei que ali **não tem muito som... talvez possa ter o som do vento batendo na árvore** [sacode as mãos como se tivesse **balançando**]... ou, por exemplo, um local onde as pessoas estão brigando... ali eu sei que está tendo uma gritaria, **porque eu estou vendo a reação das pessoas...** (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

[Lugar barulhento] É um lugar que tem barulhos constantes... **eu não tô ouvindo nada, eu não tô sentindo...** mas é um local que tem muitos barulhos... que as pessoas estão incomodadas... **eu vejo que elas estão incomodadas com as expressões...** mas eu não tô ouvindo, então eu não tenho esse incômodo... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Com base nos depoimentos, constatamos que as pessoas surdas têm consciência de como a existência sonora afeta o uso dos espaços e também a sensação de bem-estar para as pessoas

ouvintes. Assim, ainda que não percebam os sons pela audição, os surdos o interpretam pela visão, associando a uma vivência, havendo, portanto, a compreensão sonora. Segundo Sá (2008), ser surdo é experimentar uma forma diferenciada de ser, forma esta que se baseia primordialmente nas experiências visuais para a leitura do mundo.

Os relatos a seguir corroboram esta ideia ao demonstrar que os surdos associam os sons através da interpretação que fazem deles visualmente. Quando eles veem, observam, passam a associar e entender as situações, os momentos sonoros. Assim, nem sempre existe a sensação corporal, mas pela interpretação com base na visão e na cultura previamente adquirida é possível representar os sons.

[...] uma coisa que eu não sinto é ambulância, eu não consigo sentir, mas eu sei que tem! **Eu vejo! Mas sentir não.... Se eu vejo, beleza, há compreensão!** (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Em relação ao barulho? [...] porque como **eu não estou ouvindo, eu não tenho uma percepção...** só se alguém gritar de dor, uma coisa muito intensa, ou **se todo mundo se amontoar para ver um local... aí sim, pela percepção, eu ia ter esse olhar...** só... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Já aconteceu, por exemplo, de um carro estar buzinando e eu não tô vendo dirigindo, aí eu vi depois e virei... alguém querendo passar... mas eu não vi, eu sou surdo! Eles buzinando lá e eu não tava ouvindo... eles já estavam há algum tempo, pelo que eu reparei... quando eu vi o retrovisor, eu vi os dois... mas **se eu não visse, eu não ia entender nada...** isso tava acontecendo naturalmente, **porque eu sou visual...** tem essa questão... aí **os acontecimentos com barulho eu percebo visualmente, não sonoramente...** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Tal situação é o que Gesser (2006) denomina como sendo o "ruído visual", que para ela é a percepção que o surdo tem, através da visão e do toque, dos códigos de manifestação de barulho. Assim, mesmo não escutando o que está sendo falado e os sons do ambiente, os surdos os percebem visualmente, por meio da organização, movimentação e reação, ligando-os aos significados anteriormente apreendidos.

Primeiro, quando eu **vejo** alguém dançando, eu **imagino** que tenha uma música... ou eu tô sentado e **sinto ali uma vibração**, eu **imagino** que tem ali uma música... ou eu tô sentado e eu **percebo** que a televisão tá alta e eu abaixo... então eu fico **imaginando as coisas**, tendo contato próximo a essas questões (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

[...] na boate **eu vejo uma caixa de som bem grande** que o tempo inteiro sai som... **eu vejo pessoas gritando, porque elas estão cantando a música...** de acordo com a música... **tudo isso eu vejo**, me atinge de alguma forma... só... também o pé [ele faz um ritmo batendo as mãos na mesa]... ou a **forma como eles estão dançando**, se o

piso for de madeira, eu sinto mais isso... (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

[...] na minha casa, às vezes eu não estou percebendo e **o cachorro me avisa**.... Faz um barulho e ele olha.... Aí eu olho e vejo que tem alguma coisa... às vezes é a campainha tocando, **o cachorro vai e olha para a porta, aí eu sei que tem alguém na porta**. Lá em casa tem a luz [de campainha], mas às vezes, como é só na sala, no escritório e no quarto... às vezes estou em outro quarto e não consigo ver, mas aí o cachorro me avisa! [...] acompanho muito **as reações do meu cachorro**... então tem um **gato** que tem lá perto de casa que sempre **fica atento** quando um carro tá chegando... então eu sei que tem carro chegando... eu também sei que alguém está vindo porque meu **cachorro levanta as orelhas**... então essa é a forma de eu ter essa percepção... por exemplo, **se não existissem esses animais, provavelmente eu teria uma surpresa, um susto**... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

No meu cotidiano o cachorro, que tá sempre comigo lá em casa e **eu percebo todos os dias esse som**. [...] Se uma pessoa do lado de fora está chamando, o cachorro começa a latir e a gente já sabe logo que tem alguém lá fora. Então o cachorro ajuda muito a gente! **Ele é meu amigo intérprete!** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Assim, além de ler as expressões, os surdos também interpretam as movimentações do que acontece nos espaços, bem como conseguem se orientar pelo posicionamento das outras pessoas e até mesmo pela reação dos animais. Desta forma, os sons acabam tornando-se perceptíveis aos surdos através das relações estabelecidas entre as pessoas, entre as pessoas e os objetos e por meio da observação das expressões e dos movimentos de pessoas e animais.

Eu percebo o **movimento das pessoas**. O **corpo fala**... eu observo muito a movimentação das pessoas, **como elas se posicionam**... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

[...] a minha relação é mais visual mesmo, auditiva não... [...] **O movimento, a questão da visualidade... acho que tudo isso tem uma relação!** Mas por ser surda profunda, então, o som pra mim **não tem uma identificação tão presente**, só na igreja mesmo que eu tenho mais a relação com o som [auditivo], pela **expressão**, a música... eu gosto! Mas tirando isso... (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Como descreveu Laborit (2000), sua imaginação tinha ruídos em imagens. No relato a seguir vemos uma demonstração semelhante dessa associação dos sons através de imagens, uma vez que o entrevistado surdo absorve elementos que lhe parecem sonoros através do imaginário.

[...] tem muito barulho por conta da **poluição sonora!** Porque **são muitos outdoors, muitas coisas visuais que atrapalham** e também o **espaço é muito mal organizado**, falta planejamento dessa **estrutura**, muitos **carros** o tempo inteiro... e eu sinto que não tenho uma sensação de paz (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

No depoimento anterior, ao ser solicitado que RF (surdo profundo congênito, sem aparelho) indicasse um local que para ele fosse “barulhento”, ou seja, que apresentasse um alto grau de ruídos, ele citou as grandes cidades, relacionando a questão com a poluição sonora. Nada até então a ser refutado, ainda mais por pessoas ouvintes, pois isso lhes pareceria óbvio. O interessante, entretanto, é que ao ser questionado acerca do porquê de tal conexão, RF cita em sua descrição elementos visuais do espaço, como é o caso dos outdoors e da estrutura e planejamento das cidades. Isso reitera a noção de que o som auditivo para ele é intangível, porém, por meio de associações visuais, ele interpreta o som e o representa através de elementos conhecidos através da sua experiência e conexão sensível com o espaço, bem como por meio de sua imaginação.

Assim, observamos que o surdo vivencia o som também por meio da visão, associando as imagens percebidas sensivelmente às questões culturais e de imaginação. Pelo disposto até aqui, podemos dizer que os surdos decodificam as imagens que para eles se relacionam aos sons através do processo perceptivo e cognitivo, sendo tais sonoridades reconhecidas por intermédio de sua cultura. Uma vez que interpretam os movimentos, os corpos, as ações, eles passam a deduzir outras situações sonoras a partir da construção do imaginário sonoro, construindo um repertório de sons percebidos através da visão, culturalmente interpretados e imageticamente representados.

## **A CINESTESIA**

Uma vez que a cinestesia compreende a capacidade de o corpo reconhecer sua localização, posição e orientação no espaço, por meio da percepção dos movimentos musculares, do peso e resistência, iremos analisar como tal sentido contribui para a vivência sonora pelos surdos. Assim, é possível afirmar que além do “ruído visual” (GESSER, 2006), o surdo também poderá perceber os sons pelo que chamamos neste trabalho de “ruído cinestésico”, que são as manifestações sonoras apreendidas pelo corpo através da cinestesia, isto é, vibrações, pressão e todas as demais manifestações interpretadas pelo movimento corporal.

Uma vez que a cinestesia está diretamente relacionada ao movimento, o primeiro parâmetro cinestésico a ser considerado na identificação sonora realizada pelo surdo através do seu corpo é a vibração. Tal movimento oscilatório pode ser definido também como sendo um tipo de trepidação e é uma das maneiras mais comuns com que os surdos percebem os sons. Sá (2008) declara que a experiência da surdez não potencializa apenas a visão, mas todo o corpo do surdo, levando-o a experimentar as vibrações de maneira até mais intensa que os ouvintes.

[...] no ônibus, no trem, eu não consigo dormir, porque ele **trepida muito**... aquele **movimento repetitivo da trepidação** não me deixa dormir... [...] por conta desse

barulho... é uma **repetição**, parece que é um **som contínuo** ali, uma trepidação... **eu sei que tem sons diferentes**, mas eu sinto dessa forma... [...] tem **ritmo** esse som! (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

[É barulhento quando] eu tô aqui sentada em um ônibus, por exemplo, e alguém fica **batendo** na cadeira, ou **fazendo movimentos pra frente e pra trás**, me incomoda... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

O trem... é uma coisa diária... é o pior! É o que mais eu utilizo! Eu fico imaginando uma casa perto do trem... pra mim ia ser horrível! Mas, enfim, é um **incômodo constante**! É um metal, um ferro batendo nas pedras, não sei... aí fica aquele **barulho trepidado**, é meio **estranho**, é um **barulho diferente**! É o barulho da madeira com o trem, sei lá! Parece que tá **vibrando o tempo inteiro**! (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Nos relatos acima, a vibração é percebida nos meios de transporte e geralmente é identificada como sendo uma vibração incômoda. Cabe ressaltar que, da mesma forma que existem diferentes tipos de sons, existem também diferentes tipos de vibração, perceptíveis por ritmos distintos e podendo transmitir sensações agradáveis ou não. Assim, bem como um som pode ser interpretado de maneira diferente em diversas culturas, há também diferenças nas interpretações das vibrações. A entrevistada MP (surda profunda pré-linguística, sem aparelho) relata que “tem vários tipos de som.... Ah! Eu acho que é vibração... é isso... é onde eu identifico...”, ao relatar que a diversidade sonora é identificada por ela pelas vibrações decorrentes desses sons.

Já nos relatos a seguir, serão apresentados trechos que associam o som às vibrações musicais. A maioria tende a considerá-la como sendo uma vibração agradável, ainda que haja aquelas que se incomodam, pois não há unanimidade.

Eu até **dançava**! Eu consigo **identificar**... parecia até meio louco, meio maluco, mas **eu tava dançando porque eu tava sentindo ali uma vibração musical** naquele momento e **som também**... Mas eu tava **sentindo** e perguntava pra minha mãe o que era isso, eu era pequena, e ela falava “**era o som!**” (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Eu sinto uma **vibração** nele [ela sinaliza essa vibração no seu corpo], **agitação, movimento**... Eu **não reparo no som**... o som de todo dia, cotidiano, eu não percebo..., mas em uma festa, o **som é muito alto**, não tem como! Eu **sinto... eu não sei a palavra, a letra**, mas eu **sinto ali uma vibração**, fazendo “PU, PU, PU” [ela demonstra um ritmo com as mãos] ... isso eu sinto! (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

Eu percebo pela **vibração**! Na boate, por exemplo, eu sinto essa **vibração forte**... às vezes o **chão ali vibrando**, os **materiais**, as **coisas**, os **objetos vibrando**... mas o **som em si eu não escuto nada**! (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

Se eu tô num local que tem **música**, com **mais vibração**, aí sim, **eu sinto!** Mas é só isso! Agora local aleatório não! Porque minha surdez é profunda, entendeu?! [...] Quando a **música está muito alta me incomoda!** Me incomoda quando está muito, muito alto, porque é falta de respeito! E as pessoas precisam diminuir, isso realmente me incomoda, quando está aquele **som estridente, uma vibração estridente...** é só isso! (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Eu fui ao Rock in Rio com um grupo de professores aqui do INES e lá eu estava sentindo... eu tava sentindo **a vibração dos instrumentos, era muito forte!** Mas na rua em si, não! (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Além das vibrações dos transportes e das vibrações musicais, existem ainda outros tipos de vibração, que são percebidas no ambiente urbano ou no espaço arquitetônico. A seguir, serão apresentados dois exemplos, um referindo-se às obras urbanas e outro sobre a vibração dos materiais do edifício. Assim, é possível perceber que a vibração também é utilizada como um meio de chamar a atenção para a comunicação. O uso de materiais – como o piso de madeira – favorecem essa percepção pelo surdo.

Assim, **eu sinto mexer...** depende do barulho... assim **eu não estou ouvindo, ok?!** Mas eu sinto **vibração...** por exemplo, de quando **estão quebrando a cidade**, com a **britadeira, é o que mais faz barulho...** ali eu consigo sentir mesmo a **intensidade do barulho...** eu fico procurando pra saber onde é que está, **visualmente**, aí eu **identifico** o local que o cara está fazendo... (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Eu já fui uma vez na Clínica da Família e é um hospital que o material não é de madeira, é de ferro... também na UPA 24horas os materiais são de ferro, aí eu sinto ali... todo o entorno é de ferro... não é como aqui, concreto... ali **a estrutura das paredes é de ferro, então eu consigo sentir uma vibração ali... eu sinto essa vibração por conta do som...** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Quando alguém tá querendo **falar com a gente**, fazem isso [ele **bate o pé no chão**, que é de tábua corrida], pra gente poder **sentir...** [outra surda olha e ele aponta] olha lá, **ela ali sentiu a vibração pra chamar!** Porque assim, não tem como gritar por conta da surdez, então **as pessoas batem pra chamar!** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Outro elemento relacionado à cinestesia que contribui para a percepção do som é a pressão, sentida como uma força exercida na direção do corpo.

Então, às vezes quando tem **fogos**, aí sim, **eu consigo sentir visualmente**, mas eu sinto lá a **pressão...**, mas fora, na rua, não... (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

Porque o **som é emanado pra mim...** então eu **sinto aquele som**, aquele barulho... é **como se fosse um ronco de um motor tremendo a todo momento...** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Às vezes eu vejo a janela aberta, o barulho da porta batendo, o vento, às vezes... por exemplo, às vezes estou em casa e tem muito vento, tem o barulho da porta fechando e penso “mas eu fechei tudo!”... mas **é o barulho do vizinho!** É como uma vibração... um “**BUMMM!**” (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

CR (surda profunda congênita, sem aparelho) relata que ela sente a pressão da explosão dos fogos de artifício em seu corpo e então consegue “sentir visualmente” o som, ou seja, ela interpreta essa sonoridade pelas relações visuais anteriormente apreendidas. Já no relato de CG (surda profunda pré-linguística, sem aparelho), ao sentir a vibração muito forte e pontual que é interpretada como uma sensação de explosão, sentida pela pressão e emanada em seu corpo, ela primeiro sente e então faz uma busca visualmente. Como não tem resposta visual, ela parte para uma correlação intelectual que justifique o ocorrido, uma vez que visualmente não há justificativa.

Finalizando a questão da percepção através da cinestesia, irei apresentar um último relato que descreve como o som é sentido por meio do corpo. Ao procurar entender melhor como é essa sensação sonora corporal, durante a entrevista de RN (surdo profundo congênito, sem aparelho) questionei ao entrevistado: “Mas você sente no corpo?”. Ele sorriu e me respondeu:

**Tudo! No corpo todo!** Quando [alguém] bate [com o pé no piso de madeira] parece que é como se fosse **meu pé sugando...** suga **aqui o som** [ele aponta para o **pé**] e eu vou **sentir aqui** [ele coloca as mãos no **peito**], entendeu?! O pé, ou em qualquer lugar que eu vou andando, as pessoas, elas vão olhar, **vendo o barulho... eu não vou tá ouvindo mas eu vou estar acompanhando...** mas enfim é isso... **são os sons!** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Ele ainda explica que o lugar que tem muitos sons é

Um local que tem um **som muito estridente**. Por exemplo, lá no Rock in Rio tinha um som muito alto... no carro, por exemplo, quando alguém aumenta o som, ou eu coloco o **som no maior volume e sinto... não estou ouvindo, identificando nada,** mas **a vibração dos instrumentos, da voz, tudo isso eu tô sentindo...** e aí barulhos **eu sinto mais vibração...** o que me **emociona** ou o que **realmente me contagia** é a **vibração em si** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Ao afirmar que a percepção do som o emociona por meio das vibrações, podemos dizer que tal evento sonoro adquiriu significado e se tornou o que Schafer (2001, p. 239) chama de “evento sonoro simbólico”. Isso acontece quando o som desperta em nós emoções ou pensamentos, além de suas sensações mecânicas ou funções sinalizadoras, possuindo uma reverberação que ressoa nos mais profundos recessos da nossa psique. Nem todos os surdos podem usar resíduos auditivos para apreciar a música, mas todos podem usar de sua inteligência para compreendê-la. As pessoas surdas podem perceber o ritmo, a dinâmica da música, o timbre do cantor, as vibrações, desde que isto lhe seja apresentado em meio a um contexto significativo (SÁ, 2008). Constatamos assim que o

evento sonoro simbólico pode acontecer também através da interpretação corporal em uma experiência sonora além da audição.

## A AUDIÇÃO

Na fundamentação teórica desta Tese, vimos que é um engano imaginar que as pessoas surdas vivem imersas em um completo silêncio. Conforme Padden e Humphries (1990), o mundo dos surdos é um mundo de ruídos, zumbidos, estalos e rugidos. Entretanto, Sá (2008) menciona que os surdos não possuem uma única característica de surdez, não podendo ser tratados como uma totalidade. Todavia, eles podem ser analisados como um grupo sociocultural, comunitário e plural. Ao tratar de educação musical, ela relata que não se deve considerar o surdo idealizado, uma vez que surdos diferem muito entre si e seus diferentes graus de surdez, que aliados às diferentes experiências familiares, sociais e culturais, certamente motivarão diferentes interesses pela música. Analogicamente, podemos dizer que o mesmo poderá acontecer em relação aos sons de um modo geral com os ouvintes.

No caso dos relatos das testemunhas sonoras deste trabalho, foi possível observar que existem variações nas relações de tais pessoas com os sons, principalmente se considerado auditivamente. Cabe lembrar que, conforme ratifica Gesser (2009), os aparelhos auditivos não atuam como decodificadores instantâneos de linguagem, possibilitando apenas a escuta de ruídos. Assim, ainda que não consigam compreender as palavras, uma vez que os sons com os quais convivem em sua maioria são sons inteligíveis às suas capacidades auditivas, alguns dos surdos conseguem criar um código de classificação desses ruídos e se orientarem pela bagagem dessas construções previamente organizadas.

[...] as pessoas estão falando muito ali no trem... **eu não escuto as palavras que eles falam, não... eu só escuto o som...** eu sei que tem algum barulho ali! Às vezes, uma pessoa fala mais alto e eu sinto... aqui as pessoas falam muito alto, tem gente que fala muito alto, então **eu consigo perceber isso!** Agora, se a pessoa fala mais baixo, eu não sinto a vibração... agora, se ela grita, sim... eu sei... eu penso “não precisa gritar assim!, sabe?!”... e eles não estão nem falando comigo... eles estão falando entre eles e estão gritando! Então, eu acho que o trem tem muito barulho! E aí é por isso que as pessoas falam mais alto... bom, eu acho que é por isso, eu acho, não sei... (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

**Eu percebo com aparelho.** [...] eu consigo já **identificar** quando é um surdo ou é um ouvinte falando pela percepção que eu tenho... mas com o aparelho eu consigo perceber... **sem aparelho eu escuto mais barulhos mais intensos e mais fortes**, uma porta fechando eu escuto, mas a voz da pessoa, como eu falei antes, não! Só com o aparelho! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Eu escuto o barulho de buzina, por exemplo, quando as pessoas, a voz de alguém,,, Eu não identifico o que a pessoa tá falando... só a palavra eu consigo... uma palavra ou outra. **Se eu tô de costas e a pessoa me chama "R."** [ela diz o nome]... **eu consigo!** E aí eu viro para ver! O barulho do telefone, por exemplo, eu consigo ouvir tocando... a porta sendo fechada de maneira mais abrupta eu consigo ouvir... (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

É interessante observar que RR (surda profunda congênita, com aparelho) apesar de não conseguir compreender o significado oral da palavra, consegue discernir vozes e associar que seu nome foi chamado pelo tipo de som e possivelmente pela entonação de quem fala. Ela também diferencia os ruídos no ambiente interno, como o telefone ou a porta que bate, e no externo, como uma buzina de veículo e sirene de ambulâncias. Isso demonstra uma identificação e um aprendizado sonoro auditivo.

Tem ouvintes que falam "música chata me incomoda!"... Eu não, ao contrário, eu fico muito tranquila quando estou nesses ambientes! [...] Quando é **muito alto** o barulho ou quando é música **mais calma**, eu consigo **perceber essa diferença!** (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Música eletrônica no Youtube<sup>20</sup>, que eu particularmente gosto... [...] e **tem vários estilos, vários tipos de som**, mais calmo, mais agitado... E aí eu gosto muito de seis tipos de sons que dão muita calma em alguns momentos, me deixam mais relaxada e eu me identifico mais... e às vezes eu fico mais nesse ritmo de música... eu vou lá pesquiso no YouTube... **É onde eu realmente associo**. Além disso, minha mãe ouve muito música gospel, apesar de ela não ser cristã... eu tava um dia no banheiro em casa e aí eu tava saindo e ela tava lá ouvindo... **eu tava ouvindo a música pelo som... identificando pelo som... é um som diferente... eu não consigo identificar as palavras, mas o som em si eu identifico!** Ai depois eu vi e minha mãe estava ali emocionada... eu não, eu não tava emocionada mas **eu tava achando a música interessante pelo som...** e tentando me colocar no lugar dela, como ela sentiria esse som (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

No relato de IB (surda moderada congênita, sem aparelho) é possível perceber que além de ela perceber o som auditivamente, ela consegue distinguir alguns tipos de ritmos, passando então a fazer associações por meio desse aprendizado. Ela também relata, em outro momento, que não compreende o som nitidamente, mas percebe que esses sons podem emocionar, uma vez que são relacionados a algum significado apreendido. Mais ainda, ela demonstra usar a imaginação para tentar compreender e fazer associações com esses sons.

Convém salientar que, como há diferentes tipos de surdos, há também diferentes interações sonoras. Os dois relatos seguintes demonstram uma interação sonora mais esporádica e não intencional.

---

<sup>20</sup> Plataforma de compartilhamento de vídeos através da internet.

[...] ontem eu estava na minha casa junto com meu marido... [...] minha filha pequena gritou e veio correndo atrás da gente... aí ela bateu forte na porta, que é uma porta de vidro... aí meu marido gritou pra ela parar, pra evitar que quebrasse, né?! E aí **eu escutei esse som**, mas esse foi um **som forte**, que me **assustou... qualquer som me assusta...** porque, assim, eu gosto de silêncio...[...] Se eu fico em casa, por exemplo, não tem nenhum som ali... no meu cotidiano, não, **eventualmente tem algum som...** (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

Normalmente **eu levo mais sustos com esses sons...** porque é **de repente!** Algo que me chama a atenção! (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Nos relatos desta pesquisa, foi possível observar que os surdos profundos que não usam aparelho demonstraram uma relação mais eventual, mas ainda existente, com o som em sua forma audível. Uma vez que sua percepção capta apenas sons muitíssimos intensos, sendo ainda variável essa percepção, mas sempre um nível de pressão sonora muito elevada (mais de 80 dB), o que acaba sendo uma reação perceptiva mais rara. Quando há a percepção desse ruído, ele tende a se surpreender e se assustar, uma vez que não é uma sensação recorrente na vida dessas pessoas.

[...] antes, eu usava aparelho... eu tinha mais ou menos de um ano até nove anos de idade... eu fiquei usando aparelho e aí eu conseguia perceber algumas coisas, como o som da moto, quando fazia um barulho muito intenso... **aí eu conseguia identificar que tava alguma coisa muito barulhenta...** ou um carro, uma ambulância, carro de polícia, bombeiro, que tem as sirenes mais estridentes, eu já olhava e percebia... helicópteros passando, por exemplo, mas até essa idade... pessoas falando, quando falavam muito alto, **eu não entendia nada, eu não identificava o som, mas eu sabia que estavam falando... então eu larguei o aparelho e tirei e realmente...** E só moto, que eu já sabia, tiros, as pessoas falando muito alto... **não era um barulho natural, mas eu identificava, não ouvia nada...** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

No caso de RN (surdo profundo congênito, sem aparelho), por exemplo, o aparelho auditivo fez parte de sua vida na infância, optando posteriormente por não o utilizar. No depoimento, ele relata que ouvia ruídos, mas sua identificação era difícil, segundo ele, um ruído que não era natural. Em uma opção que só diz respeito a cada surdo e como ele encara sua surdez, para RR a melhor escolha foi o não uso do aparelho auditivo, uma vez que sua experiência com o mundo se tornou melhor sem o seu uso. Em descrições anteriores, foi possível perceber que a relação de RR com os sons ocorre em outro âmbito, principalmente pela vibração e com o entendimento contextual das músicas.

No relato a seguir, é demonstrada a complexidade de interação sonora pelo surdo profundo que não utiliza aparelho e que não tem um contato habitual com os sons. Para LE (surdo profundo congênito, sem aparelho), o domínio dos sons do ambiente depende de “muito trabalho”, uma vez que tais sonoridades se apresentam como raros visitantes, sendo meros desconhecidos. Sendo assim,

esse domínio sonoro irá depender não só da vontade pessoal de cada surdo, mas também das oportunidades de exploração sonora que lhe é dada ao longo de sua vida.

Eu tento às vezes **identificar** o quê que é **quando eu escuto e vejo que alguma coisa caiu**, por exemplo... mas dá **muito trabalho** pra mim ficar fazendo **essa identificação sonora** em alguns momentos... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Este caso reitera, portanto, que a percepção auditiva do som pelo surdo não é algo automático ou simples, mas é moldada pelo aprendizado e por práticas culturalmente definidas. Deste modo, cabe aos surdos, além de aprenderem as propriedades acústicas do som, associá-las aos seus significados. Em algumas situações, como relatou LE (surdo profundo congênito, sem aparelho), essa associação requer esforço e pode vir a se tornar cansativa.

Como cada pessoa surda possui um grau de surdez, não há, entretanto, como estabelecer um parâmetro unificador a respeito da percepção dessas sonoridades por essas pessoas. Existem diferentes faixas de frequência e níveis de pressão sonora audíveis que estabelecem diferentes espectros sonoros, mas, além do alcance auditivo propriamente dito, a percepção sonora esbarra em questões culturais, isto é, depende da vontade e do envolvimento que cada surdo terá com o som em seu cotidiano. Assim, a percepção auditiva está intrinsecamente associada ao grau de surdez, ao uso ou não de aparelhos auditivos e a propensão de tais pessoas a estarem atentas a esses sons. Fato é que independentemente de qualquer desses fatos, em algum momento de sua vida, o surdo terá uma experiência sonora auditiva. Cabe a ele optar ou não pelo aprofundamento nessa experiência.

É interessante também notar que, independentemente de o som ser algo habitual ou não, do convívio diário ou esporádico, os surdos têm consciência de que vivem imersos em um mundo sonoro, do qual fazem parte inseridos a seu próprio modo e por meio de experiências muito particulares. Observamos, pelas análises deste tópico, que os sentidos mais destacadamente utilizados na vivência sonora são a visão, a cinestesia e a própria audição, ainda que limitada a ruídos. Cabe a nós, pesquisadores ouvintes, compreender, portanto, que existem diferentes formas de vivenciar o espaço sonoro, ainda que além da audição.

#### **5.4.3. Som e silêncio: o lugar sonoro interpretado além da audição**

Com base no referencial teórico e a partir das análises dos dois itens precedentes, pode-se dizer que no mundo dos surdos existem muitos sons, ainda que a predominância seja do silêncio. Conforme expõe Tuan (1980), a cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os

sentidos serão privilegiados, contudo, ainda que todos os homens partilhem de atitudes e perspectivas comuns, a visão que cada pessoa tem do mundo é única.

Deste modo, cada surdo terá uma experiência sonora distinta, decorrente de seu grau de surdez e também do interesse manifestado por essa percepção sonora. Neste sentido, observamos que o som pode vir a assumir um papel relevante na vida dos surdos, diferindo pelas suas distintas capacidades sensitivas e pela interpretação que delas são feitas, gerando ou não significações a partir de sua realidade cultural e de sua experiência de vida.

Tendo a noção da existência de uma percepção sonora pelo surdo, neste item iremos mostrar e analisar os lugares por eles identificados a partir das noções de som e silêncio, bem como suas sensações e sentimentos descritos nesses lugares. A partir de então, poderemos compreender em linhas gerais quais são aqueles lugares cuja paisagem sonora é entendida como sendo agradável ou não para essas pessoas.

## LUGARES DE SOM

O mundo é um lugar sonoro. E isso é algo percebido também pelas pessoas surdas, como vimos anteriormente, que vivenciam por meio de sua percepção corporal sensível associadas às noções culturais e intelectuais. Nos relatos a seguir, alguns dos entrevistados demonstraram que entendem que o som é algo natural, presente em todos os lugares e que faz parte da vida cotidiana dos ouvintes, ainda que, para os surdos, esse mundo seja alcançado parcialmente pela apreensão de ruídos ou por meio de outras sensações captadas pelos demais sentidos.

O som pra mim é como se fosse um **barulho...** tem voz de pessoas, a música, por exemplo, a questão dos meios de transporte... quando tá fazendo comida e tem o barulho do liquidificador, por exemplo, é uma **forma de som...** **nada está em silêncio! As coisas fazem barulho! As coisas têm movimento!** (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Bom, eu sou surdo e muitos sentem o som, conseguem sentir... **o som tem em qualquer lugar do mundo, não sou só eu, não são só os humanos, as coisas fazem som, tem som... materiais, mesa** [ele dá um tapa na mesa com as duas mãos], **tudo isso tem som... os animais têm som... as pessoas conseguem escutar o som, mas depende da modalidade da surdez delas...** [...] Então é isso, **eu acho que o som tá presente na vida humana todos os dias, é algo natural** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Ah! Barulho de buzina, gente falando... tudo! **Tudo faz barulho! Tudo ao mesmo tempo...** é difícil de explicar! [...] Eu já estou acostumada, então pra mim é **natural...** mesmo eu usando aparelho... se eu tiro o aparelho, pra mim tudo é silencioso... **quando eu coloco aparelho que eu percebo...** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Observamos assim que os surdos têm consciência do mundo sonoro, apreendido e representado pela interiorização dos diversos sistemas sensoriais de que dispõe. Assim, entendem que os lugares, as pessoas, animais e as coisas produzem sons, sendo isso uma realidade cotidiana percebida pelos ouvintes e também pelos surdos à sua maneira.

É possível notar que os surdos associam diretamente os lugares sonoros àqueles que possuem movimentos, sejam de pessoas, veículos, coisas. Dentre os 13 respondentes, 11 citaram a cidade (“rua”, “avenida”, “centro”) como sendo um ambiente ruidoso. Neste caso, observa-se que os sons da cidade são notados tanto em intensidade como em tipos, uma vez que eles fizeram de alguma forma a relação do som com o ambiente urbano.

Esse sinal [barulho] me lembra o **Centro, a Presidente Vargas**, a obra, canteiro de obra... Porque eu **vejo** que são muitos carros passando, apito de guarda... então eu **imagino** que seja bem **barulhento!** (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

**Na rua! Principalmente no centro... nos centros, onde tem muito movimento... é muito movimentado, né?! Por conta dos carros, buzinas, apitos dos guardas, aquelas britadeiras para fazer a obra, principalmente! Me incomoda bastante!!! E também dentro do trem, por conta dos barulhos, das campainhas das portas, das sinetas... e no metrô também! De tensão... e me dá muita agitação por conta dos barulhos! Porque a minha surdez não é profunda, ela é moderada, então eu escuto mais ruídos e várias mais coisas... Eu vejo mais as coisas ruins, né?! Buzinas toda hora... me incomoda bastante ficar vendo buzina tocando toda hora!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

A **rua, a avenida...** tudo isso! Porque tem ônibus, carro, moto, barulho, **gente passando**, tudo isso... Muita vibração! (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

**Na cidade, na rua... na cidade tem barulho...** Depende.... Tem fogos, tem buzina, tem vários barulhos, enfim... Incômodo, porque **não tem paz, não tem o silêncio!** É algo incômodo, de carro, de buzina, de grito, de vários outros ruídos! É **horível!** (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

É lugar pra mim desagradável! Um lugar que **tem muito barulho, muita circulação**, muito problema, eu me sinto **incomodada**, eu realmente não gosto.... Eu gosto de lugar mais tranquilo, mais calmo.... **Muita movimentação, como, por exemplo, rua... gente circulando muito próxima da outra me deixa incomodada!** (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

O lugar sonoro muito ruidoso para eles é expresso principalmente por meio de sons muito “estridentes”, das movimentações muito grandes e pela sensação de apinhamento e aglomerações. Esses ruídos percebidos pelos surdos muitas vezes se revelam de maneira confusa, já que, por vezes, a forma como tais sons são captados podem se mesclar e até mesmo desorientá-los. Talvez essa seja uma das razões pelas quais alguns surdos optem pelo não uso do aparelho auditivo.

Carnaval! Porque eu fui lá em Cabo Frio, no carnaval... aí tem a rua, tem o som lá, o trio elétrico, o pessoal caminhando... e aí 6, 7h lotava de gente... **todo mundo pulando, aquelas pessoas imprensadas... aquele barulho!** É legal o ambiente, mas tá ali com muita gente é desagradável... pessoas suadas... todo mundo se tocando... eu achava meio bizarro isso, meio estranho, não gostava! (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

[...] Quando tem **muitas pessoas**, um local desagradável é **quando tem muita gente!** Exemplo, carnaval! Eu gosto da festa, eu acho bonita, mas a rua com aquelas pessoas espalhadas, **amontoadas**, isso eu não gosto! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Lugar com **muita gente, muitos movimentos**, muitas pessoas! Gente todo dia passando... (CR, surda profunda congênita, sem aparelho).

**Aonde tem movimento!** Pra mim, eu não tô ouvindo nada, mas **eu sei** que tem movimento de **buzina**, de várias coisas, mas eu não estou ouvindo, entende?! Porque minha surdez é profunda... (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Apesar de demonstrarem apreço pela manifestação popular cultural, os surdos acima relataram que se sentem desconfortáveis em tais ambientes, principalmente pelos sons e pela quantidade de pessoas em um mesmo espaço.

Ainda que boa parte dos locais apontados pelos surdos como ruidosos também o sejam para os ouvintes, é interessante notar o exemplo a seguir, onde é apontado como sendo ruidoso o espaço de uma biblioteca universitária. Para IB (surda moderada congênita, sem aparelho) essa sensação traz incômodo, desconcentração e até mesmo insegurança ao se desviar o olhar.

**Biblioteca**, por exemplo, da faculdade, [...] tinha **muito movimento** e eu com fone de ouvido olhava toda hora as pessoas e eu **não conseguia focar nas atividades**, por conta do **som externo das pessoas**... às vezes eu tento fechar o olho pra ter esse momento, mas **eu não consigo confiar no que está fora, no que eu não estou vendo**... eu não conheço ninguém... então eu prefiro o meu quarto (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Em meio à essa percepção ruidosa foram descritos sentimentos e sensações como “incômodo”, “irritação”, “nervoso”, “tensão”, “agitação”, “não ter paz”, “chato”, “perturbação”, “atrapalha”, “prejudicial à saúde”, “horível”, dentre outros. Foi possível notar que para os surdos os sons e lugares associados a eles geralmente transmitem sensações negativas, sendo algo indesejável.

[...] É incômodo, é escuro, irritação, chato, **pra mim é um incômodo como se arranhasse uma superfície com a unha... dá um nervoso!** Mas isso depende muito do surdo também... (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Em contrapartida, lugares onde há música foram descritos como sendo exceção. São “ruídos” que agradam a boa parte dos surdos que conseguem percebê-los. Como vimos anteriormente, ainda que eles não sejam percebidos apenas sonoramente, a música pode até mesmo emocionar as pessoas surdas.

Eu vou falar a verdade... **quando tem muitos barulhos me incomoda demais!** Então esse local já fica **desagradável**, porque **eu gosto até de ouvir**, isso é interessante em alguns momentos, **mas eu gosto mais de locais que têm música!** De música mesmo... Eu não identifico a voz, mas **eu gosto de ambientes que têm essa questão sonora... eu me sinto bem ali! Eu tenho prazer nesses locais!** (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Eu sinto incômodo... eu prefiro ficar quietinha, no silêncio... **muito som não é bom! É diferente um ambiente com música, a sensação é diferente... não me incomoda...** (CG, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

A partir das declarações, foi possível perceber que os sons contribuem para a percepção que os surdos têm de diferentes lugares. É interessante observar que, na grande maioria dos relatos, os sons são observados como sendo uma sensação desfavorável. Não é algo com que na maioria das vezes eles se sintam confortáveis. Claro que cada surdo percebe e interpreta de uma maneira diferente, mas, para conviver de maneira minimamente saudável, os surdos têm que passar por um aprendizado desses sons, a fim de se orientarem e o utilizarem a seu favor. Entretanto, isso não é algo tão simples e nem sempre desejado por eles. E cabe a cada surdo compreender o que é melhor para si. É inegável, porém, que o som é uma realidade na vida das pessoas surdas.

## LUGARES DO SILÊNCIO

O mundo surdo é um lugar predominantemente de silêncio. Entretanto, como vimos até este momento, não é porque os surdos não percebam ou não têm a noção da existência desses sons.

É difícil responder porque **o mundo é sonoro**, mas **o mundo também tem silêncio...** eu já tô acostumada... eu não tenho essa percepção... **o mundo dos ouvintes tem muito som, o mundo dos surdos é o tempo inteiro em silêncio...** é isso! (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

O relato acima demonstra a consciência desses dois mundos de som e silêncio. Já os relatos a seguir apontam a percepção de que a paisagem – som e silêncio – é dinâmica. Há lugares que por vezes são predominantemente sonoros, outras vezes predominantemente silenciosos. É interessante observar também que os surdos têm noção da variabilidade sonora dos lugares.

Depende.... Por exemplo, **tem dias que aqui está mais barulhento, tem dias que está mais com silêncio...** Por exemplo, ontem aqui estava super tranquilo, tava sem movimento, com poucas pessoas, então estava sem barulho! (FS, surda profunda congênita, sem aparelho).

Um local [barulhento é o] que tem muito barulho... local que tenha muito som alto, por exemplo... **para mim isso... lugar que eu não tô ouvindo, beleza, são silenciosos!** É um lugar que tenha muito som! Pra mim o barulho é como um local que tenha som muito alto! Por exemplo, aqui [INES] pra mim é um lugar silencioso... **eu sei que tá acontecendo muita coisa lá fora, mas eu não tô ouvindo nada**, só o exemplo da atenção, como eu disse antes, mas tirando isso **aqui é silencioso...** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

No relato acima, RN tem consciência do mundo sonoro em que está inserido, mas reitera que, para ele, o mundo tende a ser silencioso, ainda que na realidade dos ouvintes não seja, mas ele classifica o lugar como sendo de silêncio baseado na sua vida e na sua própria experiência.

Ainda que, como vimos, a maioria dos lugares apontados como sendo associados ao sinal de silêncio tenha sido o hospital, vimos também que tal percepção se baseia principalmente em uma construção cultural e não sensível. Além disso, conforme depoimento abaixo, o silêncio não é sentido apenas pela percepção noção sonora do lugar, mas sim pela comunicação ou falta dela.

No meu caso, [o hospital] parece um outro mundo. **Porque não tem comunicação... é um local muito silencioso** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Em um segundo momento da entrevista, porém, ao serem solicitados que descrevessem lugares que para eles fossem silenciosos, observamos que foram apontados predominantemente lugares bucólicos, de espaços livres e com praia. Ainda que eles culturalmente saibam que nesses lugares também existem sons, em sua maioria, para os surdos, eles são imperceptíveis, tornando tais lugares como sendo de “completo silêncio”.

Ah! Local de fazendas, que é bem silencioso... Porque não tem muitos sons, não tem ruídos, não tem barulho... são pouquíssimas casas, pouquíssimas pessoas... Calma, tranquilidade, eu não ouvia nada... **um local que não tem barulho, tem muitos rios...** então é um lugar que eu podia andar e ficar tranquilo... **as pessoas falavam que estavam ouvindo alguma coisa, mas eu não sabia... eu não tava ouvindo nada, então é um local muito tranquilo...** (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Um lugar tranquilo em relação ao som?! **Eu prefiro um lugar que não tenha som nenhum...** nem o cachorro! Pra eu poder ficar bem tranquilo! Uma praia sem pessoas... porque tem praia que tem tanto barulho, com tanta gente falando, as pessoas vendendo “picolé um real!”... se for uma praia mais distante, depois de uma montanha, numa ilha, talvez... que não tenha som nenhum, aí seria um lugar tranquilo! **O som do mar eu não consigo perceber... as pessoas já me falaram que tem som, mas eu não consigo ouvir...** (BA, surdo severo e moderado congênito, sem aparelho).

Só a praia. Porque é um local que não tem violência, não **tem barulhos pesados... é tudo muito natural, dá paz...** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Ao contrário do que foi apontado como sendo um lugar sonoro com ruídos, o lugar do silêncio se associa a pouca movimentação, a poucas pessoas, espaços abertos.

[Um lugar silencioso é] Principalmente à noite, **porque eu percebo que está mais vazio, eu percebo que tem mais silêncio...** (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Se eu viajo para um lugar... uma serra... eu gosto bastante... é gostoso lá, é um lugar agradável... **eu evito as cidades...** se for um **lugar mais vazio**, mais tranquilo... isso me dá tranquilidade, me dá paz... se for um lugar mais agitado, eu fico mais agitada, então eu prefiro lugares mais tranquilos, no interior, na casa de um tio meu ou um lugar que tenha menos pessoas... isso me dá calma, isso me traz tranquilidade... (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

Lugares silenciosos também são frequentemente associados a lugares contemplativos. Isso demonstra que a qualidade do que é visto influencia diretamente no que é percebido como sonoridade.

[Um lugar silencioso é] O último andar de um prédio! Porque não tem carro lá em cima, não tem barulho... **é um local vazio...**Sobre o som, é isso?! Faz me sentir leve... **Uma vista calma**, é isso.. Eu imagino que você lá em cima você veja mais pássaros, alguns aviões... **é uma vista calma!** (VM, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

Um local silencioso é um local calmo, é um local que **não tem esses movimentos** todos acontecendo! Por exemplo, **uma fazenda tem barulho, mas não é o mesmo barulho... é um barulho mais tranquilo**, daquela região, dos animais, aí você sente mais prazer, **mais paz pela paisagem, pela vista**, você esquece seus problemas, trabalho, casa, amigos... e quando você vai pra esses locais você vai pra relaxar... a energia do trabalho quando você vai pra esses locais você consegue ficar mais calmo e mais tranquilo... e depois essa energia, essa intensidade de vida vai aumentando quando você volta pra cidade. A vida tem esses altos e baixos constantes... tudo tem vida! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Lugar que tem cachoeira, que tem Ilha... local que tem praia, mas com muita gente não! **Uma praia vazia**, sabe?! Eu praticava muito Surf, então ia muito cedo, às 5 horas da manhã eu ia para a praia e tava lá vazia... tava aquela paz, aquela água tranquila, calma... lugar com cachoeira, com natureza, que não tem o barulho mas tem um **recurso visual intenso**, que eu posso ficar nesse local e isso me dá muita energia! **Essa questão visual também é importante!** (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Os relatos demonstram que os lugares silenciosos são aqueles em que não há grandes ruídos, sem grandes movimentações nem agitação. Há, como já dissemos, aqueles interpretados culturalmente, como o “hospital”, mas pela tradução das sonoridades pela percepção sonora, os

lugares mais recorrentes foram: “praia”, “fazenda”, “serra”, “cachoeira”, “ilha”, “trilha”, “cidade de interior” e “em casa”. Neste caso, cabe observar que a casa é tida também como sendo um refúgio de silêncio para boa parte dos entrevistados, ainda que se tenha a noção de que esta é uma situação de silêncio muito particular a eles.

Depende do lugar, vamos lá... **locais sem muitas pessoas**, às vezes, pra você pensar é um local que eu gosto... um local calmo, tranquilo... casa, praias, talvez são locais assim... **restaurantes não, tem pessoas**... Praias! Casas! São locais que dão a sensação de tranquilidade, **eu gosto mais de estar em silêncio**... às vezes na minha casa... se eu fico muito agitada diariamente eu preciso pensar comigo mesma, **e é em casa onde eu me sinto bem!** (MP, surda profunda pré-linguística, sem aparelho).

O banheiro da minha **casa** [...] então um lugar bem tranquilo pra mim, um lugar que **eu estou sozinha**, é o banheiro! Eu não escuto nenhum barulho... **não tem barulho é um lugar de silêncio!** (LA, surda profunda congênita, sem aparelho).

[...] em **casa**, eu tô lá vendo televisão, **é meu local silencioso, meu local particular de silêncio**... outros surdos, na família deles eles têm sinalização, não tem gritaria, ou tem a gritaria, mas só das vozes, às vezes, o som dos surdos...mas **o silêncio existe por não escutar**... (RN, surdo profundo congênito, sem aparelho).

A partir das informações apresentadas pelas testemunhas sonoras, podemos dizer que o silêncio é algo natural para o surdo e é visto como sendo uma coisa favorável e benéfica para sua vivência. Ao serem solicitados que fossem apontadas sensações e sentimentos que se relacionassem ao silêncio, vimos que foram relatados “normal”, “natural”, “essência”, “calma”, “tranquilidade”, “solidade”, “paz”, “contemplação”, “relaxamento”, “prazer”, “leveza”. Podemos então deduzir que, para o surdo, o silêncio é algo positivo e que os lugares de silêncio, na maioria das vezes, são preferíveis àqueles que apresentam muitos sons.

Finalizando este tópico, podemos concluir que as noções de lugares agradáveis aos surdos, em relação aos sons, são aqueles que se relacionam às musicalidades. Os sons são vistos de maneira positiva também como auxílio na orientação e localização do surdo no mundo, por meio de seu corpo. A consciência corporal e sonora, seja ela ativa ou passiva, permite ao surdo que se situe e tenha consciência do espaço no qual ele se encontra.

Entretanto, na quase totalidade das experiências descritas, os lugares agradáveis se relacionam aos lugares percebidos como sendo de silêncio. Cabe ressaltar que não necessariamente esses locais serão menos ruidosos aos ouvintes no que se refere à intensidade sonora, entretanto, pela dispersão desses sons, os surdos acabam por ter uma sensação de silêncio. O que contribui também para essa agradabilidade dos lugares de silêncio são as relações visuais estabelecidas, já que, conforme Perlin e Miranda (2003), ser surdo é uma questão de vida, de experiência visual. Portanto, para eles,

onde há facilidade de serem interpretados “quadros visuais”, é mais interessante do que lugares que apresentam imagens confusas.

Em contrapartida, os lugares com muitos sons, que pela percepção surda são traduzidos em ruídos, constituem-se como sendo os lugares desagradáveis. Ruídos altos de elementos dos ambientes ou das pessoas, muita vibração, aglomerações, confusão visual, acabam gerando uma sensação de descontrole e desarranjo do surdo em relação ao ambiente em que está inserido, tornando-se este lugar desagradável pela interpretação de sua experiência espacial e sonora, uma vez que os surdos "ouvem com os olhos" (GESSER, 2009).

Neste sentido, constatamos que a relação estabelecida com as sonoridades dos ambientes também está intrinsecamente arraigada na formação e bagagem de vida de tais pessoas, sendo som e o silêncio elementos com significados cambiantes. Uma vez que a construção da paisagem sonora além da audição é feita a partir daquilo que é identificado e apreendido e também daquilo que é descartado a partir da vivência sonora, ressaltamos que esta construção se fundamenta nas experiências de vida, nas percepções sensoriais das pessoas surdas e na contextualização de significações e interpretações na cultura surda.

#### **5.4.4. A estruturação de categorias sonoras culturais**

Segundo Schafer (2001), os sons afetam os indivíduos de modo diferente e frequentemente um único som pode estimular uma variedade de reações. Isto quer dizer que um som pode ser associado à diferentes funções e significados. Segundo o autor, a maioria dos sons ambientais é produzida por objetos conhecidos, porém nenhum som possui significado objetivo e o observador poderá ter atitudes culturais específicas em relação a cada tema sonoro. Sendo assim, ao se criar classificação essas designações são arbitrárias e variáveis.

Com base na estruturação das categorias sonoras culturais proposta por Rego (2006), analisamos as entrevistas, a fim de destacar os fragmentos sonoros em que houvesse alguma indicação de percepção sonora. Isto é, com base nos itens precedentes deste trabalho, foi possível analisar e perceber que os sons para os surdos se manifestam além da audição, por construções culturais baseadas em seu aparato sensorial distinto, uma vez que o sentido da audição é suprimido.

À medida que os fragmentos sonoros foram destacados nas transcrições foi possível observar que ainda que apresentem variações na forma como são produzidos ou identificados, muitos sons apresentam similaridades entre si, podendo ser agrupados em categorias pelos quais são identificados culturalmente. Assim, tais categorias foram denominadas de “eventos sonoros”, uma vez que se

estruturam em diferenças culturais. Cada evento sonoro foi identificado a partir de trechos que representavam um mesmo tipo de som (SCHAFER, 2001; REGO, 2006).

A fim de afunilar ainda mais a categorização e compreender a especificidade dos sons representados, os eventos sonoros semelhantes foram reunidos em “grupos sonoros”, com base primordialmente na fonte sonora ou em outras situações de semelhança. Ressaltamos ainda que as análises privilegiam as avaliações da qualidade sonora, não havendo uma intenção de tratar os registros estatisticamente (REGO, 2006).

Cabe destacar que, por se tratar da percepção sonora da pessoa surda, nem sempre um elemento associado a algum som estará emitindo ondas sonoras. Isto é, como o intuito deste trabalho é compreender e interpretar as representações sonoras construídas pelas pessoas surdas, que podem ser elencadas como “eventos sonoros”, mas não necessariamente acústicos, mas que ainda assim indiquem uma interpretação de sons ou silêncio. Uma vez que essa percepção pode se configurar de diferentes maneiras, a depender da pessoa que estará observando e interpretando a sonoridade, estabelecemos que um evento sonoro poderá pertencer a mais de um grupo, desde que o contexto do evento seja em determinado momento relacionado à algum som e posteriormente seja feita uma referência para o mesmo evento só que em associação ao silêncio.

A partir da análise das entrevistas, foi possível identificar 148 eventos sonoros, que foram classificados em 11 grupos sonoros (Quadro 6). Sabemos que tais eventos e grupos sonoros não são exclusividade da percepção sonora dos surdos, sendo identificados também por pessoas ouvintes. Entretanto, algumas representações sonoras são identificações próprias a este grupo de pessoas: os surdos. A seguir é apresentada a lista dos grupos e eventos sonoros identificados e organizados de maneira sistematizada.

**Quadro 6 - Lista dos grupos e eventos sonoros.**

GRUPOS SONOROS	EVENTOS SONOROS
<b>ANIMAIS</b>	Cachorro Galope do cavalo Gato Animais Latido Passarinho
<b>CONSTRUÇÃO</b>	Obra Canteiro de obra Martelo Britadeira Furadeira Quebrando a cidade [obra]
<b>EDIFICAÇÃO, MOBILIÁRIO E OBJETOS</b>	Porta batendo Porta fechando Bateu forte na porta de vidro Janela batendo Paredes de ferro vibrando Piso de tábua corrida As coisas fazem som Materiais Mesa Chão vibrando Coisas vibrando Objetos vibrando Chave Queda de objeto no andar de cima Pessoas batendo no piso de tábua corrida pra me chamar
<b>ENTRETENIMENTO</b>	Danceteria Show Igreja Boate Filme na Netflix Música no Youtube Televisão alta Rock in Rio Festivais de [música para] surdos
<b>EXPLOSÃO</b>	Tiro Fogos Tiroteio
<b>HOMEM</b>	Gritos Gritinho Grito de dor Crianças gritando Reação das pessoas Corpo fala Posicionam das pessoas Movimento das pessoas Jeito das pessoas Expressões das pessoas Aglomerações de pessoas Pessoas conversando Pessoas falando Pessoas falando muito alto Pessoas brigando Pessoas discutindo Pessoas falando ao mesmo tempo Falatório Passos Salto do sapato Vendedor de balas Vendedor de picolé Som dos surdos
<b>MÚSICA</b>	Pessoas cantando Pessoas dançando Ritmo Ritmo forró Batida do som Batida das músicas Aparelho de som Caixa de som Fone de ouvido Headphone Música dentro do carro DJ's DJ's surdos
	Som do funk Rock Música Música eletrônica Música gospel Música Pai Nosso Música alta Pandeiro Bateria Violão Flauta Bumbo batendo Vibração dos instrumentos Vibração musical
<b>SILÊNCIO</b>	Cor branca Natureza Cachoeira Espaço calmo Gato Cobra Cavalo Montanha Ilha Mar Pessoas mais tranquilas Pessoas mais serenas Sem movimento Poucas pessoas Vento Árvores Lugar grande (amplitude) Pão de Açúcar (paisagem) Rios Pouquíssimas casas Visual Noite Vazio Televisão
<b>SONS INDICADORES - ALARME</b>	Apito de guarda Luz de campanha Buzina Campainha Campainhas das portas trem e metrô Sirene de incêndio Sirene estridente
<b>TELECOMUNICAÇÃO e ELETRODOMÉSTICOS</b>	Celular Telefone Barulho do telefone tocando Liquidificador
<b>TRANSPORTE</b>	Carros Avião Turbina de avião Trem Ônibus Ronco de motor Metrô Helicóptero VLT Ambulância Taxis Motos Ferro do trem batendo nas pedras Barulho trepidado Barulho da madeira com o trem Caminhão Trânsito Acidente Batida [de carro] Carro de polícia Bombeiro Meios de transporte Veículos Movimento de balanço no banco do ônibus

(Fonte: a autora).

A partir da indicação da compreensão de que existe um entendimento sonoro pelos surdos, partimos para a construção de possíveis categorias sonoras culturais que pudessem contemplar o universo sonoro abrangido por esse grupo de pessoas em seu cotidiano. O foco foi descobrir principalmente as identificações sonoras no ambiente da cidade, porém, à medida que as testemunhas sonoras expunham suas percepções sonoras em situações da edificação ou em espaços livres, essas também foram consideradas para esta análise. Julgamos tais apontamentos como sendo relevantes, uma vez que podem indicar similaridades com as sonoridades dos ambientes urbanos, se analisadas posteriormente em outro contexto. Desta forma, buscamos nesta etapa da análise compreender como as representações sonoras vivenciadas pelos surdos em seu cotidiano são compartilhadas, ou seja, que sons estão presentes na paisagem sonora experimentada pelos surdos.

O primeiro grupo apresentado é o que foi identificado como “**Animais**”. Nesse grupo foram distribuídos eventos sonoros identificados audivelmente como “latido”, “cachorro” e em alguns casos, “passarinhos”. Alguns dos entrevistados relataram que em alguns momentos esses sons podem ser identificados por meio de certos tipos de ruídos próprios e já por eles conhecidos. O caso do “cachorro” também foi relatado como uma identificação sonora a partir de conceitos anteriormente apreendidos, como acontece com os “gatos”. Os sons, nestes casos, foram percebidos não pela audição, mas pela interpretação da reação desses animais quando eles percebem sons, seja de carros, pessoas ou latidos de outros animais. É interessante notar nos relatos que as pessoas surdas já conseguem ler as reações e associá-las aos diferentes sons possíveis. O outro som citado nessa categoria foi o do galope do cavalo, identificado pelo movimento e impacto.

Dentro do grupo sonoro “**Construção**” foram dispostos eventos associados a eventos de obras urbanas e em edificações. Esses eventos foram os citados, juntamente com os transportes, como sendo os mais desagradáveis. Elementos como “britadeira”, “martelo” e “furadeira” foram destacados como eventos sonoros negativos, sendo perceptíveis pelas vibrações e também auditivamente até mesmo por surdos com grau profundo de surdez.

No grupo “**Edificação, Mobiliário e Objeto**”, a grande maioria dos eventos dizem respeito aos materiais da edificação, que transmitem sonoridades percebidas principalmente pelo corpo, pela vibração. É o caso dos pisos, paredes e até mesmo teto, que vibram, reverberam e refletem os sons do ambiente. No caso do piso, essa vibração é utilizada também para fins de comunicação. Nesta categoria também existem eventos sonoros que são percebidos auditivamente e conectados às situações previamente vivenciadas, como é o caso do impacto de portas e de janelas, sendo elas no mesmo ambiente ou em ambientes diferentes ao que os surdos estão. Assim, esse evento também é culturalmente apreendido.

O grupo sonoro “**Entretenimento**” relaciona-se a eventos cuja produção é destacadamente cultural. Partes dos eventos sonoros caracterizados como “boate”, “danceteria”, “igreja”, “Rock in Rio” e “Festival de música para surdos” remetem a lugares sonoros onde os surdos identificam de forma intensa os sons. Nesses locais, essa percepção geralmente é um misto sensorial e cultural, uma vez que são percebidos os sons auditivamente, as vibrações e também o movimento e reações das pessoas, o que traduz sonoridades. Já o outro conjunto destacado pelos “filmes da Netflix”, “músicas do Youtube” e “televisão” remetem às percepções predominantemente auditivas e visuais, uma vez que esses geralmente são meios de treinamento e aprendizado sonoro.

O grupo sonoro identificado como “**Explosão**” identifica dois tipos de identificações sonoras. A primeira é aquela referente ao evento “fogos de artifício”, em que foi indicada a percepção de tais sons tanto pela pressão sentida no corpo quanto pela sua associação visual com as luzes dos fogos. O segundo evento ressaltado foram os “tiroteio” e “tiros”. A partir dos relatos, foi possível apontar que tais identificações sonoras não foram percebidas sensorialmente, mas culturalmente. Uma vez que os surdos visualizavam movimentações tais quais pessoas deitando nas calçadas da cidade, interpretavam do que poderia se tratar e já reagiam a partir dos significados pré-estabelecidos.

O grupo sonoro caracterizado como “**Homem**”, é composto pelos eventos sonoros que indicam sons produzidos por pessoas e pelo corpo humano. Podem ser interpretados por aqueles sons ouvidos, ainda que pontualmente, como sons de “pessoas falando”, “gritos”, “pessoas cantando”, “passos”, e são percebidos predominantemente pela audição, ainda que por ruídos. Os outros sons identificados neste grupo são caracterizados por eventos sonoros identificados visualmente, como através da leitura corporal, “o corpo fala”, “movimentação de pessoas”, “aglomeração”, “expressão das pessoas”, “posicionamento das pessoas” e o “jeito das pessoas”.

No grupo sonoro “**Música**” foram inseridos aqueles eventos sonoros que permitem à pessoa surda fazer associações musicais. Dentre eles estão instrumentos musicais, como “violão”, “flauta”, “bateria”, “pandeiro”; os ritmos “funk”, “eletrônico”, “gospel”, “forró”; os equipamentos que transmitem tais músicas, como “caixa de som” e “fone de ouvido”; além daquelas pessoas que produzem sensações de tais sonoridades, como os “DJ’s”, “DJ’s surdos”, “pessoas cantando” e “pessoas dançando”. Esses eventos permitem que os surdos façam associações sonoras através dos ruídos identificados, pelas vibrações e pela leitura visual dos acontecimentos em um determinado lugar.

O grupo sonoro “**Silêncio**” relaciona os itens que para os surdos representem a ausência de sons. Foram elencados lugares e elementos da natureza, como “ilha”, “cachoeira”, “montanha”, “mar”, “árvores” e “rios” e animais como “gato”, “cobra” e “cavalo”. Ainda que em tais lugares existam sons e tais elementos e animais possam vir a emitir sons, esses sons não são perceptíveis para grande

parte das pessoas surdas, sendo esses eventos sonoros caracterizados como silenciosos. Também características espaciais como “Pão de Açúcar” (representando paisagem), “lugar grande” (representando amplitude), “vazio”, “visual”, “espaço calmo”, “sem movimento”, “poucas pessoas”, “poucas casas”, “vento” e “noite” destacam quais os elementos que contribuem para a identificação e representação desse silêncio.

O grupo sonoro “**Sons indicadores – Alarme**” é composto por elementos que remetem àquelas sonoridades cujo intuito é alertar e sinalizar. Os eventos sonoros apresentados são “apitos”, “buzinas”, “campainhas”, “sirene” e “campainha luminosa”. Todos esses elementos percebidos primordialmente pela audição, podem ser destacados visualmente também. Quase sempre são sons relatados como incômodos para as pessoas surdas entrevistadas.

No grupo sonoro “**Telecomunicações e Eletrodomésticos**” são relacionados eventos sonoros relacionados ao “celular”, “telefone” e “liquidificador”. Esses elementos quase sempre são apontados como sendo ruidosos pela sua identificação vibratória.

O último grupo sonoro, “**Transporte**”, é aquele cujos eventos sonoros são muito percebidos e destacados pelas pessoas surdas. Os sons desses eventos são identificados tanto ao transitarem pela cidade, através de “carros”, “ônibus”, “VLT”, “ambulância”, “caminhão”, “avião”, “helicópteros”, dentre outros; ou ao estarem dentro desses transportes, como “trem” e “metrô”. É interessante notar que esses sons são identificados tanto auditivamente, como pelo “ronco do motor”, quanto pelas vibrações no corpo, através do “barulho trepidado”, por exemplo.

Através desse item foi possível classificar padrões das sonoridades percebidas pelas pessoas surdas. Concordamos com Gesser (2009), quando esta diz que o som e o silêncio adquirem novas versões a partir da cultura surda, uma vez que extrapolam suas características físico-acústicas e adquirem significados culturalmente relacionados. O som não tem um único significado inerente, mas pode denotar em uma miríade de interpretações e seleções. Hall (1997) ratifica a questão ao dizer que a noção de representação leva à ideia de que as coisas no mundo não têm em si quaisquer significados fixos, sendo nós, as pessoas, que as significamos, por meio de nossa cultura e de nossas próprias experiências.

Assim, podemos constatar que os sons são interpretados e representados por meio de leituras auditivas, cinestésicas, visuais, mas sempre também culturais. Nem sempre os eventos sonoros apresentados são produtores ou transmissores de sons da maneira habitualmente conhecida pelos ouvintes, entretanto, pela leitura relativizada das pessoas surdas, esses elementos passam a constituir eventos que venham a trazer a “sensação sonora”, ou seja, que permitem que eles sintam os sons pelo corpo, mas também através da mente.

## 5.5 Passeio Sonoro Comentado

Neste item propomos demonstrar e analisar os Passeios Sonoros Comentados (PSC), segunda etapa do Estudo de Caso. Este item visa identificar como se estrutura a orientação dos surdos nos espaços que percorrem e destacar se as sonoridades são percebidas e qual influência podem exercer nessa relação do surdo com o espaço urbano.

O resultado do PSC será demonstrado tendo como base as considerações dos cinco participantes em cada trecho do percurso. Como já dito anteriormente, esta etapa foi realizada por 5 pessoas surdas, juntamente com a pesquisadora e com o intérprete Felipe Oliveira. Relembrando, os participantes desta etapa foram:

- IB, surda moderada congênita, 27 anos de idade, com Pós-Graduação em andamento;
- JP, surda severa e profunda congênita, 26 anos de idade, com Pós-Graduação;
- LE, surdo profundo congênito, 46 anos de idade, com Graduação;
- RF, surdo profundo congênito, 38 anos de idade, com Pós-Graduação;
- RR, surda profunda congênita, 31 anos de idade, com Pós-Graduação.

A fim de viabilizar a execução do PSC e posterior apresentação dos resultados, estes foram constituídos tendo em vista a divisão dos cinco trechos previamente estabelecidos: (1) Rua das Laranjeiras; (2) Parque Eduardo Guinle; (3) Rua Gago Coutinho; (4) Largo do Machado; (5) Galeria Condor.

Quanto às análises, estas serão realizadas com base nos conceitos que envolvem esta Tese, dos quais alguns deles também foram tratados nas análises das entrevistas. São eles: (1) Sonoridades; (2) Elementos espaciais; (3) Percepções em relação ao Lugar. Esses itens permitiram que os dados fossem observados e considerados a partir do foco deste trabalho, bem como permitiram que se sobressaíssem aqueles pontos que reiteraram as afirmações das entrevistas.

Na aplicação desta etapa do Estudo de Caso, antes de iniciarmos o percurso no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, foi solicitado aos participantes que fossem nos apresentando o caminho percorrido, destacando principalmente suas relações espaciais e suas percepções de som e de silêncio. Um gravador de áudio foi colocado junto ao intérprete, de maneira que este pudesse ser a voz audível dos surdos. À medida que os surdos fossem andando e falando suas percepções em Libras, o intérprete ia traduzindo simultaneamente, a fim de que tivéssemos um registro audível que fosse posteriormente transcrito pela pesquisadora. Esta gravação permitiu ainda que fossem captados

os demais sons do ambiente urbano no trajeto, de forma que estes pudessem ser posteriormente relatados, qualitativamente. Estas transcrições completas constam no Apêndice 5 deste trabalho.

Com base nos dados coletados e após análise dos mesmos, foi possível construir um Quadro Síntese e um Mapa Síntese de cada um dos trechos, que serão apresentados ao final das análises dos trechos do Passeio Sonoro Comentado, nos subitens a seguir.

O Quadro Síntese foi estruturado a partir das considerações de cada testemunha sonora quanto ao som, ao silêncio, aos elementos espaciais e às percepções relatadas ao longo de cada trecho. Deste modo, foi possível realizar uma classificação sonora do percurso de acordo com cada surdo, tendo em vista os resultados individuais, e possibilitando uma classificação geral dos trechos.

O Mapa Síntese também foi construído a partir das características destacadas nos relatos de cada testemunha sonora participante em determinados pontos específicos do PSC. À medida que o surdo narrava e apontava elementos, esses eram demarcados no mapa. Bem como no Quadro Síntese, foram registradas as percepções individuais, que foram colocadas no mapa em diferentes cores, de forma que tivéssemos a classificação por testemunha sonora e também uma visão generalizada das percepções de cada trecho. Observamos que em determinados pontos são citados os mesmos elementos, o que contribui para uma construção coletiva da Paisagem Sonora além da Audição, com base na repetição dos dados. A construção gráfica utilizou de marcações pontuais sonoras (som, silêncio e efeitos sonoros identificados), metodologia esta já aplicada pelo Grupo de Pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura. Acrescentamos ainda aos mapas os elementos espaciais e as percepções apontados durante o PSC. Isto porque as percepções sonoras dos surdos não se configuram apenas de forma auditiva, mas também a partir do que é visto e sentido na cidade. Para isso, utilizamos também, como referência gráfica, a metodologia para diagnóstico de acessibilidade em centros urbanos (DUARTE, COHEN, *et al.*, 2013).

#### **5.5.1. Trecho 1 do PSC: Rua das Laranjeiras**

O primeiro trecho percorrido e analisado tem início no INES e segue pela Rua das Laranjeiras até a esquina com a Rua Gago Coutinho. Tal percurso detêm-se a uma via de grande tráfego de veículos e de pessoas, sendo as edificações de uso misto, mas predominantemente residencial, conforme já foi descrito no Capítulo 4. A seguir, os dados analisados nesse item são apresentados em um registro gráfico (figura 17) mapeando as principais falas das testemunhas sonoras e também em um quadro síntese (quadro 7).

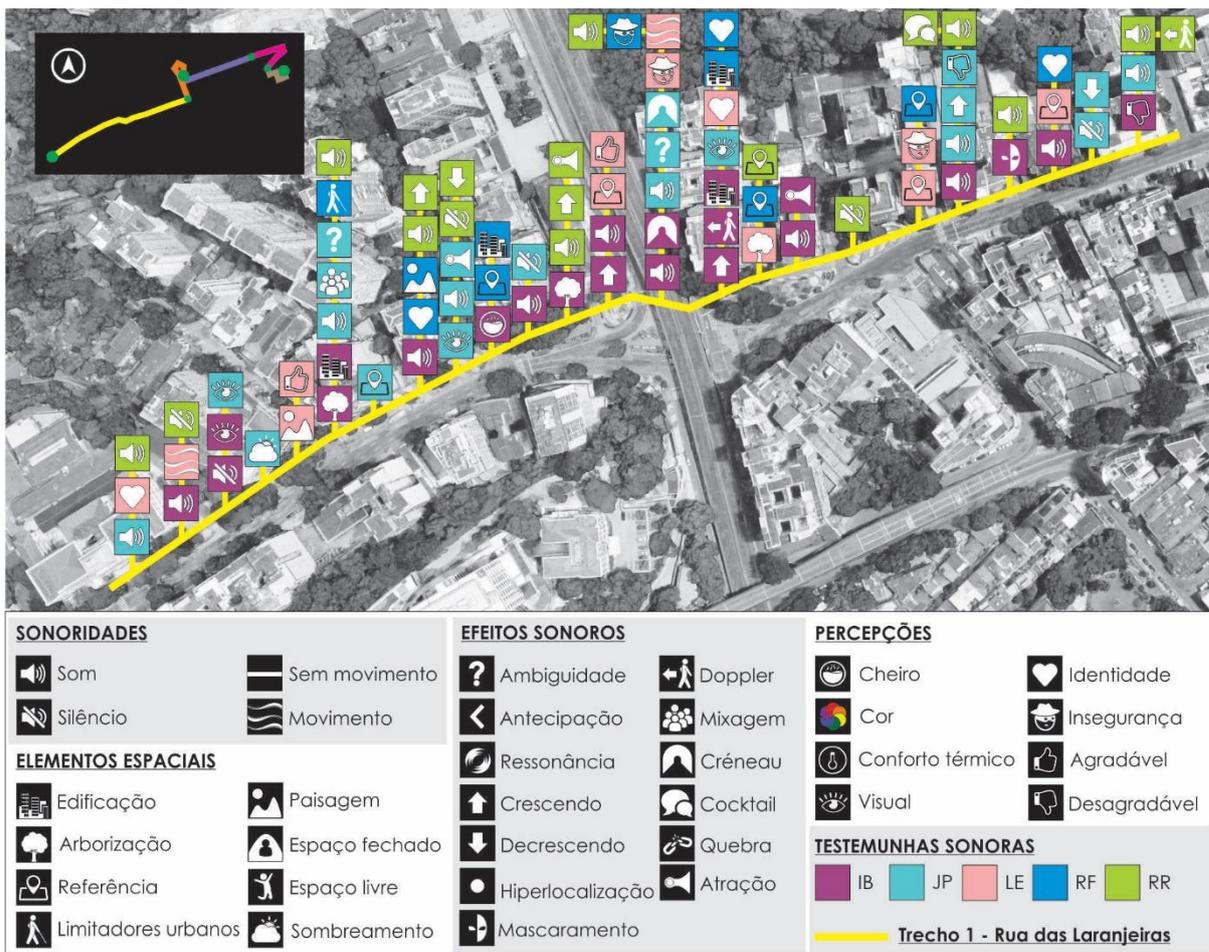


Figura 17 - Mapa Síntese do Trecho 1 do PSC (fonte: a autora).

Quadro 7 - Síntese dos resultados do Trecho 1 do PSC.

TESTEMUNHA SONORA	TRECHO 1				
	Sons	Silêncio	Elementos espaciais	Percepções	Classificação Sonora
IB	Edificação; Alarme; Transporte; Pessoas.	Árvores; Animais; Pessoas;	Árvores; Edificação; Paisagem.	Cheiro de abacaxi; Agradável (até o viaduto); Visual; Desagradável (depois do viaduto).	Ruidoso Silencioso
JP	Transporte; Pessoas; Som não identificado; Alarme.	Ausência de som.	Alteração de sombras; Ponto de referência; Edificação.	Visual; Desagradável.	Ruidoso
LE	Transporte (cultura); Movimento.	-	Espaço livre; Ponto de referência; Paisagem; Árvores.	Memória; Agradável (até o viaduto); Visual; Insegurança; Afeto; Desagradável (depois do viaduto).	Ruidoso
RF	-	Sem ruído.	Acessibilidade; Edificação; Paisagem; Ponto de referência.	Insegurança; Memória; Afeto.	Silencioso
RR	Transporte; Pessoas; Alarme; Infraestrutura.	Ausência de som; veículos parados.	Ponto de referência; Paisagem.	Agradável.	Ruidoso Silencioso

Fonte: A autora.

No que tange os aspectos que envolvem as **sonoridades**, no Trecho 1 foi possível observar que as percepções acerca dos sons são variáveis e o trajeto apresentou-se para os surdos com nuances entre som e silêncio. Contudo, observamos que essas variações dependem tanto das sonoridades que são emitidas no ambiente urbano quanto também da capacidade auditiva dos participantes, ou seja, seu grau de surdez.

Ao longo do primeiro trecho, os participantes LE (surdo profundo congênito, sem aparelho) e RF (surdo profundo congênito, sem aparelho) não fizeram nenhuma consideração acerca de sonoridades ou silêncio, focando suas considerações em aspectos espaciais e de conexão com o lugar.

Já IB (surda moderada congênita, sem aparelho), JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho) e RR (surda profunda congênita, com aparelho) apontaram percepções de suas identificações sonoras e também acerca do que para elas se constituía em silêncio.

Durante o PSC realizado por IB (surda moderada congênita, sem aparelho), JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho) e RR (surda profunda congênita, com aparelho) elas demonstraram, como principal identificação sonora, os eventos relacionados aos veículos de transporte – como carros, ônibus, caminhões, motos – e também os sons indicativos, como buzinas e alarmes, que foram apontados por diversas vezes no trajeto, destacando o efeito sonoro de “atração”. Ao longo do percurso, houve também indicação de pessoas conversando e ruídos de tampas de infraestrutura (light, ceda), porém outros sons foram percebidos, mas não identificados, indicando o efeito sonoro de “ambiguidade”. Ressaltamos ainda que influenciam na percepção sonora, além do tráfego de veículos, o movimento de transeuntes e também a estruturação das formas urbanas. Isto é, à medida que o tráfego de veículos se intensifica, o nível de pressão sonora decorrente desse movimento é claramente percebido pelas pessoas surdas (efeitos “crescendo” e “decrecendo”). Foi observado também que a percepção auditiva só é captada quando o som de fundo é reduzido, minimizando o efeito do “mascaramento”, quando um som impede a escuta de outro de menor nível de pressão sonora. Fica clara a percepção do efeito “doppler” para a surda RR.

O barulho realmente não pára! Cada sinal, **cada caminho tem um barulho diferente e um som diferente!** O ônibus agora... agora o barulho realmente tá muito mais intenso, mais forte... **eu não consigo ouvir o barulho das pessoas falando porque o barulho dos carros é mais intenso do que o barulho das vozes**, então eu não consigo identificar, mas, por exemplo, se tivesse só o barulho das pessoas falando, em um local mais silencioso, eu consigo perceber mais! **Agora o barulho dos carros tá se sobrepondo ao barulho das pessoas falando!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

**Eu consigo ouvir** um pouquinho de alguma coisa que bateu agora, **mas eu não consigo identificar o som...** Agora muitas falas... Muita gente falando ao mesmo tempo... O caminhão que está no caminho... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

**Quando tem movimento de carros passando, tem barulho, quando o sinal para e fica vermelho, é silencioso!** [...] tem o barulho dos carros e tem da voz das pessoas também! Também tem a buzina do carro e o barulho dessa trepidada que dá quando alguém pisa no bueiro... esses eu consigo ouvir mais! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Nos dois lados, são dois lados mais silenciosos aqui nesse ponto... o ponto que tem a **rua é um ponto mais barulhento**... Algumas pessoas falando... [...] Eu não consigo ouvir, mas eu consigo identificar que tem alguém falando muito alto... e os barulhos dos carros agora ficaram mais intensos aqui... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Como vimos nas entrevistas, a preocupação em aprender os sons e fazer sua identificação pode contribuir para a vivência sonora do surdo pela cidade e permite que eles façam algumas associações, a partir do que é visto, ouvido e culturalmente apreendido.

Agora eu ouvi o ônibus freando... devagar.... Eu reparo sempre que **os carros mais velhos fazem mais barulhos que os novos... os novos são mais silenciosos!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

As testemunhas sonoras apontaram, ao longo do primeiro trecho do PSC, nuances de “**silêncio**”. Entretanto, observamos que todos os relatos dos surdos, quanto aos momentos de “silêncio”, provavelmente não seriam identificados da mesma maneira pelos ouvintes. Muitas vezes era uma surpresa para a pesquisadora que tal tempo e espaço fossem apresentados como um momento de silêncio, já que para ela havia ruídos muito presentes, ainda que menos intensamente.

Como exemplo, em um dado momento do PSC, com a testemunha sonora JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho), a pesquisadora identificou e descreveu em suas anotações os seguintes eventos sonoros: “Intenso tráfego de veículos. Sinalizador de bicicleta. Som de alguém pisando em tampa de infraestrutura. Pessoas conversando”. Simultaneamente, JP relatou aquele momento como sendo

Agora um pouco mais **tranquilo** o caminho... **nenhum som ou ruído**... só as pessoas mesmo caminhando... um pouco **de alguém falando mais distante**... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Neste sentido, temos que deixar registrado que a paisagem sonora identificada e construída por uma pessoa surda será bem distinta daquela identificada por uma pessoa ouvinte. Cremos que isso se deva tanto pela presença quanto pelo nível da pressão sonora propagada. Bem como pessoas de culturas diferentes podem fazer leituras distintas de um mesmo espaço sonoro, algo semelhante poderá acontecer no reconhecimento e assimilação desses elementos sonoros por surdos ou ouvintes. Desta forma, a construção da paisagem sonora será sensorial e também cultural.

Quanto às **percepções**, além da audição e visão, muito pouco foi destacado no trecho. Ainda que tenhamos passado por pontos estratégicos visando estimular os demais sentidos – como a cinestesia, o olfato e o tato, por exemplo – a partir de elementos como gerador de energia, cabine de pontos de ônibus, barraca de frutas, tipos de pisos diferentes, apenas a participante IB (surda moderada congênita, sem aparelho) relatou sua sensibilidade olfativa, ao passarmos por uma banca de abacaxis.

O que acreditamos que foi percebido é o deslocamento de ar, pois em determinados pontos os participantes disseram não conseguir ouvir, mas “sentiram” o ruído do trânsito. Uma das participantes ressaltou o efeito sonoro percebido pela diferença do som que foi intensificado a partir da direção do vento.

Passou uma moto agora, eu ouvi uma buzina já... não vi o que tava acontecendo... mas nada de mais! Agora eu tô sentindo o barulho dos carros aí passando... **esse barulho que faz quando tá mais perto... junto com o vento também... o som fica um pouco maior!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Outro efeito sonoro foi apontado por JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho), que ressaltou que, pela sua percepção, o trecho 1 foi o mais desagradável porque “os sons eles eram mais abafados”, esta percepção deve ser causada pelo nível de pressão sonora do som fundamental (de fundo) do tráfego veicular que mascara (abafa) a grande parte dos demais sons que deixam de ser percebidos.

Em outro momento, ao atravessarmos o viaduto, IB (surda moderada congênita, sem aparelho) relatou como percebe o som, sentindo essa diferenciação em relação aos demais espaços. Inclusive, ela relatou que já havia observado tal efeito sonoro em outro local anteriormente, quando passou em um local aberto e coberto, alternado assim a propagação sonora que passa a ter uma superfície de reflexão.

Esse barulho aqui eu já consigo identificar... dos carros, viaduto em baixo... também eu já **experimentei** um pouco quando eu tava no Túnel Santa Bárbara... **dentro de um local mais fechado os barulhos são mais intensos! Aí eu consigo ouvir mais os barulhos e também acho que no túnel esses sons ficam mais amplificados, né?! É aonde eu conseguia sentir mais o barulho principalmente...** por exemplo, agora eu consegui ouvir o caminhão e sentir um pouco, ouvi a buzina também que passou... os barulhos mais intensos eu vi que eram do caminhão que estava passando antes... o ônibus agora eu consegui sentir e ouvir... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Durante o trajeto, as testemunhas sonoras apontaram alguns **elementos espaciais** percebidos visualmente que colaboraram para a construção da sua imagem mental e favoreceram a legibilidade do ambiente urbano, como edificações, árvores e a própria paisagem. É interessante destacar também

que no percurso foi mencionada a questão da paisagem do Cristo Redentor do Rio de Janeiro como sendo um ponto focal que contribui para a localização e identidade do lugar. Foi possível ainda observar como as edificações se constituem como referenciais, bem como elementos do espaço público, comércio e instituições.

**Visualmente** é um local que tem muitas pessoas... elas estão andando... não estão se falando tanto... Também de manhã e à tarde, eu vejo que essas **sombras vão variando em relação aos espaços e ao sol**... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Eu acredito que seja **barulhento**, pela **quantidade de carros que passam, que se movimentam aqui**... é uma via que tem muitos carros, né?! E assim, eu não sei discriminar isso porque eu não estou escutando, mas **creio** que tenha sons... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

E também a maioria das questões **eu gosto de admirar!** A paisagem, o vento e esse barulho das folhas é uma coisa que **eu gostaria de sentir e ouvir, mas eu não consigo!** Porque eu vejo alguns filmes, como eu falei pra você que eu uso fone, lembra?! Quando a legenda diz “ah! Tem um barulho de folhas”, como passa na legenda, eu queria sentir tirando o fone, em algum momento... **eu tento presenciar**, que tenho vontade de sentir isso, mas eu não consigo! Eu já tentei ir pra alguns lugares que têm muitas árvores pra sentir esse barulho das folhas se mexendo, mas eu não consigo... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Ao descreverem suas percepções ao longo do primeiro trecho, identificamos que os surdos também fizeram uma diferenciação da via, dividindo o percurso em duas partes: a primeira consiste da saída do INES até o viaduto e a segunda, do viaduto até a esquina com a Rua Gago Coutinho. Ainda que houvesse sons semelhantes em ambos os trechos, acreditamos que tal percepção sonora sofreu influência daquilo que era visto enquanto estruturação de cidade. Isto é, no trecho inicial predominam os edifícios residenciais e de instituições, com calçadas predominantemente largas e arborizadas. Além disso, a altura do gabarito das edificações era mais variável, dando uma sensação maior de amplitude. Isso possibilitou às testemunhas sonoras que relatassem outras sensações, como o cheiro do abacaxi na tenda do feirante instalado na calçada ou a percepção da movimentação das sombras das árvores de acordo com o período do dia. Pelo que percebemos, esse foi um trecho percorrido com mais tranquilidade pelos participantes e com diversos relatos de suas percepções visuais.

Já na segunda parte do trajeto do trecho 1, ainda na Rua das Laranjeiras, posterior ao viaduto, foi possível perceber que tanto a forma da via quanto a postura dos participantes da pesquisa se alteraram. O som intensificado pelo tráfego de veículos, à medida que nos aproximávamos do viaduto, foi algo apontado por praticamente todos os participantes. Foi destacada também a “amplificação” sonora que ocorre abaixo do viaduto. Entretanto, a sensação de insegurança no local, devido a alguns

moradores de rua, contribui para que este seja um momento de atenção no trajeto, tornando-se até mesmo desagradável.

À noite aqui é uma **região muito perigosa**, esse espaço aqui... e aí celular aqui não é muito legal de ficar andando... tem que ter cuidado! É meio difícil... a violência aqui é bem complicada! Porque muitos turistas vêm aqui e não sabem e aí faltam algumas informações que eles não têm em relação à essa questão de violência nos locais... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Na rua das Laranjeiras... **próximo ao viaduto ali... aquela parte ali, não gosto!** É um local que tem muito carro passando... é tráfego de pessoas... no meio do caminho, dos carros, por isso! É carro vindo, é carro indo! **É um local que me assusta um pouco!** E aí **eu não confio naqueles sinais, tenho medo de atravessar**, enfim, eu não confio! E aí é isso! É um local que eu acho que **falta policiamento** ali também... À noite, como eu falei antes, ali é um **local mais perigoso**... Enfim... Eu fico com mais medo de atravessar, porque eu não confio naqueles sinais, né?! É isso! Atrapalha realmente o movimento daquele lugar... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Eu lembro que nesse viaduto aconteciam muitos assaltos nessa região... até teve uma moça que na época morreu... morreu uma outra pessoa ali também... sempre aconteceram muitos assaltos nessa região aqui... **é um local bem violento!** (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Sequencialmente, embora após o viaduto haja uma praça de passagem com arborização, o percurso passa para um momento de calçadas mais estreitas e gabaritos de edificações maiores em ambos os lados e com mais comércio. Nesse sentido, a agradabilidade apontada na etapa inicial foi maior do que a da segunda etapa.

Ao final do trecho 1, solicitamos às testemunhas sonoras que classificassem os trechos como sendo “silencioso” ou “barulhento”, a partir de sua percepção e interpretação. É interessante notar que apenas RF (surdo profundo congênito, sem aparelho) classificou o trecho como sendo silencioso, baseando-se na sua não percepção de sons audíveis: “Silencioso... Sou surdo profundo desde que eu nasci... não ouvi nenhum barulho!”. IB (surda moderada congênita, sem aparelho) e RR (surda profunda congênita, com aparelho) disseram que, para elas, o trecho intercala-se entre as duas classificações, uma vez que existem momentos ruidosos, quando há movimentação de veículos, mas também há momentos de silêncio. Já JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho) e LE (surdo profundo congênito, sem aparelho) classificaram o trecho como sendo ruidoso. JP baseia-se nas mesmas afirmações apontadas por IB e RR, porém acredita na predominância dos ruídos. Entretanto, LE, apesar de não ter tido nenhuma percepção auditiva no trecho, baseia sua classificação na movimentação identificada visualmente.

Constatamos que esta percepção, que oscila entre o “silêncio” e o “barulho”, é bastante pertinente, se considerarmos que as medições acusam um nível de pressão sonora mínimo de 63,4 dBA, quando o semáforo está fechado e máximo de 93,3 dBA, durante a passagem de um caminhão.

Observamos também que o trecho foi preponderantemente ruidoso para os surdos, mesmo quando basearam suas constatações nos registros visuais. Foram destacados diversos elementos espaciais da via, bem como pontos de referência e registros de memória com o lugar, principalmente por aqueles surdos que não foram “distraídos” pelos ruídos do ambiente.

### **5.5.2. Trecho 2 do PSC: Parque Eduardo Guinle**

O segundo trecho do PSC inicia-se na esquina da Rua das Laranjeiras com a Rua Gago Coutinho e segue em direção ao Parque Eduardo Guinle. Ao iniciarmos na Rua Gago Coutinho, fomos nos afastando do tráfego intenso de veículos da Rua das Laranjeiras. Adentramos o Parque e fizemos um percurso passando pelo Parquinho Infantil e perto do Lago. A ideia foi proporcionar aos entrevistados uma experimentação sonora em um lugar sem o som de fundo do tráfego veicular em um “campo aberto”. A seguir, os dados analisados nesse item são apresentados em um registro gráfico (figura 18) mapeando as principais falas das testemunhas sonoras e também em um quadro síntese (quadro 8).

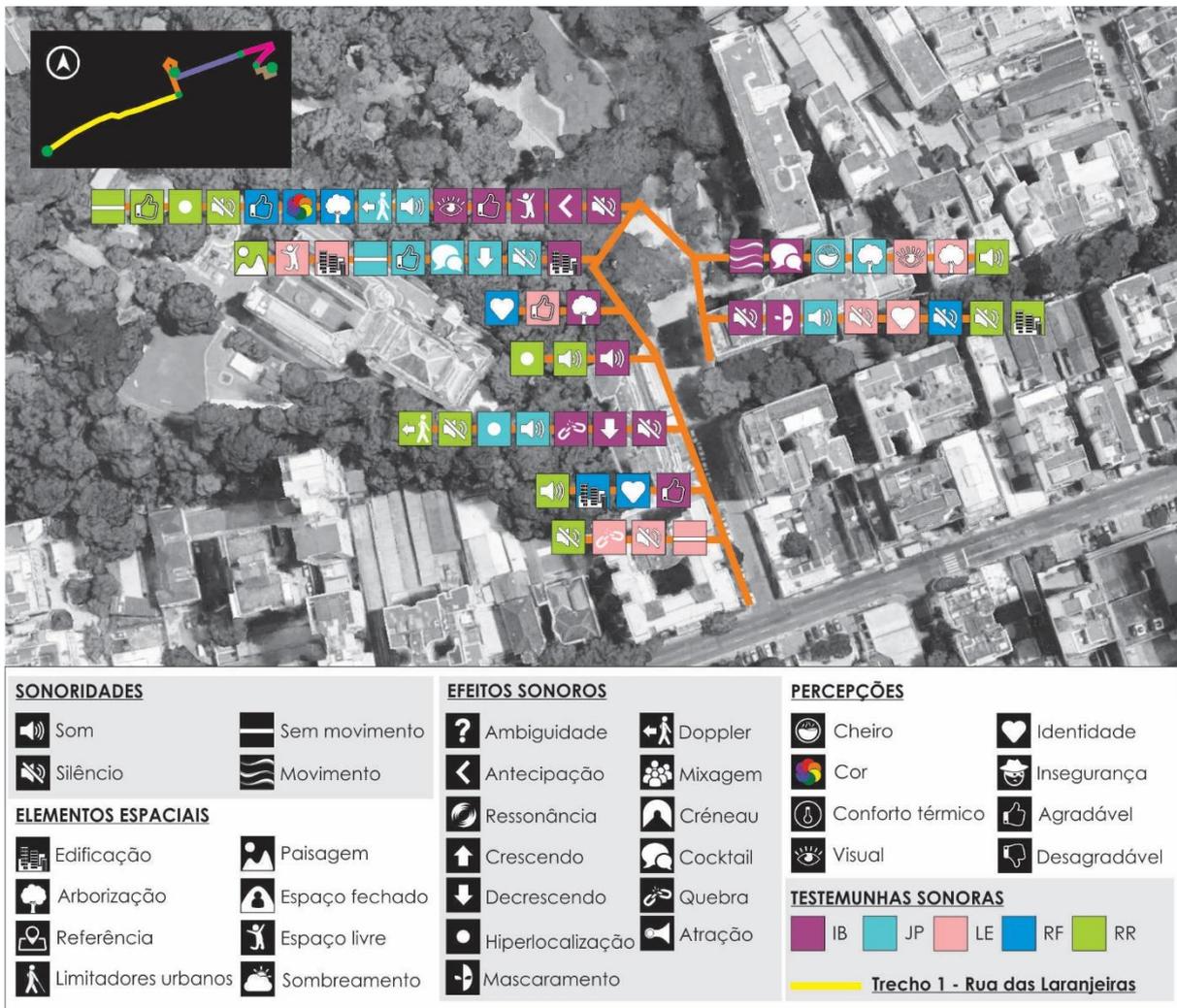


Figura 18 - Mapa Síntese do Trecho 2 do PSC (fonte: a autora).

Quadro 8 - Síntese dos resultados do Trecho 2 do PSC.

TESTEMUNHA SONORA	TRECHO 2				
	Sons	Silêncio	Elementos espaciais	Percepções	Classificação Sonora
IB	Transporte	Sem ruído; Animais; Crianças; Paz; Tranquilidade; Calma.	Árvores; Edificação; Espaço livre.	Agradável; Visual.	Silencioso
JP	Construção; Pessoas.	Ruído menos intenso; Som mais nítido; Calma; Tranquilidade.	-	Cheiro das árvores; Agradável.	Ruidoso
LE	-	Sem movimento; isolado; sem ruído; Transparência visual; Paz; Tranquilidade; Relaxamento.	Edificação; Ponto de referência; Árvores.	Agradável; Memória; Afeto; Visual.	Silencioso
RF	-	Sem ruído; Tranquilidade; Ruído menos intenso.	Edificação; Ponto de referência; Cores; Animais.	Memória; Afeto; Agradável	Silencioso
RR	Transporte; Infraestrutura; Pessoas.	Tranquilidade; pouco ruído.	Paisagem; Animais; Edificação.	Agradável;	Silencioso

Fonte: A autora.

Quanto às questões relacionadas a **som e silêncio**, as considerações das testemunhas sonoras foram predominantemente acerca do silêncio. Dos cinco participantes da pesquisa, quatro classificaram o lugar como sendo “silencioso” a partir de suas percepções.

**Eu não tô sentindo nada aqui...** olhei pra lá pra ver se via alguma coisa, mas parece que é um **local mais silencioso**, né?! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Os sons mencionados pelos surdos foram sons pontuais e em sua maioria concentrados na rua anterior à entrada do Parque Guinle. Os ruídos que tiveram mais destaque foram aqueles eventos sonoros que se relacionam aos transportes, às construções e infraestrutura e às pessoas, apontando para o efeito sonoro de “hiperlocalização”, em que uma fonte sonora pontual se destaca e chama a atenção. RR (surda profunda congênita, com aparelho) ressalta que percebe ruídos, mas esses eram mais espaçados e menos intensos, de modo que o lugar para ela fosse predominantemente silencioso.

[...] **aqui tem barulhos**, mas são **pouquíssimos** barulhos, **em intensidade menor...** (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

A única testemunha sonora que identificou o trecho do Parque Guinle como sendo ruidoso foi JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho), pois ela foi capaz de identificar mais sons e com mais nitidez, assim, o espaço se tornou “barulhento”, mesmo que ainda assim fosse agradável. Podemos perceber, assim, a clara identificação do efeito sonoro “mascaramento” nos trechos anteriores, uma vez que, a partir no momento em que os ruídos de fundo são amenizados, aqueles sons pontuais destacam-se e são por ela percebidos.

Agora eu **consigo ouvir muito**, muito menos intensamente alguns barulhos... pessoas falando... [...] Um [lugar] pouco mais **barulhento...** Porque eu ouvi as **pessoas falando, as crianças brincando, barulhos de obras** aqui perto... isso... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Assim, a preponderância da sensação de silêncio deve-se primordialmente à menor percepção desses ruídos devido à sua menor ocorrência e nível de pressão sonora. Deste modo, além da identificação auditiva de alguns participantes ter sido mínima no trecho, o que contribuiu para a sensação de silêncio foram os aspectos visuais mais ressaltados no Parque Guinle. Observando as considerações das testemunhas sonoras no trecho, foi possível constatar que muitos dos elementos associados ao silêncio são consoantes com o que foi identificado por nós anteriormente nas categorias sonoras culturais como eventos no grupo sonoro “Silêncio”.

Neste sentido, destacam-se os aspectos bucólicos do lugar, como árvores, os animais, pouca movimentação e sensações como tranquilidade, calma, paz, sossego, lugar para pensar e imaginar. O relato abaixo demonstra o efeito sonoro da “antecipação”, ainda que através do silêncio, uma vez que

IB (surda moderada congênita, sem aparelho) não consegue ouvir, mas prevê que existam sons emitidos pelos patos que estão na lagoa.

Os patos aqui... eu não consigo ouvir... **eu sei que eles têm um som específico, mas eu não consigo ouvir...** eu acho muito legal os pombos passando, quando eles voam juntos, mas é uma coisa que eu não consigo identificar... Alguns animais eu consigo identificar! Papagaio, por exemplo, eu consigo ouvir, cachorro... agora pato eu não consigo identificar o som! **Eu até tenho vontade de botar a mão, pra ver se ele faz algum tipo de barulho...** Esse caminho é um caminho de carros até lá [ela aponta]... realmente é um **espaço grande aqui!** Aqui é um local pra mim bem, bem **silencioso...** é um local bem **tranquilo**, que eu **consigo ver que as crianças estão brincando...** **mas não identificar esse som...** aqui é um local que me remete a uma **sensação bem pacífica, tranquila!** (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

O único destaque de **percepção sensorial**, além das percepções auditivas e visuais, foi relatada pela participante JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho), que, ao ser questionada acerca daquilo que no local lhe chamava mais a atenção, ressaltou: “Só o cheiro mesmo das árvores...”. Isso demonstra que, em momentos de menos movimentação, os demais sentidos podem ganhar uma maior atenção e serem ressaltados.

No que tange aos **elementos estruturadores do espaço**, é interessante notar que contribuíram, para a identificação do silêncio, uma construção espacial, noções associadas a ser um lugar “isolado”, “aberto” e “transparente”, sendo um lugar “bem visual”. Assim, o silêncio tem estreita relação não só com aquilo que se pode ver, mas também contemplar.

**Árvores** bonitas aqui... **visualmente agradável...** tem aspecto até meio natalino essa região! Ali é uma casa? Ah! Tá! Parece um hospital... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

**Esse parque é muito silencioso...** não tem nenhum **movimento**, ele fica mais **isolado** um pouco das ruas aqui... e aí ele não tem esse ruído, como tem aqui... [...] Aqui é um lugar que eu percebo que **não tem muitos ruídos sonoros**, porque **parece que é** um local muito silencioso, que **não tem esse incômodo auditivo...** eu não consigo **sentir nada** mesmo aqui... mas é um local que parece que tem menos sons aqui...[...] Pela **transparência** que o local tem... pelo estilo que o local tem... dá **calma...** parece que é um local que me dá muita **calma**, porque é **arborizado...** tem **árvores...** dá uma certa **felicidade**, porque é **um lugar bem visual...** que dá pra **você imaginar, pensar, relaxar...** ter uma vida mais **tranquila**, em **paz** e **sossego...** (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Aqui é **um local bonito!** Uma **paisagem** diferente... Antes eu já vim aqui! Eu sempre achei bonita essa paisagem... Agora tem **momentos de silêncio, de tranquilidade...** Também o que chama a atenção são os **patos** que ali estão... É um local bonito, né?! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

O participante RF (surdo profundo congênito, sem aparelho) ainda fez considerações sobre a cor do lugar, que pela sua percepção era menos intensa do que em sua memória, já que ele já tinha certa familiaridade com o lugar.

Antes aqui **tinha muito mais verde**, né?! E aí realmente parece que hoje tá bem **abandonado** aqui... eu me lembro que **tinha mais verde aqui! Cores mais vibrantes!** Antes tinham muitos patos, hoje esse número já é menor... (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Neste trecho foi possível identificar que os sons fundamentais, ou seja, aqueles sons de fundo, foram poucos percebidos pelas testemunhas sonoras, sendo identificados ainda que eventualmente apenas sinais sonoros, sons pontuais. Isso foi o primeiro aspecto que possibilitou a identificação do lugar como sendo de silêncio. O segundo ponto que reafirmou a percepção de silêncio foram os aspectos visuais, que culturalmente remetem ao “imaginário” de silêncio, destacadamente identificados nos eventos de silêncio, como a natureza. O último quesito que contribuiu para esta percepção foi a pouca movimentação. Ainda que houvesse movimento, não era intenso, extinguindo o “ruído visual”.

### 5.5.3. Trecho 3 do PSC: Rua Gago Coutinho

O terceiro trecho do PSC é iniciado na esquina do Parque Guinle com a Rua Gago Coutinho e é finalizado próximo ao Largo do Machado, na Rua Ministro Tavares de Lira. Esta é uma via residencial, local, extremamente arborizada e com pouco tráfego veicular, bem menos intenso do que na Rua das Laranjeiras, importante coletora da Cidade. O gabarito das edificações da via é predominantemente composto por prédios, mas com número de pavimentos variados.

A seguir apresentamos o quadro síntese dos dados deste trecho do PSC (quadro 9) bem como a representação gráfica dos mesmos (figura 19).



Figura 19 - Mapa Síntese do Trecho 3 do PSC (fonte: a autora).

Quadro 9 - Síntese dos resultados do Trecho 3 do PSC.

TESTEMUNHA SONORA	TRECHO 3				
	Sons	Silêncio	Elementos espaciais	Percepções	Classificação Sonora
IB	Transporte; Alarme (visual); Alarme; Pessoas.	Pouco ruído.	Cruzamento de vias; Edificação; Sem cor; Escuro; Lugar fechado;	Triste; Cheiro de comida; Vazio; Monotonia visual; Desagradável.	Silencioso
JP	Transporte; Construção; Animais; Alarme; Pessoas.	Pouco ruído; Pouco movimento.	Ponto de referência; Edificação; Árvores.	-	Silencioso
LE		Calma; Pouco movimento; Prédio antigos; Árvores.	Sombras; Árvores; Ponto de Referência;	Agradável; Visual; Familiaridade; Sensação térmica de frescor.	Silencioso
RF	-	-	Edificação;	Memória;	Silencioso
RR	Transporte; Pessoas;	Calmo; Tranquilidade; Pouco ruído.	Ponto de referência;	Agradável.	Ruidoso Silencioso

Fonte: A autora.

Em relação às **sonoridades**, o trecho 3 foi relatado como sendo majoritariamente silencioso. Ainda que também sejam apontadas nuances, como no trecho 1, o silêncio é destacado de modo predominante pelas testemunhas sonoras. Assim, as percepções auditivas foram pontuais, intercaladas com o silêncio. Os momentos relacionados como sonoros ou ruidosos foram aqueles principalmente que se relacionaram com o tráfego de veículos. Ainda que não fosse um tráfego intenso, em momentos de parada ou de arranque do veículo, os sons decorrentes desses movimentos foram facilmente identificados e foram os mais apontados. Assim, se destacaram os efeitos sonoros de “hiperlocalização” e o “crescendo” e o “decrecendo”.

**Curvas**, por exemplo, onde os carros freiam pra entrar eu consigo ter uma **percepção mais aguçada disso**... [...] tem uma outra curva que a gente parou pra moça passar de carro... o barulho na curva eu consegui ouvir por **conta do freio, da marcha**, isso eu consigo ouvir... também tem muitas pessoas falando... mas parece que é um pouco mais de silêncio, pelo que eu tô reparando... **eu sei que pode ter gente falando aqui, mas eu não consigo ouvir esses barulhos**... parece que elas estão falando **mais baixo**, entendeu?! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

**Mais silencioso**... Porque **não tem muitos movimentos**, é só em **alguns momentos**! Quando o carro passa... aí fica **variando** esse movimento... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Então, o barulho do carro passando agora... E aí ficam nessas **interseções**... quando **passa um carro, barulho, quando não passa, silêncio!** [...] Misturado de novo... barulhos e momentos de silêncio... (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

O silêncio mais uma vez foi associado à pouca movimentação. Portanto, o pouco movimento é auditivamente identificado, bem como visualmente e culturalmente associados. Observamos o efeito sonoro de “antecipação” no relato abaixo, considerando que, a partir de uma percepção prévia ou imaginada, pode-se ter uma ideia acerca dos sons ou silêncio em determinado lugar.

**Acredito que seja silenciosa... tem pouco barulho realmente!** É um local silencioso! Lá não! Na outra rua das Laranjeiras não! Aqui é uma rua mais silenciosa, com **poucos movimentos, com mais silêncios, com poucos barulhos**... [...] Ali naquele outro caminho da rua das Laranjeiras... passa muito carro, moto, tem **muito movimento**... **Aqui não!** Aqui é um **lugar mais calmo, com poucos carros passando!** Pouquíssimos carros! Creio que a **intensidade do volume de barulhos deva ser menor... o ruído, os sons, né?! Você vê uma movimentação menor aqui!** Do outro lado, na Rua das Laranjeiras, a intensidade de carros passando **é mais constante e é maior!** É um lugar que é **extremamente visual, com a estrutura que aqui tem**... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Mais uma vez a sensação olfativa foi destacada. Desta vez, relacionada a uma **percepção** de cocção domiciliar, provavelmente associada ao horário próximo ao do almoço.

**Cheiro bom** agora! Agradável! É um bom cheiro! Não é hora do almoço... ou já é hora do almoço? Alguém deve tá fazendo comida, parece farofa esse cheiro! Eu acho que é bom a gente parar pra comer! [Risos]. (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Quanto aos sentimentos relacionados a este trecho, percebemos dois pontos de vista diferentes. O primeiro foi uma visão positiva, sendo associado a um lugar bucólico, calmo, com mais sombras. A segunda interpretação foi um pouco mais negativa, uma vez que a Rua foi interpretada como sendo “triste”, “sombria”. É interessante que em ambos os casos o que fomentou tais ideias foi, principalmente, um **elemento espacial** – a arborização. A via, extremamente arborizada, com edifícios de gabaritos em sua maioria superiores a seis pavimentos em ambos os lados, contribuíram para a percepção de um ambiente mais fechado, onde a incidência solar era menor. O uso residencial e as cores e texturas mais neutras acabaram por despertar uma certa monotonia em um espaço “sem novidades”. Isso pode ser interpretado pela visão do surdo também como silêncio, uma vez que eles se utilizam extremamente da disponibilidade dos recursos visuais para se situarem e fazerem construções mentais.

Aqui é **uma rua mais silenciosa**, mais **calma**, tem mais **sombras**! Se a gente tivesse na outra rua eu acho que **a gente estaria com mais calor** nesse trajeto, porque elas vão direcionar para o mesmo lugar, que é a praça, o Largo do Machado...[...] É um lugar muito **calmo, tranquilo, arborizado**, que dá pra esquecer das preocupações... ali tem muita gente! [...] Então assim, você vê que são **estruturas mais antigas** do que em outros lugares da cidade... mostram isso pela estrutura que têm, alguns **locais mais escondidos**... as **árvores** também, né, que tem nessa região... enfim, tudo isso! **Você não vê muitas coisas porque têm muitas árvores**... coisas que demonstram essa antiguidade e tal...as estruturas... e por aí vai! (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

É um local um pouco mais **triste**, na minha opinião! Tudo bem que o clima hoje não tem um sol, mas é um local que tem esse aspecto de **não ter muita cor** e mais **escuro** do que o outro ambiente que a gente tava... [...] Essa rua eu não gostei! **Porque não tem nada**! É uma rua **fechada**, que tem um **aspecto triste**... [...] **Não tem muitos espaços**... Eu, mesmo que me atrapalhe, como eu falei, muitas pessoas me atrapalham, **eu prefiro locais com esse estilo mais aberto** do que o local muito fechado e sem muita gente passando... [...] porque eu quero ficar participativa e mais animada com o espaço que eu tô! [...] Porque parece uma **rua escura, fechada, apertada, não tem novidades**, não tem nada novo! É isso! Do outro lado tem pessoas passando, tem lojas de um lado, lojas de outro... [...] É um local meio **escuro**! Do outro lado é um local **mais colorido**, mais atraente! **Chama atenção pela questão visual das lojas**, roupas e por aí vai! E também, eu vou explicar, o meu jeito... aqui é um local que parece ser mais **escuro**, porque **não tem muitos recursos visuais** e do outro lado tem esses recursos visuais que chamam a atenção, então isso me ajuda, por exemplo, a pensar mais... locais que visualmente oferecem mais recursos... aqui como é um local que não oferece muitos recursos, parece que dá uma ideia de uma **mesmice de área**, de um local **parado e fechado**! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho). (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Neste trecho percebemos que, ainda que o som audível seja identificado e, através da percepção do surdo seja intercalado com momentos de silêncio, a configuração espacial da estrutura da cidade é extremamente relevante para a representação sonora. A movimentação da via, dos carros e pessoas, pode aumentar ou reduzir o “volume” desses sons percebidos. A identificação visual do percurso, através de maior ou menor grau de arborização, a constituição das cores, a monotonia das fachadas e dos usos, podem contribuir para uma maior ou menor representação dos sons e silêncios na paisagem sonora além da audição. Isso é entendido uma vez que a base sonora que é construída culturalmente está intimamente associada àquilo que é visto, sendo o que é captado pela visão capaz de transformar a interpretação sonora de um determinado espaço.

#### **5.5.4. Trecho 4 do PSC: Largo do Machado**

O quarto trecho do PSC é iniciado no cruzamento da Rua Gago Coutinho com o Largo do Machado, diante da Rua Ministro Tavares de Lira. É um trecho inicialmente mais movimentado, tanto no que tange o tráfego de veículos como ao que se refere à movimentação de pessoas. Atravessamos a Rua Bento Lisboa e seguimos até o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Nesta parte do trecho, a Rua é pavimentada com blocos intertravados e há um fluxo menor de veículos, porém o fluxo de pessoas continua intenso. Adentramos o Largo do Machado, onde há áreas de convivência, chafariz e vista para a Igreja Nossa Senhora da Glória, eixo focal do Largo. Finalizamos o trecho na travessia do outro lado do Largo, onde se encontram acesso ao metrô e diversas linhas de ônibus. Abaixo é apresentado o quadro síntese dos dados do trecho 4 do PSC (quadro 10) e a seguir a representação gráfica dos dados em um mapa-síntese (figura 20).

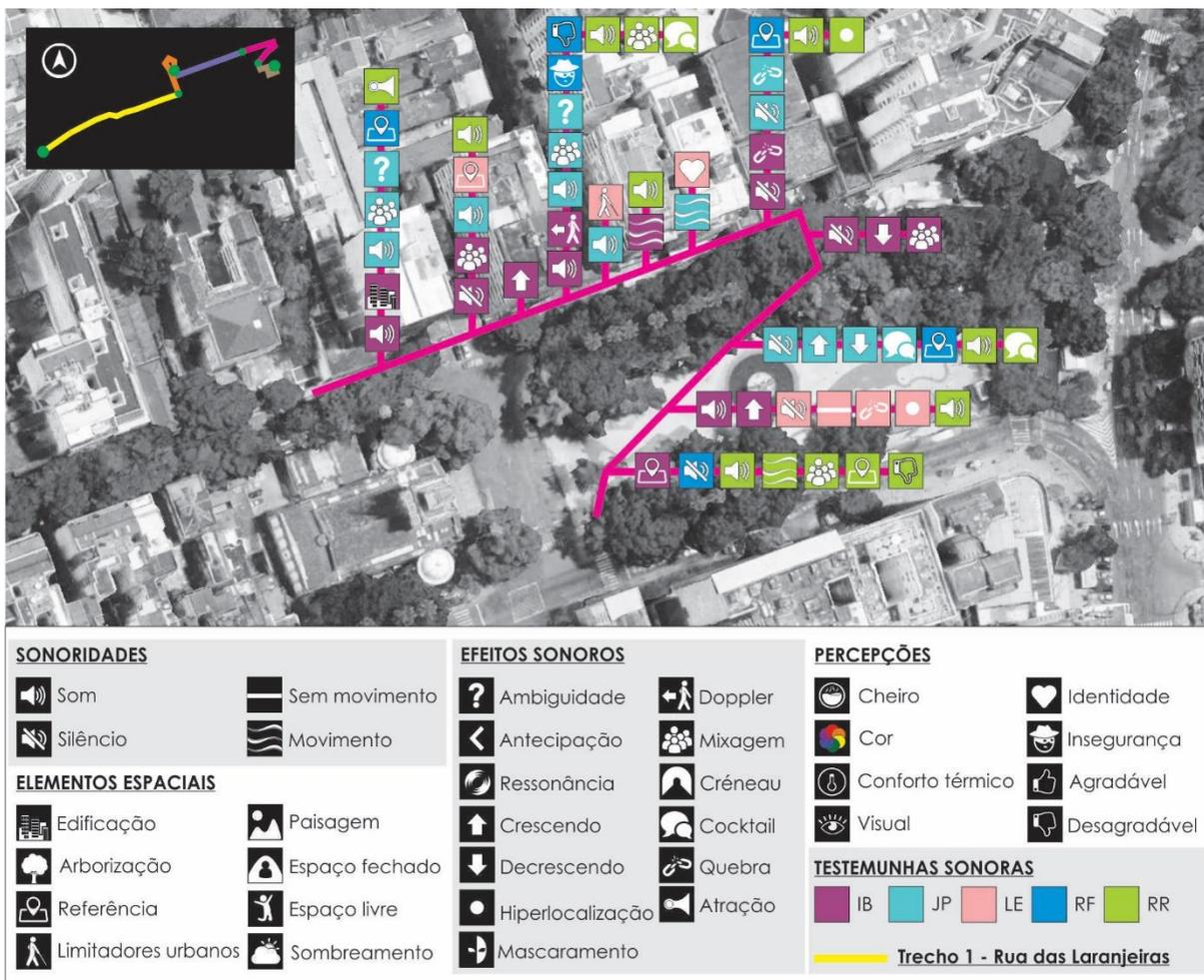


Figura 20 - Mapa Síntese do Trecho 4 do PSC (fonte: a autora).

Quadro 10 - Síntese dos resultados do Trecho 4 do PSC.

TESTEMUNHA SONORA	TRECHO 4				
	Sons	Silêncio	Elementos espaciais	Percepções	Classificação Sonora
IB	Pessoas; Transporte;	Pouco movimento.	Edificação; Cruzamento de vias; Ponto de Referência.	Vibração.	Ruidoso Silencioso
JP	Animais; Pessoas; Transporte; Telecomunicação; Muito movimento;	Poucas pessoas.	-	Visual;	Ruidoso Silencioso
LE	Sons isolados (cultura).	Pouco movimento; Poucas pessoas; Lugar distante; Tranquilo.	Ponto de referência; Edificação; Infraestrutura;	Memória; Afeto;	Silencioso
RF	-	-	Edificação; Ponto de Referência;	Insegurança; Memória; Desagradável.	Silencioso
RR	Alarme; Pessoas; Infraestrutura; Transporte; Movimento.	-	Ponto de referência.	-	Ruidoso

Fonte: A autora.

Bem como no trecho 1, da Rua das Laranjeiras, o trecho 3 teve opiniões diversas acerca da percepção do **som** e do **silêncio**. Ainda que para um ouvinte o trecho seja classificado como sendo extremamente ruidoso, para os surdos houve oscilações dessas sensações. Isso porque, de um modo geral, as testemunhas sonoras entenderam este percurso em duas partes distintas: a parte que se inicia na calçada da esquina com a Rua Gago Coutinho seguindo até o Colégio Estadual Cavalcanti e a parte cuja caminhada foi realizada no interior do Largo do Machado.

IB (surda moderada congênita, sem aparelho) e JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho) fizeram claramente essa distinção entre essas duas partes do trecho, ressaltando que as sonoridades ficaram mais presentes, intensas e confusas na primeira parte. É claramente exposto que os sons são percebidos sob o efeito sonoro da “ambiguidade”, sendo dificultada a identificação e diferenciação entre os sons. Isso porque, durante esta parte do trajeto, há um tráfego muito intenso de veículos de transportes, um fluxo grande de pessoas, além de comércio, o que contribui para uma maior circulação dessas pessoas pelo local. Além disso, são descritos também sons indicativos, como buzinas e aqueles advindos de telecomunicações, como telefone celular, ressaltando-se o efeito sonoro da “atração”.

Acho que a movimentação e a pressão desses movimentos sonoros dos carros entrando e saindo parece que... eu não sei explicar esse termo... mas **aglomera aqui nesse espaço uma quantidade de sons...** a voz do F. [intérprete] eu também tô conseguindo ouvir... tô reparando que agora a **quantidade e a intensidade de barulhos aumentou...** tem muito mais barulhos do que antes... porque eu tô aqui **perto da rua, da curva**, como eu falei antes, eu sinto mais a **intensidade** dos barulhos pela proximidade que os carros passam da calçada! (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Aqui eu **confundo um pouco alguns sons...** tem **passarinhos**, tem **gente falando**, não sei se tem **carro...** porque ficam **todos ao mesmo tempo!** Aí não dá pra saber... [...] Aqui tem uns **sons confusos!** **Vários sons ao mesmo tempo!** Pessoas falando no celular, carro, pessoas se movimentando, táxi... são mais confusos os sons aqui! (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

O barulho continua... As pessoas falando também eu consigo ouvir... é um **barulho com bastante mistura** de pessoas falando, carros, motor e por aí vai! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Em contrapartida, ao darmos prosseguimento ao PSC, ao adentrar e percorrer a praça, ambas disseram que os sons foram “abafados”, sendo o trecho percebido como sendo mais silencioso, muito em função da distância das principais fontes sonoras – o tráfego veicular – evidenciado pelo efeito sonoro “doppler”.

Essa praça aqui é mais **silenciosa** nessa parte! Na parte de lá ela é mais **movimentada** porque tem uma **rua**, tem o **sinal**, com mais **buzinas**, mais **carros...** aqui como eu tô vendo que a **frequência de carros é menor, os barulhos diminuiram...** [...] Aqui dá ideia, um aspecto de um **som abafado no mesmo espaço...** Alguns ruídos eu consigo

perceber do lado de lá... **ruídos bem baixinhos**... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

E agora essa parte pra mim é mais silenciosa...Aqui na **praça é mais silencioso**... e aí **eu escuto uma frequência de pessoas falando**... aumentando e diminuindo... (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Já RR (surda profunda congênita, com aparelho), apesar de entender que as partes dos trechos se diferenciam quanto às sonoridades, para ela o trecho é predominantemente ruidoso. Ela consegue perceber, ainda, ao longo do trajeto na praça, os sons externos à mesma, bem como a sua movimentação. Esta percepção de diferentes fontes sonoras sincrônicas enfatiza o efeito sonoro de “mixagem”. É interessante destacar que apesar, dos ruídos intensamente percebidos por ela, estes não a incomodam. Na verdade, o que causa maior desconforto à RR é a movimentação e a aglomeração devido à grande quantidade de transeuntes. Outro aspecto a ser considerado no depoimento abaixo, é que o Largo do Machado é identificado espacialmente como sendo um ponto de confluência de fluxos do Bairro, sendo um ponto de referência no local.

Mais barulhento...**Porque tem movimento, tem barulho**... é um caminho que depois daqui do Largo do Machado as pessoas vão para os seus trabalhos, vão ter as suas vidas... faculdade, enfim! Parece um **ponto principal aqui do Bairro**! Um caminho que vai levar a outros lugares! [...] **O som não me incomoda, ok?! O barulho não me incomoda! Mas quando tem muitas pessoas ao mesmo tempo**... é igual carnaval! O carnaval, por exemplo... aqui no Largo do Machado muitas pessoas na frente, carros passando, parece que é um **local com muita gente! Apertado!** Eu não gosto de lugares assim! (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Apesar de RF (surdo profundo congênito, sem aparelho) e LE (surdo profundo congênito, sem aparelho) terem classificado o trecho 4 como sendo silencioso, LE destaca que sua percepção se baseia na realidade dele enquanto pessoa surda, entendendo que esta pode se diferenciar do que seria uma percepção de ouvinte ou de um surdo que usa aparelho. Ainda assim, ela faz considerações pertinentes que corroboram a noção do ruído e silêncio visuais.

**Silencioso**... [...] Porque **não tem muitos movimentos**, só pessoas passando! Mas, pra mim, por ser surdo, não tô ouvindo, **mas visualmente é um local que parece que está um pouco distante**, não tão próximo dessas questões, né?! **E aí a minha surdez profunda também influencia na resposta, né?! Eu sei disso!** Mas **aparentemente é um lugar silencioso!** Se eu tivesse com um aparelho aqui, seria mais interessante eu captar esses sons, como eu não tô, então...[...] Silencioso realmente... silencioso! Silencioso... Pouco barulho, mais tranquilo... se tivesse algum outro barulho aqui, de repente com animais, como tem aqui agora [passa um cachorro, mas não late]... Depende muito, **mas devem ser barulhos isolados**, na minha opinião! (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

No depoimento acima de LE, é possível ratificar a contribuição visual como sendo fundamental para a percepção sonora. A **estruturação dos elementos espaciais** da região dá a impressão para ele

de o Largo se configurar como um local “distante”, isto é, o afastamento das vias de tráfego de veículos, favorece o entendimento de silêncio, reforçando que, se visualmente é um lugar “calmo”, suas sonoridades também devem ser. Entretanto, o som de fundo no Largo do Machado é extremamente intenso para um ouvinte, ainda que tais sons sejam amenizados no interior do largo.

Ainda dentro deste aspecto de estruturação espacial, destaca-se que o Largo possui elementos que se constituem como sendo marcos na região, pontos de referência nos quais os surdos se baseiam para a sua localização. Neste sentido, destacam-se a Igreja Nossa Senhora da Glória, o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti e o Chafariz existente no Largo do Machado.

Se fosse a primeira vez, o que me chamaria a atenção seria o **aspecto escultural da Igreja Católica**...por ser uma coisa mais antiga... eu entraria pra poder conhecer, pra poder ver internamente... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Esse colégio antigamente era muito bom! E é aonde foi que meu pai estudou... ele estudou aqui nessa escola e **ela já foi a melhor escola daqui!** (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

A partir do PSC realizado no trecho 4, foi possível constatar que os surdos, quando captam as sonoridades, estas são tidas como fundamentais para sua localização espacial. Entretanto, a grande quantidade de ruídos existentes em um mesmo espaço pode confundir e até mesmo levar à desorientação. A partir deste trecho, é possível considerar como sendo inegável o papel da visualidade para a representação sonora. Até mesmo os surdos que conseguem perceber alguns sons audíveis são extremamente influenciados pelas suas percepções visuais, sendo estas extremamente relevantes para a representação dos lugares de som e de silêncio, ou seja, a cultura visual é um dos alicerces mais importantes para a construção da paisagem sonora além da audição.

#### **5.5.5. Trecho 5 do PSC: Galeria Condor**

O quinto e último trecho tem início na travessia do Largo do Machado em direção à Galeria Condor. Essa é uma área de intenso tráfego de veículos e também de pessoas. O trecho possui bastante comércio itinerante e também lojas. Adentramos a Galeria, onde fizemos um trajeto em “U”, em direção ao outro acesso da galeria com a rua. O local possui diversas lojas e uma pequena, mas tradicional área de alimentação. A área possui refrigeração artificial por ar condicionado e seus materiais de acabamento são predominantemente refletores acústicos – piso em marmorite, vidro. A seguir apresentamos o último quadro síntese de informações do trecho 5 (quadro 11) e seu respectivo mapeamento gráfico (figura 21).

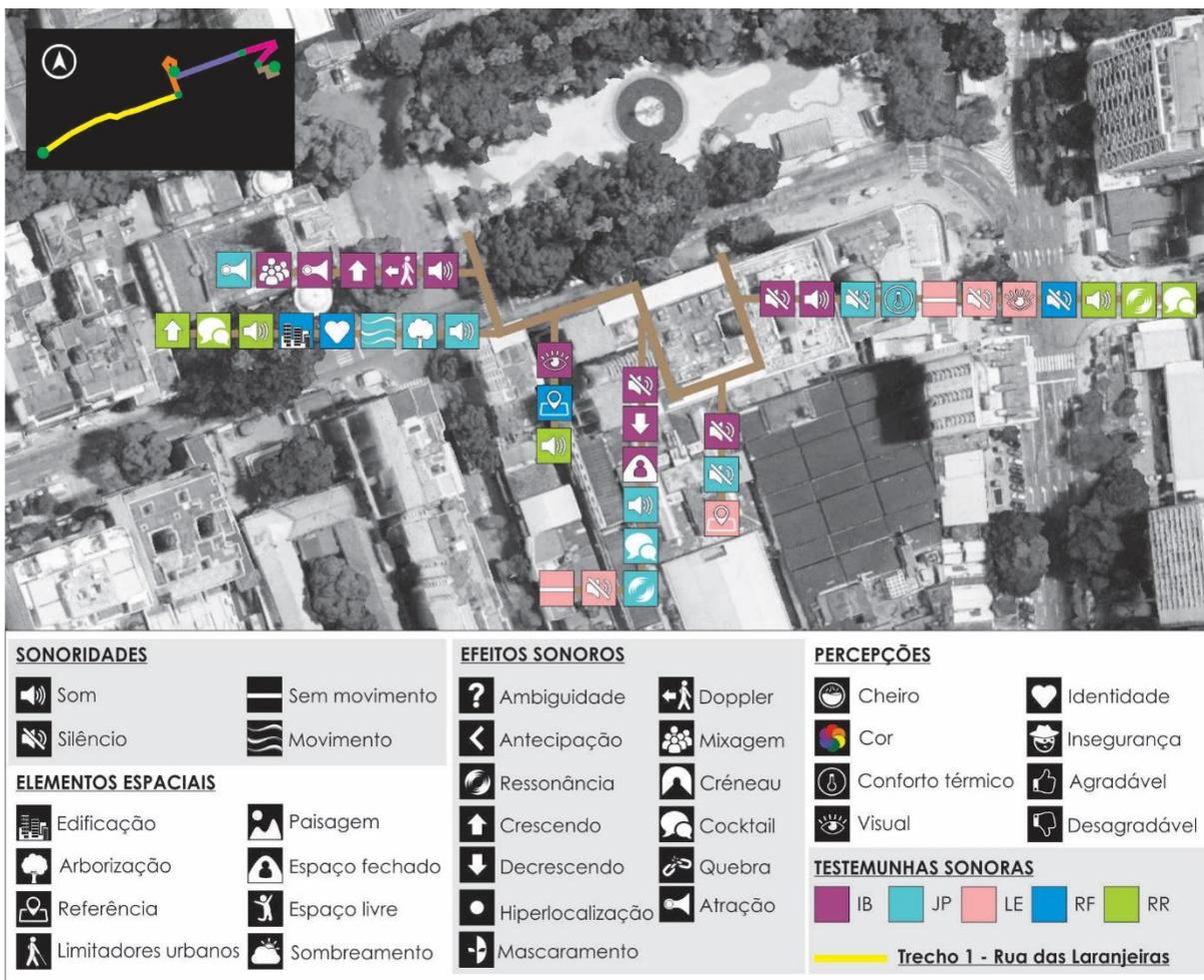


Figura 21 - Mapa Síntese do Trecho 5 do PSC (fonte: a autora).

Quadro 11 - Síntese dos resultados do Trecho 5 do PSC.

TESTEMUNHA SONORA	TRECHO 5				Classificação o Sonora	
	Sons	Silêncio	Elementos espaciais	Percepções	Ruidoso	Silencioso
IB	Movimento; Alarme; Transporte; Pessoas	Pouco ruído; Sons isolados.	Pontos de referência; Espaço fechado.	Visual; Agradável;	Ruidoso	Silencioso
JP	Alarme; Transporte Pessoas; Movimento.	Ruído menos intenso.	Árvores.	Vibração; Sensação térmica de frescor.	Ruidoso	
LE	-	Sem veículos; Tranquilo; Calmo; sem ruído; Sem muitas imagens.	Ponto de referência; Sem Árvores.	-	Silencioso	
RF	-	Sem sons.	Ponto de referência; Obstáculos.	Memória; Familiaridade.	Silencioso	
RR	Pessoas; Transporte; Edificação; Muito movimento.	-	-	Desagradável; Sensação de aglomeração.	Ruidoso	

Fonte: A autora.

O último trecho do PSC também foi um trecho que apresentou percepções divergentes quanto à noção de **som e silêncio** entre as testemunhas sonoras. Uma opinião semelhante é apontada pelas testemunhas JP (surda severa e profunda congênita, com aparelho) e RR (surda profunda congênita, com aparelho). Para ambas, o interior da Galeria Condor apresentou-se como sendo ruidoso, sendo estes ruídos percebidos, tanto na parte de transição, quando se atravessa do Largo do Machado para a calçada da Galeria Condor, como dentro da galeria propriamente dita. Elas ressaltam, entretanto, que há diferenças nessas percepções sonoras, pois esses sons são percebidos de formas diferentes. Nesse momento, é possível perceber o efeito sonoro “ressonância”, resultante do aumento do impulso sonoro.

Engraçado que **aqui tem diferentes sons...** as pessoas aqui eu sinto que elas **falam mais...** alguns **barulhos de sapato...** e antes **lá eram mais carros...** aqui tem essa **variação de sons...** lá os sons **eram mais fortes** e aqui deu uma diminuída dessa frequência de sons... mais silencioso! [...] **Teve barulho, mas é diferente esse barulho... dentro aqui da galeria menos intenso,** só das pessoas falando, andando, né?! E do lado de fora, mais árvores, carros, **mais movimento misturado!** (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

**Mais barulhento!** Porque tem voz das pessoas falando, também carros na rua junto com os barulhos que fazem lá [ela aponta para a lanchonete]... [...] Aqui é uma **mistura de barulhos...** pessoas falando misturado com o barulho de fora... **eu escuto mais barulhos aqui! Concentrados!** E a voz das pessoas de maneira mais intensa! E tudo isso ao mesmo tempo! **O barulho é misturado, ao mesmo tempo!** (RR, surda profunda congênita, com aparelho).

Já IB (surda moderada congênita, sem aparelho) fez diferenciação entre o momento de dentro e de fora da Galeria Condor, sendo a primeira parte considerada ruidosa e a segunda como sendo silenciosa. Para ela, há uma redução de ruídos na galeria, uma vez que eles podem ser percebidos mais espaçadamente e menos intensos. A percepção de IB evidencia o efeito sonoro de “decrecendo” e “doppler”, mesmo que, para um ouvinte, a intensidade sonora seja semelhante tanto dentro como fora da galeria, como foi evidenciado nas medições realizadas por nós durante o mapeamento do percurso.

Agora eu tô ouvindo **mais barulhos do que antes...** agora realmente o movimento começou a ficar **mais intenso** nessa região, o pior aqui é o ponto que está mais **próximo do metrô, onde tem mais buzinas, mais caminhões passando, mais entrada e saída de carros...** eu consigo ouvir mais esses movimentos próximo aqui... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Aqui é um local mais **fechado...** Às vezes eu consigo ouvir esses barulhos que estão aqui em volta, mas esse local que há uma **diminuição desses barulhos...** aqui, como eu falei antes, como vai ficando **mais fechado, a intensidade do barulho diminui...** [...] Quando começou a entrada aqui do shopping, da galeria, quando a gente tava andando, da metade do caminho até aqui, silencioso... só ouvi um único barulho de

alguém ali... isso eu senti... mas a movimentação **de identificar esses sons isolados realmente eu não tenho!** Agora que eu estou aqui, eu estou conseguindo ouvir a voz do F. [intérprete]... eu sei que ele tá falando... (IB, surda moderada congênita, sem aparelho).

Bem como IB, LE (surdo profundo congênito, sem aparelho) também identificou o trajeto dentro da galeria como sendo silencioso. Entretanto, as justificativas são diferentes, uma vez que a percepção de LE é baseada fundamentalmente na sua percepção visual e nos conceitos culturalmente construídos por ele. Notamos que o fato de não haver veículos no local o estimula a entender o lugar como sendo de silêncio. É interessante observar, porém, que em um dado momento ele demonstra que, apesar de silencioso, é um tipo de silêncio diferente do que é percebido no trecho 2, no Parque Guinle. Para ele, este último trecho evidencia-se como sendo silencioso pela monotonia visual, já o segundo trecho é silencioso pela ausência de ruídos sonoros e quantidade de recursos visuais que lhe são apresentados.

Aqui [na Galeria Condor] parece que é um local que é **mais silencioso do que de costume, né?! Porque não tem carros aqui dentro...** E realmente parece que aqui é mais **tranquilo** e bem mais **calmo** do que os outros lugares... [...] Porque **eu não sinto nada!** Nem um barulho! **Não vejo muitas coisas...** você pode sentar, ficar tranquilo... até dormir, se for o caso, dada a tranquilidade do lugar (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

[...] no Parque Guinle [...] é um lugar calmo, que dá pra sentar, conversar... **não tem nada pra te atrapalhar de maneira visual...** dá pra conversar e bater papo! É um lugar tranquilo! Aqui [na galeria], alguém pode falar com você... lá não! É um lugar silencioso... (LE, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Nesse aspecto de estruturação espacial, é relevante destacar que o que pode ser interpretado como algo monótono por LE é tido como algo atrativo para IB, uma vez que para ela o espaço apresenta “lojas” e recursos visuais que “chamam a atenção”. Neste sentido, vemos que a vivência espacial e sonora está estreitamente relacionada, além das características culturais propriamente ditas, àquelas bagagens próprias ao indivíduo enquanto sujeito. Deste modo, ainda que haja convergências, alguns aspectos são próprios à pessoa que interpreta o lugar.

Durante todo o PSC realizado com RF (surdo profundo congênito, sem aparelho), este manteve seu foco em questões espaciais e de memórias afetivas, uma vez que ele viveu no bairro desde o seu nascimento. Todos os trechos foram por ele classificados como sendo silenciosos. Por esta razão, ao fim do PSC, a pesquisadora indagou se ele não havia percebido ou identificado nenhum elemento que ele associasse à alguma sonoridade. Sua resposta, como podemos constatar abaixo, foi completamente calcada em sua ideia de som percebido auditivamente.

**Som não! Foi muito tranquilo! Som nenhum!!!** Geralmente, às vezes passa uma moto, mais estridente, eu até sinto, **mas nesse passeio não...** não ouvi! (RF, surdo profundo congênito, sem aparelho).

Em contrapartida, JP ressaltou que, apesar desta experiência de observação sonora não ser algo corriqueiro em sua vivência espacial, ela considerou a experiência interessante, podendo observar as variações sonoras do espaço pelo qual transita.

Eu gostei de saber, pela percepção do som, esses momentos de silêncio, som, silêncio, som... **eu não tô muito acostumada a fazer essa identificação! Eu sempre olhei de maneira mais visual do que sonora!** Isso foi o mais legal! (JP, surda severa e profunda congênita, com aparelho).

Como resultado do trecho 5, constatamos que as manifestações sonoras são percebidas de formas variadas pelas pessoas surdas, dependendo tanto da intensidade desses sons como pelos seus tipos. Porém, além das noções auditivas próprias à cada sujeito, a influência do uso de aparelho auditivo e do que é percebido visualmente, podemos ressaltar que a interpretação e representação sonora também se relacionam à identidade surda e também com a forma que cada pessoa lida com o conceito de sonoridade e como encara a própria surdez. A partir da pré-disposição ou não de cada testemunha sonora observar as nuances entre sons e silêncios é que podem ser constatados os resultados do que chamamos de paisagem sonora além da audição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu a partir da leitura “descompromissada” do livro *Vendo Vozes*, de Oliver Sacks. Frente ao deslumbramento do que seria o mundo dos surdos, este universo até então desconhecido por mim, a autora desta Tese, o tema foi levado à minha orientadora, onde foram suscitadas questões que geraram diversas discussões sobre o assunto. Tais discussões levaram então à hipótese deste trabalho, de que “os surdos são capazes de vivenciar e organizar os sons existentes no espaço, gerando uma construção sensível e cultural da paisagem sonora”.

Para começar a desvendar a hipótese, era preciso o aprofundamento no sujeito deste trabalho: os surdos. Isso porque o senso comum pode levar a pontos de contradição, até mesmo pelo desconhecimento dos aspectos tão próprios à estas pessoas. Assim, o primeiro capítulo possibilitou a contextualização histórica na abordagem da surdez, seus enfrentamentos individuais e sociais. Permitiu o entendimento de que existem dois pontos de vista acerca da surdez: a abordagem clínico-terapêutica e a socioantropológica. O primeiro tende a compreender a surdez sob a perspectiva fisiológica de déficit de audição e o segundo modo entende que este déficit não é um limitador para os surdos. Ao contrário, pelo viés socioantropológico, o surdo é entendido como sujeito, com identidade e cultura próprias. Essa perspectiva é fundamental para o entendimento deste trabalho, uma vez que considera o surdo como uma pessoa completa, com uma perspectiva diferente de mundo.

Deste ponto de partida, passamos no segundo capítulo a procurar entender como é essa experiência de representação simbólica que os surdos vivem à luz de uma identidade e culturas próprias. Assim, abordamos os conceitos de “cultura”, “identidade” e “representação”, tendo em vista fazer um delineamento de perspectiva de abordagem para esta Tese. Partimos de uma visão macro dos conceitos, até relacioná-los com os sujeitos do trabalho. A partir de diferentes autores, foi possível fazer inter-relações e discutir os parâmetros que embasam a formação do que para nós poderia levar a essa interpretação sonora pela pessoa surda.

Foi necessário então compreendermos como se desdobra a experiência da pessoa surda no espaço, principalmente em relação às sonoridades urbanas, uma vez que o objetivo principal desta Tese é “compreender como o sujeito surdo se relaciona com o espaço, principalmente o sonoro urbano: como as pessoas surdas sentem, percebem, interpretam e representam os sons que os rodeiam”.

O primeiro item discutido no capítulo terceiro foi a relação entre o nosso corpo e o espaço que habitamos. Isto é, ao entendermos que corpo e espaço se influenciam mutuamente, pudemos entender um pouco mais acerca dessa relação, tendo em vista os aspectos sensoriais que contribuem

para esta vivência espacial, em meio ao processo de percepção, cognição e avaliação, que apresentam peculiaridades em relação à experiência dos ouvintes e foram melhor exploradas no Estudo de Caso. Cabe entender que os espaços sensivelmente apreendidos são também vivenciados a partir das leituras que fazemos da estruturação espacial. Ou seja, a constituição física da cidade contribui para que experimentemos a cidade de uma determinada maneira em detrimento a outras. Este é o ponto abordado no segundo tópico do capítulo, uma vez que a exploração da cidade, ainda que sejam semelhantes entre grupos de indivíduos culturalmente semelhantes, apresentam variações individuais. E, nessas variações, há de se destacar que o som apreendido por uma pessoa surda é diferente daquele mesmo som, se observado por uma pessoa ouvinte. Sendo assim, exploramos ainda no capítulo a construção e percepção de uma paisagem sonora pela pessoa ouvinte, a fim de pontuar alicerces coincidentes que poderiam levar à interpretação dessa paisagem pela pessoa surda. O capítulo se finda ao demonstrar através do estudo e de relatos de diversos autores surdos ou da área da surdez que o som faz parte sim do universo das pessoas surdas. Isto é, ainda que os ouvintes tenham a noção de que o surdo vive imerso em um mundo de silêncio absoluto, foi demonstrado que tal ideia é leviana. Obviamente, a depender do grau de surdez do indivíduo, o surdo, ainda que esporadicamente, poderá experimentar os sons que o rodeiam. Mais ainda, constatamos que as noções de “som” e “silêncio” ultrapassam os aspectos auditivos, sendo também uma construção cultural.

A partir da exploração de tais conceitos, estruturamos o Estudo de Caso, apresentado no quarto capítulo. O principal intuito desta etapa foi responder aos objetivos específicos deste trabalho e verificar a validade dos conceitos abordados em teoria anteriormente. Para tanto, a estruturação metodológica do Estudo de Caso foi dividida em duas partes: Entrevistas Semiestruturadas e Passeio Sonoro Comentado.

A partir das entrevistas buscamos conhecer quem eram os sujeitos participantes deste trabalho e então entender suas relações com os sons e o silêncio e com o espaço experimentado. Esta etapa foi essencial para a ratificação de questões conceituais abordadas anteriormente, para o aprofundamento nos termos mais específicos a este trabalho e também para a organização da fase em que foi aplicado o Passeio Sonoro Comentado. Foi possível constatar que existe sim um significado sonoro para as pessoas surdas, ainda que esses sejam variáveis dentro do espectro cultural e de variáveis de graus de surdez. Este instrumento foi extremamente eficiente e por meio dele foram obtidos dados relevantes que contribuíram para a questão desta Tese. Entretanto, ainda que a abordagem das perguntas tenha sido dirigida aos aspectos da cidade, por vezes as respostas remetiam a questões de arquitetura ou a outros temas gerais. Isso em nenhuma hipótese invalidou a qualidade

dos dados, mas sua obtenção demandou habilidade da pesquisadora em apontar caminhos mais próximos, fazendo considerações durante a aplicação da entrevista.

Da mesma forma, o Passeio Sonoro Comentado foi extremamente relevante para que obtivéssemos as respostas às questões dessa pesquisa. Foi por meio da aplicação do PSC que os aspectos mais próximos às sonoridades urbanas puderam ser melhor explorados. Além disso, alguns dos quesitos relacionados ao som e ao silêncio ressaltados durante as entrevistas puderam ser testados no ambiente urbano. Desta forma, a aplicação deste método mostrou-se consideravelmente adequado à proposta do trabalho.

O quinto capítulo é o que acreditamos ser o mais rico desta Tese, pois é nele que são discutidos, à luz dos conceitos abordados, os resultados obtidos, ou seja, as ideias concernentes ao tema deste trabalho a partir da perspectiva surda. É neste capítulo que a voz do surdo mais se expressa e se apresenta aos leitores.

O primeiro aspecto a ser destacado nos resultados é que os surdos participantes, por terem contato com outros surdos e serem imersos na cultura surda, têm uma imagem extremamente positiva sobre a surdez. Eles destacam que o alicerce de toda essa perspectiva é a língua de sinais. É a língua que permite a comunicação e é a alteridade obtida através do encontro surdo-surdo que possibilita a criação de identidades fortalecidas a partir de uma cultura própria. É importante ressaltar que o respaldo dado pela família contribui significativamente para a autoestima e o modo com que a surdez é vivenciada. Os enfrentamentos, ainda que sejam inevitáveis frente à uma sociedade que, em grande parte, ainda os vê como deficientes, são superados e acabam até mesmo gerando um orgulho em “ser surdo”, uma vez que eles entendem suas diferenças e as encaram com normalidade e até mesmo felicidade. Obviamente, existem também aqueles não tão positivos quanto ao ser surdo. Não existe uma totalidade surda. Como em qualquer sociedade e cultura, existem divergências e maneiras diferentes de considerar os elementos que permeiam a vivência de cada pessoa, relativizada pela bagagem própria de cada indivíduo.

Um resultado extremamente relevante foi de que a maior parte dos entrevistados afirmaram que os sons existem em sua vida, ainda que não constantemente. Alguns dos surdos, entretanto, relataram que essa não é uma experiência que faz parte de suas vidas. A questão é que o som em sua noção audível nem sempre é algo consciente na pessoa surda, principalmente se esta apresentar um grau profundo de surdez. Frente à observância sensorial do som pelos demais sentidos além da audição, o som para o surdo passa pelo imaginário, associando-o por meio de abstrações. Além da vivência sonora corpórea, o surdo interpreta o espaço sonoro culturalmente. Ressaltamos que esta vivência sonora não é espontânea, mas requer um esforço e aprendizado constante para a identificação e representação sonora. Assim, nem todo surdo tem esse interesse. Alguns

demonstraram curiosidade ou necessidade de aprimorarem sua percepção espacial através dos sons. Fato é que a representação dos sons é construída pela apreensão, interpretação e posterior significação a partir de perspectivas culturais.

Quanto às percepções sonoras dos surdos por meios sensoriais, três sentidos são ressaltados: a visão, a cinestesia e a própria audição. Os resultados demonstraram que o principal meio de interpretação sonora pelos surdos em geral é a visão. Não a visão como os ouvintes a entendem, mas por meio de uma “inteligência visual”. É através daquilo que é visualmente adquirido que são relacionados significados que vão sendo somados ao dicionário sonoro dos surdos. Essas construções são feitas por meio de interpretações associativas com base em questões culturais e também na imaginação. Assim, os “sinais” sonoros emitidos e captados visualmente pelos surdos são culturalmente decodificados através de movimentos, das ações e reações dos corpos nos ambientes. Portanto, uma vez apreendida e significada uma “nota sonora” pelo imaginário surdo, os sons são sensivelmente sentidos, culturalmente interpretados e imagetivamente representados.

Ressaltamos que por vezes o surdo não ouve, não vê, mas sente. Este sentir está relacionado às percepções cinestésicas por eles apreendidas principalmente por vibrações e pela pressão gerada por algumas fontes sonoras. Esses movimentos sentidos no corpo podem também gerar associações que, se significadas, podem remeter a pensamentos ou até mesmo emocionar, isso porque, ainda que não se percebem os sons audíveis, os surdos usam a inteligência para representá-los e compreendê-los.

Apesar de, pelo senso comum, os surdos viverem em um mundo de silêncio, a audição, ainda que eventualmente, pode vir a fazer parte da vida dos surdos. Obviamente essa audição baseia-se em ruídos, que podem ser apreendidos e contribuir para a vivência espacial dessas pessoas. Como existem variações de surdez, essa vivência auditiva não pode ser generalizada. Depende tanto do aspecto físico quanto da vontade que o surdo terá em conhecer e incorporar essas sonoridades em sua experiência espacial cotidiana.

Cabe ressaltar que, durante a aplicação do Passeio Sonoro Comentado, os surdos apontaram a percepção de diferentes efeitos sonoros ao longo do percurso urbano, através de descrições acerca dos sons e do silêncio. Ainda que nem sempre tais efeitos sonoros se manifestem da mesma forma para uma pessoa ouvinte, é perceptível que há uma identificação e classificação dos sons urbanos pelos surdos, ainda que nem sempre conscientemente. Esta percepção dos sons e dos efeitos sonoros foram percebidos e apontados pelas pessoas surdas, sendo classificadas por nós com base em Augoyard e Torgue (1995) em: “ambiguidade”, “antecipação”, “atração”, “cocktail”, “créneau”, “crescendo”, “decrecendo”, “doppler”, “hiperlocalização”, “mascaramento”, “mixagem”, “quebra”, “ressonância” e “sinédoque”.

Os surdos entendem que o mundo é um lugar sonoro e que os sons fazem parte da vida cotidiana dos ouvintes, ainda que por eles essa percepção seja parcialmente alcançada auditivamente ou através dos demais sentidos. Para a maior parte dos participantes dessa pesquisa, os muitos sons constituem-se como sendo desagradáveis, excetuando-se as sonoridades decorrentes de musicalidades. Assim, o surdo que escolhe conhecer os sons e cotidianamente experimentá-lo quase sempre o faz como forma de se orientar e localizar espacialmente ou como uma maneira de relaxamento por meio de músicas.

Ainda que tenham conhecimento da existência das sonoridades existentes, o mundo surdo é um lugar predominantemente de silêncio, o qual é muitas vezes uma oportunidade para uma melhor compreensão do ambiente. O silêncio para o surdo é algo natural, sendo muitas vezes considerado como algo bom e favorável às suas experiências de vida, sendo muitas vezes preferível e associado a sensações e sentimentos que remetem à normalidade, paz, leveza e prazer.

A partir dos resultados obtidos, os dados do PSC puderam ser categorizados a partir de dois grupos: (1) os surdos moderados juntamente com surdos profundos e severos que fazem uso de aparelho auditivo; (2) os surdos profundos que não utilizam nenhum tipo de auxílio auditivo. É possível observar que, ainda que a percepção da paisagem sonora seja feita com base em ruídos (sons não compreendidos) e no silêncio, há uma identificação sonora que contribui para a construção de uma paisagem sonora. Isto é, ainda que não se paute nos sons dos ambientes da mesma maneira que uma pessoa ouvinte, a pessoa surda é capaz de organizar os ruídos percebidos, mapeando e desenvolvendo uma “leitura sonora” que contribui para sua orientação e movimentação no ambiente. Entretanto, ainda que haja essa relação audível de ruídos, este não é o principal mecanismo de construção da paisagem sonora dos surdos, uma vez que os demais sentidos, primordialmente a visão, contribuem para essa representação de sons.

Para os surdos profundos que não utilizam nenhum auxílio de aparelho auditivo, a percepção da paisagem sonora existe, porém se embasa substancialmente nas suas percepções visuais. Uma vez que é a interpretação do que se vê que transmite a “sensação sonora”, o surdo profundo é acometido de uma relação de inserção nos sons dos ambientes, tendo como base aquilo que percebe em termos visuais. É interessante ressaltar, porém, que, da mesma forma que uma paisagem sonora é interpretada de maneiras distintas por um grupo de pessoas ouvintes de culturas diferentes, o mesmo acontece com os surdos.

Através dos passeios, observamos que a forma com que o surdo aceita e vivencia a surdez interfere diretamente na sua interação com os sons. Ainda que dois dos surdos que participaram tenham a surdez profunda e não utilizam aparelho auditivo, sendo o som apenas um visitante

eventual, a forma que o surdo experimenta o espaço não tem a ver somente com o que ele é capaz de ouvir, mas, mais ainda, com aquilo que ele é capaz de imaginar e representar.

Percebemos nesse contexto que a relação de naturalidade com a surdez vivida por LE (surdo profundo congênito, sem aparelho) permite a ele fazer interpretações sonoras além da audição. Isto é, ainda que ele não esteja ouvindo, ele constrói significados sonoros para aquele espaço que ele experimenta, interpretando-o e representando-o culturalmente. É interessante notar que essas construções sonoras são muito próprias à sua experiência enquanto surdo e muitas vezes não coincidentes com um ambiente sonoro ou silencioso para um ouvinte. Ainda que o surdo tenha a noção de que caso ouvisse poderia ter uma interpretação diferente, ele mantém seu posicionamento sonoro com base na sua própria experiência. Em contrapartida, quando a pessoa surda vê ainda a surdez com certa ressalva e a partir do déficit, esse posicionamento reflete também na forma com que ele “ouve” a paisagem sonora, ou melhor, deixa de ouvi-la. Quando o foco do que é som e silêncio se baseia apenas nas qualidades acústicas, a interpretação sonora fica debilitada, pois, ao desconhecê-las, o surdo passa de certa forma a negá-las, pautando-se apenas no silêncio como sendo a realidade acústica de sua experiência de vida. Assim, a paisagem sonora, além da audição, só poderá ser identificada quando houver, por parte da pessoa surda, uma predisposição e vontade de querer identificar e representar culturalmente os sons percebidos na cidade.

Em meio ao exposto, podemos concluir que esta Tese atingiu aos objetivos propostos e comprovou a hipótese de que os surdos vivenciam e organizam os sons existentes no espaço e constroem uma paisagem sonora sensível e culturalmente, além da audição. Através dos resultados foi possível criar categorias sonoras culturais identificadas pelas pessoas surdas. Deste modo, por meio das similaridades dos relatos, foi possível compreender que existe um compartilhamento das representações sonoras vivenciadas pelos surdos em seu cotidiano, ou seja, sons que se distinguem na paisagem sonora experimentada pelos surdos. Essas qualificações sonoras só puderam ser realizadas a partir do entendimento de que os sons no mundo dos surdos são interpretados e representados por meio de leituras auditivas, cinestésicas, visuais, mas sempre também culturais. Isso porque os eventos sonoros no mundo surdo se baseiam em elementos que remetem a uma “sensação sonora”, permitindo que eles sintam os sons pelo corpo, mas também através da mente.

Dado o ineditismo do trabalho ao relacionar a paisagem sonora e os sons urbanos à capacidade de estes serem ouvidos e representados pelas pessoas surdas, é possível sugerir diferentes desdobramentos desta pesquisa em trabalhos futuros, permitindo diferentes abordagens sobre o mesmo tema, ampliando e complementando informações para este grupo: os surdos.

A possível aplicação da metodologia em diferentes grupos de surdos, a fim de se verificar a abrangência dos significados sonoros entre diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, seria um

caminho de desdobramento, uma vez que o grupo estudado é específico (professores do INES e da UFRJ), e a pesquisa aplicada a demais grupos poderá ter resultados distintos, enriquecendo o tema.

O grande desafio deste trabalho foi entender se existiria uma representação sonora pelos surdos, para futuramente, explorá-la. A maneira como o surdo percebe e representa os sons e o silêncio pode desdobrar-se em trabalhos que estudem diretrizes de cuidado arquitetônico e da via urbana, a partir da experiência do surdo. Mais ainda, é importante levar essas questões também ao ensino da Arquitetura e Urbanismo, a fim de fomentar a discussão e gerar futuras alternativas de atuação na arquitetura e na cidade que incluam também as pessoas surdas.

É importante reconhecer ainda que as descobertas apresentadas nesta Tese são apenas o início de um caminho que ainda pode ser percorrido por arquitetos e urbanistas para que a cidade seja, de fato, para uso universal de todas as pessoas, considerando suas diferentes características.

## REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, D. **Una historia natural de los sentidos**. Barcelona: Anagrama, 1992.
- AUGOYARD, J. F.; TORGUE, H. **A l'ecoute de l'environnement. Répertoire des effets sonores**. Marseille: Parenthèses, 1995.
- BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- BAUER, M. W. Análise de ruído e música como dados sociais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 365-389.
- BEHARES, L. E. Novas correntes na educação do surdo: dos enfoques clínicos aos culturais. **Cadernos de Educação Especial**, Universidade Federal de Santa Maria, p. 1-23, 2000.
- BOAS, F. Os métodos da etnologia. In: CASTRO, C. (org.) **Franz Boas: Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, Senado Federal, 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Senado Federal, 24 de abril, 2002.
- CAGE, J. **Silence: Lectures and Writings**. Middletown: Wellesley College Library, 1961.
- CAPOVILLA, F. C. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira**. 3. ed. São Paulo: EDUSDP, 2008.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1999.
- CASTRO, C. Apresentação. In: CASTRO, C. **Franz Boas: Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTRO, G. G. S. **Música serve pra pensar: comunicação em rede, consumo e escuta musical**. São Paulo: do autor, 2014.
- CHION, M. **Audio-Vision: sound on screen**. New York: Columbia University Press, 1994.
- COELHO NETTO, J. T. **A construção do sentido na arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- CULLEN, G. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

- DUARTE, C. R. D. S. D. et al. **Metodologia para diagnóstico de acessibilidade em centros urbanos: análise da área central da cidade do rio de janeiro**. São Paulo: ASSIS, Editora e Gráfica Triunfal, 2013.
- DUARTE, C. R. S. **Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço**. In: THIBAUD, J.-P.; SIRET, D. **(Org.) Ambiances in action | Ambiances en acte(s)**. France: International Ambiances Network, 2012. p. 820.
- DUARTE, C. R. S. **A empatia espacial e sua implicação nas ambiências urbanas**. **Revista Projetar**, p. 70-76, Outubro 2015.
- DUARTE, C. R. S. et al. **Sóbrio, organizado e conservador: o escritório é a cara do dono? Sobre valores, símbolos e significados dos espaços**. **Arquitextos**, São Paulo, n. 069.10, fev 2006.
- FISCHER, G.-N. **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEHL, J. **Cidades Para Pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”:** ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Unicamp. Campinas - SP. 2006.
- GESSER, A. **Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas**. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 47, n. 1, p. 223-239, Junho 2008.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIBSON, J. J. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Londres: Allen and Unwin, 1968.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, E. T. **A Dimensão Oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- HALL, S. **The work of representation**. In: HALL, S. **(org.) Representation: Cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage Publications, 1997. p. 15-69.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora UNB, 1996.
- LABORIT, E. **O grito da gaivota**. 2ª. ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2000.
- LACERDA, C. B. F. **O processo dialógico entre aluno surdo e educador ouvinte: examinando a construção de conhecimentos**. 165 f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Unicamp. Campinas - SP. 1996.

- LADD, P. **Understanding deaf culture: In search of deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2003.
- LANE, H. **A máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LANE, H. Construction of Deafness. In: DAVIS, L. J. **The Disability Studies Reader**. 2. ed. New York: Routledge, 2006. p. 79-92.
- LANE, H.; PILLARD, R. C.; HEDBERG, U. **The people of the eye: deaf ethnicity and ancestry**. New York, NY: Oxford University Press, 2011.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LULKIN, S. A. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto alegre: Mediação, 2015. p. 33-49.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1960.
- MALARD, M. L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, L. A. **Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.
- PADDEN, C. A.; HUMPHRIES, T. L. The meaning of sound. In: PADDEN, C. A.; HUMPHRIES, T. L. **Deaf in America: Voices from a Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1990. p. 91-109.
- PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PALLASMAA, J. **A Imagem Corporificada: Imaginação e Imaginário na Arquitetura**. Porto Alegre: BOOKMAN, 2013.
- PANERAI, P. **Análise urbana**. Brasília: Editora UNB, 2006.
- PENNA, A. G. **Percepção e Realidade: Introdução ao estudo da atividade perceptiva**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Mercurio Star, 1982.
- PERLIN, G. **Histórias de vida surda: Identidades em questão**. 51 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1998.
- PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdos : alteridade, diferença e identidade**. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre : UFRGS. 2003.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. **(org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 51-73.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

PESAVENTO, S. J. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan/dez, 2006.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC / SEESP, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Línguas de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAPOPORT, A. **Human aspects of urban form**. Oxford, England: Pergamon Press, 1977.

RAPOPORT, A. Cross-cultural aspects of environmental design. In: ALTMAN, I.; RAPOPORT, A.; WOHLWILL, J. F. **(org) Human behavior and environment**. New York: Springer Science+Business Media, v. 4, 1980. p. 7-46.

RÊGO, A. Q. **Paisagens sonoras e identidades urbanas: os sons nas crônicas cariocas e as transformações do bairro de Copacabana (1905-1968)**. 298 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) - PROURB - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ. 2006.

RÊGO, A. Q.; NIEMEYER, M. L.; VASCONCELLOS, V. **Passeio sonoro: uma metodologia para procedimento de campo e registro de dados (Parque do Flamengo, RJ)**. Anais do 11o Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil - 11o ENEPEA - Desafios. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 2012.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. **(org.) Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003.

RHEINGANTZ, P. A. et al. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para o trabalho de campo**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ-FAU, 2009.

SÁ, N. R. O discurso surdo: a escuta de sinais. In: SKLIAR, C. **(org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 167-190.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SÁ, N. R. L. Os surdos, a música e a educação. **Dialógica**, Manaus, v. 2, p. 1-11, 2008.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

- SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- SILVA, A. B. P. Surdez, inteligência e afetividade. In: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (orgs.) **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003. p. 89-97.
- SILVA, G. M. Inclusão da pessoa surda: a arte e os mitos como possibilidade mediadora. **Espaço: Informativo técnico-científico do INES**, Rio de Janeiro, n. 29, jan/jun 2008.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (org.) **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 14-37.
- SKLIAR, C. Bilingüismo e biculturalismo. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 8, p. 44-57, maio-jun.-jul.-ago. 1998.
- SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 2013.
- SKLIAR, C. Apresentação: um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015a. p. 5-6.
- SKLIAR, C. Estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015b. p. 7-32.
- SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista, 1999.
- SOILO, A. N. Do evolucionismo clássico ao particularismo histórico na antropologia: principais ideias. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 251-261, jan./jun 2014.
- SOMMER, R. **Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos**. São Paulo: Editora da USP, 1973.
- STROBEL, K. L. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. 176 f. Tese (Doutorado em Educação). UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008.
- THIBAUD, J.-P. Une approche des ambiances urbaines: le parcours commenté. In: JOLÉ, M. **Espaces publics et cultures urbaines**. Paris: Certu, 2002. p. 257-270.
- TRUAX, B. Soundscape Studies, An Introduction to the World Soundscape Project. **Numus West**, Spring, v. 5, p. 36-39, 1974.
- TRUAX, B. Soundscape, Acoustic Communication and Environmental Sound Composition. **Contemporary Music Review**, v. 15, p. 49-65, 1996.

TRUAX, B. **Acoustic Communication**. 2a. ed. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 2001.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y.-F. Thought and Landscape. The Eye and the Minds Eye. In: MEINIG, D. W. **The Interpretation of Ordinary Landscapes**: Geographical Essays. New York: Oxford University Press, 1979. p. 89-102.

TYLOR, E. B. A ciência da cultura. In: CASTRO, C. **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005 [1871]. p. 31-45.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 2001.

WESTERKAMP, H. Soundwalking. In: CARLYLE, A. **(org.) Autumn Leaves**: Sound and the environment in artistic practice. Paris: Angus Carlyle, 2007.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido**: Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **(org.) Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

WRIGLEY, O. **Politics of deafness**. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 1996.

## APÊNDICE 1 – Modelo de Entrevista Semiestruturada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

PROARQ

### Modelo Entrevista Semiestruturada – Parte 01/03

Sua identidade **não será revelada**, portanto, identifique-se somente pelas letras iniciais do seu nome: \_\_\_\_\_; idade: \_\_\_\_; sexo ( )F ou ( )M; escolaridade \_\_\_\_\_.

- Tipo de surdez: ( ) congênita ou ( ) adquirida aos \_\_\_\_ anos.
- Grau de surdez: ( ) leve 20-25 a 40dB, ( ) moderada 40-45 a 60-70dB, ( ) severa 80-90dB; ( ) não sei informar.

#### POR GENTILEZA RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO.

1. Pense em um **lugar da cidade** que você associe a esta **palavra**. Que lugar é esse?



(silêncio)

2. **Por que** você considera que esta palavra se associa a este **lugar**?

3. Que **sensações/sentimentos** você tem neste **lugar**?

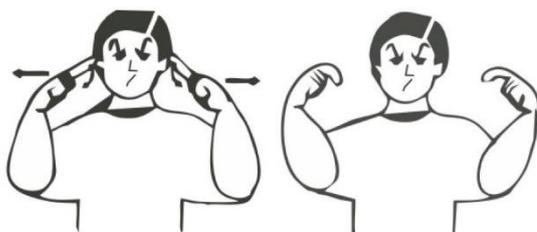
4. **Descreva** como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.



**Modelo Entrevista Semiestruturada – Parte 02/03**

**POR GENTILEZA RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO.**

1. Pense em um **lugar da cidade** que você associe a esta **palavra**. Que lugar é esse?



(barulho)

2. **Por que** você considera que esta palavra se associa a este **lugar**?
3. Que **sensações/sentimentos** você tem neste lugar?
4. **Descreva** como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.



**Modelo Entrevista Semiestruturada – Parte 03/03**

**POR GENTILEZA RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO.**

1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?
2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?
3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?
4. O que é o "som" para você?
5. Você percebe os sons? Como?
6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?
7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?
8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?
9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?
10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?
11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?

## APÊNDICE 2 – Modelo de Passeio Sonoro Comentado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

PROARQ

### Modelo - Passeio Sonoro-Comentado

Sua identidade **não será revelada**, portanto, identifique-se somente pelas letras iniciais do seu nome: \_\_\_\_\_; idade: \_\_\_\_; sexo ( )F ou ( )M; escolaridade \_\_\_\_\_.

- Tipo de surdez: ( ) congênita ou ( ) adquirida aos \_\_\_\_ anos.
- Grau de surdez: ( ) leve 20-25 a 40dB, ( ) moderada 40-45 a 60-70dB, ( ) severa 80-90dB; ( ) não sei informar.



Anotações

## APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

PROARQ

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá. Gostaria de solicitar a sua participação voluntária na coleta de dados da pesquisa **"PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO: A qualificação da paisagem sonora através da representação da experiência espacial da pessoa surda"**. Trata-se de uma pesquisa relacionada ao doutorado acadêmico desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da UFRJ, sob a orientação da Professora Andrea Queiroz Rego. O motivo que nos leva a fazer esta pesquisa é demonstrar as percepções que o surdo tem do som no espaço, isto é, como os surdos veem, sentem, interpretam e representam os sons que os rodeiam. Com esta pesquisa poderemos, a partir das estruturas sonoras identificadas pelas pessoas surdas, propor contribuições para a construção dos espaços de modo universal para surdos e ouvintes. Os métodos a serem utilizados na pesquisa serão entrevistas individuais ou coletivas com pessoas surdas. As entrevistas poderão ser transcritas ou gravadas, neste segundo caso, posteriormente transcritas para guarda do material, mantendo-se o anonimato do entrevistado.

Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e o Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. **Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa.** Eu discuti com a pesquisadora Juliana Simili de Oliveira sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso ao andamento da pesquisa e informações coletadas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e



poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos e sem a perda de atendimento nesta Instituição ou de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Nome do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

**JULIANA SIMILI DE OLIVEIRA**

Nome do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável

*Se você tiver qualquer consideração ou dúvida, ou mesmo se quiser ser informado a respeito dos resultados do trabalho, pode entrar em contato!*

**Pesquisador Responsável:** Juliana Simili de Oliveira  
E-mail: julianasimili@gmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/HUCFF/UFRJ** – R. Prof. Rodolpho Paulo Rocco, n.º 255 – Cidade Universitária/Ilha do Fundão - Sala 01D-46/1º andar - telefone 3938-2480, de segunda a sexta-feira, das 8 às 16 horas, ou por meio do e-mail: cep@hucff.ufrj.br.

## APÊNDICE 4 – Transcrições das entrevistas

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE BA

**Identificação:** BA; idade: 32; sexo: masculino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita genética; Grau de surdez: moderada (40-45 a 60-70Db) no ouvido direito e severa (80-90Db) no ouvido esquerdo; Sua família é de pessoas surdas.

#### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**BA:** Hospital... na área médica, na área da saúde se usa muito esse sinal!

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**BA:** Porque atrapalha as pessoas que estão ali... às vezes está acontecendo uma cirurgia e se tiver algum grito pode interferir nessa questão da saúde... tem que ser um espaço calmo, evitar que atrapalhe com gritos, barulhos...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**BA:** O quê que eu sinto nesse lugar? Não sei... é um lugar que a gente faz tratamento pra pessoas doentes...

**P: Mas em relação ao som?**

**BA:** Bom, eu acho que é um lugar de silêncio... não tem som... às vezes algumas pessoas gritam, enfim, isso acontece na sociedade... mas eu não sinto nenhum um tipo de barulho ali...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**BA:** Eu não sinto absolutamente nada... nada! Eu não consigo sentir nenhum tipo de vibração... Agora na rua tem... na rua eu sinto vibração, as coisas se movendo... mas no hospital não... no hospital é lugar de completo silêncio! Às vezes, por exemplo, eu não sei se durante uma cirurgia ou quando vai tomar alguma injeção alguém pode gritar, mas eu não escuto nada disso.... Eu já fui uma vez na Clínica da Família e é um hospital que o material não é de madeira, é de ferro... também na UPA 24horas os materiais são de ferro, ai eu sinto ali... todo o entorno é de ferro... não é como aqui, concreto... ali a estrutura das paredes é de ferro, então eu consigo sentir uma vibração ali... eu sinto essa vibração por conta do som... por exemplo, se uma pessoa grita na hora de uma injeção, eu consigo sentir essa vibração, mas em um hospital que a parede é feita de concreto, eu não consigo sentir nada...

#### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**BA:** Uma boate... tem muito barulho ali, tem muito som! Também um show... Tem também no trem... muita gente falando, eu consigo sentir o barulho! Só.... Eu acho que é isso... sinto também se eu tô de carro... eu sinto isso na avenida...”

## **2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**BA:** Porque o som é emanado pra mim... então eu sinto aquele som, aquele barulho... é como se fosse um ronco de um motor tremendo a todo momento... também no trem... as pessoas estão falando muito ali no trem... eu não escuto as palavras que eles falam, não... eu só escuto o som... eu sei que tem algum barulho ali! Às vezes, uma pessoa fala mais alto e eu sinto... aqui as pessoas falam muito alto, tem gente que fala muito alto, então eu consigo perceber isso! Agora, se a pessoa fala mais baixo, eu não sinto a vibração... agora, se ela grita, sim... eu sei... eu penso ‘não precisa gritar assim!, sabe?!’... e eles não estão nem falando comigo... eles estão falando entre eles e estão gritando! Então, eu acho que o trem tem muito barulho! E aí é por isso que as pessoas falam mais alto... bom, eu acho que é por isso, eu acho, não sei...

## **P: Então muito barulho te incomoda?**

**BA:** Sim, se tem um barulho eu me sinto incomodado... porque eu tô acostumado desde sempre ao silêncio, mas como em um ouvido eu tenho a surdez moderada, às vezes eu tenho algum tipo de interferência... então isso me incomoda! Agora se eu tivesse surdez severa em ambos os ouvidos seria melhor!

## **3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**BA:** É... eu me sinto um pouco incomodado... porque, por exemplo... no ônibus, no trem, eu não consigo dormir, porque ele trepida muito... aquele movimento repetitivo da trepidação não me deixa dormir... então eu preciso realmente de um silêncio absoluto, de uma tranquilidade pra conseguir... tem outros surdos que conseguem... se for uma surdez profunda dorme direto... eu fico admirado, porque eu não consigo... por conta desse barulho... é uma repetição, parece que é um som contínuo ali, uma trepidação... eu sei que tem sons diferentes, mas eu sinto dessa forma...

## **P: Então tem ritmo?**

**BA:** Sim, tem ritmo esse som!

## **4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**BA:** Bom, na boate eu vejo uma caixa de som bem grande que o tempo inteiro sai som... eu vejo pessoas gritando, porque elas estão cantando a música... de acordo com a música... tudo isso eu vejo, me atinge de alguma forma... só... também o pé [ele faz um ritmo batendo as mãos na mesa]... ou a forma como eles estão dançando, se o piso for de madeira, eu sinto mais isso... Bom... o trem, ele é fechado e é um barulho que parece que vem de baixo... e também, como eu disse, as pessoas falando, eu observo isso... e às vezes também tem vendedor de balas que fica gritando ali o tempo inteiro ‘água! É um real! É um real! É dois reais!’... E ficam gritando o tempo inteiro ‘olha!’ e ficam mostrando o produto!

## **PARTE 3/3**

### **1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**BA:** Eu sou surdo, a minha língua é visual e espacial, diferente dos ouvintes, que usam uma língua oral-auditiva... a minha língua é visual e então com relação a essa parte auditiva eu não entendo nada... bom, como uma questão oral por vezes eu coloco alguma palavra errada, mas na Libras eu tenho uma fluência e eu consigo fazer 'N' sinais, infinitos sinais dentro da minha língua... eu gosto, eu me sinto muito bem com a minha língua e com a minha cultura, que são diferentes... parece que eu sou diferente no mundo e eu gosto!

**BA:** Uma característica minha?! Do meu jeito, você diz? Algo relacionado à cultura surda é a parte da visão, que o nosso campo visual é maior, nosso campo visual é mais amplo, é de 180° [ele demonstra esse ângulo com os braços] ... o surdo potencializa essa parte visual... se alguém sinaliza para os lados, o surdo consegue perceber de forma mais rápida! E também se uma pessoa está bem distante, a gente consegue conversar, porque consegue se ver! O ouvinte já não conseguiria... ele teria que gritar ou ir se aproximando pra conseguir conversar! A gente pode conversar de frente, através de um espelho ou de um vidro, já o ouvinte não conseguiria... ele precisaria abrir ali... por exemplo, quando a gente tá no ônibus... um tá no ônibus e o outro tá fora, a gente consegue conversar... a gente tem um tempo a mais pra conversar! O ouvinte já corta essa interação antes... Então, enfim, é uma característica positiva!

## **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**BA:** Como?! Não sei... eu sempre ando pelos mesmos lugares... O que é um lugar diferente que eu nunca fui? Não sei... não tenho ideia... como algo de diferente? Me dá um exemplo...

**P:** Quando eu vou a um lugar novo, que eu não conheço, eu olho o caminho que eu posso fazer para chegar nesse lugar... eu ouço o som das pessoas e me direciono... o que te chama a atenção em um caminho novo na cidade?

**BA:** Bom, eu me lembro, por exemplo, uma vez eu fui à casa de um amigo surdo, que morava em um prédio e aí ele não me falou qual era o número... ele só me falou o número da rua e o número do prédio, mas não me falou qual era o andar... e aí o celular dele tinha descarregado, então eu precisava falar com ele pra conseguir chegar lá! Então eu fui subindo todos os andares, fui procurando de porta em porta, fiquei perguntando para as pessoas 'mora um surdo aqui?' e alguém falou 'ah! Mora! Acho que é no 3° ou 4° andar!'... e aí nos andares tinham quanto portas e eu ficava olhando para as portas... aí na porta da casa do meu amigo tinha um desenho em *Sign Writing*, em Escrita de Sinais, aí eu vi e na hora eu associei 'É aqui que ele mora!'... Então foi um lugar diferente que eu fui a primeira vez e eu observei isso... Bom é a única lembrança que eu tenho... de mais lugares eu não tenho!

## **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**BA:** Mais as placas... as placas me ajudam muito, porque essas placas me passam informações... por exemplo, se eu estou de carro, eu consigo ver pra que lado eu tenho que ir... se é pra direita ou pra esquerda... quando eu vou pra São Cristóvão, eu sei que é a direita... isso facilita muito... porque aqui no Rio é um lugar muito extenso, é muito grande, então por vezes a gente precisa dessas placas... Aqui também tem uma placa indicando Hospital Universitário, pra onde é... por vezes essas placas são falhas, eu sei, mas, os surdos sonham, na verdade, é que tenha ali a *Sign Writing*, a Escrita de Sinais, pra ajudar a gente a conseguir... isso facilitaria muito! Ah! Lembrei agora! Uma vez eu fui ao Aeroporto do Galeão.... Chegando lá, eu vi um vídeo em Libras passando informações... como que você pode

chegar até o seu voo... eu vi e pensei “Que maravilha! Isso me ajuda muito!”... Foi um lugar que eu cheguei e já observei isso! Mas isso não é sempre, sabe?! Isso aconteceu por conta das Olimpíadas e aí depois desapareceu...

#### **4. O que é o "som" para você?**

**BA:** “Bom, eu sou surdo e muitos sentem o som, conseguem sentir... o som tem em qualquer lugar do mundo, não sou só eu, não são só os humanos, as coisas fazem som, tem som... materiais, mesa (ele dá um tapa na mesa com as duas mãos), tudo isso tem som... os animais têm som... as pessoas conseguem escutar o som, mas depende da modalidade da surdez delas... se for uma surdez leve dá pra escutar sim o som... agora se for uma surdez profunda, não dá, é impossível! Então é isso, eu acho que o som tá presente na vida humana todos os dias, é algo natural.

#### **5. Você percebe os sons? Como?**

**BA:** Por exemplo, mais ou menos aos três anos eu comecei a perceber os sons, porque eu morava próximo ao exército, em Padre Miguel, e tinha ali perto o espaço militar de Deodoro e nesse espaço tinha também a vila militar naquela região, então tinham muitos soldados ali, e tinham também alguns aviões, que tinham um motor que tinha um som muito grande... então eu ouvia aquilo, já sentia aquilo, e ia até lá ver... e via eles até o momento do pouso. Então eu sentia aquele barulho muito forte, daquelas turbinas, e corria pra ver o avião... e depois tem também os carros que buzina, que eu também consigo sentir... e também quando toca a campainha, se for um barulho forte... o cachorro latindo... isso também incomoda um pouco... o gato eu não consigo sentir nenhum som que ele faz... o cachorro se for mais forte, eu consigo... e o passarinho emitir o som bem perto, eu consigo, mas se for distante, eu não consigo... se for um show, eu consigo perceber também diversos sons... mas mais fácil mesmo é o som do funk, por conta da batida, eu consigo perceber logo, outros não...

#### **6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**BA:** No meu cotidiano, acho que é só o cachorro, que tá sempre comigo lá em casa e eu percebo todos os dias esse som. Na minha casa, a televisão eu tiro o som porque a minha família é toda surda, então a gente não precisa usar o som... então musica também não tá sempre na minha família... o telefone lá em casa, tem telefone, mas ninguém usa, então o som mais recorrente mesmo é o do cachorro. Se uma pessoa do lado de fora está chamando, o cachorro começa a latir e a gente já sabe logo que tem alguém lá fora. Então o cachorro ajuda muito a gente! Ele é meu amigo intérprete!

#### **7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**BA:** Um lugar tranquilo em relação ao som?! Eu prefiro um lugar que não tenha som nenhum... nem o cachorro! Pra eu poder ficar bem tranquilo! Uma praia sem pessoas... porque tem praia que tem tanto barulho, com tanta gente falando, as pessoas vendendo “picolé um real!”... Se for uma praia mais distante, depois de uma montanha, numa ilha, talvez... que não tenha som nenhum, aí seria um lugar tranquilo! O som do mar eu não consigo perceber... as pessoas já me falaram que tem som, mas eu não consigo ouvir...

#### **8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**BA:** Eu não gosto de trem! Porque é tanto som ali que eu não gosto de lá. Então eu evito usar o trem, eu sempre peço carona pra algum amigo surdo e a gente vai batendo um papo... É melhor... Nas avenidas tem menos sons, mas no trem toda hora entra alguém vendendo, é muita gente gritando...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**BA:** ...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**BA:** ...

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**BA:** Na verdade, eu já vi vários eventos, vários congressos, ou também associações de surdos... e nesses espaços tem às vezes *coffee break*, ele tá ali com o copo... ele tá lanchando e ele quer conversar também... então o surdo sempre fica perto da mesa, porque ele usa como estratégia apoiar o copo, ou apoiar a comida ali na mesa... e aí as pessoas olham e pensam 'nossa! Esses surdos são olho-grande! Querem ficar sempre perto da mesa!'... mas não é! A gente usa a mesa pra apoiar o que a gente tá comendo! Então eu acho que essa questão da arquitetura seria talvez fazer uma bancada, no entorno daquele espaço e no fim da festa fechar aquela bancada... e no momento do *coffee break* levantar a bancada! Porque ai a gente não precisaria ficar perto da mesa! A gente poderia se deslocar naquele espaço, apoiar o copo e continuar o copo e continuar nossa conversa... e quando sentisse necessidade, usasse aquela bancada! Então acho que isso seria uma questão arquitetônica a se pensar! Porque senão a gente fica ali o tempo todo em torno da mesa, parece que a gente tá cuidando da mesa, cuidando da nossa comida!

**P: Então seria uma arquitetura que permitisse a vocês manter uma conversa?**

**BA:** Sim, isso ajuda muito! E também ajuda a evitar acidentes! Porque por exemplo, a gente às vezes tá com um copo de vidro e está conversando, às vezes pode bater, derrubar aquele copo... então isso faz parte da comunicação até mesmo por questão de proteção! Então eu acho que são esses os dois fatores principais! Imagina... a gente está conversando e por vezes pode esbarrar, pode se sujar, o copo pode vir a quebrar...

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE CG

**Identificação:** CG; idade: 39; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: adquirida aos 2 anos; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ )

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**CG:** Eu penso em Hospital.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**CG:** Eu lembro sempre desse sinal quando eu passo de carro... em todo hospital sempre tem uma placa falando de silêncio. Logo eu associo que não posso buzinar! E também dentro não é um lugar onde pode-se fazer muito barulho, apesar de que sendo surdo a gente acaba fazendo, porque não tem muito a noção do som.

**P: E nas ruas?**

**CG:** Silêncio só me remete a hospital!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**CG:** Pra mim é igual... o silêncio... eu não falo! ". Por exemplo, o surdo às vezes fala muito alto. Às vezes pode sair o som, mas aí você lembra que neste lugar tem que ter o silêncio. Na verdade, eu me atento mais pra fazer silêncio, fico mais controlada! Por exemplo, eu desligo o celular porque é um lugar que remete ao silêncio. Outro exemplo, o salto do sapato/diferentes pisos... a gente se controla pra não bater com o pé, porque surdo percebe muito quando tá batendo, por conta da vibração...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**CG:** Pra mim um lugar de silêncio me remete à essência, à calma, à cor branca, à natureza/arborização, à cachoeira... Como se fosse um lugar assim esse sinal. Normalmente, para o surdo, o silêncio é como se fosse uma solidão, mas para mim não é. Pra mim, o silêncio não me traz solidão... porque eu vejo muitos surdos dizerem que se sentem sozinhos por causa do silêncio, mas para mim não é isso! Pra mim o silêncio é bom e pra mim o ouvinte e o surdo são pessoas. Não é porque é surdo ou é ouvinte, é porque são pessoas! É uma pessoa como outra qualquer...

**P: Quando eu quero aprender Libras quando terminar o Doutorado...**

**CG:** Aprenda sim! Em que você faz Doutorado mesmo?

**P: Arquitetura...**

**CG:** Já que estamos falando em Arquitetura, é bom lembrar do visual. Na minha sala [de trabalho], eu pedi para colocarem um espelho grande, porque consigo ver o movimento, o que está acontecendo.... Ambiente com muita informação, como uma mesa com um arranjo de flores grande no meio.... As pessoas não vão conseguir conversar, é um empecilho visual. Muita informação não é bom para o surdo, tem que ser uma coisa mais minimalista. E tem que ter boa iluminação!

## **PARTE 2/3**

- 1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”.  
Que lugar é esse?**

**CG:** Esse sinal me lembra o Centro, a Presidente Vargas, a obra, canteiro de obra... à noite, uma danceteria. Por exemplo, onde eu moro, dentro de casa, eu sempre me atento para o meu filho não fazer barulho, por causa do vizinho embaixo...”

- 2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**CG:** Porque eu vejo que são muitos carros passando, apito de guarda... então eu imagino que seja bem barulhento! Às vezes eu vejo a janela aberta, o barulho da porta batendo, o vento, às vezes... por exemplo, às vezes estou em casa e tem muito vento, tem o barulho da porta fechando e penso “mas eu fechei tudo!”... Mas é o barulho do vizinho!

- P: E como você percebe esse barulho do vizinho?**

**CG:** [Ela dá um tapa com as duas mãos, como se ela de alguma forma percebesse o impacto]. É como uma vibração... um ‘BUMMM’! Por exemplo, na minha casa, às vezes eu não estou percebendo e o cachorro me avisa.... Faz um barulho e ele olha.... Aí eu olho e vejo que tem alguma coisa... às vezes é a campainha tocando, o cachorro vai e olha para a porta, aí eu sei que tem alguém na porta. Lá em casa tem a luz [de campainha], mas às vezes, como é só na sala, no escritório e no quarto... às vezes estou em outro quarto e não consigo ver, mas aí o cachorro me avisa!

- P: Então você percebe mais o som pelos movimentos e vibrações?**

Sim, porque ele sabe que alguém chegou, que tocou campainha, essas coisas... às vezes quando o cachorro tá latindo eu sei que não é alguém tocando, eu sei que é o cachorro do vizinho... eu consigo diferenciar... já acostumei já...

- 3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**CG:** Eu sinto incômodo... eu prefiro ficar quietinha, no silêncio... muito som não é bom! É diferente um ambiente com música, a sensação é diferente... não me incomoda...

- 4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**CG:** É incômodo, é escuro, irritação, chato... Pra mim é um incômodo como se arranhasse uma superfície com a unha... dá um nervoso! Mas isso depende muito do surdo também...

- P: Mas para você escuro é barulhento?**

**CG:** Sim!

## **PARTE 3/3**

- 1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**CG:** É ser uma pessoa, que a única diferença é a língua! Porque às vezes o surdo... ele pode nascer sem ouvir e ela pode escolher não usar a língua de sinais...

**CG:** Difícil! Acho é força! Porque eu consigo tudo! Fazer as coisas! As pessoas me perguntam como eu consigo fazer as coisas sendo surda, mas eu tenho a vida, a rotina, como de qualquer outra pessoa, a única diferença é que eu não ouço! Eu me adapto às situações!

**2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**CG:** Eu percebo o movimento das pessoas. O corpo fala... eu observo muito a movimentação das pessoas, como elas se posicionam...

**3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**CG:** “Olhar para as placas... sempre placas! Por exemplo, quando eu fui pra Costa Rica, junto com quatro surdos, a gente estava dirigindo e às vezes tinha lugar que não tinha placa e eu peguei o mapa... porque eu tinha medo de confiar no GPS... e a gente ia seguindo pelo mapa e ia memorizando o local... mas porque não tinha placa. Então a falta de placa dificultou um pouco”.

**P: Mas no seu dia-a-dia acontece o mesmo? Andando pela rua você olha as placas?**

**CG:** Quando eu já conheço o local, eu não sigo as placas... só quando é um lugar novo, aí eu olho as placas, mesmo andando a pé... e quando não tem as placas eu pergunto pra alguém, mas sempre procuro as placas.

**4. O que é o "som" para você?**

**CG:** Pra mim o som é uma coisa abstrata... por exemplo, o mar... eu vejo o mar, eu sinto o cheiro, mas o som, é uma coisa abstrata...

**P: Como coisa abstrata, o que você pensa ser o som?**

**CG:** O som eu acho que é algo que eu sei que tem ritmo... é como se fosse o vinho... tem o vinho mais forte, o vinho mais fraco... então eu sei que o som tem vários ritmos... eu sei que existe isso... é igual o cheiro... tem cheiro forte, tem cheiro fraco... tem o som forte, tem o som fraco... então é isso... eu não escuto, mas eu sinto a vibração/metro e transformador da Light, então eu sei quando o som é muito alto, quando é mais fraco...

**5. Você percebe os sons? Como? Você disse pela vibração, mas tem mais alguma coisa?**

**CG:** Às vezes eu vejo pela forma como as pessoas estão reagindo... por exemplo, um local deserto... eu sei que ali não tem muito som... talvez possa ter o som do vento batendo na árvore (sacode as mãos como se tivesse balançando) ... ou, por exemplo, um local onde as pessoas estão brigando... ali eu sei que está tendo uma gritaria, porque eu estou vendo a reação das pessoas... por exemplo, avião... eu sei que o barulho da turbina é alto, porque eu sinto... então eu sei que aquele barulho é alto... o cavalo, quando ele tá galopando, eu percebo o galope... então eu vejo pelas reações.

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**CG:** Eu estou mais em contato com a natureza... porque eu moro longe do Centro... por exemplo, tem um gato, que vejo que ele sempre fica esperando... e acompanho muito as reações do meu cachorro... então tem um gato que tem lá perto de casa que sempre fica atento quando um carro tá chegando... então eu sei que tem carro chegando... eu também sei que alguém está vindo porque meu cachorro levanta as orelhas... então essa é a forma de eu ter essa percepção... por exemplo, se não existissem esses animais, provavelmente eu teria uma surpresa, um susto...

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**CG:** É um lugar... depende do meu dia... mas normalmente um lugar silencioso, sem som nenhum, como se fosse uma meditação, mas não é uma meditação... por exemplo, a gente foi gravar uma matéria sobre agrotóxicos e o senhor lá da fazenda falou assim “eu não consigo ficar na cidade, por causa do som”, então para ele aquele silêncio é bom... eu, tem dias que eu quero ficar sem barulho... e acho que pra ouvinte também é assim... tem dias que a gente quer ficar quietinho...

**P: Então esse ambiente agradável é silencioso? Pouco movimento e pouca vibração?**

**CG:** Sim, muito movimento me incomoda.

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**CG:** Muito movimento, muita vibração me incomoda...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**CG:** Centro.

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**CG:** Minha casa.

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**CG:** Não...

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE CR

**Identificação:** CR; idade: 38; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação em andamento; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**CR:** Hospital.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**CR:** Porque no hospital, se as pessoas gritarem, falarem, as pessoas que estão ali sendo atendidas podem ficar doentes, podem ter algum tipo de estresse... então por isso que o silêncio é necessário... às vezes tem cirurgia, as pessoas sendo tratadas, dormindo, enfim, outras coisas que acontecem no hospital... então para respeitar essas pessoas o silêncio precisa acontecer!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**CR:** Assim, antes eu tava junto com a minha mãe, eu ia com a minha mãe para o médico, nos hospitais, agora eu vou sozinha... A minha mãe me explicava as coisas... Quando minha mãe veio a falecer eu fiquei sozinha, mais desesperada... aí eu comecei a ir nesses locais sozinha... então tentei me comunicar e isso realmente aconteceu... claro que o intérprete é importante, eu preciso dele nesse movimento, agora comigo sozinha eu vou... e aí, por exemplo, na área ginecológica, que eu vou alguns momentos, eu peço à secretária “eu sou surda, você sabe, né?! Tem que me chamar acenando!”... são as informações que eu dou, porque eu não vou tá ouvindo... aí as pessoas foram e quando chegou na minha vez ela falou: “agora é sua vez”... aí eu entrei e sentei, e então o ginecologista perguntou se eu era surda e eu falei que sim... Aí eu fui explicando, escrevendo, enfim, é mais ou menos isso que ele foi entendendo e vendo... eu fazia um pouco de leitura labial... e aí algumas coisas eu não entendia, algumas coisas ele escrevia para mim, ficava mais fácil escrever... a gente conversava assim e fazia esse diálogo para descobrir o que tava acontecendo comigo e depois eu fui tirar sangue e fazer umas coisas... então é uma relação, nesse médico onde eu vou, que é mais tranquila, é uma relação leve... em outros médicos, quando eu vou com meu filho, por exemplo, quando ele caiu e bateu o queixo e machucou... e é uma coisa grave, séria, e aí eu peguei ele pra levar para o hospital e quando chegou no hospital teve todo um trabalho de pegá-lo e de ir no médico, dizer o que aconteceu... mas as pessoas, sendo surda, e querendo tratá-lo, eu gosto muito de olhar, de conversar, de ter atenção! Aí eu falei que era meu filho, caiu, ele bateu ... tentando me expressar... a pessoa falou “aonde? Foi no banheiro?”... Aí eu fui tentando falar para eles compreenderem... Aí viram o que que era... E é isso, resolveu o problema. Mas meu marido ficou meio preocupado na hora e eu falei “fica calmo! Fica tranquilo!”... Acho que as pessoas ficam muito nervosas dentro do hospital, mas eu me sinto tranquilamente, bem... aí quando teve a cirurgia, eu tive que chamar um intérprete, porque realmente era importante!

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**CR:** Tem cama, tem os leitos, tem lá ao álcool constante para lavar a mão... o médico fala para lavar... e a do meu filho também! É mesa, as coisas sobre... tem muitas imagens para as crianças poderem ver

e se identificar e são até bonitas! Tem televisão, geralmente.... Tem a sala onde tem uma televisão de espera para as pessoas sentarem... é um local muito aconchegante! Da prefeitura e os estaduais eu nunca fui... esses são os particulares, que eu tenho mais frequência... eu achei bonito o espaço!

### **PARTE 2/3**

#### **1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”.**

**Que lugar é esse?**

**CR:** Locais que tem barulho, com música.... Porque eu sou surda, entende?! Mas visualmente sim... é outra relação! Se alguém se abaixa, com tiro, aí visualmente eu percebo o barulho, mas não ouvindo! Eu consigo [perceber] também o pandeiro, mas visualmente, ouvindo zero!

#### **2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**CR:** Pra mim, eu não tô sentindo nada! Se eu tô num local que tem música, com mais vibração, aí sim, eu sinto! Mas é só isso! Agora local aleatório não! Porque minha surdez é profunda, entendeu?! Então, às vezes quando tem fogos, aí sim, eu consigo sentir visualmente, mas eu sinto lá a pressão..., mas fora, na rua, não...

#### **3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**CR:** Quando a música está muito alta me incomoda! Me incomoda quando está muito, muito alto, porque é falta de respeito! E as pessoas precisam diminuir, isso realmente me incomoda, quando está aquele som estridente, uma vibração estridente... é só isso!

#### **4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**CR:** Ah! Tem um aparelho de som muito alto!

### **PARTE 3/3**

#### **1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**CR:** Pra mim é ótimo ser surda! É ótimo excelente! É maravilhoso! Eu amo ser surda! Não tenho nenhuma infelicidade por ser surda!

**CR:** Exemplo... quando algo tá errado eu fico muito agitada! Eu sou agitada, muito agitada, mas eu gosto das coisas certas! Quando eu viajo, eu fico mais tranquila... eu vou vivendo de acordo... eu gosto quando bato papo com meus amigos no bar, falo das novidades, da vida... com meu filho eu sou muito carinhosa! Com meu marido também, a gente tem uma relação muito fluida... quando tem algo errado a gente briga sim, mas é natural.... Eu vou vivendo de acordo com os momentos.

#### **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**CR:** Eu viajei recentemente pra Campos, por exemplo, eu posso dar esse exemplo... E aí lá foi a primeira vez que eu fui e a estrutura da cidade, o local era muito bonito, arborizado e isso foi legal! Eu amei pelo lugar, de ter árvores, um local bem arborizado... acho que isso foi interessante!

#### **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**CR:** Aconteceu, por exemplo, de meu pai ir junto comigo em um lugar, no médico, pra ver a questão de ouvido e tal... aí eu tava com meu filho e meu pai foi junto comigo... a gente tava chegando no local

e aí teve uma figura lá no local que chamava minha atenção... eu fui gravando isso, nessas imagens da rua para poder ver... aí depois quando a gente voltou e o pai não sabia... ele falou "você pode ir sozinha? Você sabe onde é?"... Eu falei "Ah! Eu lembro! Eu sei!"... Ele falou "lembra? Como foi que você decorou lá o local? Impossível!"... Ai eu falei "não, pai, eu decorei, eu me lembro!"...aí ele falou "vamos ver se você lembra, mas cuidado!"... aí eu falei para ele não ficar preocupado, avisei minha irmã pra não ficar preocupada porque eu sabia o caminho... aí meu irmão falou "ela é visual, é muito tranquilo!"... eles começaram a discutir e meu pai falou "tá bom!"... aí eles sentaram e meu pai falou "você sabe mesmo a rua?" e eu falei "sei!"... aí eu nunca tinha ido lá, eu fui naquela primeira vez... eu fui gravando e eu cheguei no local e disse "eu sabia!"... e meu irmão que no dia tinha ido junto comigo disse "ela sabia!"... é por conta de ser mais visual, essas relações já aconteceram... são mais imagens...

**P: E alguma coisa te chama mais atenção nessa questão visual?**

**CR:** Ah! Tem várias coisas... exemplo... numa loja, um local que eu gosto... lá na Uruguaiana... acho que é um local que eu posso colocar como referencial... tem muitas lojas ali... aonde você vai tem muitas lojas, tem movimento, tem muita gente... eu lembro de uma loja que eu voltei, que eu era apaixonada, doida pra comprar alguma coisa lá... e quando eu voltei eu tava procurando, procurando a loja, eu queria saber onde é que era... eu fui vendo, lembrando onde é que era... o local, o caminho... eu lembrei que era uma loja que tinha muita iluminação na loja... muitas luzes... foi o que me fez lembrar, por exemplo... essas coisas!

**4. O que é o "som" para você?**

**CR:** Pra mim, nenhum... nada! Nada! Nada! Zero! Zero experiências...

**5. Você percebe os sons? Como?**

**CR:** Dentro da igreja, por exemplo, nos momentos musicais... deixa eu explicar... na verdade, é a voz... eu sinto, como eu não tô ouvindo, mais o jeito, as expressões... então isso, realmente... aí eu pergunto para as pessoas que estão do meu lado "a voz dela é boa? Da pessoa que tá cantando?"... Mas eu não tô sentindo, porque eu não escuto nenhum tipo de som... eu vou me baseando mais pela parte visual.

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**CR:** Em lugar nenhum.

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**CR:** Praia... Lugar calmo, tranquilo, vazio...

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**CR:** Lugar com muita gente, muitos movimentos, muitas pessoas! Gente todo dia passando...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**CR:** Um lugar que tem fogos... eu peguei o exemplo que eu dei antes... é esse local... porque em outros lugares eu não tô tendo referência auditiva nenhuma...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**CR:** Casa, um lugar que não tem barulho nenhum... na minha casa, por exemplo, não tem barulho!

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**CR:** Tá bom, tá excelente! Porque você foi perguntando, eu fui entendendo e a minha relação é mais visual mesmo, auditiva não... eu sinto, eu tenho mais a questão vibratória... se eu fosse ouvinte, claro e lógico que o som pra mim teria muito mais interesse! O movimento, a questão da visualidade... acho que tudo isso tem uma relação! Mas por ser surda profunda, então, o som pra mim não tem uma identificação tão presente, só na igreja mesmo que eu tenho mais a relação com o som, pela expressão, a música... eu gosto! Mas tirando isso...

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FS

**Identificação:** FS; idade: 34; sexo: feminino; escolaridade: Mestrado; Tipo de surdez: congênita (mãe teve rubéola); Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**FS:** Hospital... Pra evitar barulho, por conta das avenidas... porque precisa de silêncio, tem que respeitar aquele espaço por conta das pessoas doentes...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**FS:** Porque ali não pode ter gritos, não pode ter barulho, precisa ter esse silêncio... e também os ouvintes, porque os ouvintes entendem quando a gente faz esse sinal [ela faz o sinal de silêncio]... quando a gente faz assim os ouvintes conseguem entender que é pra fazer silêncio... então isso é algo que dá pra perceber tantos surdos quanto ouvintes!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**FS:** Quando eu vou lá eu vejo pessoas doentes, então... eu sou muito sensível... então eu sinto um desconforto, me sinto triste, me sinto de alguma forma angustiada... eu só fico feliz de ir a um hospital se for pra ver um neném nascendo! Aí eu fico feliz, de ver o neném, me sinto emocionada! Fora isso é por conta de doença...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**FS:** Ele tem uma série de limitações, porque eu vou ao hospital e nunca tem intérprete... eu sempre preciso trazer um intérprete ou alguém da minha família! Eu vejo que os hospitais têm muito a melhorar! Com relação também ao SUS tem muito corte de verba... então a gente vê nos corredores diversas macas ali... não tem intérprete, enfim... hoje aqui no Brasil, principalmente no SUS, eu vejo algo muito ruim em termos de saúde... porque aconteceu há pouco tempo um incêndio na escola e não tinha hospital, as crianças ficavam esperando por doação – você deve saber disso! – para as crianças serem atendidas no hospital, sabe?! Que isso?! Como isso funciona??? Material, diversos utensílios que precisam ser usados ali e não tem! É bastante triste...

**P: E quanto ao espaço físico? O que te chama atenção?**

**FS:** Eu percebo muitas falhas... no hospital particular a gente já vê diferente... também tem algumas falhas... tem muita fila, uma sala de espera longa, mas em termos de limpeza, em termos de médicos, é um pouco melhor... mas hospital pra mim já é mais complicado... nos corredores, tá sempre ocupado, as pessoas não estão só nos quartos... a gente fica pensando “mas não tem quarto adequado?”... Falta máscara e uma série de utensílios próprios de lá... a sua pesquisa é na área de hospital?

**P: Não, que é sobre som e espaço.**

## **PARTE 2/3**

- 1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**FS:** Não sei... diversos... um show tem muito barulho... pessoas conversando, batendo papo, tem muito barulho... por exemplo, se eu tiver em uma sala de aula, eu to ali ensinando, o barulho às vezes atrapalha, eu tenho que pedir silêncio! Numa avenida, numa rua, tem o barulho dos carros...

- 2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**FS:** Combina em termos auditivos, em termos de barulho mesmo... eu sou surda! Não escuto nada! Então não sei como te responder!

- P: Mas como você percebe o barulho?**

**FS:** Eu percebo pela vibração! Na boate, por exemplo, eu sinto essa vibração forte... às vezes o chão ali vibrando, os materiais, as coisas, os objetos vibrando... mas o som em si eu não escuto nada!

- 3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**FS:** Eu não sinto nada, eu não escuto nada!

- P: É indiferente?**

**FS:** É... se as pessoas estão conversando aqui, eu ignoro e continuo o meu trabalho! Então eu não escuto barulho nenhum! Se for numa boate, com aquele som ali mais forte, aí eu sinto uma vibração, mas fora isso não me incomoda... mais questões visuais que me incomodam, as sonoras não!

- 4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**FS:** Por exemplo, um dia eu senti e esse barulho tava me incomodando... tinha uma obra, com uma furadeira forte, e aquele barulho tava me irritando! Tava me incomodando! Eu conseguia sentir aquela vibração por conta do barulho da furadeira e por conta também do barulho da bateção de martelo! Agora conversas, isso não! Se eu to caminhando e tem uma furadeira, ai eu sinto que é um barulho mais incômodo! É isso!

## **PARTE 3/3**

- 1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**FS:** Eu sou surda e esse termo me remete à felicidade, porque antes, quando eu nasci, eu não tinha uma identidade surda... eu não sabia que eu era surda e eu me sentia muito sozinha ali no mundo... depois de um tempo que eu comecei a encontrar outros surdos e fui construindo essa identidade dentro do mundo dos surdos! Então eu me senti muito feliz e percebi que eu não era a única! E eu pude aprender Libras com 15 anos! Foi quando eu comecei a aprender Libras e a ter um contato com surdos e lutar realmente pela comunidade surda! Então até hoje eu luto bastante por isso e eu tenho muito orgulho de ser surda! E eu mostro que eu sou surda! E eu mostro que eu dou tão capaz quanto qualquer ouvinte! Eu não vejo o ouvinte acima de mim, nós somos iguais em termos de lutas e capacidades! A única diferença é a questão auditiva... só isso! Eu me sinto muito bem sendo surda e muito orgulhosa disso!

**FS:** Ah! Uma característica só minha é a minha felicidade! Porque eu me preocupo muito com a sociedade, principalmente com a comunidade surda! Porque eu vejo que eles têm muitas limitações em termo de escolas, pela questão do bilinguismo nas escolas, eu viajo bastante, eu dou muitas palestras, eu sempre informo isso... a questão da cultura surda, a questão do respeito à segunda língua do surdo... porque Português é a segunda língua... porque a Libras precisa estar inserida nas escolas... então eu tenho essa preocupação grande com a sociedade! Eu tenho um filho surdo e então eu dou todo apoio pra ele! Eu motivo ele, estimo ele todo tempo! E ele sabe muitas coisas, então eu não tenho uma identidade só, eu tenho múltiplas identidades! Eu tenho uma identidade de professora, eu tenho uma identidade de mãe, uma identidade de palestrante... eu não tenho uma identidade única!

## **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**FS:** A primeira vez que eu fui nos EUA eu fiquei um pouco preocupada, era a primeira vez que eu estava indo lá, não sabia como eu ia me comunicar, minha língua é muito diferente... só que eu não tive dificuldade nenhuma! Eu não vi uma dificuldade... eu não senti dificuldade em momento nenhum! Eu posso viajar e eu vou a qualquer país... Eu cheguei lá e uma coisa que me chamou muita a atenção já “de cara” foi a comunicação em um restaurante. Veio um garçom e ele falava, falava, falava, e eu não estava entendendo nada! E eu falava que eu era DEAF (surda em inglês) ... aí ele olhava para mim e eu fui e expliquei no papel... isso foi um desafio para mim! Porque eu tive que escrever em inglês e eu sei pouco em inglês... eu não sei inglês a nível mais a fundo, então eu tentei colocar da forma mais simples ali. Então, isso foi um desafio inicial! Agora, depois disso eu fiquei tranquila e comecei a frequentar qualquer lugar que tinha naquele novo país!

## **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**FS:** Eu acho importante todos os lugares terem intérpretes! Porque os surdos em muitos lugares não conseguem se comunicar, tem que escrever... então, eu acho que assim, o meu sonho é eu chegar em qualquer lugar e ter intérprete. Ou por exemplo, alguém que saiba Libras ali.

## **P: E se você está andando sozinha por um lugar, o que você olha nesse espaço para se orientar?**

**FS:** Bom, eu sou visual, então eu olho placas! O nome do lugar, o nome da rua... isso tudo eu olho bastante... se não tem nada ali escrito, eu fico andando meio que sem direção! Então é bem importante essa questão visual, com placa dizendo pra onde eu tenho que virar, eu já sei que ali o nome da rua é esse... então eu me sinto mais segura quanto a isso! Antes isso tinha em menor quantidade, hoje em dia isso já tem mais essas informações com relação à direção que eu devo seguir! Se não tem nada, torna-se bastante complicado.

## **4. O que é o "som" para você?**

**FS:** Som é voz, é o grito... mas eu não sei, pra falar a verdade... como eu vou saber? Eu sei a minha voz... eu não uso a minha voz, eu uso a Libras pra me comunicar... Eu bato papo através da Libras, eu não preciso da minha voz! Agora se for uma pessoa que não sabe Libras, aí eu tento utilizar a minha voz porque eu sinto que se eu usar a voz, eu controlo o meu tom de voz... eu sei que tem que ser um pouco mais baixo... a minha própria voz! Agora das outras pessoas eu não sei... eu sinto a minha própria voz como som. Eu sei que às vezes tá muito alto e eu preciso diminuir a minha voz!

## **5. Você percebe os sons? Como?**

**FS:** Não, eu não percebo os sons...

**P: Nunca?**

**FS:** Não.... Perceber o quê? O "R"? Eu consigo palavras... se a pessoa tá falando, eu consigo perceber o que ela está falando, eu faço uma leitura labial... agora qual palavra é, não...

**P: Mas independente da língua, o som do ambiente...**

**FS:** Nada! Zero!

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**FS:** Na minha família são todos surdos.... Eu, meu marido, meu filho... Só a babá é ouvinte.... Então, antes, quando eu morava com a minha mãe, os pais são ouvintes, eles falavam, então às vezes eu sentia ali alguma vibração..., mas na minha casa eu não sinto nenhum tipo de som!

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**FS:** Assim, depende.... Qualquer lugar? Então, tem que ser um lugar muito tranquilo, como uma praia, ou um sitio... coisas que não me relacione a trabalho, ou coisas não relacionadas a estudo... pra que eu possa relaxar a mente, que eu possa ficar tranquila... um lugar que eu fique de boa... por exemplo, na minha casa é um lugar que eu me sinto bem... aqui também no trabalho, eu gosto muito daqui, eu também me sinto bem!

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**FS:** Então, com cheiro de cigarro, pessoas fumando, essas coisas me incomodam muito! É lugar pra mim desagradável! Um lugar que tem muito barulho, muita circulação, muito problema, eu me sinto incomodada, eu realmente não gosto.... Eu gosto de lugar mais tranquilo, mais calmo.... Muita movimentação, como, por exemplo, rua... gente circulando muito próxima da outra me deixa incomodada!

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**FS:** Um lugar que eu percebo as pessoas brigando, discutindo, pelo jeito como eu vejo... É sempre muito visual! Como elas estão se expressando eu vejo que são pessoas barulhentas fazendo muito barulho! Agora se são pessoas mais tranquilas, mais serenas, eu consigo perceber que não é tão barulhento! Então é tudo muito visual!

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**FS:** Depende.... Por exemplo, tem dias que aqui está mais barulhento, tem dias que está mais com silêncio... Por exemplo, ontem aqui estava super tranquilo, tava sem movimento, com poucas pessoas, então estava sem barulho!

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**FS:** Eu acho que é muito importante para o cego... na rua precisa ter o som ali para ele, para ele saber quando tem que atravessar, quando não tem ninguém ali para ajudar ele! Eu fico achando que isso deveria mudar! Por exemplo, como o surdo é muito visual, nós já temos esses recursos, os semáforos está ali. Mas e o cego, como ficaria? Pensei em colocar algum apito, ou algum aviso sonoro pra avisar que tá passando carro, com som diferenciado pra avisar que pode atravessar... acho que seria interessante! Porque o cego quando ele está andando tem que ficar ali aguardando uma pessoa que se disponibilize para atravessar ele ali na rua. Aí isso incomoda de ficar nessa dependência das pessoas!

Tem pessoas que não querem ajudar, e ele fica ali durante muito tempo.... Então é importante criar um lugar, uma cidade, um ambiente que seja disponível para todos! Por exemplo, no semáforo, tem pessoas que são um pouco mais baixas, pode ter ali também o braile que vai ajudar ele em alguma coisa, ou um som que vai avisar ele que pode atravessar a rua ou não... acho importante... e é isso que eu queria acrescentar aí! Essa acessibilidade para as pessoas pelas ruas, seria interessante!

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE IB

**Identificação:** IB; idade: 27; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação em andamento; Tipo de surdez: congênita (mãe teve rubéola); Grau de surdez: moderada (40-45 a 60-70dB).

### **PARTE 1/3**

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**IB:** Eu entendi... mas eu tô com uma dúvida... como assim? Que lugar? Em que sentido?

**P: O primeiro lugar que vem na sua cabeça...**

**IB:** O silêncio associado a um local... mas tem que ser um lugar que eu frequento?

**P: Qualquer lugar...**

**IB:** O hospital, por exemplo...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**IB:** Porque no hospital, você não pode falar muito alto, fazer muitos sons, porque atrapalha as pessoas que estão internadas, os pacientes... para evitar que cause algum dano emocional... para evitar esse tipo de acontecimento... é uma coisa emocional...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**IB:** Normal... eu não senti diferença porque eu tava vendo a placa de aviso pedindo silêncio, mas tem algumas ocasiões que eu encontro alguns amigos meus surdos e tem a placa de silêncio, mas como a gente fala em língua de sinais, o silêncio não está sendo afetado... eu só falo “por favor, não faz nem um som com a sua voz, nem um gritinho, nem nada sonoro... fala só em língua de sinais!”... Aí a gente já combina e tem uma conversa silenciosa...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**IB:** Bom, o hospital, pelo que eu vejo é um lugar para cuidar de pessoas... é um lugar que eu vejo que tem muitos médicos, muitos enfermeiros, muitas macas e o principal, pelo que eu vejo do objetivo desse lugar é pensar na saúde e cuidar de pessoas...

**P: Fisicamente alguma coisa te chama a atenção?**

**IB:** Não. Eu vou muito a hospital, em alguns momentos... eu fico mais, na minha frequência no hospital, lá no Caxias D’or, onde eu vou, as pessoas me tratavam muito bem, mesmo sabendo que eu era surda... isso eu achava interessante! Iam explicando as coisas, como chegar... eu acho que o tratamento! A principal coisa que eu penso é o tratamento...

### **PARTE 2/3**

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**IB:** Na rua! Principalmente no centro... nos centros, onde tem muito movimento... é muito movimentado, né?!

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**IB:** Por conta dos carros, buzinas, apitos dos guardas, aquelas britadeiras para fazer a obra, principalmente! Me incomoda bastante!!! E também dentro do trem, por conta dos barulhos, das campainhas das portas, das sinetas... e no metrô também!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**IB:** De tensão... e me dá muita agitação por conta dos barulhos! Porque a minha surdez não é profunda, ela é moderada, então eu escuto mais ruídos e várias mais coisas...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**IB:** Eu vejo mais as coisas ruins, né?! Buzinas toda hora... me incomoda bastante ficar vendo buzina tocando toda hora! É isso!

**PARTE 3/3**

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**IB:** Para mim, eu sinto um privilégio! Eu me sinto privilegiada, porque eu sei que a palavra surdez dá uma ideia de muitas limitações, mas limitações que são sociais, porque a sociedade não consegue enxergar essa questão da surdez, que nós somos normais, que temos as nossas especificidades e temos nosso valor! E, para mim, a surdez me torna um igual. Eu não vejo diferença das pessoas que escutam só porque eu não escuto. Só porque uma pessoa tem uma audição e eu não tenho, não significa que eu não sou feliz! Então, eu nasci surda por conta de uma doença chamada rubéola e a minha família ela sempre me tratava, me apoiando muito bem, frequentava as minhas escolas aonde eu era a única surda... eu frequentei mais a fonoaudióloga com 12 anos de idade mais ou menos... e a família me ajudou muito, muito, a conseguir falar bem... a minha família me ajudou muito a me comunicar... Então eu não vi limitações! As limitações que eu encontrei depende muito das pessoas! Um exemplo disso é quando alguém fala de maneira muito baixinha e eu não consigo ouvir... ou alguém tem bigode e atrapalha um pouco na oralização... é uma limitação de pessoas, nessa questão... Agora enquanto sociedade, eu me sinto feliz! Por que eu me sinto feliz?! É uma brincadeira, uma piada agora... porque eu posso dormir tranquilamente... é um mosquito que pode ficar no ouvido zumbido e beleza, eu não vou tá ouvindo, eu vou tá dormindo! Alguém pode soltar fogos eu vou estar dormindo bem... é claro que como a minha surdez é moderada, algumas coisas se eu consigo escutar... mas eu me sinto bem! O meu noivo, pena pra ele, infelizmente, ele escuta... então ele ouve muito mais coisas do que eu!

**P: Uma curiosidade: tem algum outro surdo na sua família?**

Não, só eu!

**IB:** Uma característica minha, é que eu sou agitadíssima! Com uma curiosidade muito aguçada, muito curiosa... uma pessoa boa... gentil, eu diria... e simpática também!

**2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**IB:** Duas semanas atrás ... eu vivo no rio há 27 anos... sempre andando aqui pelo Rio... E aí eu não percebia um lugar e uns amigos meus ouvintes falaram "vamos nos encontrar!"... e a gente foi lá no Real Gabinete Português, um lugar ali no centro, perto do SAARA, aqui no Rio de Janeiro! E aí quando eu cheguei nesse local, eu fiquei admirada com espaço, as construções... E aí eu perguntei, por

curiosidade, para as pessoas que estavam lá “tem algum livro que fala sobre a questão da surdez?”... E as pessoas foram lá pesquisar e disseram que de surdo não! Mas aí eu falei “E de surdo-mudo?”... Aí ela foi, falou que tinha por aí, e eu achei isso legal! Aí eu perguntei se eu podia ver... aí ela marcou e pegou um livro lá e eu fiquei realmente admirada, eu não acredito nisso! Mas tava fechado lá na hora, mas eu fui sozinha neste local e depois fiquei admirado com o espaço, com a história, tudo isso! Eu vivo há muitos anos no Rio mas eu nunca imaginei que tinha naquele espaço algo assim!

### **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**IB:** Eu fui lá no Shopping Village Mall, perto da Barra.... Quando eu fui pela primeira vez eu estava andando e o que me ajudou no caminho foram as lojas de grandes marcas.... Eu geralmente me identifico assim... aí eu consegui... eu não conheço a palavra... eu sou boa nessa questão de ficar vendo a lateralidade... lado esquerdo ou direito e tal... um cinema.... Essas coisas eu vou marcando! Eu vou lá a primeira vez e eu já consigo gravar isso mentalmente! Eu fui junto com a minha amiga em outro local, lá no Saara, ali no centro do Rio, que é uma rua cheia de lojas e ela precisava comprar uma coisa, ela é ouvinte e não sabe a Língua de Sinais... Ai eu vi um preço barato em um lugar e eu disse “vamos ver outro local”... ai ela disse “você grava?”... Ela sabe que eu sou boa nessa questão de olhar o nome da loja e gravar, aí a gente foi olhando os preços e o lugar que a gente foi a primeira vez tava mais barato... aí eu falei “vamos comprar lá trás, onde a gente viu que era mais barato, no mesmo lugar”... aí a gente foi andando voltando pra esse local e eu deixei ela para ver onde é que era... e ela chegou no local e ficou meio perdido! E tava no mesmo do caminho que a gente tinha ido antes, só que a gente estava um pouco pra frente! E aí ela meio que se perdeu no caminho lá na hora e ela pensou “onde é que isso?”... E não mudou a rua! Era a mesma rua onde ela estava perdida! Aí eu peguei ela e deixei lá, aí ela entrou lá depois comprou... Mas ela mesma tinha ido no local e não se identificou! Então ela até brincou comigo “ah! Eu não sei como você conseguiu!”... Mas eu lembro pela questão visual, o quê que tinha na loja do lado... um referencial que eu peguei... tinha um restaurante... ah! Um bar! Aí eu gravei e lembrei!

### **4. O que é o "som" para você?**

**IB:** Ah!!! Eu amo o som!!! Eu uso todo dia, principalmente pra filme! E também pra música eletrônica. Algumas músicas e algumas palavras eu consigo identificar muito pouco, mas eu fico admirada com filme! Eu amo Netflix! E aí tem legenda, eu boto lá o meu fone e eu não consigo ficar sem fone... porque eu quero ouvir a chave... quando alguém bate o sapato, os tiros! Eu quero conhecer os sons novos! Identificar esses sons que me ajuda muito! A minha família fala “pra que você usa fone se você é surda?”... Eu falo “eu não sou surda profunda, eu tenho uma surdez moderada!”... Então o fone é pra eu ouvir e identificar esses sons! Identificar o helicóptero, uma furadeira no filme...

### **P: Mas você identifica pelo próprio som ou pelo ritmo e vibração?**

**IB:** Pelo som. A maioria pergunta a mesma coisa... se é pela vibração ou pelo som, eu falo sempre que é pelo som.

### **5. Você percebe os sons? Como?**

**IB:** Na rua eu vejo alguns... Ou quando a minha família eleva o som muito alto, por exemplo! Aí alguém fala que é o som e eu falo “ah! Eu sei! Eu ouvi! Bacana!”... Eu até dançava! Eu consigo identificar... parecia até meio louco, meio maluco, mas eu tava dançando porque eu tava sentindo ali uma vibração musical naquele momento e som também... Mas eu tava sentindo e perguntava pra minha mãe o que

era isso, eu era pequena, e ela falava “era o som!”... Mas eu já sentia... dava uma vibração sim também, mas me dava também liberdade... isso era legal!

#### **6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**IB:** Música eletrônica no Youtube, que eu particularmente gosto... eu não consigo mudar pra outra, porque geralmente eu escuto bastante com uma frequência de vida... e tem vários estilos, vários tipos de som, mais calmo, mais agitado... E aí eu gosto muito de seis tipos de sons que dão muita calma em alguns momentos, me deixam mais relaxada e eu me identifico mais... e às vezes eu fico mais nesse ritmo de música... eu vou lá pesquiso no YouTube... É onde eu realmente associo. Além disso, minha mãe ouve muito música gospel, apesar de ela não ser cristã... eu tava um dia no banheiro um dia em casa e aí eu tava saindo e ela tava lá ouvindo... eu tava ouvindo a música pelo som... identificando pelo som... é um som diferente... eu não consigo identificar as palavras, mas o som em si eu identifico! Ai depois eu vi e minha mãe estava ali emocionada... eu não, eu não tava emocionada mas eu tava achando a música interessante pelo som... e tentando me colocar no lugar dela, como ela sentiria esse som.

#### **7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**IB:** Minha cama... porque tem a minha família, mas no meu eu tô sozinha, então me dá liberdade, paz, tranquilidade, por aí... às vezes minha mãe vem no quarto e ela atrapalha e impede essa tranquilidade... mas eu já experimente fora... biblioteca, por exemplo, da faculdade, eu não lembro do lugar, tem muito tempo, mas tinha muito movimento e eu com fone de ouvido olhava toda hora as pessoas e eu não conseguia focar nas atividades, por conta do som externo das pessoas... às vezes eu tento fechar o olho pra ter esse momento, mas eu não consigo confiar no que está fora, no que eu não estou vendo... eu não conheço ninguém... então eu prefiro o meu quarto.

#### **8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**IB:** Uma coisa que eu não gosto é se um local tiver barulho... um local barulhento... eu vou em qualquer lugar, mas se for um lugar que tiver muito barulho, me incomoda e me atrapalha... aí eu não gosto!

#### **9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**IB:** O que me incomoda mais é o falatório, pessoas falando ao mesmo tempo me incomoda demais! O barulho, o falatório, a questão das pessoas falando, entrando e saindo, enfim, isso me perturba!

#### **10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**IB:** Esse é o meu último trabalho, aqui no INES, eu trabalho aqui... antes, eu trabalhava no Aeroporto Santos Dumont, eu trabalhava em uma área hospitalar ao lado do aeroporto... sempre no intervalo, na hora do almoço, eu saía... e tem um lugar ali, que é tipo um parque, que é grande, tem bastante vento, eu me sentia lá com uma calma! Eu sempre ia lá nesse local, todo dia, no intervalo do almoço, eu não sei o nome do lugar ali, mas é ao lado ali do aeroporto, tem tipo um parque, que você vê o Pão de Açúcar, essa região do Rio... E aí aquele momento era um momento tão calmo que eu percebia o barulho do avião chegando e decolando... aí eu olhava... esse era um momento tranquilo... ali dava para sentir um pouquinho do vento, das árvores e isso me ajudava a me acalmar!

## **11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**IB:** O que eu penso sobre essa questão [da pesquisa], não é só pra mim, é pra todos os surdos, para o bem deles e para o conforto também... e pra naturalidade desses indivíduos, eu posso explicar... fora e dentro de casa, por exemplo, em hospital, empresa, seja em qual local for, eu tô falando mais de fora, da rua, do ambiente externo em si, que é o que tem mais a ver... os barulhos, os sons dentro do trem, metrô, VLT, esses transportes... O VLT foi melhor do que o trem, do que o metrô... Como assim ele foi melhor?! Na minha opinião, o VLT não faz barulho... quando ele chega e abre a porta, ele é silencioso, por exemplo... e é visual, porque ele tem lá a lanterna, e abre a porta, a lanterna escurece, fecha a porta... no metrô e trem, por exemplo, tem muito barulho de sons... E eu tava em um grupo de surdos uma vez e eu perguntei “pra que todos esses barulhos acontecem?” ... Era só colocarem uma lanterna, uma luz pra poderem identificar... e eu sei que tava bom se tivesse isso, porque a porta vai abrir independente do sinal sonoro... os ouvintes também reclamam que o barulho também é chato! E o barulho ajuda de repente a pessoa que tá dormindo a identificar e a sair... eu acho que é mais ou menos essa a ideia... isso que eu percebo... e eu acredito que eu possa estar errada, ou eu possa não estar errada, mas a maioria das pessoas se incomodam com esses barulhos desses transportes... igual o trem, por exemplo... lá na minha casa, como eu sou a única surda de lá, na minha cozinha, por exemplo, dá pra ouvir o barulho da campainha... mas a minha casa não tem acessibilidade, vou deixar isso bem claro... eu gostaria que todas as casas, em qualquer região, não importa onde seja, que a casa que tem surdo ou não tem surdo... ou que a família tenha ou não tenha surdo, não importa isso, mas o que importa é que a casa, o apartamento, ou seja lá o que for, o que importa é que não precisaria ter o barulho, só o sinal luminoso aparecendo... aí quando eu durmo, a luz apagando e acendendo, a pessoa que tá lá fora, porque eu vejo e vou pesquisando, que o barulho, o ruído, ele prejudica a saúde... prejudica demais as pessoas... então as pessoas são prejudicadas também pelo excesso de som... então eu gostaria que todas as casas tivessem também acessibilidade não só pra surdos, mas pra todos os ouvintes também! E dentro do banheiro, por exemplo, se tem alguém lá fora, e você dentro do banheiro... na minha casa são apartamentos numerados... se tivessem um sinal luminoso para os surdos poderem se identificar... como é que você vai saber onde você mora? É uma brincadeira... Eu vou apertar o 114C... então eu sei onde essa pessoa mora... isso tem que tomar certo cuidado, porque as pessoas podem pensar que esse sinal luminoso pode atrapalhar em algum momento! Isso é ruim porque pode identificar a sua casa... eu sei onde ela mora porque na casa dela tem uma iluminação, um sinal luminoso... mas isso, nas empresas, por exemplo, a minha surdez por ser moderada em algumas empresas às vezes eles fazem alguns testes de treinamento, da CIPA, naquela questão do trabalhador, pra os barulhos externos, aí todo mundo desce, pra se acontecer alguma coisa, um incêndio... E aí onde eu tava não tinha luz, era só o barulho da sirene, é horrível, é um barulho que simulava um incêndio, para as pessoas terem que descer... mas imagina se tem um surdo, por exemplo, dentro desse espaço, que é um surdo profundo... como é que ele vai ouvir o barulho? Ponto! Essa é a grande questão... Se tivesse uma iluminação, própria pra isso... Os ouvintes reclamam também do barulho ensurdecedor, mas se tivesse uma coisa iluminada, com um tipo de mecanismo de iluminação seria interessante para que as pessoas pudessem descer! E também eu fui recentemente à Florianópolis em um congresso que teve lá e quando eu voltei, o aeroporto... foi sexta-feira agora... eu tava junto com o meu novo D. [identidade preservada] e tinha um homem falando “por favor! É a última chamada do nome tal” para fechar o embarque... e aí tinha várias pessoas... e aí o D. começou a ficar nervoso e a falar “e se fosse um surdo?” ... ele foi lá e avisou “e se a pessoa for surda? Não tem nada! Não tem uma placa de iluminação pra avisar, vocês não colocam isso e não passam essa informação! Às vezes só falando não adianta!” ... Às vezes pode também não ser surdo, ser ouvinte que

tá dormindo... ou sei lá, desistiu de voar... mas e se um surdo tá voando? Você entende qual é a questão? Aí ele falou que o rapaz disse que se o surdo tivesse lá e fosse na recepção fazer o checkin ele precisa avisar que é surdo pra poder ter essa identificação... Mas aí ele falou “não! Se ele é surdo, é importante que vocês tenham acessibilidade no espaço, tenham algum tipo de aviso com tradutor, alguma coisa que faça a pessoa ir lá e ter as informações que são mais importantes, porque o som em si não adianta!”... Porque o surdo é muito visual! Muito visual! Ele tem essa questão visual pra saber o caminho... E isso é muito importante!

**IB:** Tem vários tipos de surdez... você já entrevistou outros surdos... então às vezes eu não sou igual ao outro surdo que você entrevistou... minha percepção pode ser diferente! Isso é legal! Tem outros surdos que são profundos, eu sou moderada, podem ser severos, enfim... é legal pra poder te dar mais embasamento e informações pra você, pra sua pesquisa, seu trabalho...

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JP

**Identificação:** JP; idade: 26; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: severa (80-90dB) no ouvido esquerdo e profunda ( $\geq 91$ Db) no ouvido direito. Faz uso de aparelho auditivo.

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**JP:** Hospital.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**JP:** Porque é um local em que todo mundo está preocupado e pensando em ficar em silêncio.

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**JP:** É uma sensação pesada, porque não tem comunicação...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**JP:** No meu caso, parece um outro mundo. Porque não tem comunicação... é um local muito silencioso.

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**JP:** Todo local tem barulho... todos os lugares!

**P: Mas me dê um exemplo...**

**JP:** No dia-a-dia, na rua...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**JP:** Ah! Barulho de buzina, gente falando... tudo! Tudo faz barulho! Tudo ao mesmo tempo... é difícil de explicar!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**JP:** Eu já estou acostumada, então pra mim é natural... mesmo eu usando aparelho... se eu tiro o aparelho, pra mim tudo é silencioso... quando eu coloco aparelho que eu percebo...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**JP:** Como assim?! Então, como eu escuto um pouquinho quando eu estou usando aparelho, eu consigo perceber as expressões, mas eu não sinto nada diferente disso... pra mim é natural, normal...

### PARTE 3/3

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**JP:** Eu sou surda, isso não tem como mudar... eu não sou ouvinte... essa é a relação que eu faço, né?! Eu sou surda, então não sou ouvinte.... Não há como mudar isso, então...

**JP:** Depende dos momentos.... Uma característica minha varia muito.... Na verdade, eu sou muito calma, muito tranquila.... Eu convivi muitos anos com ouvintes, depois que eu entrei nesse universo surdo, depois dos 9 anos, eu comecei a tentar entender as diferenças e compreender esses dois mundos de ouvintes e de surdos.

**P: E o que é para você uma diferença?**

Ah! Pra mim passa pela questão das línguas... as línguas são diferentes!

**2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**JP:** No dia-a-dia, um acidente, uma briga, sei lá... coisas simples assim me chamam mais a atenção...

**3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**JP:** Eu gravo muitas imagens da rua... tudo eu vou gravando... minha memória é fotográfica... é isso... eu vou marcando esses locais!

**P: E nesses locais tem alguma coisa em especial que te chama a atenção?**

**JP:** O Cristo Redentor aqui no Rio, por exemplo.

**4. O que é o "som" para você?**

**JP:** Ah! É difícil responder, porque eu não tô ouvindo! Então...

**P: Mas você não imagina nada?**

**JP:** Nada! Porque eu não tive o interesse pessoal em tentar descobrir o que é o som.

**5. Você percebe os sons? Como?**

**JP:** Ah! A expressão das pessoas, de cada pessoa!

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**JP:** Na verdade, acho que voz, batidas de música... às vezes eu coloco um headphone e tento saber o que é o som... porque não ouvindo nada é meio estranho, é meio complicado! Como é que eu vou saber o que está acontecendo? Então eu fico tentando treinar esses estímulos para eu poder identificar...

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**JP:** Só a praia.

**P: Por quê?**

**JP:** Porque é um local que não tem violência, não tem barulhos pesados... é tudo muito natural, dá paz...

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**JP:** É difícil responder pela questão sonora porque eu nunca identifiquei muito... uma ambulância... se um local tiver muita ambulância já era... um barulho intenso assim...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**JP:** Um local que incomoda... que eu só escuto barulhos... não consigo identificar sons, saber o que é...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**JP:** É difícil responder porque o mundo é sonoro, mas o mundo também tem silêncio... eu já tô acostumada... eu não tenho essa percepção... o mundo dos ouvintes tem muito som, o mundo dos surdos é o tempo inteiro em silêncio... é isso!

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**JP:** Não! Tá ótimo assim! O tema é som, eu não consigo explicar muita coisa... pra mim é complicado fazer essa referência...

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE LA

**Identificação:** LA; idade: 31; sexo: feminino; escolaridade: Mestrado em andamento; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

LA: O banheiro da minha casa.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

LA: Porque eu tenho uma filha e se eu estou do lado de fora... se eu tô dormindo ela me chama... e começa a falar... ela quer brincar... e eu tenho que ir atrás o tempo inteiro... então um lugar bem tranquilo pra mim, um lugar que eu estou sozinha, é o banheiro! Eu não escuto nenhum barulho... não tem barulho é um lugar de silêncio!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

LA: Não sei... por exemplo... como assim?

**P: Você pensou em um lugar que é silencioso... você me disse o banheiro... por que ele é silencioso? Como que ele é...**

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

LA: Porque não tem ninguém ali falando... não tem ninguém falando nada... ninguém pode entrar... então dá pra eu pensar sozinha... resolver questões... em silêncio!

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

LA: Uma festa.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

LA: Porque lá tem som, tem música, uma música alta...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

LA: Depende... por exemplo... se for uma festa que tem amigos, eu ignoro esse barulho e fico conversando... agora se eu tô ali sozinha, aquele barulho começa a me incomodar...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

LA: Eu sinto uma vibração nele [ela sinaliza essa vibração no seu corpo] ... uma agitação, movimento...

### PARTE 3/3

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**LA:** Ser surdo?... Bom, porque na verdade eu cresci e na minha vida toda eu não tive contato com surdos... Eu só andava com grupos de ouvintes... eu cresci até os meus 19 anos... depois, a partir dos meus 19 anos, eu tive contato com pessoas surdas... foi quando eu passei a me identificar com eles e a construir uma identidade surda... antes eu tinha uma baixa autoestima, mas depois isso foi melhorando... então este 'ser surdo' é algo extremamente positivo e que foi muito bom pra minha vida! Melhorou muito a minha vida... melhorou coisas na minha vida... porque o surdo, ele tem muitos benefícios... ser surdo... você tem uma identidade surda, uma cultura surda... você usa Libras pra se comunicar... tudo isso eu adquiri a partir do momento que eu tive contato com os surdos... antes eu não tinha nada disso, então eu me sentia muito sozinha... por exemplo, numa mesa junto da minha família... estávamos todos sentados à mesa, estava todo mundo comendo e ai a minha família toda ali rindo.. ai eu batia assim [ela sinaliza uma batida na mesa, chamando a atenção para ela]... pra perguntar o que estava acontecendo... e as pessoas rindo a beça e ninguém me dizia... ai quando acabava, eles me explicavam, e ai eu era a última a rir... então, pra mim, o 'ser surdo' foi uma melhora incrível, uma melhora em tudo, transformou a minha vida!

**LA:** Diferente? Dos ouvintes? Muita coisa... por exemplo, eles são ouvintes, eles podem usar o celular pra ligar... nós utilizamos o celular pra nos comunicarmos de forma escrita ou por vídeo-chamadas... também a questão da campanha da casa... pro surdo ela não é sonora, ela é luminosa... ah... tem várias coisas...

## **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**LA:** Bom, depende do lugar... se por exemplo, eu amo a natureza e eu chego em um lugar que eu nunca vi antes... eu fico admirando aquelas árvores... se eu for na cidade, num lugar que tem uma cor muito viva... Eu amo cores! Então uma cor muito viva, eu passo a reparar aquilo... ou uma estrutura diferente... eu passo a admirar... isso é algo que me chama a atenção... as cores principalmente!

## **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**LA:** Se eu não estou acostumada e vejo algo diferente, eu memorizo...

### **P: Você memoriza o quê?**

**LA:** Por exemplo... durante a minha vida, eu cresci sempre no mesmo lugar e aí se eu viajava para algum lugar... eu viajei pra Paraty... quando eu cheguei lá... eu vi que era uma cidade histórica, que era um lugar diferente... a estrutura das casas, a arquitetura das casas era diferente... então aquilo me marcou e eu memorizei aquele lugar dessa forma...

### **P: Então a arquitetura é uma coisa que te chama a atenção?**

**LA:** É! Porque ela é diferente... é um lugar que eu nunca fui... por exemplo, se hoje eu vou a Ouro Preto... talvez isso não me chame tanta atenção porque eu já fui a Paraty e eu já reconheço por lá... por exemplo, se eu vejo uma pedra grande... lá em Paraty são várias pedras pequenininhas no chão... paralelepípedos... se eu chego em Ouro Preto e eu observo pedras maiores, aquilo vai me chamar a atenção, porque eu nunca tinha visto daquela maneira...

### **P: E na cidade, no seu dia-a-dia? Como que você se orienta? O que te ajuda a se orientar?**

**LA:** Você pode repetir?

**P: Quando você está andando na cidade, tem algum elemento da cidade que te ajuda a se orientar? Pelo caminho que você vai fazer?**

**LA:** As cores... porque se eu estou caminhando e ai eu vejo algo verde, eu penso "Ah! Verde! Ah! É isso mesmo! Eu tô no caminho certo!"... Eu me lembro dessa parede verde...

**4. O que é o "som" para você?**

**LA:** Som?! Não sei...

**5. Você percebe os sons? Como?**

**LA:** Na minha vida? Por exemplo... ontem eu estava na minha casa junto com meu marido... ele estava fazendo suco e eu estava descascando batata... então eu tô descascando batata, ele tá fazendo o suco e aí minha filha pequena gritou e veio correndo atrás da gente... ai ela bateu forte na porta, que é uma porta de vidro... ai meu marido gritou pra ela parar, pra evitar que quebrasse, né?! E ai eu escutei esse som, mas esse foi um som forte, que me assustou... qualquer som me assusta... porque, assim, eu gosto de silêncio...

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**LA:** Não sei... eu nunca parei pra pensar nisso... eu nunca percebi isso... todo dia, assim?! Se eu fico em casa, por exemplo, não tem nenhum som ali... no meu cotidiano, não, eventualmente tem algum som...

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**LA:** Se eu viajo para um lugar... uma serra... eu gosto bastante... é gostoso lá, é um lugar agradável... eu evito as cidades... se for um lugar mais vazio, mais tranquilo... isso me dá tranquilidade, me dá paz... se for um lugar mais agitado, eu fico mais agitada, então eu prefiro lugares mais tranquilos, no interior, na casa de um tio meu ou um lugar que tenha menos pessoas... isso me dá calma, isso me traz tranquilidade...

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**LA:** Uma festa... porque tem aquela barulhada... se não tem surdo, eu não gosto! Porque fica aquele monte de barulho, aquele monte de gente gritando! Agora tem se um surdo, a gente vai tá ali naquele grupo de amigos, a gente vai conversar e eu ignoro esse som todo e fico ali curtindo com meus amigos!

**P: Se você diz que você não percebe o som, por que ele te incomoda? Como?**

**LA:** Eu não reparo no som... o som de todo dia, cotidiano, eu não percebo... mas em uma festa, o som é muito alto, não tem como! Eu sinto... eu não sei a palavra, a letra, mas eu sinto ali uma vibração, fazendo "PU, PU, PU" [ela demonstra um ritmo com as mãos] ... isso eu sinto! Agora, se eu estou conversando com meus amigos, eu consigo ignorar esse barulho e ficar ali juntos com eles, porque eu tô conversando, tá uma conversa agradável, aí não tem problema...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**LA:** ...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**LA:** ...

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**LA:** Em relação à arquitetura, ao desenho, ou com relação à informação? À arquitetura em relação a construir casas, construir prédios, é isso? Deixa eu pensar em um exemplo... por exemplo, no auditório aqui... tem o auditório e eu fico um pouco incomodada... o bom seria que esse auditório fosse mais inclinado, pra cima, que desse pra gente ver com facilidade lá na frente... porque se tiver uma pessoa alta sentada na minha frente, eu não consigo ver! Deixa eu ver outra coisa.... Eu gosto mais de círculos... por exemplo, essa sala aqui é uma sala quadrada... eu acho que uma sala circular é melhor, porque a gente consegue se ver, manter o contato visual... se por exemplo, a sala tivesse toda em círculo, seria mais agradável... Você pode olhar o site *deaf gain*... é um site em inglês... que aí tem questões de surdos que sabem arquitetura e como é possível utilizar a arquitetura para contribuir na vida do surdo... não tem só da arquitetura... mostra coisas relacionadas à arquitetura, mas mostra também, por exemplo, uma pessoa quando tá falando no microfone e a presença do intérprete ali ao lado... como que seria a marcação feita por um arquiteto pra locar esse intérprete naquele espaço... então são coisas que... agora no momento eu não estou lembrando mais nenhuma, mas são coisas que são relacionadas com essa área... acho que seria legal você ver! Tem também o *deaf hood*... esse fala mais da questão antropológica do surdo... o primeiro fala mais das questões espaciais e o segundo mais de questões antropológicas.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE LE

**Identificação:** LE; idade: 46; sexo: masculino; escolaridade: Graduação; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

LE: Ah! Local de fazendas, que é bem silencioso...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

LE: Porque não tem muitos sons, não tem ruídos, não tem barulho... são pouquíssimas casas, pouquíssimas pessoas...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

LE: Calma, tranquilidade, eu não ouvia nada... um local que não tem barulho, tem muitos rios... então é um lugar que eu podia andar e ficar tranquilo... as pessoas falavam que estavam ouvindo alguma coisa, mas eu não sabia... eu não tava ouvindo nada, então é um local muito tranquilo...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

LE: Ah! Depende! Tem animais, tem cobra, tem cavalo... mais animais... como eu não tô ouvindo muito, então... tem cachorro, que realmente não dá pra eu ouvir, mas tem esses animais em locais assim...

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

LE: Na cidade, na rua... na cidade tem barulho...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

LE: Depende.... Tem fogos, tem buzina, tem vários barulhos, enfim...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

LE: Incômodo, porque não tem paz, não tem o silêncio! É algo incômodo, de carro, de buzina, de grito, de vários outros ruídos! É horrível!

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

LE: É um lugar com ônibus, com pessoas, com carros, com taxis, com motos... enfim, várias coisas!

### PARTE 3/3

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

LE: Assim, é normal! Eu sou muito feliz sendo surdo! É normal pra mim! É assim que eu me sinto! Eu fui crescendo, eu fui descobrindo outros surdos que usam a língua de sinais e isso me deixa muito feliz! Pra mim, ser surdo é natural! Não tenho nenhum tipo de tristeza ou outro sentimento em relação a isso... Eu me sinto feliz e eu me sinto bem!

**P: Você tem outros surdos na família?**

**LE:** A minha irmã também é surda... eu acho que foi alguma coisa genética, mas eu não sei explicar... Eu sou muito tranquilo, muito calmo, bem calmo, calmo mesmo... se alguém tá falando muito, eu fico na minha... eu tenho uma vida muito pacata... de leituras... eu e meus amigos combinamos de encontrar pra bater papo... é uma vida muito tranquila ...

**2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**LE:** As tecnologias do local, do ambiente, a cidade, a estrutura, algo que seja novo, que eu nunca tenha visto antes! Algo que de repente seja de uma tecnologia nova, importado... e aí eu acho aquilo interessante! É algo que me surpreendeu porque eu não conhecia, eu nunca ouvi falar e eu vi pela primeira vez!

**3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**LE:** Pra decorar os caminhos?! Ah! Se tem um shopping ali, se tem um local, ou alguma coisa que chama a atenção... eu penso "lá no lugar tem tudo! Tem bastante comércio!"... Ou tem uma loja, ou várias lojas, eu decoro pelas lojas, entendeu?! É isso! Ai se em casa eu vejo que eu não tenho alguma coisa, eu já sei o lugar que é... eu vou no lugar que tem...

**4. O que é o "som" para você?**

**LE:** Como eu não sinto, eu mais copio das pessoas, quando estão batendo... mas eu não sei identificar... não é uma coisa que eu consigo identificar, então não é um modelo pra mim! Eu não tô ouvindo o quê que tá acontecendo, então eu não sei o que representa, porque eu não tô ouvindo, então não tem como... por exemplo, o ritmo forró... eu vejo as pessoas dançando e elas falam "é assim, tal"... e eu não tenho esse sentido com a música, por exemplo, pra poder explicar isso... só copiando as pessoas dançando, por exemplo, aí eu associo e vou!

**5. Você percebe os sons? Como?**

**LE:** São barulhos, mas muito silenciosos, bem isolados! Eu tento às vezes identificar o quê que é quando eu escuto e vejo que alguma coisa caiu, por exemplo... mas dá muito trabalho pra mim ficar fazendo essa identificação sonora em alguns momentos...

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**LE:** O trem... é uma coisa diária... é o pior! É o que mais eu utilizo! Eu fico imaginando uma casa perto do trem... pra mim ia ser horrível! Mas, enfim, é um incômodo constante! É um metal, um ferro batendo nas pedras, não sei... aí fica aquele barulho trepidado, é meio estranho, é um barulho diferente! É o barulho da madeira com o trem, sei lá! Parece que tá vibrando o tempo inteiro!

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**LE:** Na roça! Local calmo, tranquilo... com árvores, pra pescar... aquele lugar calmo, com passarinhos, eu fico lá sentado admirando, olhando a vida, me dá a maior paz! Porque a cidade é tão confusa, é violência... lá na roça não, o pessoal é calmo!

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**LE:** Ah! A cidade! Espera aí... deixa eu pensar num melhor! Algumas ruas específicas aqui do Rio, que tem lugares que me incomodam muito, tem violência, tem barulho... eu não me sinto bem! Locais perigosos, eu acho! Locais que são muito violentos!

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**LE:** É um lugar que tem barulhos constantes... eu não tô ouvindo nada, eu não tô sentindo... mas é um local que tem muitos barulhos... que as pessoas estão incomodadas... eu vejo que elas estão incomodadas com as expressões... mas eu não tô ouvindo, então eu não tenho esse incômodo...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**LE:** É um local que é visual! Que eu consigo ver muita coisa, eu não tô ouvindo mesmo, mas é um lugar que tem bastante coisa pra ver!

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**LE:** Não, não... tá de boa!

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE MP

**Identificação:** MP; idade: 44; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: adquirida aos 2 anos e meio; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**MP:** Nunca imaginei isso.... Posso associar o sinal ou símbolo de silêncio? Hospital...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**MP:** Eu nunca imaginei o porquê.... Porque parece que é um local, pra não atrapalhar as pessoas dali é um local que precisa ter silêncio, não pode ter agitação para as pessoas e profissionais que estão ali trabalhando.

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**MP:** Em relação ao barulho?... Tanto faz particular ou público?... Porque como eu não estou ouvindo, eu não tenho uma percepção... só se alguém gritar de dor, uma coisa muito intensa, ou se todo mundo se amontoar para ver um local... ai sim, pela percepção, eu ia ter esse olhar... só...

**P: Então lá é um lugar silencioso pra você?**

**MP:** Sim, eu não estou ouvindo...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**MP:** Pessoas com dor... algumas pessoas choram... essas são as que eu vejo... um local que as pessoas têm nos seus problemas de saúde lá... e aí elas estão lá para serem tratadas... tem crianças que gritam muito... muito agitadas... pessoas feridas, enfim... Esse é o local... elas estão lá dentro do hospital... o que elas têm eu não sei... as pessoas que são ouvintes se comunicam muito bem, mas eu só consigo perceber pela questão visual, né?! Então as informações são passadas para as pessoas que escutam, mas no meu caso, que sou surda, eu não sei o que tá acontecendo... Eu me situo pela visão...

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**MP:** Ah... de carro, moto na rua... avião.... É muita coisa...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**MP:** É porque eu consigo sentir... o avião não, claro que não... mas moto, carro, se um barulho for muito forte... às vezes eu preciso olhar, né?! É a minha indicação... ou um caminhão... quando uma coisa faz um barulho muito intenso...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**MP:** Assim, eu sinto mexer... depende do barulho... assim eu não estou ouvindo, ok?! Mas eu sinto vibração... por exemplo, de quando estão quebrando a cidade, com a britadeira, é o que mais faz

barulho... ali eu consigo sentir mesmo a intensidade do barulho... eu fico procurando pra saber onde é que está, visualmente, aí eu identifico o local que o cara está fazendo...

#### **4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**MP:** Não é a mesma coisa do que eu respondi antes? Não tá associado?

### **PARTE 3/3**

#### **1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**MP:** É difícil essa pergunta.... É ser feliz.... É ótimo pra mim... Não tem uma coisa negativa... Significa pra mim que é ótimo! Nada me deixa triste por ser surda, ao contrário, sou feliz assim! A minha vida é muito visual...

Como característica pessoal?!... eu tava conversando com o meu filho recentemente e ai o meu filho falou "mãe, você quer se mudar para uma outra casa?" ... Eu respondi "eu quero há muito tempo fazer isso!"... Aí eu pensei que eu não quero mudar porque o local que ele sugeriu é um local muito silencioso... se eu fosse para um local desse eu ia gritar mais, eu acho! Porque e se eu ficasse nervosa em um lugar muito silencioso?! [risos] Eu acho que é isso... Eu sou muito agitada... Um local muito silencioso não combina comigo...

#### **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**MP:** Ah! Eu não sei responder... podem ser muitas coisas... podem ser várias coisas... depende... posso falar se eu me sentir perdida em um local? Se eu errar um caminho, por exemplo, eu fico meio tensa, parece que eu me sinto meio perdida... eu fico vendo imagens no local... se eu vou a um local a primeira vez e me sinto perdida, eu primeiro respiro, tento ver, tento me identificar e depois eu vou tentando me comunicar escrevendo...

#### **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**MP:** Depende do local... Padaria, por exemplo, é um local que chama mais atenção... se no caminho tem uma padaria, eu marco a padaria como referência... como ponto de referência...

#### **4. O que é o "som" para você?**

**MP:** Ah! Tem vários tipos de som.... Ah! Eu acho que é vibração... é isso... é onde eu identifico...

#### **5. Você percebe os sons? Como?**

**MP:** Se for muito baixo, não, mas se for um som mais alto eu consigo sentir, mais pela vibração...

#### **6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**MP:** Se eu tô junto com meu filho... som de carro, por exemplo, meu filho [ouvinte] consegue identificar e me dá uns cutucões...

#### **7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**MP:** Depende do lugar, vamos lá... locais sem muitas pessoas, às vezes, pra você pensar é um local que eu gosto... um local calmo, tranquilo... casa, praias, talvez são locais assim... restaurantes não, tem pessoas... Praias! Casas! São locais que dão a sensação de tranquilidade, eu gosto mais de estar em

silêncio... às vezes na minha casa... se eu fico muito agitada diariamente eu preciso pensar comigo mesma, e é em casa onde eu me sinto bem!

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**MP:** Ah! Local com muita gente! Me incomoda muito! Local com muitas pessoas no mesmo ambiente me incomoda... "O que eu vou fazer ali?"... É essa a pergunta que eu me faço quando eu tô nesses locais com muita gente falando e eu não estou entendendo, ouvindo nada, e o eles estão falando... eu perdi as informações... É isso..

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**MP:** Vou tentar lembrar... pera aí... por exemplo, vocês dois estão batendo na mesa [ela bate na mesa demonstrando] ... vai me incomodar bastante... eu tô aqui sentada em um ônibus, por exemplo, e alguém fica batendo na cadeira, ou fazendo movimentos pra frente e pra trás, me incomoda...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**MP:** É... essa pergunta parece que foi repetida... um local que dê pra você imaginar, pensar, um local que você consiga ter paz, silencioso... um local que eu consigo focar em uma coisa porque é um local que é calmo, dá pra você ter mais paciência pra observar...

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**MP:** Não, tá bom! Todas as respostas aí...

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE RF

**Identificação:** RF; idade: 38; sexo: masculino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita genética; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

RF: Hospital.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

RF: Porque é um local que se você fizer muito barulho você pode atrapalhar os médicos.

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

RF: Nada... eu só fico sentado e em silêncio! Eu fico quieto!

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

RF: Eu nunca fui em hospital público, sempre em particular... é a experiência que eu tenho... eu sinto que falta acessibilidade... às vezes, acontece um momento de complicação que eu não consigo compreender... já aconteceu de eu sofrer um acidente com amigo meu que tava do lado... eu não, estava bem... mas ele sofreu o acidente... e eu tive que leva-lo pra o hospital e deu muito trabalho porque é muito limitada as coisas... e aí a comunicação foi difícil... essa é a questão!

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

RF: Cidade grande... exemplo disse é São Paulo, Rio... essas cidades... eu acredito que elas têm muito barulho por conta da poluição sonora!

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

RF: Porque são muitos outdoors, muitas coisas visuais que atrapalham e também o espaço é muito mal organizado, falta planejamento dessa estrutura, muitos carros o tempo inteiro... e eu sinto que não tenho uma sensação de paz.

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

RF: Como eu sou surdo, eu não tenho uma audição, então a minha questão é mais visual, a minha percepção é visual! É muito complexo tudo isso...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

RF: Qualquer local que tenha uma cidade grande, exemplo, quando eu viajo para um lugar que é muito calmo, que é tranquilo, quando eu volto pra cidade eu sinto essa mudança, essa agitação, essa questão visual... é um movimento capitalista, que eu vou falar aqui... de dinheiro, de gente...

## **PARTE 3/3**

### **1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**RF:** Pra mim é normal ser surdo... eu não tive culpa, mas antes eu não aceitava isso... isso me magoava, me chateava, demorou muito para eu me aceitar e conviver também com os surdos e começar a compreender esse universo... e aceitar isso... eu sei que é uma deficiência... pra mim é uma deficiência! Boas ou ruins, tanto faz? A minha característica ruim é que eu não tenho paciência... não tenho! Eu não sou paciente! Agora característica boa, é que eu sou muito atencioso.

### **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**RF:** Prédios antigos e tombamentos.

### **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**RF:** Ponto de referência... é isso? Pode ser? Eu nunca reparei realmente, em como eu consegui... nunca percebi... em uma cidade que nunca fui, eu procuro um ponto de referência, alguma coisa pra lembrar em volta...

### **4. O que é o "som" para você?**

**RF:** Na minha vida eu nunca tive contato com música, então, mas eu fico imaginando que a vibração, uma onda, sei lá... é isso...

### **5. Você percebe os sons? Como?**

**RF:** Primeiro, quando eu vejo alguém dançando, eu imagino que tenha uma música... ou eu tô sentado e sinto ali uma vibração, eu imagino que tem ali uma música... ou eu tô sentado e eu percebo que a televisão tá alta e eu abaixo... então eu fico imaginando as coisas, tendo contato próximo a essas questões.

### **P: No caso, então é com o tato?**

Sim, o contato... o contato próximo aos elementos.

### **6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**RF:** Engraçado... uma referência que tenho é que desde que eu nasci é aquela música do Pai Nosso... e até hoje se eu percebo essa música... isso me marca mentalmente... às vezes eu percebo o ritmo... não rezo não, é só a música [risos]... eu percebo que é Pai Nosso... é só uma bobagem minha mesmo...

### **7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**RF:** É um lugar que tem cachoeira, uma fazenda...

### **8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**RF:** Tem muitos, mas pensando agora realmente eu não sei... é difícil mensurar um local que eu não tenha uma preferência, mas eu não gosto... é um local que tem muito trânsito...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**RF:** É um local que tem barulho! É isso! Um local que tem barulho! É porque como eu sou surdo eu não tenho essa percepção... assim, quase todo dia eu percebo... meus pais falam que o barulho tem todo dia ... só falam isso "o barulho tem todo dia"... mas... eu sou surdo, então...

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**RF:** Principalmente à noite, porque eu percebo que está mais vazio, eu percebo que tem mais silêncio...

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**RF:** Você pode me explicar melhor o seu trabalho?

**P:** Estou estudando como surdo experimenta a cidade, principalmente no que se refere aos sons. Porque existem estudos na arquitetura, em questão de prédios, tipos de pisos, vibração, espaços abertos para a visualização... mas na cidade não tem estudo da arquitetura e paisagem sonora...

**RF:** Interessante, mas eu não me lembro... eu tava pesquisando sobre um arquiteto que é surdo e fez um projeto especializado para essa área, pra surdos, com janelas altas, pra evitar acidentes, pra luz entrar e atravessar a janela... também um banheiro que de dentro do banheiro dá pra ver as pessoas andando do lado de fora, mas as pessoas que estão do lado de fora não conseguem ver quem tá dentro... porque uma vez que eu tô no banheiro, meu filho pode estar fazendo alguma coisa lá que eu não estou vendo... então tem várias questões que eu não lembro... se achar o link eu posso te mandar... falando sobre projetos que envolvem essa parte arquitetônica para surdos!

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE RN

**Identificação:** RN; idade: 38; sexo: masculino; escolaridade: Pós-Graduação em andamento; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**RN:** Aqui por exemplo [no INES] é um lugar que a gente sinaliza, então logo, a comunicação parece silenciosa... vocês são ouvintes e falam em língua portuguesa... vocês estão ouvindo aí o trânsito, as pessoas falando, mas, pra mim, esse local é um lugar silencioso...

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**RN:** Porque como eu não estou ouvindo nada, pra mim eu estou em silêncio, eu tô só sinalizando! Então, a minha mão está falando, literalmente, mas eu não estou escutando... em outros locais... por exemplo, em casa, eu tô lá vendo televisão, é meu local silencioso, meu local particular de silêncio... outros surdos, na família deles eles têm sinalização, não tem gritaria, ou tem a gritaria, mas só das vozes, às vezes, o som dos surdos...mas o silêncio existe por não escutar...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**RN:** Eu sinto normal, é o natural, um lugar silencioso... não tem como eu responder muito...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**RN:** Então, é um lugar silencioso... eu sento e trabalho... eu vou lá e dou a minha aula... aqui, às vezes, quando alguém tá querendo falar com a gente, fazem isso [ele bate o pé no chão, que é de tábua corrida], pra gente poder sentir... [outra surda olha e ele aponta] olha lá, ela ali sentiu a vibração pra chamar! Porque assim, não tem como gritar por conta da surdez, então as pessoas batem pra chamar! Então eu também trabalho em uma outra sala aqui, são sempre lugares silenciosos, pra organizar meu trabalho, pra fazer as questões do curso... quando a gente senta aqui, com vários professores, e ai alguém começa falar, a gente fala que precisa de atenção pra olhar a língua de sinais, então um lugar silencioso pra mim, um local normal...

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**RN:** Aonde tem movimento! Pra mim, eu não tô ouvindo nada, mas eu sei que tem movimento de buzina, de várias coisas, mas eu não estou ouvindo, entende?! Porque minha surdez é profunda.... Eu fui ao Rock in Rio com um grupo de professores aqui do INES e lá eu estava sentindo... eu não estava ouvindo nada, mas eu tava sentindo a vibração dos instrumentos, era muito forte! Mas na rua em si, não! Assim... Já aconteceu por exemplo, de um carro estar buzinando e eu não tô vendo dirigindo, aí eu vi depois e virei... alguém querendo passar... mas eu não vi, eu sou surdo! Eles buzinando lá e eu não tava ouvindo... eles já estavam há algum tempo, pelo que eu reparei... quando eu vi o retrovisor, eu vi os dois... mas se eu não visse, eu não ia entender nada... isso tava acontecendo naturalmente,

porque eu sou visual... tem essa questão... aí os acontecimentos com barulho eu percebo visualmente, não sonoramente...

## **2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**RN:** Eu já morei em apartamento, por exemplo, eu morava no quarto andar e no quinto andar às vezes alguém batia, alguma coisa caía... aí eu sentia, porque dava pra ouvir... aí eu perguntava “que barulho é esse?” ... então alguém dizia “alguma coisa caiu no andar de cima, no quinto andar!”... então esses barulhos foram acontecendo, com a convivência que eu tinha... às vezes eu pergunto pro meu filho “que barulho é esse? Caiu alguma coisa lá em cima?” e ele respondia “é na rua!”... eu não tenho a percepção do barulho por causa da surdez, mas quando tem um acidente, eu vejo que todo mundo prestou atenção, muita gente parou, aí eu olho na hora, porque eu estou vendo que as pessoas em volta estão parando! Mas tirando isso, a minha percepção é mais visual do som, não sonora em si... então eu vou fazendo essa percepção visual de acordo com o barulho que eu não vou ouvindo, mas eu vou vendo!

## **P: Então o movimento te localiza?**

**RN:** Sim! Por exemplo, já aconteceu de ter uma batida de carro, todo mundo olhar e eu prestar atenção porque eu via as pessoas olhando... já aconteceu de estar tendo tiroteio... na rua, as pessoas deitaram no chão porque se assustaram! Na hora que eu vi as pessoas deitando, eu me assustei e deitei também... aí a pessoa falou “tá tendo tiro!”, porque eu perguntei, eu não sabia o que era, mas eu já caí no chão... depois eu fui saber o que era... eu vou copiando as expressões daquilo que eu vejo nas pessoas!

## **3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**RN:** Pra mim, tá tudo bem, porque eu não tô ouvindo, eu tô andando... mas eu sei que as pessoas podem estar incomodadas com o barulho... mas pra mim nada, porque eu sinto mais a vibração do ambiente, alguma coisa que dê pra perceber com a vibração... antes, eu usava aparelho... eu tinha mais ou menos de um ano até nove anos de idade... eu fiquei usando aparelho e aí eu conseguia perceber algumas coisas, como o som da moto, quando fazia um barulho muito intenso... aí eu conseguia identificar que tava alguma coisa muito barulhenta... ou um carro, uma ambulância, carro de polícia, bombeiro, que tem as sirenes mais estridentes, eu já olhava e percebia... helicópteros passando, por exemplo, mas até essa idade... pessoas falando, quando falavam muito alto, eu não entendia nada, eu não identificava o som, mas eu sabia que estavam falando... então eu larguei o aparelho e tirei e realmente... e só moto, que eu já sabia, tiros, as pessoas falando muito alto... não era um barulho natural, mas eu identificava, não ouvia nada...

## **4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**RN:** Um local que tem um som muito estridente. Por exemplo, lá no Rock in Rio tinha um som muito alto... no carro, por exemplo, quando alguém aumenta o som, ou eu coloco o som no maior volume e sinto... não estou ouvindo, identificando nada, mas a vibração dos instrumentos, da voz, tudo isso eu tô sentindo... e aí barulhos eu sinto mais vibração... o que me emociona ou o que realmente me contagia é a vibração em si. Eu já experimentei colocar um fone uma vez para tentar identificar um contexto em si, mas isso não valeu de nada... Eu tinha curiosidade, mas eu nasci com surdez a nível profundo, então...

**P: Você gosta de música?**

**RN:** Gosto, só música que tem mais ritmo que eu percebo... com a Língua de Sinais eu consigo entender o contexto e isso é legal. Antes eu não sabia, eu não conhecia, eu não achava muito legal... eu via... Mas aí lá nos Estados Unidos, na Europa, eu viajei pra França, então eu vi que tem vários festivais de surdos lá... e surdos que usam Língua de Sinais com música, rock, ou outros instrumentos... DJ's que são surdos... eu tive esse contato, com essas pessoas que só sentiam essa vibração e falavam que isso era muito bom e aí com a ajuda de um ouvinte, a questão do ritmo, que também era importante e com essas explicações, com um método próprio que eles criavam e faziam esse tipo de trabalho, eles conseguiram fazer essa percepção com a Língua de Sinais. Fazendo esse trabalho, eu achei isso muito legal, com essa questão visual e comecei a me interessar... Antes eu achava que música era muito associado a ouvintes e não a surdos, mas depois dessa experiência eu comecei a sentir mais isso... mas com a sinalização, claro, e com o ritmo, beleza, legal, eu acho interessante!

**PARTE 3/3**

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**RN:** Antes, quando eu era pequeno, eu ficava muito angustiado, porque eu via as pessoas falando... eu via a A.R. [identidade preservada] que trabalha aqui com a gente... eu tinha 11, 12 anos de idade e ela já tinha uns 25 anos e já sinalizava! Eu ficava vendo ela sinalizar e ficava admirado e ela falou pra eu estudar e me formar, ela falou que tinha uma Lei... e eu fui percebendo isso, esse movimento das pessoas lutando pela Língua de Sinais e eu comecei a reconhecer o que realmente é ser surdo pra mim. Que é importante aceitar isso e lutar por isso! Vendo que os surdos não precisam ficar rebaixados aos ouvintes, mas eles podem ser iguais sim! Me formei! Quero ter outros sonhos maiores, vi outros surdos que se formaram, fizeram doutorado e estão crescendo aí... eu acredito que podem desenvolver sim enquanto professor formado e também como apresentador, que é uma outra função que eu tenho, é uma outra questão de vida que eu gosto. E me comparar a ouvintes também que já fazem isso e provar que a Língua de Sinais é capaz, em festivais mundiais onde os surdos vão sinalizar, onde tem vários atores de teatro que vão se movimentar e vão fazer isso em Língua de Sinais... Isso tudo foi uma experiência que eu introjetei pra minha vida e me deu essa questão da gratidão de alguém lá traz ter me mostrado e eu ver esse modelo e esse modelo ter me adaptado ao que eu sou hoje e através disso mostrar para outros surdos que eu posso ser uma referência e que eles são capazes, com a Língua de Sinais, tendo essa informação e a questão visual que é muito importante! Não tendo a Língua de Sinais eles iam crescer e não iam obviamente sentir essa mesma reação. Mas com a Língua de Sinais, tendo essa experiência, vai dar pra ele, essa questão visual, a questão da mídia, aí essas informações onde na casa deles eles podem ver a internet... Só que a gente ainda não tem um canal em TV aberta, precisa criar um canal que seja em Língua de Sinais para que os surdos tenham acesso a mais informações e aí isso seria importante para que eles possam escolher! Nós temos direitos, porque pagamos os mesmos impostos, Imposto de Renda que todo mundo paga, e nós somos humanos, então essa preocupação precisa existir. Infelizmente a gente sabe que é muito difícil mudar, lutar contra o governo em algumas questões, mas é uma luta constante! Pra mim, o surdo é um indivíduo que é capaz, visual, mas com muito esforço, com muito trabalho, ele pode ter uma vida normal.

**RN:** Eu sou muito agitado, eu gosto de fazer coisas que envolvem câmera, vídeo... eu sou muito preocupado com isso... de pensar em canais que possam favorecer essa questão da língua de sinais para surdos, que é muito importante! Esse é o meu objetivo, é o meu foco, quebrar essa barreira que

existe de comunicação hoje! Como foi lá no Rock in Rio... a gente pôde fazer uma experiência com uma mochila... isso é bacana! A gente não tinha uma experiência assim! A gente quebrou essa barreira de comunicação de um evento para ouvinte, de música, com os surdos lá dentro! A gente precisa agora quebrar essa barreira na televisão... é uma coisa que realmente eu me identifico! Ou de qualquer local que trabalha a acessibilidade e não tenha! Por exemplo, a gente entra às vezes no banco e um gerente... a gente fala da Lei de língua de sinais... ele precisa saber a língua de sinais ou ter um intérprete lá! Aí eu falo pra eles “você precisam quebrar essa barreira de comunicação aqui!”... Então essa é minha motivação real! De ir nos locais falar pra esses locais que eles precisam entender e me compreender, dizendo que é uma Lei, e de ser realmente um militante dessa questão, né?! E de que as pessoas percebam que os deficientes, no modo geral, cegos e cadeirantes conseguem se comunicar bem, agora eu que sou surdo, não! Eu tenho uma língua diferente! E aí há um limite para essa comunicação naquele momento... Então, eu preciso me comunicar e a maioria da sociedade não sabe compreender, às vezes... E pouquíssimos [surdos] sabem escrever bem na língua portuguesa, mais quando a família estimula, mais quando a família desenvolve isso... só que a maioria das famílias dos surdos não fazem isso! Então depende muito sociedade, de como a sociedade encara e respeita isso.

## **2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**RN:** Quando eu era pequeno, antes, eu só via ouvintes fazendo isso... conversando... eu era o único surdo isolado... e aí eu via essa questão de comunicação e realmente eu tentava fazer leitura labial e não conseguia, era mais difícil... E aí fui crescendo, vendo as pessoas sinalizando! Por exemplo, quando eu descobri que eu tinha essa questão da língua de sinais, esse interesse real, isso que chama atenção hoje em dia! Se eu ver alguém sinalizando, em qualquer lugar que tem alguma associação de surdo, alguma coisa que envolva a surdez, ou aqui no INES, por exemplo, algo que envolve a surdez realmente... um local assim me chama atenção hoje em dia! E aí quando eu vim para cá, eu entrei aqui, foi um local que me chamou atenção... uma associação de surdos me chamou atenção... divulgação de teatro, às vezes, que tem surdos... um local que tem uma propaganda dizendo que vai ter surdos, com acessibilidade para o acesso à comunidade surda... em qualquer lugar! Uma igreja que tem surdo sinalizando e eles divulgam isso em língua de sinais... é uma coisa que realmente, da área, que chama atenção e eu vou! É isso! Se eu vou num local que tem ouvintes, eu vou numa boa, mas eu vou ficar ali meio que sem ter as informações, vendo as pessoas falarem e não sabendo de nada! Agora, tendo a língua de sinais, pronto! Ótimo! Excelente! Eu vou ter informação por conta da língua de sinais! Vocês estão falando aí agora enquanto ouvinte, todo mundo fala e conversa e eu?! Aonde eu fico?! Então locais que têm a língua de sinais são os locais que me chamam a atenção!

## **3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**RN:** Então, quando tem algum local, como eu falei antes na minha experiência anterior, uma associação de surdos, por exemplo, que tenha naquele bairro e eu vou, aonde eu sei que vai ter surdos ali sinalizando, é um local que eu vou ter mais interesse e eu vou associar... quando eu passo perto, do ônibus, eu passo no local e falo “ah! Naquele local ali tem uma associação! Ah! Tem alguma coisa que envolve surdos ali!” Entendeu?! Eu coloco esses locais como referência... aí eu mando mensagem pra minha mãe às vezes dizendo “Tô aqui na associação com meus amigos surdos!”... Ela sabe que eu estou lá e fica mais tranquila! Eu tento fazer as coisas sozinho! Não ficar nessa dependência da minha família! Então esses lugares pra mim são importantes!

**P: Lugares onde têm pessoas surdas te auxiliam na sua localização na cidade?**

**RN:** Tá bom... Vamos lá! Outros exemplos... escolas, por exemplo, a associação, como eu falei antes... qualquer lugar ou eventos que eu veja, ou que eu saiba... uma igreja, um teatro, então, locais assim... se tiver alguma coisa em língua de sinais, ótimo, excelente! São os locais que eu mais procuro, que eu mais vejo... Assim, como ambiente fora, eu me identifico muito com os letreiros... são mais fáceis... é onde eu me identifico para ver as informações... é o nome da rua... Rua das Laranjeiras... então os letreiros me identificam mais... a banca de jornais também uso muito... porque eu vejo, identifico... então, é isso! São coisas que realmente eu me identifico e passo a visualizar... algumas lojas que vendem carro, supermercado... acho que isso, né?! Me localizo espacialmente, pela percepção visual mesmo! Meu pai sempre falava pra minha mãe “compra lá no mercado... compra carne moída, por exemplo... ah! vai comprar arroz!”... Aí ele me colocava uma listinha, aí eu ia sozinho lá comprava! E ia vendo com a lista... quando alguém não sabia língua de sinais eu mostrava... isso aqui ...alguém pesava... eu ia lá e pagava, sozinho! Eu sempre busquei essa autonomia de ajudar minha mãe também, que é muito importante, e quando ela precisava de alguma coisa eu ia no mercado e ia me localizando... por esses locais eu fui me acostumando... a escola também me ensinou muito isso de ver o nome dos locais, os nomes das coisas, ir sinalizando, qual o nome da palavra... isso tudo me ajudou a anotar e buscar essas informações!

**4. O que é o "som" para você?**

**RN:** O som pra mim é nada... porque eu tenho eu tenho vontade, eu tenho interesse, eu tenho curiosidade de saber... de entender... de ver a bateria, por exemplo, quando alguém tá tocando... eu escuto o bumbo batendo... eu sei que tá batendo... o violão, quando tá tendo os barulhos agudos, mais finos, e a pessoa vai tocando com mais intensidade... flauta... Esses instrumentos que eu sei que tem um som, só de tocar, eu vou fazendo essa percepção... e esse meu sentimento é assim... mas, o som das pessoas falando, por exemplo, não tenho... então, Infelizmente... eu tenho curiosidade de saber... e saber o quê que é... mas tal qual o que o F. [intérprete] está interpretando aqui, qual música, como a gente fez lá no lá no Rock in Rio... mas se o F. [Intérprete] não está e tem alguém cantando na minha frente, ia ser algo que não ia ter a mesma intensidade sentido...

**5. Você percebe os sons? Como?**

**RN:** Eu vou dar o exemplo de novo do Rock in Rio, que é onde eu fui... também quando alguém solta fogos, por exemplo... eu consigo perceber essa identificação... aquele barulho mais intenso... e quando tem um ambiente que tem um barulho muito estridente... mas fora isso... se é um barulho ali ó, se alguém bate [ele bate forte com o pé no chão de madeira]... eu tô percebendo... eu consigo perceber...

**P: Mas você sente no corpo?**

**RN:** [Ele sorri e diz]. Tudo! No corpo todo! Quando bateu parece que é como se fosse meu pé sugando... suga aqui o som [ele aponta para o pé] e eu vou sentir aqui [ele coloca as mãos no peito], entendeu?! O pé, ou em qualquer lugar que eu vou andando, as pessoas, elas vão olhar, vendo o barulho... eu não vou tá ouvindo mas eu vou estar acompanhando... mas enfim é isso... são os sons...

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**RN:** No carro, o som alto é o som que eu mais reconheço... todo dia eu venho para o trabalho, eu tô trabalhando, tô cansado, estressado, aí eu bota o som no último volume... Só para sentir a vibração...

para eu ficar ligado... É o som que eu mais reconheço... eu não tô ouvindo nada, mas tá sentindo bastante...

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**RN:** Lugar que tem cachoeira, que tem Ilha... local que tem praia, mas com muita gente não! Uma praia vazia, sabe?! Eu praticava muito Surf, então ia muito cedo, às 5 horas da manhã eu ia para a praia e tava lá vazia... tava aquela paz, aquela água tranquila, calma... lugar com cachoeira, com natureza, que não tem o barulho mas tem um recurso visual intenso, que eu posso ficar nesse local e isso me dá muita energia! Essa questão visual também é importante!

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**RN:** Carnaval! Porque eu fui lá em Cabo Frio, no carnaval... aí tem a rua, tem o som lá, o trio elétrico, o pessoal caminhando... e aí 6, 7h lotava de gente... todo mundo pulando, aquelas pessoas imprensadas... aquele barulho! É legal o ambiente, mas tá ali com muita gente é desagradável... pessoas suadas... todo mundo se tocando... eu achava meio bizarro isso, meio estranho, não gostava!

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**RN:** Um local que tem muito barulho... local que tenha muito som alto, por exemplo... para mim isso... lugar que eu não tô ouvindo, beleza, são silenciosos! É um lugar que tenha muito som! Pra mim o barulho é como um local que tenha som muito alto!

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**RN:** Por exemplo, aqui [INES] pra mim é um lugar silencioso... eu sei que tá acontecendo muita coisa lá fora, mas eu não tô ouvindo nada, só o exemplo da atenção, como eu disse antes, mas tirando isso aqui é silencioso... a minha casa é um lugar silencioso, por exemplo...

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**RN:** Não! Tudo que eu expliquei tá bom! Acho que eu já cheguei à totalidade das respostas!

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE RR

**Identificação:** RR; idade: 31; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ). Faz uso de aparelho auditivo.

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**RR:** Um local que não pode ter barulhos... um lugar silencioso que não tem música... uma festa, não sei... no começo as pessoas não falam, mas depois elas se envolvem... e também os carros na rua, por exemplo, fazem muitos barulhos, tem muitos sons, helicópteros, aviões... tudo isso é barulhento... mas na rua... tem locais que não tem som nenhum, são locais calmos... é raro encontrar esses locais silenciosos, mas eles existem!

**P: E um exemplo desses locais?**

**RR:** O interior, por exemplo, as pessoas que moram no interior.

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**RR:** Porque no caso, eu usei o exemplo porque a cidade do interior é uma cidade calma, que não tem muitos carros, não tem muitos movimentos, não é agitada! Eu tô usando essa palavra para poder referenciar... é um lugar calmo, de pouca agitação... comparado a aqui, que é uma cidade grande, tem muita violência, tem muita coisa ruim acontecendo, tem muito assalto, tem muita briga.... No interior você encontra pessoas mais calmas e mais em paz com elas mesmas, porque não tem uma agitação natural, uma grosseria... é um lugar calmo e tranquilo, de paz e amor.

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**RR:** Então, eu já fui em locais de interior, lá em Teresópolis, aqui no Rio de Janeiro, minha tia mora lá... lá é um local calmo, que quase não tem muito barulho e eu me sinto muito bem! É um lugar que eu posso descansar, relaxar... Aqui no Rio, que é uma cidade grande, eu trabalho muito, eu fico mais cansada, eu estudo muito, tenho vários problemas, então eu preciso às vezes ir pra um lugar que me dê essa sensação de tranquilidade... aí eu vou lá pra Teresópolis, onde eu posso me sentir bem e melhor.

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**RR:** Pra você descansar, é o exemplo que eu posso te dar... é um lugar que você pode pensar mais, que você pode fazer trilhas, porque você vai estar mais em contato com a natureza, que você pode encontrar com os amigos pra passear, pra bater papo, pra se distrair... esquecer dos problemas que são diários e tudo...

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**RR:** Na rua... em locais que tem mais movimento, onde tem mais carros, mais caminhões, ônibus, também muitas buzinas constantes, pessoas falando ao mesmo tempo na rua quando vão passando... tudo isso!

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**RR:** Porque tem vários tipos de barulhos, por exemplo, tem pessoas que falam mais alto, tem carros que faz muito barulho com buzina, a buzina também faz esses barulhos... o guarda na rua com apito... faz barulhos! Depende desses barulhos... Tudo ao mesmo tempo!

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**RR:** Eu uso aparelho, tá aqui os meus aparelhos, ok?! [ela aponta para os ouvidos]... então, eu escuto algumas coisas... eu sou surda profunda, mas eu escuto barulhos mais fortes, com mais intensidade! Eu escuto o barulho de buzina, por exemplo, quando as pessoas, a voz de alguém, eu não identifico o que a pessoa tá falando... só a palavra eu consigo... uma palavra ou outra. Se eu tô de costas e a pessoa me chama "R." [ela diz o nome]... eu consigo! E aí eu viro para ver! O barulho do telefone, por exemplo, eu consigo ouvir tocando... a porta sendo fechada de maneira mais abrupta eu consigo ouvir...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**RR:** Depende da intensidade desse barulho... Como esses barulhos que falei antes acontecem sempre ao mesmo tempo, podia ter uma variação de intensidade desses barulhos, para eles poderem ser menores... mas não! Eles são todos intensos!

**PARTE 3/3**

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**RR:** Pra mim, ser surda... eu nasci surda, eu não escuto igual aos ouvintes que ouvem... porque não é 100% minha audição... e menos de 100% é o que eu escuto... pra mim, ser surdo é não ouvir tudo, mas é possível perceber os barulhos, os sons, as músicas... e tendo isso atrelado aos meus sentimentos de vibração, quando é muito intenso, junto com essa pequena audição que eu tenho...

**RR:** Uma característica minha é que eu me motivo! Eu tenho muita capacidade, eu penso muito positivo! Eu sou positiva! Tem os lados negativos também, mas o que me dá força é essa minha positividade com a vida, em não desistir das coisas, eu consigo crescer, evoluir com as coisas que eu tenho! Eu sou esforçada! Eu luto por aquilo que eu quero! E isso me ajuda a me desenvolver mais, a melhorar a minha autoestima... Tudo isso pra mim é importante!

**2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**RR:** Pra mim é uma novidade tá naquele local... aí eu vou começando a conhecer o lugar... eu vou vendo onde tem os pontos turísticos mais famosos daquele local... aí eu procuro conhecer esse lugar também que eu vi, conhecer as pessoas que estão lá, pessoas novas que eu não conheço, fazer novas amizades, enfim, é isso... conhecer esse lugar e ver a vista desse espaço...

**3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**RR:** Eu consigo fazer esse reconhecimento mais com shoppings... os shoppings me orientam mais e as praias... é minha orientação! E também... como é que eu vou falar isso?! Aqui no Rio a gente tem o

Cristo Redentor... outros locais têm... lá em Santa Catarina, Florianópolis, tem uma ponte lá que é muito famosa... então eu me identifico também por esses elementos!

**P: Então seria pelas paisagens?**

**RR:** Isso! Pelas paisagens!

**4. O que é o "som" para você?**

**RR:** O som pra mim é como se fosse um barulho... tem voz de pessoas, a música, por exemplo, a questão dos meios de transporte... quando tá fazendo comida e tem o barulho do liquidificador, por exemplo, é uma forma de som... Nada está em silêncio! As coisas fazem barulho! As coisas têm movimento!

**5. Você percebe os sons? Como?**

**RR:** Eu percebo com aparelho. Como eu falei antes, quando eu escuto se alguém... alguém fez barulho ai agora! Eu ouvi! [ela aponta o dedo procurando]... muitas vezes aqui tem barulhos de ambulância que passam aqui na rua... muitas vezes! Aí eu consigo ouvir... aqui também eu escuto os telefones tocando, por exemplo, voz de pessoas, às vezes... eu percebo a voz que é de alguém às vezes... e eu também consigo ouvir a voz de surdos, por exemplo, eu consigo já identificar quando é um surdo ou é um ouvinte falando pela percepção que eu tenho... mas com o aparelho eu consigo perceber... sem aparelho eu escuto mais barulhos mais intensos e mais fortes, uma porta fechando eu escuto, mas a voz da pessoa, como eu falei antes, não! Só com o aparelho!

**RR:** Ambulância!!! [Passa uma ambulância e ela aponta mostrando sua percepção]

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**RR:** Uhhmm... identificar um? Buzina, ambulância, um exemplo agora! Inúmeras vezes aqui eu fico ouvindo!

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**RR:** Eu vou falar a verdade... quando tem muitos barulhos me incomoda demais! Então esse local já fica desagradável, porque eu gosto até de ouvir, isso é interessante em alguns momentos, mas eu gosto mais de locais que têm música! De música mesmo... Eu não identifico a voz, mas eu gosto de ambientes que têm essa questão sonora... eu me sinto bem ali! Eu tenho prazer nesses locais! Tem ouvintes que falam "música chata me incomoda!"... Eu não, ao contrário, eu fico muito tranquila quando estou nesses ambientes!

**P: E você percebe diferentes ritmos?**

**RR:** Quando é muito alto o barulho ou quando é música mais calma, eu consigo perceber essa diferença!

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**RR:** Quando tem muitas pessoas, um local desagradável é quando tem muita gente! Exemplo, carnaval! Eu gosto da festa, eu acho bonita, mas a rua com aquelas pessoas espalhadas, amontoadas, isso eu não gosto!

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**RR:** Ah! Ele tem tudo, mas vamos lá... meios de transporte fazem muito barulho, aqui é cidade, eu posso citar como exemplo... local que tem muitas pessoas falando ao mesmo tempo é um local onde tem muito barulho! A voz das pessoas falando! Depende muito da voz... tem pessoas que falam muito alto! Tem pessoas que falam mais baixo! Ao mesmo tempo gera barulho e tudo tem barulho!

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**RR:** Um local silencioso é um local calmo, é um local que não tem esses movimentos todos acontecendo! Por exemplo, uma fazenda tem barulho, mas não é o mesmo barulho... é um barulho mais tranquilo, daquela região, dos animais, aí você sente mais prazer, mais paz pela paisagem, pela vista, você esquece seus problemas, trabalho, casa, amigos... e quando você vai pra esses locais você vai pra relaxar... a energia do trabalho quando você vai pra esses locais você consegue ficar mais calmo e mais tranquilo... e depois essa energia, essa intensidade de vida vai aumentando quando você volta pra cidade. A vida tem esses altos e baixos constantes... tudo tem vida! Então é necessário que você descanse quando você trabalha muito... você trabalha e descansa... porque o corpo necessita desses movimentos!

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**RR:** Então, pra mim tá bom! Nada a acrescentar!

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE VM

**Identificação:** VM; idade: 39; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: adquirida aos 1 ano e meio; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

### PARTE 1/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para silêncio. Que lugar é esse?**

**VM:** Pra mim já é um silêncio constante em qualquer lugar, mas na cidade?! Porque pra mim tudo é silencioso, porque eu sou surda profunda...

**P:** Mas não tem nenhum lugar a que você associe esse sinal?

**VM:** Ah! O último andar de um prédio!

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**VM:** Porque não tem carro lá em cima, não tem barulho... é um local vazio...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**VM:** Sobre o som, é isso?! Faz me sentir leve...

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**VM:** Uma vista calma, é isso.. Eu imagino que você lá em cima você veja mais pássaros, alguns aviões... é uma vista calma!

### PARTE 2/3

**1. Pense em um lugar da cidade que você associe a esta palavra – sinal em Libras para “barulho”. Que lugar é esse?**

**VM:** A rua, a avenida... tudo isso!

**2. Por que você considera que esta palavra se associa a este lugar?**

**VM:** Porque tem ônibus, carro, moto, barulho, gente passando, tudo isso...

**3. Que sensações/sentimentos você tem neste lugar?**

**VM:** Muita vibração!

**4. Descreva como é este lugar para você, por meio de palavras e/ou desenhos.**

**VM:** Veículos e outras coisas... uma coisa que eu não sinto é ambulância, eu não consigo sentir, mas eu sei que tem! Eu vejo! Mas sentir não... Se eu vejo, beleza, há compreensão! Mas o principal é moto, o barulho... é o que eu sinto mais! Carro um pouco menos e ônibus um pouco menos...

### PARTE 3/3

**1. O que para você é "ser surdo"? Como surdo, o que você considera uma característica só sua?**

**VM:** Eu me sinto feliz, eu me sinto bem! Eu nasci surda, porque com um ano eu não lembro desse registro auditivo, de lembrar dessa fase ouvindo... eu não consigo lembrar, então pra mim, eu nasci surda e me desenvolvi bem... a minha família me apoia muito! Eu tenho muitos amigos e eu sou feliz!

**VM:** Eu sou tranquila, eu sou calma...

**2. Quando você se desloca por um espaço pela primeira vez, o que mais te chama a atenção?**

**VM:** Como arquiteta, dando esse exemplo, eu lembro de uma coisa... quando eu fui pra Portugal eu viajei, há dois anos atrás, eu gostei muito da parte arquitetônica da cidade, o estilo das casas... eu fiquei extasiada quando eu vi pela primeira vez castelos, eu nunca tinha visto isso, observado essa parte medieval... aqui no Brasil não tem, ne?! E eu queria ver... então eu acho que isso é o grande vista...

**3. Quais os elementos mais importantes para a sua orientação e memorização de um espaço?**

**VM:** Uma coisa forte, uma coisa que marque esse meu registro, que seja chamativo, que chame a atenção! Árvores, pode ser, às vezes...

**4. O que é o "som" para você?**

**VM:** Pra sim, som é silêncio.

**5. Você percebe os sons? Como?**

**VM:** Normalmente eu levo mais sustos com esses sons... porque é de repente! Algo que me chama a atenção!

**6. Que sons estão presentes no seu cotidiano?**

**VM:** Aqui, as pessoas batendo [no piso de tábua corrida] pra me chamar! Todo dia! Som diário!

**7. O que é um espaço/ambiente agradável para você?**

**VM:** Uma floresta, você vai andando, no clima, eu gosto... mais calmo!

**8. Que espaços/ambientes você considera desagradáveis?**

**VM:** Qualquer lugar que tenha muitas pessoas! Muita gente! Metrô, ônibus, esses locais...

**9. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "barulhento"?**

**VM:** Um local que causa incômodo, que dá incômodo!

**10. Descreva-me, por favor, o que para você seria um espaço "silencioso"?**

**VM:** Um local que me dá paz, tranquilidade...

**11. Há alguma coisa mais que você gostaria de acrescentar sobre o que conversamos?**

**VM:** essa ligação até hoje eu nunca vi alguém que pensasse ou falasse sobre isso! Que bom que é interessante o seu trabalho e a sua pesquisa! Quando eu estudei arquitetura, eu não pensava em nada relacionado ao som, eu pensava mais na arquitetura de uma questão visual pra mim, por essa relação com a surdez! E aí eu procurei o meu trabalho, o meu projeto, de maneira mais visual possível... foi aonde eu me debrucei no exemplo disso a minha casa! Eu reformei a minha casa e aí eu fui pensando

que o surdo tá mais acostumado em viver preso em alguns ambientes e estarem ali... E aí eu pensei “eu vou fazer uma coisa com um tipo de estilo na sala que a gente pudesse se ver e se comunicar!”... Então eu aproveitei e integrei a cozinha e a sala, com um vão, pra poder se comunicar que é uma coisa que eu pensei no meu filho pequeno, pra ele ter mais atenção... e numa questão visual pra mim também porque é muito importante! Na área de arquitetura com o som eu realmente nunca idealizei nesse sentido!

## APÊNDICE 5 – Transcrições dos Passeios Sonoros Comentados

### TRANSCRIÇÃO DO PASSEIO SONORO COMENTADO DE IB

**Identificação:** IB; idade: 27; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação em andamento; Tipo de surdez: congênita (mãe teve rubéola); Grau de surdez: moderada (40-45 a 60-70dB).

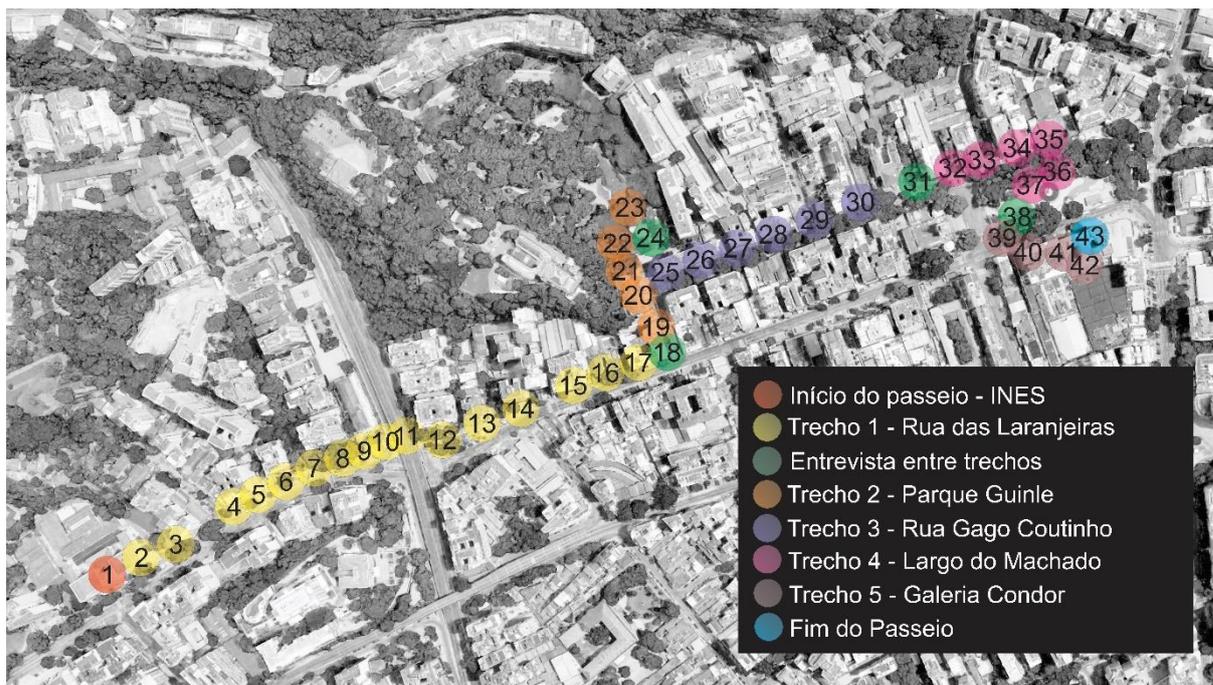


Figura 22 - Mapa de comentários do PSC de IB (Fonte: a autora).

#### INICIO DO TRECHO 1 – RUA DAS LARANJEIRAS ATÉ ESQUINA COM A RUA GAGO COUTINHO.

**01** – Saímos do INES às 9:53h do dia 26/10/2017.

*Intenso tráfego de veículos.*

**01 – IB:** Quando abre o portão faz barulho, porque eu acho que a engrenagem da porta não tá muito legal, não...

**02 – IB:** Passou uma moto agora, eu ouvi uma buzina já... não vi o que tava acontecendo... mas nada de mais! Agora eu tô sentindo o barulho dos carros aí passando... esse barulho que faz quando tá mais perto... junto com o vento também... o som fica um pouco maior!

**03 – IB:** Agora eu não tô sentindo nada... tá tranquilo... aqui tá parecendo mais silencioso do que antes... eu acho que é pior pra mim lá na [Avenida] Presidente Vargas, que é uma rua mais agitada! Aqui pra mim tá um local mais silencioso... como eu falei antes, a minha surdez é moderada, então eu consigo ouvir algumas coisas!

**04 – IB:** As árvores geralmente chamam muito a minha atenção! Os prédios aqui também...

*Intenso tráfego de veículos. Alarme ao fundo.*

**05 – IB:** Nós vamos até aonde? É na praça do Largo do Machado, acho que eu lembro disso!

*Ônibus freando. Som de gerador de energia ao fundo. Pessoas falando.*

**06 – IB:** Agora eu ouvi o ônibus freando... devagar... Eu reparo sempre que os carros mais velhos fazem mais barulhos que os novos... os novos são mais silenciosos! Agora eu ouvi um barulho estranho, mas eu não sei identificar o quê que é... eu sempre fico admirada quando eu passo ali em frente ao Horti Fruti, do lado direito da rua...

*Pessoas gritando. Carro acelerando. Ônibus. Buzina.*

**07 – IB:** O abacaxi tá com um cheiro bem agradável... [passamos próximo à uma quitanda na rua]. O cheiro do abacaxi estava agradável! Quase que eu pedi para ele me dar um pedaço!

**08 – IB:** Eu sempre escuto mais barulho de van, ônibus e caminhão, que são os mais barulhentos, fazem mais som... O carro varia muito os barulhos que eu consigo ouvir.

*Intenso tráfego de veículos. Pessoas falando. Som de sapato de alguém andando.*

**09 – IB:** Esse local aqui é muito bonito! É um local que tem algumas árvores e são bem legais... Esse espaço aqui também é muito bonito, bem residencial e familiar.

*Pássaros cantando. Veículos. Buzina.*

**10 – IB:** Esse barulho aqui eu já consigo identificar... dos carros, viaduto em baixo... também eu já experimentei um pouco quando eu tava no Túnel Santa Bárbara dentro de um local mais fechado os barulhos são mais intensos! Aí eu consigo ouvir mais os barulhos e também acho que no túnel esses sons ficam mais amplificados, né?! É aonde eu conseguia sentir mais o barulho principalmente... por exemplo, agora eu consegui ouvir o caminhão e sentir um pouco, ouvi a buzina também que passou... os barulhos mais intensos eu vi que eram do caminhão que estava passando antes... o ônibus agora eu consegui sentir e ouvir... às vezes parece que eu não sou muito surda! Eu tenho essa ligeira impressão! [Ela ri.] Porque eu consigo escutar bastante coisa! O caminhão agora passando... O carro passando eu escuto... uma intensidade menor desse carro passando... Ouvi agora esse barulho que fez, do bueiro... Esse sinal não abre! Tá demorando consideravelmente!

*Pássaros cantando. Veículos. Caminhão.*

**11 – IB:** Lá é um pouco mais silencioso... agora daqui pra lá eu acho que é onde essa intensidade de sons fica mais efetiva porque tem os carros que estão passando... pior é na praça do Largo do Machado... lá realmente é um local aonde os sons são mais intensos! A praça do Largo do Machado realmente tem muitos carros entrando e saindo dali... eu não sei para os ouvintes que estão lá sentados, como é que eles conseguem aguentar tanto barulho!

*Intenso tráfego de veículos. Buzina. Ronco de motor de carro.*

**12 – IB:** Aqui, eu escuto mais barulho... Esse prédio aqui é muito bonito... Aqui eu ouvi alguns barulhos mais próximos, né?!

*Sinal de garagem. Tráfego de veículos. Carro acelerando. Buzina.*

**13 – IB:** Dá pra ouvir por exemplo o barulho do sinal de alerta [da garagem]. Um barulho de “pi...pi...pi...” ... eu sei que o carro tá saindo... eu consigo acompanhar pelo barulho que tá fazendo!

**14 – IB:** Na minha opinião, eu não sei se o surdo profundo é muito bom em relação à questão de localização e orientação do espaço, porque por exemplo, eu sei que um carro tá saindo por conta do alerta que faz, então isso me ajuda mais a conseguir identificar! O som agora do caminhão eu consegui perceber...

*Caminhão passando. Motos acelerando. Ônibus.*

**15 – IB:** O barulho realmente não pára! Cada sinal, cada caminho tem um barulho diferente e um som diferente! O ônibus agora... agora o barulho realmente tá muito mais intenso, mais forte... eu não consigo ouvir o barulho das pessoas falando porque o barulhos dos carros é mais intenso do que o barulho das vozes, então eu não consigo identificar, mas, por exemplo, se tivesse só o barulho das pessoas falando, em um local mais silencioso, eu consigo perceber mais! Agora o barulho dos carros tá se sobrepondo ao barulho das pessoas falando!

*Tráfego intenso de veículos. Ônibus. Buzina. Carro acelerando. Ônibus freando e acelerando. Pessoas falando.*

**16 – IB:** E também às vezes meu pai, minha mãe, me ajudam muito nessa questão do barulho quando batem pra poder me chamar! Aí eu consigo ouvir pelo barulho do pé... às vezes também eu consigo ouvir o pisar, quando ele é feito de maneira mais intensa em um piso que propicia isso... e o pé, eu também consigo perceber, como eu falei antes, se o piso propicia sentir...

**17 – IB:** Aqui por exemplo tá mais silencioso... agora eu ouvi a moto que eu acho que tava passando ali...

**18 – Final do TRECHO 01 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Agora eu vou te fazer umas perguntas rápidas pra você... esse trecho que a gente andou até aqui, desde o INES, pela rua das Laranjeiras, pra você é silencioso ou barulhento?

**IB:** No início, quando a gente saiu do INES era um barulho não muito intenso e aí depois que a gente chegou mais próximo do viaduto, esse barulho se amplificou... e aí por conta dos carros, por conta dessa via principal, onde tem mais movimentação... mas eu tenho a percepção de que na praça [Largo do Machado] é pior do que onde a gente tá! Aqui eu tô ouvindo, mais do que no nosso iniciozinho, no trecho de saída!

*Tráfego de veículos. Tampa de infraestrutura.*

**P:** Qual elemento, além do som em si já que você tem uma surdez moderada, você percebe, te chama a atenção e te relaciona com esse som?

**IB:** O que me chama a atenção... mas sobre o som ou pode ser alguma outra coisa? Então, sobre o som... qualquer barulho que for intenso ali, de caminhão, algum freio que foi mais intenso eu também consegui sentir naquele momento que a gente tava ali... e ali, a lanterna piscando [sinalizando a saída do carro]... ou indo ou entrando, eu fico mais alerta quando escuto esses barulhos...acho que é isso! E também a maioria das questões eu gosto de admirar! A paisagem, o vento e esse barulho das folhas é uma coisa que eu gostaria de sentir e ouvir, mas eu não consigo! Porque eu vejo alguns filmes, como eu falei pra você que eu uso fone, lembra?! Quando a legenda diz “ah! Tem um barulho de folhas”, como passa na legenda, eu queria sentir tirando o fone, em algum momento... eu tento presenciar, que tenho vontade de sentir isso, mas eu não consigo! Eu já tentei ir pra alguns lugares que têm muitas árvores pra sentir esse barulho das folhas se mexendo, mas eu não consigo...

### **INÍCIO DO TRECHO 2 – INÍCIO DA RUA GAGO COUTINHO ATÉ PARQUE GUINLE.**

**19 – IB:** Eu nunca vim pra esse lado, eu nunca passei por aqui! Eu sempre tive curiosidade, porque eu sempre passei direto... alguns amigos falam que ali é muito bonito, que é um parque muito legal, que foi agradável, mas eu vou conhecer ele pela primeira vez agora! Vão bora!

*Veículos. Martelo batendo.*

**20 – IB:** Eu não tô sentindo nada aqui... olhei pra lá pra ver se via alguma coisa, mas parece que é um local mais silencioso, né?! Mais silencioso do que aquela saída do primeiro trecho que a gente fez do INES... então é mais calmo, é mais tranquilo... Aqui tem uma estrutura que parece uma igreja, ao invés de uma casa!

*Moto acelerando. Passarinhos cantando.*

**21 – IB:** Passou uma moto agora ali do lado direito... É a primeira vez que eu venho pra cá nesse espaço... olha o carro aí!... O barulho do motor do carro eu ouvi agora... é um carro bonito! É um carro que é mais legal e mais interessante pra poder viajar... se divertir... bonito o carro! Eu sempre gosto de carros que tem essa característica de aventura!

**22 – IB:** Árvores bonitas aqui... visualmente agradável... tem aspecto até meio natalino essa região! Ali é uma casa? Ah! Tá! Parece um hospital...

*Passarinhos cantando. Crianças falando. Pessoas falando. Algo batendo.*

**23 – IB:** Esse caminhozinho aqui parece uma trilha, pelo menos é o que eu acho que aparenta ser! Os pato aqui... eu não consigo ouvir... eu sei que eles tem um som específico mas eu não consigo ouvir... eu acho muito legal os pombos passando, quando eles voam juntos, mas é uma coisa que eu não consigo identificar... Alguns animais eu consigo identificar! Papagaio, por exemplo, eu consigo ouvir, cachorro... agora pato eu não consigo identificar o som! Eu até tenho vontade de botar a mão, pra ver se ele faz algum tipo de barulho... Esse caminho é um caminho de carros até lá [ela aponta]... realmente é um espaço grande aqui! Aqui é um local pra mim bem, bem silencioso... é um local bem tranquilo, que eu consigo ver que as crianças estão brincando... mas não identificar esse som... aqui é um local que me remete a uma sensação bem pacífica, tranquila!

**24 – Final do TRECHO 02 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Então você me disse que aqui é um lugar silencioso ou barulhento pra você?**

**IB:** Barulhento não! Não senti absolutamente nada! É um local silencioso... é um local calmo... com poucos automóveis passando... parece que ali as pessoas estão indo pra casa e voltando de casa... ali na saída do INES, quando a gente saiu, fazendo essa comparação de trechos, eu tenho uma percepção diferente porque lá tem mais barulhos e aqui tem pouquíssimos barulhos! Tem crianças chorando, gritando, eu presumo, mas eu não tô conseguindo sentir isso aqui... aqui eu reparei que visualmente me atrapalhou um pouco porque tem muitas pessoas, mas é um local que se eu tivesse vontade de ler, eu não conseguiria fazer isso, porque realmente o barulho é calmo...

*Telefone tocando.*

**IB:** Aqui, como eu falei antes, eu reparei que é um lugar que tem menos barulhos, é um lugar mais calmo... passam alguns carros, mas é um local mais silencioso...

### **INICIO DO TRECHO 3 –RUA GAGO COUTINHO.**

**25 – IB:** Curvas, por exemplo, onde os carros freiam pra entrar eu consigo ter uma percepção mais aguçada disso...

**26 – IB:** Bonito aqui esse prédio... tem aspecto de um hospital e não de uma casa... tem plantas...

*Carros passando. Pessoas falando. Carros passando. Moto.*

**27 – IB:** É um local um pouco mais triste, na minha opinião! Tudo bem que o clima hoje não tem um sol, mas é um local que tem esse aspecto de não ter muita cor e mais escuro do que o outro ambiente que a gente tava... Até agora eu não consegui ouvir mais nenhum outro barulho. Às vezes, quando tem essa questão do alerta eu não consigo ouvir... esse por exemplo, não faz barulho, é mais silencioso...

**28 – IB:** Passou agora uma moto, mas eu não consigo ouvir o barulho...o carro também que passou eu também não consegui... Não, não consegui ouvir agora... parece que eram vozes baixas que estavam ali no lado esquerdo...

*Passarinhos cantando. Carros. Passos de pessoas.*

**29 – IB:** Cheiro bom agora! Agradável! É um bom cheiro! Não é hora do almoço... ou já é hora do almoço? Alguém deve tá fazendo comida, parece farofa esse cheiro! Eu acho que é bom a gente parar pra comer! [Risos]. Eu ouvi o carro passando ... a buzina ali... quando faz uma curva, como eu falei antes, eu consigo ouvir de maneira mais efetiva...

*Motor de carro. Pessoas falando.*

**30 – IB:** Lá na praça do Largo do Machado, lá do outro lado ali da praça, como eu falei antes, o que me incomoda é a questão do barulho... mas aqui, como eu falei, parece um local triste, parece meio fechado! Não tem muitos espaços... Eu, mesmo que me atrapalhe, como eu falei, muitas pessoas me atrapalham, eu prefiro locais com esse estilo mais aberto do que o local muito fechado e sem muita gente passando... Pode ser que, por eu ser uma pessoa muito agitada e muito ansiosa, parece que locais muito calmos assim não me ajudam porque eu quero ficar participativa e mais animada com o espaço que eu tô! E, aí, se eu fosse uma pessoa calma, acredito que esse local seria agradável e outro

local não, porque poderia ser mais agitado... Aqui eu acho que é uma escola, né?! Parece... Têm muitas coisas que eu não conheço aqui, outras sim... tem pouco que eu trabalho no INES, então eu estou conhecendo mais os locais há pouco tempo...

*Carros. Crianças brincando. Pessoas falando.*

### **31 – Final do TRECHO 03 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Pra você essa rua é silenciosa ou barulhenta?**

**IB:** Principalmente a questão do barulho foi nas curvas... tem uma curva ali... pra lá... tem uma outra curva que a gente parou pra moça passar de carro... o barulho na curva eu consigo ouvir por conta do freio, da marcha, isso eu consigo ouvir... também tem muitas pessoas falando... mas parece que é um pouco mais de silêncio, pelo que eu tô reparando... eu sei que pode ter gente falando aqui, mas eu não consigo ouvir esses barulhos... parece que elas estão falando mais baixo, entendeu?! Essa rua eu não gostei!

**P: Por quê?**

**IB:** Porque não tem nada! É uma rua fechada, que tem um aspecto triste...

**P: Mas por que você achou triste?**

**IB:** Porque parece uma rua escura, fechada, apertada, não tem novidades, não tem nada novo! É isso! Do outro lado tem pessoas passando, tem lojas de um lado, lojas de outro... aqui é vantajoso porque você não gasta nada de dinheiro, porque não tem lojas! Acho que lá não, porque tem muitas lojas! Você pode ficar interessado em comprar mais!

**P: Você falou sobre cores aqui... me fala o que você achou...**

**IB:** É um local meio escuro! Do outro lado é um local mais colorido, mais atraente! Chama atenção pela questão visual das lojas, roupas e por aí vai! E também, eu vou explicar, o meu jeito... aqui é um local que parece ser mais escuro, porque não tem muitos recursos visuais e do outro lado tem esses recursos visuais que chamam a atenção, então isso me ajuda, por exemplo, a pensar mais... locais que visualmente oferecem mais recursos... aqui como é um local que não oferece muitos recursos, parece que dá uma ideia de uma mesmice de área, de um local parado e fechado!

### **INICIO DO TRECHO 4 –LARGO DO MACHADO.**

*Tráfego intenso de veículos. Buzina. Pessoas falando alto. Freio de caminhão. Carro sendo ligado.*

**32 – IB:** Eu algum barulho aqui... de alguém falando algo... fazendo algum barulho com a mão... bonito esse prédio, essa estrutura... Têm carros parados aqui... quando o carro dá partida, eu consigo ouvir... agora, aparentemente, mais silencioso...

**33 – IB:** Acho que a movimentação e a pressão desses movimentos sonoros dos carros entrando e saindo parece que... eu não sei explicar esse termo... mas aglomera aqui nesse espaço uma quantidade de sons... a voz do F. [intérprete] eu também tô conseguindo ouvir... tô reparando que agora a quantidade e a intensidade de barulhos aumentou... tem muito mais barulhos do que antes... porque

eu tô aqui perto da rua, da curva, como eu falei antes, eu sinto mais a intensidade dos barulhos pela proximidade que os carros passam da calçada!

*Tráfego intenso de veículos. Carros. Ônibus. Buzinas. Motor de moto acelerando.*

**34 – IB:** No centro do Rio eu acho que é pior, como eu falei antes, na Presidente Vargas, Uruguaiana, ali no Saara... Ou ouvi agora alguma coisa, mas eu não entendi o quê que é... eu senti o movimento disso...

*Pessoas falando. Sapato arrastando no piso. Barulho de salto alto. Cadeira arrastando. Talheres batendo no prato. Buzina.*

**35 – IB:** Essa praça aqui é mais silenciosa nessa parte! Na parte de lá ela é mais movimentada porque tem uma rua, tem o sinal, com mais buzinas, mais carros... aqui como eu tô vendo que a frequência de carros é menor, os barulhos diminuiram...

*Carros. Pessoas falando. Buzina. Tráfego de veículos.*

**36 – IB:** Aqui dá ideia, um aspecto de um som abafado no mesmo espaço... Alguns ruídos eu consigo perceber do lado de lá... ruídos bem baixinhos... Vamos pra onde agora?

**37 – IB:** Agora eu tô ouvindo mais... uma intensidade maior e o aumento desses ruídos...

#### **38 - Final do TRECHO 04 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Aqui pra você é um lugar barulhento ou silencioso?**

**IB:** Antes, é como eu tava explicando, lá naquela rua até aquele iniciozinho do alerta, no sinal, eu consegui ouvir mais barulhos... aqui, nessa rua... daquele iniciozinho pra cá foi silencioso... aí agora a gente fez essa volta aqui e até perto da floricultura que tem ali eu ouvi um pouco mais de ruídos... agora nesse trequinho que a gente veio, parece que aumentou mais por conta dessa interjeição das duas ruas... mas ali parecia que o som era um som mais abafado do que o comum... esses dois trechos até aqui um pouco mais silencioso até a floricultura e aqui com um início maior de ruídos e barulhos...

**P: Algum elemento te chama a atenção?**

**IB:** Só a floricultura aqui! A Igreja Católica também... porque essa questão artística, escultural é uma coisa que me chama a atenção, por remeter a uma antiguidade...

**P: Se fosse a primeira que você tivesse passando aqui, o que você acha que te chamaria a atenção ou te ajudaria a se localizar?**

**IB:** Se fosse a primeira vez, o que me chamaria a atenção seria o aspecto escultural da Igreja Católica...por ser uma coisa mais antiga... eu entraria pra poder conhecer, pra poder ver internamente...

#### **INICIO DO TRECHO 5 – GALERIA CONDOR.**

*Intenso tráfego de veículos. Ônibus. Buzinas. Pessoas falando. Freada de carro.*

**39 – IB:** Agora eu tô ouvindo mais barulhos do que antes... agora realmente o movimento começou a ficar mais intenso nessa região, o pior aqui é o ponto que está mais próximo do metrô, onde tem mais buzinas, mais caminhões passando, mais entrada e saída de carros... eu consigo ouvir mais esses movimentos próximo aqui...

**40 – IB:** Isso me chama mais a atenção, pela quantidade de lojas e de recursos que aqui existem...

*Som mais abafado. Tráfego de veículos. Pessoas falando. Buzinas.*

**41 – IB:** Aqui é um local mais fechado... Às vezes eu consigo ouvir esses barulhos que estão aqui em volta, mas esse local que há uma diminuição desses barulhos... aqui, como eu falei antes, como vai ficando mais fechado, a intensidade do barulho diminui... bonito isso aqui! Com certeza nessa loja as coisas são mais caras do que em outras lojas!

**42 – IB:** Como é um local mais fechado, não há barulho algum aqui pra mim... senti agora... consegui ouvir alguém abrindo e fechando alguma coisa...

#### **43 - Final do PASSEIO – PEQUENA ENTREVISTA LIVRE FINAL:**

**P: Chegamos ao final do percurso. Esse último trecho que a gente fez ele é silencioso ou mais barulhento?**

**IB:** Agora vamos lá... Quando começou a entrada aqui do shopping, da galeria, quando a gente tava andando, da metade do caminho até aqui, silencioso... só ouvi um único barulho de alguém ali... isso eu senti... mas a movimentação de identificar esses sons isolados realmente eu não tenho! Agora que eu estou aqui, eu estou conseguindo ouvir a voz do F. [intérprete]... eu sei que ele tá falando...

**P: Mas fora a voz dele, nada mais de som...**

**IB:** Lá fora não, porque tá em local aberto... Aqui, por ser um local fechado... eu vi por exemplo lá fora tinha uns idosos conversando... parece que eu tava identificando pessoas falando, mas de maneira mais baixa... aqui eu escuto mais a voz dele!

**P: Desse percurso inteiro que a gente fez, de todos os trechos, qual que foi o trecho que pra você foi mais agradável? E por quê?**

**IB:** Eu gostei mais do primeiro trecho, do quarto e do quinto... o primeiro, no iniciozinho tinha algumas coisas, era mais visual pra mim... no segundo e terceiro não... no segundo, no viaduto... o terceiro naquela rua triste que eu comentei antes... e o quarto na praça e o quinto aqui era o local que era mais movimentado... por isso eu gostei mais, chama mais atenção, e eu gosto de lojas!

**P: Estou confusa... o que você gostou mais foi no começo? Antes do viaduto?**

**IB:** Aqui por exemplo, eu achei mais interessante, pelas lojas, porque tem mais movimento...

**P: Eu queria te agradecer novamente pelo seu tempo e disponibilidade e fazer as perguntas finais, pra gente fechar...**

**IB:** O pior o 2 e o 3... pior o 3... um local triste... fechado, como eu falei antes, não tem uma loja... era um local aberto, mas eu não gostei porque era muito silencioso, calado... o terceiro é um local bonito,

a praça é bonita... mas aquela rua que a gente foi depois do Parque Guinle é uma rua que eu não gostaria de andar de novo, não sei...

**P: Acho que você está confundindo os trechos: 1-Rua das Laranjeiras; 2 – Parque Guinle; 3 - é a rua Gago Coutinho; 4 – Largo do Machado; 5 – Galeria Condor...**

**IB:** A rua Gago Coutinho é o trecho que eu realmente não gostei... o segundo da praça [parque Guinle] realmente é bonito, tranquilo, ele é visual, o segundo eu gostei, ótimo! O primeiro da rua das Laranjeiras eu gostei até o viaduto... dali em diante eu gostei mais ou menos... não gostei muito não!

**P: Eu te perguntar sobre o som para a minha pesquisa, te fez pensar sobre isso ou não?**

**IB:** A sua entrevista, quando eu te respondi daquela primeira vez, lembra?! Eu já tinha uma experiência com o som mas eu saia e não percebia isso... porque a minha mãe geralmente me avisava, as pessoas do meu lado me falavam mais... então isso me ajudou... como eu já tinha essa experiência antes, de identificação, isso já me possibilitava uma experiência maior de perceber isso e de perceber as outras coisas...

**Agradeço e finalizo o passeio. Ela diz que foi um prazer participar do trabalho. Fim 10:46h.**

## TRANSCRIÇÃO DO PASSEIO SONORO COMENTADO DE JP

**Identificação:** JP; idade: 26; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: severa (80-90dB) no ouvido esquerdo e profunda ( $\geq 91$ Db) no ouvido direito. Faz uso de aparelho auditivo.

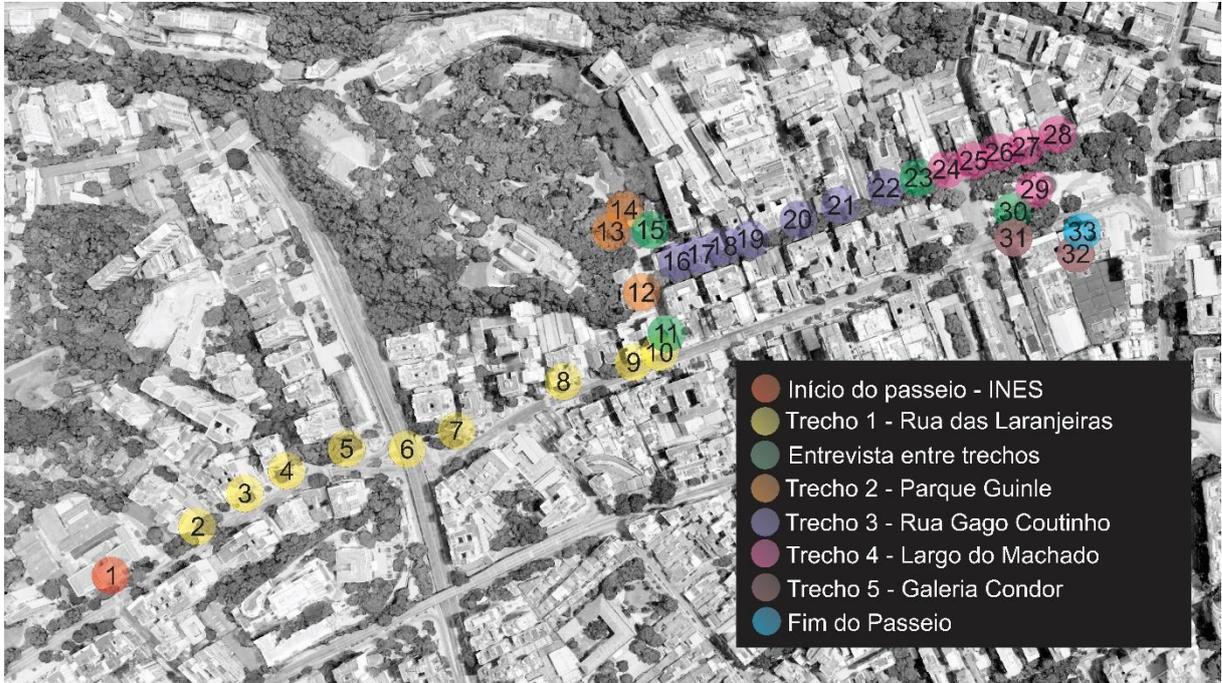


Figura 23 - Mapa de comentários do PSC de JP (Fonte: a autora).

### INICIO DO TRECHO 1 – RUA DAS LARANJEIRAS ATÉ ESQUINA COM A RUA GAGO COUTINHO.

**01 – Saímos do INES às 9:21H do dia 27/10/2017.**

*Intenso tráfego de veículos. Pessoas falando. Pessoa tossindo. Buzinas.*

**01 – JP:** É um caminho que tem um certo movimento... Um pouco de sons de carro, motos... Principalmente os barulhos de sons que tem aqui...

**02 – JP:** Visualmente é um local que tem muitas pessoas... elas estão andando... não estão se falando tanto... Também de manhã e à tarde, eu vejo que essas sombras vão variando em relação aos espaços e ao sol...

*Pessoas falando. Tráfego de veículos. Passarinhos. Buzinas.*

**03 – JP:** Eu consigo ouvir um pouquinho de alguma coisa que bateu agora, mas eu não consigo identificar o som... Agora muitas falas... Muita gente falando ao mesmo tempo... O caminhão que está no caminho... Aqui é um local bacana pra tomar café...

**04 – JP:** A grade abrindo e esses recursos visuais chamam um pouco de atenção aqui... buzina constantemente em alguns pontos...

**05 – JP:** Nos dois lados, são dois lados mais silenciosos aqui nesse ponto... o ponto que tem a rua é um ponto mais barulhento... Algumas pessoas falando...

**06 – JP:** Eu não consigo ouvir, mas eu consigo identificar que tem alguém falando muito alto... e os barulhos dos carros agora ficaram mais intensos aqui...

*Intenso tráfego de veículos. Carros acelerando. Ônibus. Motos. Buzinas.*

**07 – JP:** Eu vejo pessoas andando de maneira muito natural... todo mundo andando naturalmente, seguindo suas vidas... acho que não muito interessados nos que está acontecendo no ambiente!

**08 – JP:** Carros aqui... eu sei que são barulhos mais altos e intensos... começou agora essa intensidade! Barulho de buzinas... um ônibus parando... esse barulho é intenso! Dá pra conseguir ouvir essa freada que ele deu agora!

*Intenso tráfego de veículos. Sinalizador de bicicleta. Som de alguém pisando em tampa de infraestrutura.*

**09 – JP:** Agora um pouco mais tranquilo o caminho... nenhum som ou ruído... só as pessoas mesmo caminhando... um pouco de alguém falando mais distante...

**10 – JP:** Tem um homem falando... alguém falou ali rapidinho...

**11 – Final do TRECHO 01 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Eu queria saber se você classifica esse trecho que a gente andou até aqui, desde o INES, pela rua das Laranjeiras, como sendo silencioso ou barulhento, com sons?

**JP:** Tem sons! É mais barulhento! Só quando tem o sinal e os carros param que fica mais silencioso... mas quando o sinal tá verde o som continua, fica mais intenso!

**P:** Algum elemento da paisagem te chamou a atenção?

**JP:** Não, não...

*Tráfego de veículos. Caminhão de abacaxi com alto-falante.*

**P:** Você dividiria esse trecho de alguma forma ou pra você ele foi todo igual?

**JP:** Assim... poucas diferenças... eu dividiria, mas só em relação à intensidade do som... às vezes o som era mais intenso, às vezes era menos intenso... era isso que eu dividiria!

**INÍCIO DO TRECHO 2 – INÍCIO DA RUA GAGO COUTINHO ATÉ PARQUE GUINLE.**

*Tráfego de veículos. Som de alguém pisando em tampa de infraestrutura. Som de obra. Som de sapato.*

**12 – JP:** Eu tô conseguindo ouvir e identificar um pouco de alguns barulhos desse ambiente, de obra, de algumas coisas assim... De novo, um outro barulho...

**13 – JP:** Agora eu consigo ouvir muito, muito menos intensamente alguns barulhos... pessoas falando...

*Tráfego de veículos. Pessoas falando. Passarinhos. Passos na areia. Crianças. Obra.*

**14 – JP:** Pessoas descendo aqui... é um som que vai diminuindo conforme eles vão andando...

**15 – Final do TRECHO 02 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** A gente termina aqui o trecho 2 e queria saber se você classifica este trecho como sendo silencioso ou barulhento, com sons?

**JP:** Um pouco mais barulhento...

**P:** Por quê?

**JP:** Porque eu ouvi as pessoas falando, as crianças brincando, barulhos de obras aqui perto... isso...

**P:** Algum elemento da paisagem te chama atenção?

**JP:** Ah! Só o cheiro mesmo das árvores...

**INICIO DO TRECHO 3 – RUA GAGO COUTINHO.**

*Passarinhos. Passos na areia. Crianças. Carros. Motos. Obra. Pessoas falando.*

**16 – JP:** Esse barulho da moto e da galera trabalhando eu consigo identificar...

**17 – JP:** Aqui é um local mais silencioso, não tô conseguindo fazer essas identificações sonoras...

**18 – JP:** Consegui identificar agora o barulho que parece ser de um passarinho cantando...

**19 – JP:** Aqui é uma base da prefeitura...

*Pessoas falando. Moto. Passarinhos. Carros. Música. Motor de carro. Alarme de carro disparado. Som de passos de pessoas.*

**20 – JP:** Aqui, parece muito o segundo trecho, aonde que eu vejo que tem uma intensidade, com momentos de muito silêncio e de sons intensos variando...

**21 – JP:** Agora eu ouvi o barulho da buzina ali...

**22 – JP:** Aqui ia começar um pouco mais de som, gente falando, mais movimento...

**23 – Final do TRECHO 03 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Aqui a gente terminar o trecho 3. Pra você esse trecho foi mais barulhento ou silencioso?

**JP:** Mais silencioso...

Porque não tem muitos movimentos, é só em alguns momentos! Quando o carro passa... aí fica variando esse movimento... Aqui, por exemplo, do iniciozinho de quando eu falei até quando você perguntou tava começando a aumentar o volume de barulho...

**P:** Algum elemento da paisagem te chamou atenção?

**JP:** Não... Só as árvores mesmo e prédios... normal...

#### **INICIO DO TRECHO 4 –LARGO DO MACHADO.**

*Pessoas falando. Passarinhos. Carro sendo ligado. Música. Tráfego intenso de veículos. Buzina. Moto acelerando.*

**24 – JP:** Aqui eu confundo um pouco alguns sons... tem passarinhos, tem gente falando, não sei se tem carro... porque ficam todos ao mesmo tempo! Aí não dá pra saber...

**25 – JP:** Agora eu ouvi um barulho...

**26 – JP:** Aqui tem uns sons confusos! Vários sons ao mesmo tempo! Pessoas falando no celular, carro, pessoas se movimentando, táxi... são mais confusos os sons aqui!

*Intenso tráfego de veículos. Pessoas falando. Passarinhos. Carro acelerando. Buzina. Som de passos de pessoas.*

**27 – JP:** Agora eu consigo sentir mais as pessoas passando, ver isso...

**28 – JP:** E agora essa parte pra mim é mais silenciosa...

**29 – JP:** Aqui na praça é mais silencioso... e aí eu escuto uma frequência de pessoas falando... aumentando e diminuindo...

#### **30 - Final do TRECHO 04 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Esse quarto trecho foi mais silencioso ou que tem mais sons?**

**JP:** Os dois! Barulho... Mais silencioso e mais barulho de novo...

**P: Onde vc diria cada um?**

**JP:** No começo, até a metade desse trecho até perto da curva ali, mais movimentado, mais barulhento... e depois dali, daquele trecho do taxi até aqui, mais silencioso!

**P: E por que você acha aqui no Largo do Machado silencioso?**

**JP:** Porque o que tem de ouvir são mais os motores dos carros... o resto é mais silencioso...

**P: Algum elemento da paisagem te chama a atenção?**

**JP:** Só o pessoal mais idoso ali jogando! Que foi o mais diferente... só um rapaz mais jovem, mas a maioria mais idosos...

#### **INICIO DO TRECHO 5 – GALERIA CONDOR.**

*Intenso tráfego de veículos. Motor de carro. Pessoas falando. Passarinhos. Buzinas. Ônibus.*

**31 – JP:** Buzina de carro agora...

**32 – JP:** Engraçado que aqui tem diferentes sons... as pessoas aqui eu sinto que elas falam mais... alguns barulhos de sapato... e antes lá eram mais carros... aqui tem essa variação de sons... lá os sons eram mais fortes e aqui deu uma diminuída dessa frequência de sons... mais silencioso!

*Pessoas falando. Som de pratos. Telefone tocando. Tráfego de veículos.*

**33 – Final do PASSEIO – PEQUENA ENTREVISTA LIVRE FINAL:**

**P: Chegamos ao final do percurso. Esse último trecho 5 você classifica como sendo silencioso ou mais barulhento?**

**JP:** Teve barulho, mas é diferente esse barulho... dentro aqui da galeria menos intenso, só das pessoas falando, andando, né?! E do lado de fora, mais árvores, carros, mais movimento misturado!

**P: Algum elemento te chama a atenção nesse último trecho?**

**JP:** Ah! O ar [condicionado]! O ar chamou a atenção!

**P: Desse o passeio que a gente fez, de todos os trechos, qual que foi o trecho que pra você foi mais agradável?**

**JP:** O segundo e o terceiro... lá do parque...

**P: Por quê?**

**JP:** Porque é mais calmo, mais tranquilo... o som foi mais tranquilo, menos misturado, de maneira menos intensa...

**P: E qual foi o trecho mais desagradável?**

**JP:** O primeiro!

**P: Por quê?**

**JP:** Não sei explicar, mas os sons eles eram mais abafados, entendeu?!

**P: Você gostaria de acrescentar alguma coisa mais?**

**JP:** Eu gostei de saber, pela percepção do som, esses momentos de silêncio, som, silêncio, som... eu não tô muito acostumada a fazer essa identificação! Eu sempre olhei de maneira mais visual do que sonora! Isso foi o mais legal!

**Agradeço e finalizo o passeio. Informo que quando terminar o trabalho enviarei para ela. Ela agradece e se despede. Fim 9:56h.**

## TRANSCRIÇÃO DO PASSEIO SONORO COMENTADO DE LE

**Identificação:** LE; idade: 46; sexo: masculino; escolaridade: Graduação; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

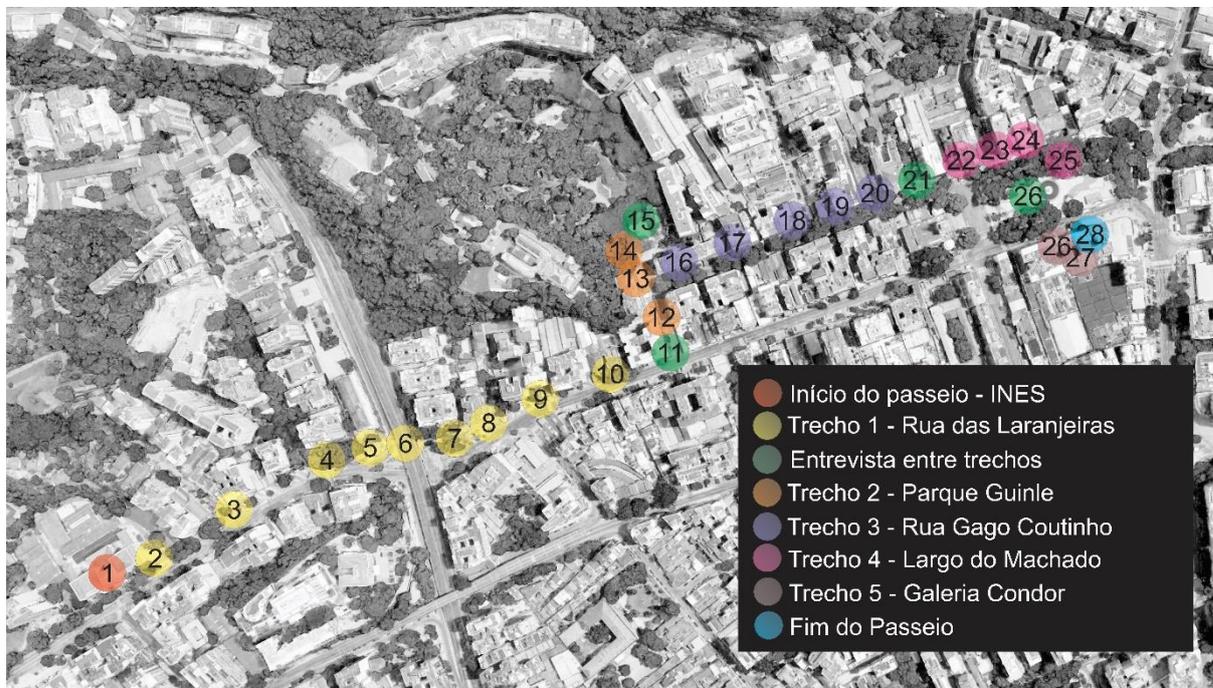


Figura 24 - Mapa de comentários do PSC de LE (Fonte: a autora).

### INICIO DO TRECHO 1 – RUA DAS LARANJEIRAS ATÉ ESQUINA COM A RUA GAGO COUTINHO.

**01** – Saímos do INES 14:53 do dia 25/10/2017.

*Intenso tráfego de veículos. Sirene.*

**02** – **L:** Essa rua, antigamente, tinha ferros aqui (ele aponta para a via) .... tinha bondes que passavam há muito tempo atrás! Tem bastante tempo isso! Bem antigamente mesmo... era um local que teve uma transformação muito diferenciada... hoje a gente tem carros passando em todas as direções aqui desse lugar...

**03** – **LE:** É um local muito tranquilo aqui, bem arejado, pra passear, pra relaxar... e fica muito próximo ao Cristo Redentor que tá ali (ele aponta para o Cristo)... e isso também é muito legal de ver... é uma visão bacana!

*Intenso tráfego de carro e ônibus. Buzina. Alguma coisa batendo. Pessoa varrendo a via. Pessoas falando. Portão batendo.*

**04** – **LE:** Há muitos pombos aqui nessa região, igual ao Largo do Machado também tem muitos pombos que ficam lá, que param lá...

**05 – LE:** Essa região aqui é uma região muito tranquila... É uma praça calma aqui perto do viaduto... pra lá a gente tem o Palácio da Guanabara, que é onde acontece em muitos momentos alguns protestos que as pessoas estão fazendo contra o governador e fica próximo ao estádio do Fluminense, do time do Fluminense, que é bem aqui...

*Carro de polícia com a sirene ligada. Passarinhos cantando.*

**05 – LE:** E aqui é uma maternidade escola... é muito antiga essa maternidade escola aqui e ela continua aqui nesse espaço... é a UFRJ que é a responsável e tem estudos aí, presumo pesquisas... e já tem 100 anos! De 1904 até 2004 fez 100 anos que ela existe!

*Caminhão. Moto. Pessoas falando. Buzinas. Intenso tráfego de veículos. Ônibus.*

**06 – LE:** É a primeira vez que você vem aqui no Rio?

**Aceno com a cabeça que não.**

**06 – LE:** À noite aqui é uma região muito perigosa, esse espaço aqui... e aí celular aqui não é muito legal de ficar andando... tem que ter cuidado! É meio difícil... a violência aqui é bem complicada! Porque muitos turistas vêm aqui e não sabem e aí faltam algumas informações que eles não têm em relação à essa questão de violência nos locais... Tem que esperar o sinal...

**07 – LE:** Esse monumento aqui é importante porque ele fala um pouco da história da aviação... Carlos Del Prete, que é um homem muito famoso... e aí é uma marca que lembra esse momento da aviação... e tem ali os diâmetros e as medidas da aeronave... é isso...

**08 – LE:** Aqui é uma região muito bonita, arborizada... é um local que dá calma, tranquilidade... A Rua das Laranjeiras... Porque Laranjeiras? Só pra eu explicar... Antigamente aqui era um campo muito cheio de árvores de laranjas, de laranjeiras mesmo, e por isso colocaram esse nome da Rua das Laranjeiras... eram muitas árvores de laranjas...

*Tráfego de veículos intenso. Buzinas.*

**09 – LE:** Próximo aqui temos o Restaurante do Gaúcho, que é um restaurante que tem muitas palestras em alguns momentos e o Fluminense também tem um restaurante... é um restaurante conhecido aqui nessa região... e aí tem muitos seminários... a Gaúcha tá aqui... é esse restaurante na sua frente. A Gaúcha é muito famosa, mas já teve alguns assaltos, infelizmente aqui... Outro recentemente é o da rua Alice, tem outro ali também que teve esse problema de violência, esses assaltos...

*Ônibus parado. Pessoas falando.*

**10 – LE:** Próximo aqui nós temos uma praça enorme, virando à esquerda... é uma praça que é bom para as crianças brincarem, os pais levarem seus filhos, nós já vamos ver!

**11 – Final do TRECHO 01 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Agora eu vou te fazer umas perguntas rápidas sobre este trecho que andamos, até aqui, na rua das Laranjeiras... Pra você, na sua imaginação, esse trecho é silencioso ou barulhento?

**LE:** Assim... Eu acredito que seja barulhento, pela quantidade de carros que passam, que se movimentam aqui... é uma via que tem muitos carros, né?! E assim, eu não sei discriminar isso porque eu não estou escutando, mas creio que tenha sons...

**P: Mas eu quero saber mesmo é o que é pela sua imaginação... além dos carros, algum outro elemento você acha que emita algum som ou que você interprete mesmo que visualmente?**

**LE:** Assim... Pode ter moto, carro, outros barulhos e ruídos que possam ter na cidade... eu não sei discriminar, mas eu acredito que tenha!

**P: Mas é pela sua imaginação mesmo?**

**LE:** Sim! Também avião eu creio que possa passar...

**P: Mas aqui você não ouviu?**

**LE:** Não!

## **INÍCIO DO TRECHO 2 – INÍCIO DA RUA GAGO COUTINHO ATÉ PARQUE GUINLE.**

**12 – LE:** Esse parque é muito silencioso... não tem nenhum movimento, ele fica mais isolado um pouco das ruas aqui... e aí ele não tem esse ruído, como tem aqui...

*Tráfego de veículos. Passarinhos.*

**13 – LE:** Por que tem essas esculturas aqui de animais e tal... ali tem um leão, que tá ali... acho que aqui é um parque... é um bom local pra bater papo, conversar, pra as crianças brincarem... quem tem filhos pode vir aqui com mais tranquilidade...

**14 – LE:** É um parque grande aqui... acho que aqui é um bom local! Tem muitos prédios que estão nessa região... é um lugar para as pessoas virem bater papo, conversarem...

*Crianças brincando. Pais falando.*

## **15 – Final do TRECHO 02 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**LE:** Aqui é um lugar que eu percebo que não tem muitos ruídos sonoros, porque parece que é um local muito silencioso, que não tem esse incômodo auditivo... eu não consigo sentir nada mesmo aqui... mas é um local que parece que tem menos sons aqui...

**P: Então pra você aqui é silencioso?**

**LE:** Sim! Sim! Pela transparência que o local tem... pelo estilo que o local tem... dá calma... parece que é um local que me dá muita calma, porque é arborizado... tem árvores... dá uma certa felicidade, porque é um lugar bem visual... que dá pra você imaginar, pensar, relaxar... ter uma vida mais tranquila, em paz e sossego...

**LE:** Há um tempo atrás, muitos surdos vinham aqui para conversarem, só que aí eles começaram a ir para outras escolas, mudaram... mas muitos surdos vinham pra cá... ficar batendo papo, conversar...

aí eles foram crescendo, tendo a suas vidas e mudaram... e realmente isso se esvaziou aqui... eu lembro que eu era muito novo na época e eu vinha pra cá com essa turma e batia papo...

*Trânsito. Crianças. Passarinhos.*

### **INICIO DO TRECHO 3 – RUA GAGO COUTINHO.**

**16 – LE:** É uma rua que dá no mesmo sentido aqui do Largo do Machado. Ela é uma rua que obviamente precisa de um certo cuidado porque tem muitos carros... Aqui é uma rua mais silenciosa, mais calma, tem mais sombras! Se a gente tivesse na outra rua eu acho que a gente estaria com mais calor nesse trajeto, porque elas vão direcionar para o mesmo lugar, que é a praça, o Largo do Machado...

**17 – LE:** É um lugar muito calmo, tranquilo, arborizado, que dá pra esquecer das preocupações... ali tem muita gente! Ali naquele outro caminho da rua das Laranjeiras... passa muito carro, moto, tem muito movimento... Aqui não! Aqui é um lugar mais calmo, com poucos carros passando! Pouquíssimos carros! Creio que a intensidade do volume de barulhos deva ser menor... o ruído, os sons, né?! Você vê uma movimentação menor aqui! Do outro lado, na rua das Laranjeiras, a intensidade de carros passando é mais constante e é maior! É um lugar que é extremamente visual, com a estrutura que aqui tem...

*Tráfego de veículos. Pessoas falando. Crianças.*

**18 – LE:** Como eu já conheço aqui, essa região, acho que eu teria mais dificuldade se eu não conhecesse... mas como eu já conheço aqui, fica mais fácil... de decorar as ruas, os caminhos... de lembrar disso... isso realmente ajuda... de saber que é uma rua que realmente dá lá, como eu falei antes, bem próximo ao Largo do Machado mesmo...

**19 – LE:** Estamos aqui próximos ao Largo do Machado... quase chegando... bem aqui... pertinho! O Largo da Machado tá ali, é uma praça grande... tem o metrô próximo ali na praça, ponto de ônibus, táxis... O Largo do Machado tem ônibus que levam ao Cristo Redentor... ou bem próximo ali... tem vans...

**20 – LE:** Aqui é uma Igreja Católica, desse lado direito...

*Crianças gritando (parece que era recreio na escola que passamos em frente). Trânsito de veículos.*

### **21 – Final do TRECHO 03 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Você disse que essa rua é silenciosa ou barulhenta pra você?**

**LE:** Ah! Acredito que seja silenciosa... tem pouco barulho realmente! É um local silencioso! Lá não! Na outra rua das Laranjeiras não! Aqui é uma rua mais silenciosa, com poucos movimentos, com mais silêncios, com poucos barulhos...

**P: Você disse que tem alguns elementos de estrutura visual que te dizem isso [sobre silêncio]. Quais são esses elementos?**

**LE:** É... os prédios que parecem que tem esse aspecto mais antigo... os apartamentos de um, dois, três andares que dão essa ideia de mais antigos do que os atuais... que são coisas que marcam, na minha

opinião, esse trajeto histórico da cidade... diferente dos apartamentos que são maiores hoje... Então assim, você vê que são estruturas mais antigas do que em outros lugares da cidade... mostram isso pela estrutura que têm, alguns locais mais escondidos... as árvores também, né, que tem nessa região... enfim, tudo isso! Você não vê muitas coisas porque têm muitas árvores... coisas que demonstram essa antiguidade e tal...as estruturas... e por aí vai!

#### **INICIO DO TRECHO 4 –LARGO DO MACHADO.**

**22 – LE:** Aqui é uma Igreja Católica... até grande o espaço, o lugar... bem antiga também... tem um ponto de ônibus ali em frente à igreja...

**23 – LE:** É um local que... [*Intérprete: Opa! Peraí! Caiu uma moto ali!*] ... É o desnivelamento da rua, né?! É mal estruturada aqui... tem buraco... é mal organizado e mal planejado também! É uma rua plana que tem seus defeitos... Aqui é uma praça, na nossa frente...

**24 – LE:** Muito lá trás, antigamente, sempre às sextas-feiras à noite um grupo de surdos vinha aqui beber vinho nessa adega, bater papo, e também batia papo em um outro bar próximo... sempre às sextas-feiras... a gente escolhia aqui na adega Portugalha ou em outro bar próximo.

**25 – LE:** Nós frequentávamos aqui... era um lugar que a gente vinha, conversava, batia esse papo aqui... É... muitos surdos sentavam aqui... mas como eu falei antes, lá trás a gente ficava sempre nessa adega e sempre no bar!

*Intenso tráfego de veículos. Pessoas falando.*

#### **26 - Final do TRECHO 04 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Aqui pra você é um lugar barulhento ou silencioso?**

**LE:** Silencioso...

**P: Por quê?**

**LE:** Porque não tem muitos movimentos, só pessoas passando! Mas, pra mim, por ser surdo, não tô ouvindo, mas visualmente é um local que parece que está um pouco distante, não tão próximo dessas questões, né?! E aí a minha surdez profunda também influencia na resposta, né?! Eu sei disso! Mas aparentemente é um lugar silencioso! Se eu tivesse com um aparelho aqui, seria mais interessante eu captar esses sons, como eu não tô, então...

**P: Mas o que eu quero saber é a sua percepção mesmo... é o que é pra você!**

**LE:** Sim... Silencioso realmente... silencioso! Silencioso... Pouco barulho, mais tranquilo... se tivesse algum outro barulho aqui, de repente com animais, como tem aqui agora [passa um cachorro, mas não late]... Depende muito, mas devem ser barulhos isolados, na minha opinião!

**P: Tá! Ótimo! Prosseguimos...**

*Intenso tráfego de veículos. Ônibus. Buzinas. Pessoas falando. Crianças. Motos. Carros acelerando.*

## **INICIO DO TRECHO 5 – GALERIA CONDOR.**

**26 – LE:** Aqui parece que é um local que é mais silencioso do que de costume, né?! Porque não tem carros aqui dentro... E realmente parece que aqui é mais tranquilo e bem mais calmo do que os outros lugares...

**27 – LE:** Aqui é um local muito bom pra comer... tem comidas muito interessantes, que são esfihas... bem gostosas... as pessoas procuram muito aqui pra poder comer nesse lugar! É um restaurante bem legal de comidas árabes...

### **28 - Final do PASSEIO – PEQUENA ENTREVISTA LIVRE FINAL:**

**P: Chegamos ao final do percurso...**

**LE:** É lugar calmo! Tranquilo, né?! Não é arborizado...

**P: Eu queria te agradecer novamente pelo seu tempo e disponibilidade e fazer as perguntas finais, pra gente fechar...**

**P: Você disse que na galeria você entende como sendo um lugar silencioso...**

**LE:** Sim!

**P: E por que?**

**LE:** Porque eu não sinto nada! Nem um barulho! Não vejo muitas coisas... você pode sentar, ficar tranquilo... até dormir, se for o caso, dada a tranquilidade do lugar.

**P: Desse percurso inteiro que a gente fez, de todos os trechos, qual que foi o trecho que pra você foi mais agradável?**

**LE:** Lá no Parque Guinle!

**P: E por quê?**

**LE:** Porque lá é um lugar calmo, que dá pra sentar, conversar... não tem nada pra te atrapalhar de maneira visual... dá pra conversar e bater papo! É um lugar tranquilo! Aqui [na galeria], alguém pode falar com você... lá não! É um lugar silencioso...

**P: E qual que foi o trecho mais desagradável?**

**LE:** Na rua das Laranjeiras... próximo ao viaduto ali... aquela parte ali, não gosto!

**P: Por quê?**

**LE:** É um local que tem muito carro passando... é tráfego de pessoas... no meio do caminho, dos carros, por isso! É carro vindo, é carro indo! É um local que me assusta um pouco! E aí eu não confio naqueles sinais, tenho medo de atravessar, enfim, eu não confio! E aí é isso! É um local que eu acho que falta policiamento ali também... À noite, como eu falei antes, ali é um local mais perigoso... Enfim...

**P: E você falou que é difícil de atravessa ali. Então você acha que o movimento te atrapalha na questão da sua segurança também?**

**LE: Sim! Sim! Atrapalha! Eu fico com mais medo de atravessar, porque eu não confio naqueles sinais, né?! É isso! Atrapalha realmente o movimento daquele lugar...**

**Agradeço, ele me dá um abraço e vai embora. Fim 15:35h.**

## TRANSCRIÇÃO DO PASSEIO SONORO COMENTADO DE RF

**Identificação:** RF; idade: 38; sexo: masculino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita genética; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ).

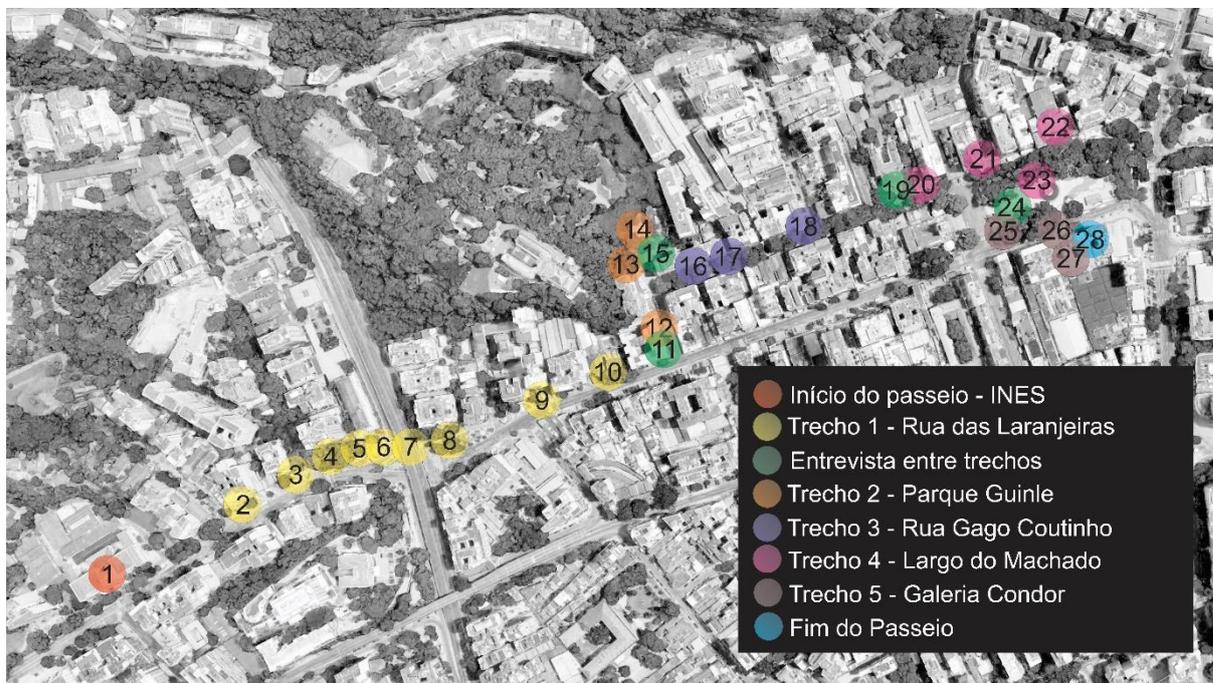


Figura 25 - Mapa de comentários do PSC de RF (Fonte: a autora).

### INICIO DO TRECHO 1 – RUA DAS LARANJEIRAS ATÉ ESQUINA COM A RUA GAGO COUTINHO.

**01 - Saímos do INES às 10:58h do dia 24/10/2017.** Ele pergunta se durante o percurso ele pode falar sobre acessibilidade. Eu digo que ele pode falar sobre qualquer percepção que vier à que vier a mente.

*Intenso tráfego de veículos. Buzinas.*

**02 - RF:** Eu penso que o ponto tem um degrau muito alto... as pessoas podem não conseguir passar e andar... aqui tem muitos buracos é um terreno extremamente irregular!

**03 - RF:** A minha vó mora naquele prédio ali... Antes não tinha esse prédio novo [ele aponta para a calçada oposta]... eu sempre tomava banho e do banheiro dava pra ver a vista... agora tem esse prédio e já não dá pra ver muita coisa do banheiro da minha avó...

*Som intenso de moto acelerando.*

**04 - RF:** Aqui era um consulado há um tempo atrás... acho que era o consulado do Japão... aí teve uma obra depois e fizeram um prédio...

*Intenso tráfego de veículos. Passarinhos.*

**05 - RF:** Eu lembro que nesse viaduto aconteciam muitos assaltos nessa região... até teve uma moça que na época morreu... morreu uma outra pessoa ali também... sempre aconteceram muitos assaltos nessa região aqui... é um local bem violento!

**06 - RF:** O governo tentou colocar aquelas pedras ali pra evitar que os moradores de rua dormissem ali... mas eles continuam dormindo, não adiantou muita coisa! Mas a ideia foi essa, de impedir os moradores de dormirem ali, mas não adiantou!

**07 - RF:** Eu lembro que esse local aqui era um parque de diversão e depois fizeram obra e a obra virou esse prédio que tá ai... Eu já tive um acidente que aconteceu comigo... eu bati o queixo...

**07 - RF:** A maioria dos motoristas davam essa volta aqui pra poder pegar a Rua das Laranjeiras... pra não ficar parado no sinal eles entravam aqui, viram ali naquele percurso pra pegar a Rua das Laranjeiras e seguir... pra evitar ficar parado ali e poder ir direto... e não precisar ficar parado muito tempo, então eles viravam aqui... então começaram a ter algumas multas para as pessoas que passavam por aqui e hoje eles não viram!

**08 - RF:** Quando construiu esse parque aqui, o meu pai falou que não daria certo! Acabou que não deu certo e fizeram um lugar para os cachorros brincarem...

**09 - RF:** Os dois prédios mais antigos daqui são esses dois... esses dois aqui do lado direito...

**10 - RF:** Eu moro aqui em Laranjeiras há 38 anos! Eu não sei o que é esse prédio aqui até hoje!

*Intenso tráfego de veículos. Som de sirene.*

#### **11 – Final do TRECHO 01 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Esse trecho que a gente andou até aqui, desde o INES, pela rua das Laranjeiras, pra você é silencioso ou barulhento?

**RF:** Silencioso...

**P:** Por quê?

Sou surdo profundo desde que eu nasci... não ouvi nenhum barulho!

#### **INÍCIO DO TRECHO 2 – INÍCIO DA RUA GAGO COUTINHO ATÉ PARQUE GUINLE.**

**12 - RF:** Eu nasci e a primeira rua que morei foi essa aqui... foi essa rua aqui... foi a experiência que eu tive aqui, né?! Eu andava muito por esse parque, eu tive bons momentos aqui no Parque Guinle! E também, até hoje, eu tenho vontade de morar nesse prédio ali porque foi construído pelo Lúcio Costa... e ele construiu com essa estrutura... e eu acho muito bonito! Mas financeiramente ele é muito caro!

**13 - RF:** Quando eu era pequeno, eu vinha muito nesse parque, brincava... e eu era muito inocente com as brincadeiras... e eu fazia amizade! Eu fui crescendo e quando eu percebi realmente que eu era surdo, isso foi se desenvolvendo na minha vida e eu fui entendendo isso...

*Som de tráfego de veículos, mas mais ao fundo. Passarinho. Crianças brincando. Marreco. Som de gente pisando na areia.*

**14 - RF:** Antes aqui tinha muito mais verde, né?! E aí realmente parece que hoje tá bem abandonado aqui... eu me lembro que tinha mais verde aqui! Cores mais vibrantes! Antes tinham muitos patos, hoje esse número já é menor...

*Pessoas falando. Passarinhos. Carros ao fundo. Moto.*

**15 – Final do TRECHO 02 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Pra você este trecho é barulhento ou silencioso?

**RF:** Silencioso... porque não ouvi nenhum barulho...

**INICIO DO TRECHO 3 –RUA GAGO COUTINHO.**

**16 - RF:** A única casa dessa rua, é aqui! É a única casa dessa rua e tem um parente de um amigo meu que mora bem aqui... e eu nunca entrei nessa casa!

**17 - RF:** Quando eu estava estudando, na faculdade, eu sempre fazia pesquisa, buscando algumas coisas pra fazer um trabalho, pra fazer uma pesquisa sobre a cidade, pegar mapas, eu vinha muito aqui...

**18 - RF:** Eu não tenho certeza, eu não lembro, qual que era o prédio que eu morava antes... se era esse prédio ou nesse... a minha tia mora até hoje nesse prédio aqui do lado esquerdo...

*Som de ronco de motor. Pessoas falando.*

**19 – Final do TRECHO 03 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Este trecho você percebeu como barulhento ou silencioso?

**RF:** Silencioso...

**INICIO DO TRECHO 4 –LARGO DO MACHADO.**

**20 - RF:** No Largo do Machado eu me lembro que eu jogava milho para os pombos... e eles voam pra comer! Isso antigamente!

**21 - RF:** Essa rua aqui, eu acho que é uma rua muito feia! É uma rua que não tem uma boa vibração...

*Carros. Passarinhos. Caminhão. Pessoas falando. Buzina intensa.*

**22 - RF:** Esse colégio antigamente era muito bom! E é aonde foi que meu pai estudou... ele estudou aqui nessa escola e ela já foi a melhor escola daqui!

*Buzinas. Tráfego de veículos. Pessoas falando.*

**23 - RF:** Há muito tempo atrás tinha um chafariz aqui... era muito bonito! Mas agora parece que foi abandonado aqui! Está sempre sujo... Há um tempo atrás as crianças brincavam, era um local bom... e hoje não!

**24 - Final do TRECHO 04 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Pra você esse trecho foi mais silencioso ou barulhento?**

**RF:** Silencioso... eu sou surdo profundo!

**INICIO DO TRECHO 5 – GALERIA CONDOR.**

**25 - RF:** A minha bisavó morava nesse prédio aqui... lá no 8° andar... já faleceu!

**26 - RF:** A maioria fala que aqui era uma parada obrigatória pra comer esfiha...

*Entramos na galeria e o som é abafado, concentrado e de certa forma até mesmo amplificado!*

**27 - RF:** Aqui é um local que a esfiha é muito gostosa! É muito boa!

**28 - Final do PASSEIO – PEQUENA ENTREVISTA LIVRE FINAL:**

**P: Algum som te chamou a atenção no percurso?**

**RF:** Não! Som não! Foi muito tranquilo! Som nenhum!!! Geralmente, às vezes passa uma moto, mais estridente, eu até sinto, mas nesse passeio não... não ouvi!

**P: Então você não percebeu nada de som?**

**RF:** Não! Nada!

**P: Quais sensações físicas você teve no percurso?**

**RF:** Um exemplo de sensação física...

**P: Se você sentiu alguma coisa no seu corpo que te chamou atenção...**

**RF:** Não, não senti nada!

**P: O que te ajudou a se localizar durante esse percurso?**

**RF:** Eu acho que a experiência que eu tenho acumulada de muitos anos nesse local...

**P: Alguma coisa te atrapalhou?**

**RF:** Teve por exemplo, às vezes tem um ponto de ônibus que atrapalhou um pouco, porque eu tive que dar volta... carro só, que não é novidade... mas eu acredito que nesses momento existiram coisas que podem ter me atrapalhado, mas que eu não dei tanta atenção!

**P: Qual foi o trecho mais agradável pra você?**

**RF:** Ah! Com certeza ali no parque!

**P: Por que?**

**RF:** Porque a minha infância eu passei ali e essa experiência ajuda...

**P: Qual foi o trecho mais desagradável?**

**RF:** Como eu falei daquela rua, a Bento Lisboa, é uma rua que eu não gosto porque eu já fui assaltado ali... então me traz essas recordações!

**P: Teria alguma coisa que você gostaria de acrescentar?**

**RF:** Não! Tranquilo!

**P: Agradeço a participação!**

**RF:** Te ajudei? Espero que você faça um bom e bonito trabalho!

**P: Quando eu finalizar, vou encaminhar o link para os participantes!**

**RF:** Ok! Fechado! Obrigado!

**Fim do percurso na Galeria - 11:32h.**

## TRANSCRIÇÃO DO PASSEIO SONORO COMENTADO DE RR

**Identificação:** RR; idade: 31; sexo: feminino; escolaridade: Pós-Graduação; Tipo de surdez: congênita; Grau de surdez: profunda ( $\geq 91\text{Db}$ ). Faz uso de aparelho auditivo.

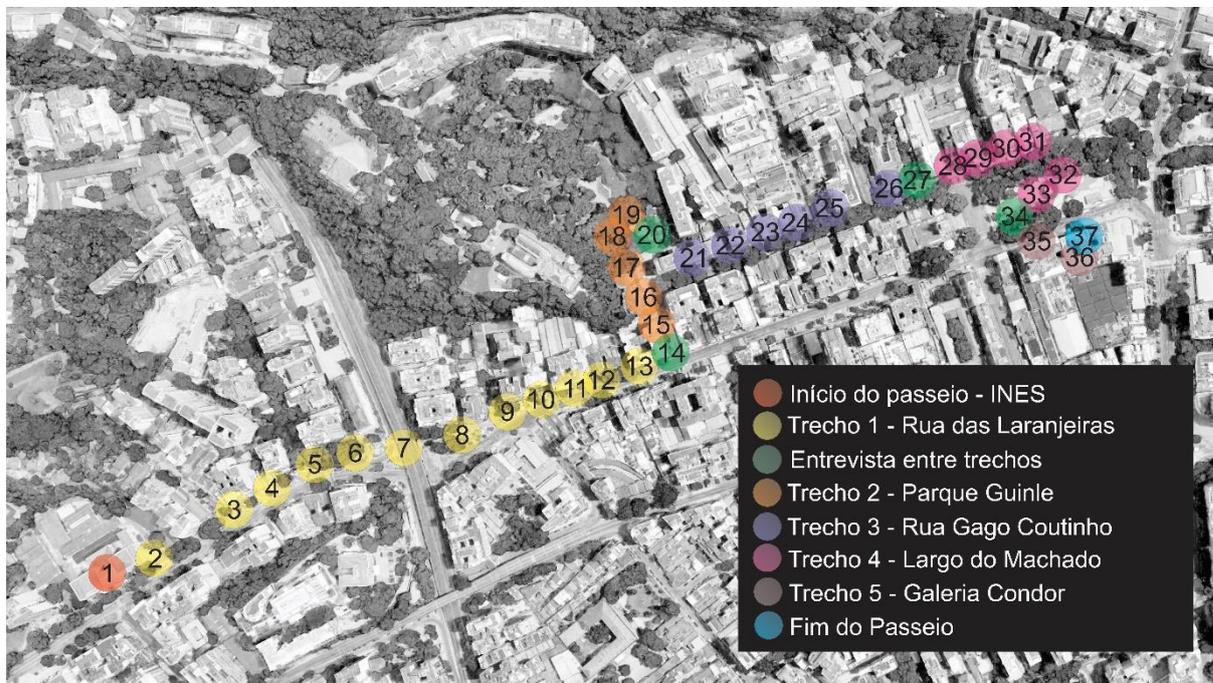


Figura 26 - Mapa de comentários do PSC de RR (Fonte: a autora).

### INICIO DO TRECHO 1 – RUA DAS LARANJEIRAS ATÉ ESQUINA COM A RUA GAGO COUTINHO.

**01 – Saímos do INES às 13:16H do dia 26/10/2017.**

*Intenso tráfego de veículos. Passarinhos cantando. Buzina. Pessoas falando.*

**01 – RR:** Eu to ouvindo alguns barulhos de carro passando aqui...

**02 – RR:** O barulho continua... movimentação de carros passando...Nesses barulhos de carros tem alguns momentos de silêncio, por exemplo, agora tem silêncio... barulho... barulho...

*Sinal sonoro de alarme. Caminhão. Tráfego de veículos. Moto.*

**03 – RR:** Um barulho mais intenso agora... de um caminhão, parece... pelo barulho!

*Pessoa falando. Veículos. Ônibus acelerando. Buzina. Ruído de rodas de carrinho de supermercado em contato com o chão.*

**04 – RR:** O barulho continua... as pessoas falando... e falam bastante ali do lado... um pouquinho de buzina... barulho de buzina agora!

*Intenso tráfego de veículos. Pessoas falando. Buzinas. Moto.*

**05 – RR:** Silencioso aqui...

**06 – RR:** Agora eu ouvi a voz de um homem próximo da gente... Moto agora passando... carro... um barulho que parece de um motor, um pouco mais intenso...

**07 – RR:** Como eu falei antes na entrevista, quase todo dia eu escuto mais barulho de motos, carros, ônibus, caminhão... o barulho do motor realmente é o barulho que eu mais escuto! Também buzinas!

*Intenso tráfego de veículos. Carro acelerando. Buzina.*

**08 – RR:** Quando eu saio do INES pra ir pra minha casa, eu moro num ponto mais próximo... ali... antes eu ficava vendo o que realmente me chamava a atenção eram esses cachorros que ficavam nesse espaço aqui... agora não tem, mas eu acho que é mais pra tarde, os cachorros ficam brincando aqui... é até muito bonito ver essa imagem nesse espaço animado... é uma coisa que nesse ponto me chama a atenção, essa pracinha que eles ficam... é como se fosse um ponto de encontro dos cachorros aqui do local... isso é bonito de ver...

*Intenso tráfego de veículos. Ônibus. Carro acelerando.*

**09 – RR:** Agora silêncio...

**10 – RR:** Eu escutei um pouco das meninas mais novas ali conversando...

*Intenso tráfego de veículos. Buzina. Som de alguém pisando em tampa de infraestrutura.*

**11 – RR:** Tem um pouco de barulho... eu acho que é buzina, não tô conseguindo identificar bem agora...

**12 – RR:** Agora eu ouvi o barulho de alguém pisando em algum local... fez um barulho constante é rápido... de novo o mesmo barulho!

*Intenso tráfego de veículos. Sinal de abertura de garagem. Buzina. Moto acelerando. Ônibus freando.*

**13 – RR:** O barulho continua...

**14 – Final do TRECHO 01 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P:** Agora eu vou te fazer umas perguntas rápidas pra você... esse trecho que a gente andou até aqui, desde o INES, pela rua das Laranjeiras, pra você é silencioso ou barulhento?

**RR:** Os dois! Quando tem movimento de carros passando, tem barulho, quando o sinal para e fica vermelho, é silencioso! E o barulho do motor do carro...

*Tráfego de veículos.*

**P:** Além do som percebido através do uso de aparelho de audição, algum outro elemento te indica que esse local seja barulhento ou silencioso?

**RR:** Então, tem o barulho dos carros e tem da voz das pessoas também! Também tem a buzina do carro e o barulho dessa trepidada que dá quando alguém pisa no bueiro... esses eu consigo ouvir mais!

**P:** Algum elemento da paisagem te chamou a atenção nesse trecho?

**RR:** Então, o que chamou a atenção foi aquela praça que eu falei lá dos cachorros! É um elemento! Quando os cachorros começam a latir, eu consigo ouvir... Ai eu sei que tem cachorro e dou uma olhada! Eu sei que tem cachorro na região ali... Mas, na verdade, o que me chama mais atenção, olhando pra lá é o Cristo Redentor! Aquilo é o que me chama mais a atenção naquele espaço perto do INES...

### **INICIO DO TRECHO 2 – INÍCIO DA RUA GAGO COUTINHO ATÉ PARQUE GUINLE.**

*Intenso tráfego de veículos. Carros acelerando. Som de alguém pisando em tampa de infraestrutura.*

**15 – RR:** Aqui é um local silencioso...

**16 – RR:** Um pouco de barulho agora, dos carros passando, da Van... O silêncio retorna...

*Tráfego de veículos. Obra. Caminhão.*

**17 – RR:** Parece que agora eu senti aquele barulho de novo, de alguém pisando no bueiro um pouco distante...

*Tráfego de veículos. Passarinhos.*

**18 – RR:** Aqui é um local bonito! Uma paisagem diferente... Antes eu já vim aqui! Eu sempre achei bonita essa paisagem... Agora tem momentos de silêncio, de tranquilidade... Também o que chama a atenção são os patos que ali estão... É um local bonito, né?!

*Passarinhos. Alarme. Pé esfregando na areia. Som de serralheria ao fundo.*

**19 – RR:** Eu ouvi agora o barulho do F. [intérprete] arrastando o pé ali atrás...

### **20 – Final do TRECHO 02 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Pra você este trecho é barulhento ou silencioso?**

**RR:** Então, fazendo uma comparação entre os trechos 1 e 2... o trecho 1 é mais barulhento... aqui tem barulhos, mas são pouquíssimos barulhos, em intensidade menor... não são muitos barulhos de carro... tem alguns barulhos de carro, mas é menos! Tem menos barulhos de carros do que no primeiro trecho!

**P: Algum elemento te chama atenção?**

**RR:** Ah! O prédio! O prédio aqui... a questão da curva! Essa parte curva do prédio é bacana! É interessante! Chama a atenção!

### **INICIO DO TRECHO 3 –RUA GAGO COUTINHO.**

*Tráfego de veículos. Carros. Buzinas.*

**21 – RR:** Então, o barulho do carro passando agora... E aí ficam nessas interseções... quando passa um carro, barulho, quando não passa, silêncio!

*Carros. Pessoas falando. Algo caindo no chão. Passarinhos. Ruído de gerador.*

**22 – RR:** Barulho... tem um barulho que eu ouvi aqui, agora, mas eu não consigo identificar...

**23 – RR:** Carro... carro de novo... mais um barulho...

**24 – RR:** Silencioso agora...

*Passarinhos. Pessoas falando. Carros.*

**25 – RR:** Um barulho de buzina agora... as pessoas falando...

*Crianças. Carro. Pessoas falando. Motor de veículo.*

**26 – RR:** Aqui tem um pouquinho de barulho, mas eu não sei identificar o que é!

**27 – Final do TRECHO 03 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Pra você esse trecho foi barulhento ou silencioso?**

**RR:** Misturado de novo... barulhos e momentos de silêncio...

**P: Como você me descreveria esse trecho?**

**RR:** É um caminho que vai pro Largo do Machado e tem um pouco mais de movimento do que o trecho 2 que a gente estava... aqui tem um pouco mais de movimento porque é perto do Largo do Machado...

**INICIO DO TRECHO 4 –LARGO DO MACHADO.**

*Tráfego intenso de veículos. Buzina. Pessoas falando. Alarme dispara.*

**28 – RR:** Barulho de buzina agora... sirene... buzina... parece um alarme! Eu ouvi alguém rindo agora... acho que foi o rapaz ali rindo... Agora aquele barulho de alguma coisa passando por cima de alguma coisa que trepida e faz barulho...

**29 – RR:** Barulho de carro passando... o barulho continua... misturado às pessoas passando...

**30 – RR:** O barulho continua... As pessoas falando também eu consigo ouvir... é um barulho com bastante mistura de pessoas falando, carros, motor e por aí vai!

*Carros. Pessoas falando. Sapatos batendo o salto. Carrinhos trepidando na calçada. Buzina.*

**31 – RR:** Tô ouvindo agora o barulho do sapato de alguém... fazendo esse barulho de caminhar...

*Tráfego intenso de veículos. Pessoas falando. Ônibus freando. Buzinas.*

**32 – RR:** Essa praça tem pessoas falando...

**33 – RR:** Antes, o menino da bicicleta eu senti o barulho quando ele passou com mais velocidade...

**34 - Final do TRECHO 04 – PEQUENA ENTREVISTA:**

**P: Pra você esse trecho foi mais silencioso ou barulhento?**

**RR:** Mais barulhento...

**P: Por quê?**

**RR:** Porque tem movimento, tem barulho... é um caminho que depois daqui do Largo do Machado as pessoas vão para os seus trabalhos, vão ter as suas vidas... faculdade, enfim! Parece um ponto principal aqui do bairro! Um caminho que vai levar a outros lugares! Então tem mais barulho do que o segundo e terceiro trechos...

#### **INICIO DO TRECHO 5 – GALERIA CONDOR.**

*Intenso tráfego de veículos. Ônibus. Alarme de garagem. Pessoas falando. Passarinhos. Buzinas.*

**35 – RR:** Uma mulher falando agora... um barulho mais intenso aqui atrás.... Um barulho de motor agora... A voz das pessoas falando...

*Som mais abafado. Tráfego de veículos. Pessoas falando.*

**36 – RR:** Aqui é uma mistura de barulhos... pessoas falando misturado com o barulho de fora... eu escuto mais barulhos aqui! Concentrados! E a voz das pessoas de maneira mais intensa! E tudo isso ao mesmo tempo! O barulho é misturado, ao mesmo tempo!

#### **37 - Final do PASSEIO – PEQUENA ENTREVISTA LIVRE FINAL:**

**P:** Chegamos ao final do percurso. Esse último trecho 5 você classifica como sendo silencioso ou mais barulhento?

**RR:** Mais barulhento!

**P:** Por que?

**RR:** Porque tem voz das pessoas falando, também carros na rua junto com os barulhos que fazem lá [ela aponta para a lanchonete]...

**P:** Desse percurso inteiro que a gente fez, de todos os trechos, qual que foi o trecho que pra você foi mais agradável? E por quê?

**RR:** O segundo e o terceiro...

**P:** Por quê?

**RR:** Porque é mais calmo, mais tranquilo, menos barulho...

**P:** E qual foi o trecho mais desagradável?

**RR:** Aqui no Largo do Machado... essa parte, esse trecho...

**P:** Por quê?

**RR:** Porque é muito barulho de carro, moto, gente! Ao mesmo tempo! Tudo isso ao mesmo tempo!

**P:** E você me diria que o que incomoda é o som ou outro aspecto visual?

**RR:** O som não me incomoda, ok?! O barulho não me incomoda! Mas quando tem muitas pessoas ao mesmo tempo... é igual carnaval! O carnaval, por exemplo... aqui no Largo do Machado muitas pessoas

na frente, carros passando, parece que é um local com muita gente! Apertado! Eu não gosto de lugares assim!

**P: Você gostaria de acrescentar alguma coisa mais?**

**RR:** Não, não, não...

**Agradeço e finalizo o passeio. Ela me dá um abraço e se despede. Informo que quando terminar o trabalho enviarei para ela. Ela diz que isso é ótimo! Me deseja boa sorte e me deseja sucesso. Fim 13:52H**